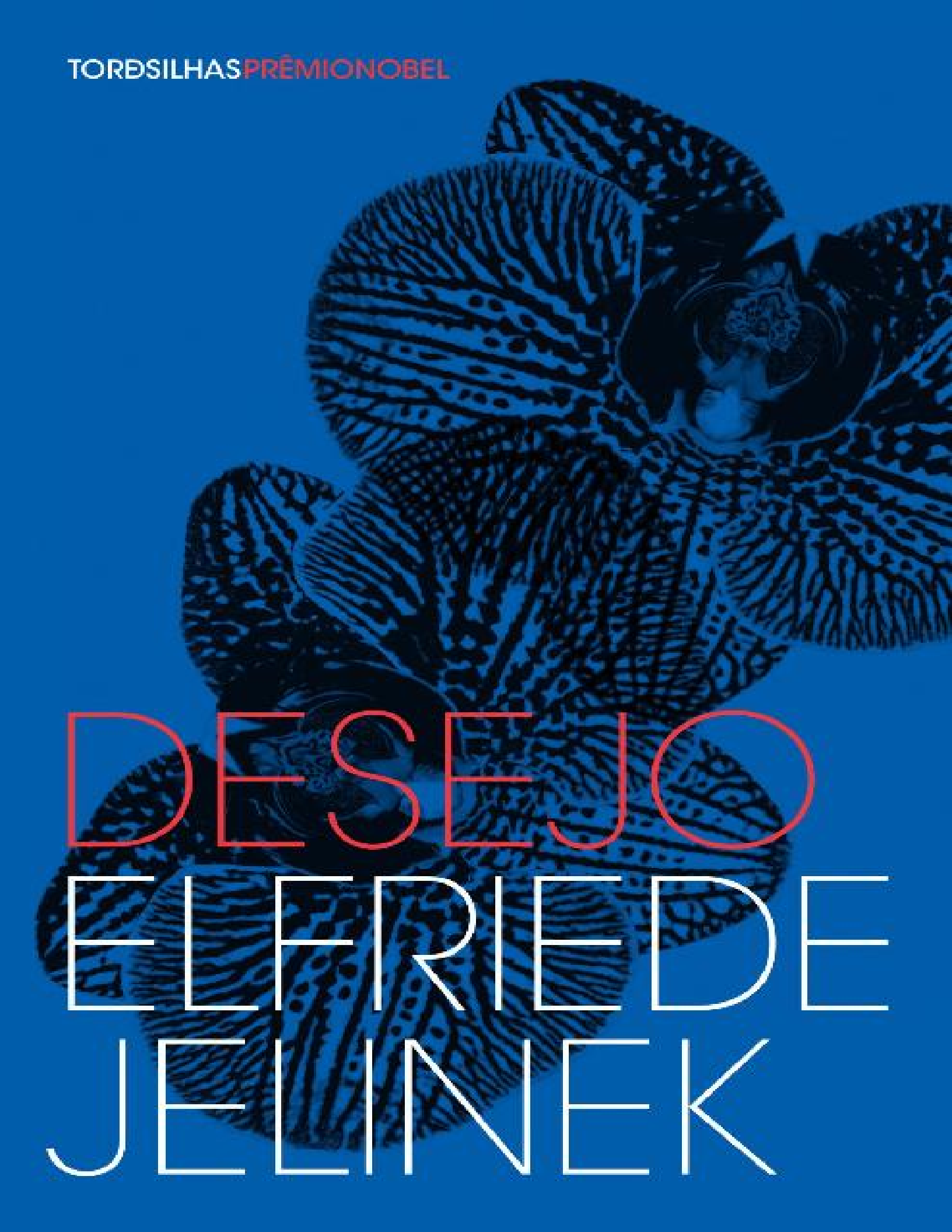
TORDSILHAS PRÊMIO NOBEL



DESEJO

ELFRIEDE JELINEK

Elfriede Jelinek

Desejo

Tradução do alemão de
Marcelo Rondinelli

TORDSILHAS

Na interior adega
De meu Amado bebi,
E quando então saía
Por toda aquela veiga,
Já nada mais sabia,
E o ajuntado perdi
Que eu antes seguia.

São João da Cruz

Copyright © 1989 Rowohlt Verlag GmbH, Reinbeck bei Hamburg
Copyright da tradução © 2013 Tordesilhas

Publicado originalmente sob o título *Lust*.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA PARA ESTA TRADUÇÃO Elfriede Jelinek, *Lust* , Reinbeck bei Hamburg, Rowholt, 2009

PREPARAÇÃO Margaret Presser

REVISÃO Bárbara Prince e Márcia Moura

PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

CAPA Thiago Lacaz

IMAGEM DE CAPA StevenRussellSmithPhotos / Shutterstock.com

CONVERSÃO PARA EPUB Obliq Press

1ª edição, 2013

E-ISBN 978-85-64406-69-8

2013
Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Rua Hildebrando Thomaz de Carvalho, 60

04012-120 – São Paulo – SP
www.tordesilhaslivros.com.br

Nota preliminar do tradutor

Traduzir *Lust*, da austríaca Elfriede Jelinek, é encarar um amplo e fascinante desafio. A riqueza de toda a construção verbal tem início logo pelo título, que pode ser traduzido em português como “desejo”, “vontade”, “prazer”, entre outros. Não é tão automática a escolha. Apenas para ilustrar essa situação, incomodado com a variedade de significados possíveis, o tradutor espanhol chegou a intitular sua versão *El ansia* na primeira edição. Mas acabou mudando para *Deseo*, quando se reeditou o livro. As traduções francesa e lusitana estranhamente mantiveram *Lust*, título que quando muito é entendido por seus leitores com a ajuda do termo homógrafo inglês, de significado(s) próximo(s) ao(s) do alemão. Optei por *Desejo* entendendo iniciar-se desde aí uma série de agudas ironias que caracterizarão todo o romance.

Consultada nas duas últimas semanas da tradução, Jelinek atendeu-me sempre solícita e diligentemente, tratando meu trabalho e o de tradutores anteriores da obra (aos quais eu me referia com as respectivas opções) com especial respeito – o que se deve, talvez, ao fato de ser ela também tradutora. São muitas as soluções fundamentadas na instigante comunicação por e-mails com a autora.

Abrindo a narrativa, a primeira palavra que aguarda o tradutor – e naquele momento ainda apenas leitor – de *Lust* já representa uma escolha reveladora de toda a inteligência e malícia de Elfriede Jelinek: “ *Vorhängeschleier”* . Este pode até ser um substantivo composto morfologicamente plausível no alemão, mas seu uso é incomum. Em português, “véus de cortina”. Tudo bem, aparentemente – exceto pelo fato de que ali ecoa outro termo alemão, esse sim de emprego corrente, “ *Vorhängeschlösser”* , “cadeados”. Fiquei com “Véus de cortina se esticam, cadeados se

travam…", incentivado pela autora, que manifestou não querer que nenhum de tais sentidos se perdesse. Esses mesmos cadeados, aliás, serão retomados nas páginas finais de *Desejo* .

Também foi Jelinek quem me entusiasmou a usar "cápsula" – era uma das opções que eu lhe apresentava – para nomear naquele primeiro momento (pág. 15) a "casa" de Gerti, aproveitando a proximidade formal e semântica dos termos alemães " *Gehäuse"* e " *Haus"* .

A autora igualmente aprovou minha reconstrução de uma expressão até então não apreendida em outras traduções – "Kaffee mit einem furchtbaren Schlag" –, em que "*Schlag"* significa não só um golpe, pancada etc., mas numa variante austríaca do alemão (ao lado de "*Schlagobers"*) é o termo usado para o que conhecemos como "chantili", "creme de leite batido". Deixei: "a bofetada de um café com um terrível chantili" (p. 98).

Preservei a alternância dos registros que vão do mais chulo e perturbador ao mais elevado e arrebatador. De tempos em tempos surgem, por exemplo, diluídos no romance, versos de Friedrich Hölderlin (1770-1843), célebre poeta alemão contemporâneo de Goethe e de Schiller. Em boa parte desses, procurei inserir fragmentos de traduções consagradas de brasileiros. É o caso de trechos de versos do poema "Canto do destino de Hipérion", que aparece estilhaçado, entre outros, no último capítulo do livro. Aproveitei construções de traduções do referido poema de Hölderlin realizadas por Manuel Bandeira, Mário Faustino e José Paulo Paes, escolhendo ora um, ora outro, o que melhor se ajustasse ao ritmo de cada passagem.

Ao longo da narrativa, podem causar estranheza frases do tipo "O punho bate absurdamente a mulher contra o corrimão" (p. 84). Apresentada assim a Jelinek, a autora não só aprovou a construção como frisou o pedido – "nicht normalisieren!" –, de que eu "não normalizasse" a frase, diferentemente do que haviam feito outros tradutores, e deixasse mesmo os termos naquela ordem inusual, perturbadora (e talvez indicadora da condição da personagem Gerti, como alguém que perde o domínio de seu próprio corpo).

A autora não economiza no uso de provérbios, no mais das vezes deturpados, que cuidadosamente preservei, como em “aqui se faz, aqui se ama” ou “é correndo que se vai ao longe”. Constrói jogos de palavras com sonoridades, ecos, cacofonias. Cria palavras inusitadas para expressar aquilo que, por sua brutalidade, não pode – ou não deveria – ser expresso por um vocabulário comum e/ou com efeitos estetizantes. Assim, também precisei forjar alguns termos, como “loditório” (p. 114) – para traduzir o “ *Schlammzimmer”* que ela por sua vez criara – um dormitório (“ *Schla f zimmer”* , na verdade) onde seus ocupantes como que chafurdam no lodo (“ *Schlamm”*). Ou “jipe de tração pélvica” (p. 36), para designar o corpo-máquina-de-fazer-sexo do marido de Gerti, chamado por Jelinek de “ *Lendenwagen”* , vocábulo não dicionarizado, composto por ela a partir de “ *Geländewagen”* , este sim existente e corrente, modo como se nomeiam nos países de fala alemã os veículos *off-road* . Nesse caso, associei a potência (“tração”) à região “pélvica”, ligada às funções sexuais (e anatomicamente não distante do que o alemão designa por “ *Lenden”*).

Em outro momento, foi preciso compor o verbo “estrilamentar” (p. 74), fundindo “estrilar” e “lamentar” (no original, misturados em “*lärmentiert”*). Já o termo “remordações” (p. 97), poderá despertar de imediato a dúvida: erro tipográfico? Definitivamente, não. É minha solução – mais uma vez com o aval da própria autora do romance – para expressar um “remorder” de “recordações”, recuperando o jogo do original entre “*Bedenken”* (“dúvida”, “preocupação”) e “*Gedächtnisse”* (“memórias”, “lembranças”), amalgamados por Elfriede Jelinek como “*Bedächtnisse”*.

O leitor do texto original *Lust* encontra em dado momento a referência a um certo “ Abendleid ”, usado pela protagonista Gerti. Literalmente, teríamos “sofrimento da noite” ou “sofrimento noturno”. Mas é impossível não ouvir ressoar ali um termo bem conhecido (e que seria mais “previsível” naquele contexto), “ Abend k leid ”, este significando “vestido de noite, de festa”. Optei, então, por “sofrimento vestido de noite” (p. 211), em que “vestido” passa a denominar com ambiguidade intencional a peça de roupa e o modo

como o sofrimento tão costumeiramente se apresenta à personagem central do romance.

A relação de exemplos dos desafios oferecidos pela tradução e diferentes modos encontrados para enfrentá-los poderia se estender aqui por páginas e páginas. Quem agora mergulhar em *Desejo* vai se deparar com um universo desconcertante e que promete muito material para reflexão. Um convite a integrar a seleta comunidade dos apreciadores de uma literatura reconhecida com nada menos que um Prêmio Nobel, no ano de 2004, e mais tarde celebrizada ainda com a adaptação de *A pianista* (Tordesilhas, 2010) para as telas de cinema.

Marcelo Rondinelli

I

Véus de cortina se esticam, cadeados se travam entre a mulher em sua cápsula e os demais moradores, que também possuem seus próprios lares e modos peculiares. Os pobres também têm seus domicílios, dentro dos quais estão agrupados seus rostos simpáticos; apenas o de sempre os distingue. Nessa condição eles adormecem: indicando suas relações com o diretor, que, respirando, é seu pai eterno. Esse homem que lhes despeja a verdade como se fosse sua respiração, tão indiscutível é o modo com que governa, agora está farto das mulheres, sai bradando em voz alta por toda parte que só precisa desta, a sua. É desinformado como as árvores ao seu redor. Ele é casado, e isso constitui um contrapeso para suas diversões. No casal, os dois não coram um diante do outro: riem e são e foram tudo um para o outro.

O sol de inverno neste momento está pequeno e deprime toda uma geração de jovens europeus que aqui crescem ou para cá vêm a fim de esquiar. Os filhos dos operários do papel: podiam descobrir o mundo às seis horas da manhã, quando vão para o estábulo e se convertem em forasteiros cruéis com os animais. A mulher sai para passear com o filho. Ela sozinha já vale mais da metade de todos os corpos aqui, a outra metade trabalha na fábrica de papel, subordinada ao homem, depois de a sirene berrar. E as pessoas se aferram exatamente à coisa mais próxima que se estende entre elas. A mulher tem uma cabeça grande e clara. Ela sai com o filho, por pouco mais de uma hora, mas o filho, inebriado de luz, prefere se tornar insensível praticando esporte. Tão logo o perdem de vista, ele lança seus ossinhos na neve, faz bolas e as atira. O chão brilha com o sangue, como se o tivessem acabado de preparar. No caminho coberto de neve, asas de pássaro despedaçadas. Uma marta ou um gato deram seu espetáculo natural, rastejando sobre quatro patas, um animal foi comido. Sumiram com o cadáver. A

mulher foi trazida da cidade para cá, onde o marido comanda a fábrica de papel. O homem não é contado entre os moradores, ele conta sozinho. O sangue se esguicha pelo caminho.

O homem. Ele é um espaço razoavelmente grande, onde falar ainda é possível. Também o filho já tem que começar a aprender violino. O diretor não conhece seus trabalhadores individualmente, mas conhece seu valor total, muito bom dia para vocês todos. Montou-se um coro na fábrica, mantido com dinheiro de doações, para que o próprio diretor possa reger. O coro roda a região em viagens de ônibus, para que pessoas possam dizer “estava incrível”. Para tanto, elas muitas vezes têm que dar uma volta pelas cidades pequenas, levar para passear seus passos desmedidos e suas vontades descomedidas diante das vitrines do interior. O coro se apresenta nas salas de frente, os fundos voltados para os limites da taberna. O pássaro, quando está voando, também só pode ser visto de baixo. Com passos circunspectos, laboriosos, os cantores brotam do ônibus fretado, que exala as asneiras do grupo, e eles ensaiam suas vozes ali mesmo, debaixo de sol. As nuvens de vozes em canto erguem-se sob a capa do céu quando os prisioneiros são apresentados. Suas famílias nesse meio-tempo amontoam-se sob seus tetos sem o pai e apenas com um salário insignificante. Comem salsichas e bebem cerveja e vinho. Causam danos às suas vozes e aos seus sentidos, porque empregam ambos impensadamente. Causa pena que descendam apenas de insignificantes, uma orquestra de Graz poderia substituir todos eles um a um; mas também poderia subsidiá-los, dependendo de seu humor. Essas vozes terrivelmente fracas, cobertas pelo ar e pelo tempo. O diretor quer que eles com suas vozes saiam a mendigar assistência para ele. Mesmo pessoas insignificantes podem cair nas suas graças, se lhe chamarem a atenção com sua musicalidade. O coro é cultivado como o *hobby* do diretor; quando não estão viajando, os homens ficam em seus cercadinhos. O diretor também põe dinheiro próprio, quando é o caso das sangrentas, fétidas eliminatórias do campeonato do distrito. Ele proporciona a si e a seus cantores estabilidade para além do instante fugaz. Os homens, essas obras de edificação acima da terra, e eles continuam

querendo aprontar das suas. Para que suas mulheres ainda os reconheçam em suas obras quando eles se aposentarem. Mas nos fins de semana, aí esses seres celestiais cedem. Aí não sobem mais no andaime da obra, e sim no palco do restaurante, e cantam sob coação, como se os mortos pudessem retornar e aplaudir. Os homens querem ser maiores, e o mesmo querem suas obras e seus valores. Suas capacidades edificantes.

A mulher às vezes se mostra insatisfeita com essas máculas que pesam sobre sua vida: marido e filho. O filho, um retrato em cores, uma criança única – mas que se deixa fotografar. Segue os passos do pai, para que dele também se possa produzir um homem. E o pai lhe impinge o violino de tal modo que a baba espumante lhe borrifa dos dentes. A mulher responde com a vida para que tudo dê certo e eles se sintam bem quando juntos. Por intermédio dessa mulher o homem se fez passar à eternidade. Essa mulher é da melhor origem possível e se fez passar ao filho. O filho é bem comportado, exceto no esporte, em que pode ser indomável, e não leva para casa desaforo dos meninos, que o elegeram por unanimidade sua escada para o céu do pleno emprego. Seu pai não se deixa apagar da terra, comanda a fábrica e a própria memória, em cujos bolsos vasculha em busca dos nomes dos operários que tentam se esquivar de cantar no coro. O filho esquia bem, os filhos do povoado vão acabar como feno ali abaixo. Eles ficam atordoados. A mulher em sua sacola do dia a dia, que é lavada todos os dias, não sobe mais nos esquis, não, ela concede ao filho um ancoradouro em sua costa benfazeja, mas o filho a todo instante corre dali, para levar seu fogo aos pobres das taperas. Eles devem ser contagiados por seu entusiasmo. Numa bela roupagem ele pretende passar sobre a terra. E o pai está inflado como uma bexiga de porco; ele canta, brinca, grita, mete. O coro, atendendo à sua vontade, segue de pasto a penhasco, de salsichas a churrasco, e igualmente canta. Não pergunta o que vai ganhar com isso, mas seus integrantes nunca são riscados da folha de pagamento. Tão clara a casa está mobiliada e decorada, isso permite economizar luz! Sim, ela substitui a luz, quem canta seus males espanta.

O coro acaba de chegar. Velhos compatriotas desejosos de escapar de suas mulheres, às vezes também as próprias mulheres com seus cachos duros (o poder sagrado dos cabeleireiros no campo, que temperam as belas mulheres com fortes pitadas de permanentes!), eles desceram dos veículos e estão fazendo para si um dia de festa. O coro não pode, afinal, cantar exclusivamente à luz e ao vento. É com tranquilidade que a mulher do diretor no domingo dá um passo à frente. Na igreja do mosteiro, onde Deus, cuja mera impressão em suas imagens é revoltante, conversa com ela. As mulheres de idade ali ajoelhadas já sabem o fim da história. Sabem de cor esse fim, mas enquanto isso elas, por falta de tempo, não terão aprendido nada. Elas agora caminham na corda bamba seguindo de placa de orientação em placa de orientação dos caminhos que se cruzam, sua *via crucis*, apenas para em breve poderem se ver frente a frente com o pai celestial, o membro da Santíssima Ingenuidade, tendo na mão como atestado de admissão o flagelo de suas peles murchas. No final o tempo para, e a audição irrompe dos cascalhos da percepção de toda uma vida. Bela é a natureza num parque e belo, o canto num restaurante.

Em meio a todos os maciços de montanha do entorno que os esportistas bem treinados vêm visitar, a mulher nota que falta a ela um ponto fixo, um ponto de parada onde sua vida possa esperar. A família pode fazer o bem, mas para isso ela também precisa comer bem e arranjar o butim dos dias festivos. Os mais queridos ficam agarrados à mãe, felizes em estar sentados juntos. A mulher fala com o filho, penetra-o (banha onde os bernes do amor pastejam) com sua falação em voz baixa e carinhosa. Está preocupada com ele, protege-o com suas armas flexíveis. Todo dia ele parece morrer um pouco mais, quanto mais velho fica. Ao filho não agrada a lamentação da mãe, ele logo exige um presente. É em tais breves negociações que eles desejam se entender: com um estabelecimento repleto de brinquedos ou artigos esportivos para vender. Ela se lança amorosa sobre o filho, mas também flui sob ele, como um ribeirão rumorejante, Bach, ecoando nas profundezas. Ela tem apenas um filho, esse. O marido volta de seu escritório, e ela logo retrai o próprio corpo para bem junto de si, para que os

sentidos do homem não tomem gosto nele. Ouve-se música vinda do toca-discos e do Barroco. Tanto quanto possível, estar em conformidade com as fotos coloridas das férias, não mudar de um ano para o outro. Não há nenhuma palavra verdadeira que se confirme nesse menino; ele só quer sair com seus esquis, posso lhes jurar.

Fora dos horários de abastecimento dos comedouros da família, o filho pouco fala com a mãe, embora esta, conjurando-o, o cubra com uma manta de comida. A mãe atrai o filho para um passeio e paga por minuto, pois precisa ouvir com atenção o filho bem-vestido. A fala do menino é como se viesse da televisão, da qual ele se alimenta. Agora ele vai embora de novo, sem medo, porque ainda não assistiu hoje aos horrores dos vídeos. Os filhos das montanhas muitas vezes já estão dormindo às oito horas da noite, enquanto o diretor, com mãos habilidosas, mais uma vez abastece seu motor com arte. E que voz será mais poderosa que essa, que faz os rebanhos se levantarem na pastagem, todos juntos? E os pobres cansados também, logo cedo, quando olham para a margem oposta, onde se erguem as casas de férias dos ricos? Acho que é a voz do programa que se denomina Ö3 Wecker, o despertador da rádio que despeja em série, a partir das seis da manhã, os grandes sucessos, esses infatigáveis roedores que nos devoram por inteiro, desde as primeiras horas, pelo resto do dia.

Nos quartos dos fundos – mundo de Hitler! – dos postos de gasolina, eles agora voltam a se engalfinhar, esses pequenos sexos atados a cintas a lhes guiar os passos, dissipando-se como suas meias porções de sorvete sob guarda-chuvinhas coloridos. Tão rápido isso sempre chega ao fim, e tanto tempo dura o trabalho e erguem-se os rochedos. Essas pessoas são mesmo capazes de, por meio de intermináveis repetições, simplesmente se reproduzir. Essa corja faminta, que tira seu sexo das portinholas que eles, muito práticos, fixaram em si. Janelas essas pessoas não têm, para que seus parceiros também não venham a assistir àquilo enquanto acontece. Criam-nos como gado, e ainda nos preocupamos com a subsistência!

Sobre a terra estendem-se caminhos pacíficos. Na família, sempre um aguarda em vão ou perde a vida na luta por tirar sua vantagem. O que dá segurança à mãe é o grande esforço – que o filho, curvado sobre o instrumento, aniquila novamente. A gente do lugar ali não se sente em seu lugar, eles têm que ir descansar quando nos esportistas a vida noturna está apenas despertando. A esses pertence o dia e pertence a noite. A mãe monitora o filho sentada sobre sua muralha residencial, para que o filho não se exceda em seu bem-estar. Esse violino não simpatiza muito com o menino. Nos catálogos, as pessoas de ideias afins seguem teimosamente seu próprio caminho, para poderem se servir umas às outras na medida certa. Leem-se anúncios de relacionamento, e cada um se alegra com sua própria luz, que lança na escuridão de um corpo alheio. Competentes marceneiros das mesas da vida anunciam, para poder fixar suas pequenas paredes-estantes em nichos escuros alheios. Um indivíduo só não deveria se tornar demais para si mesmo! O diretor lê os anúncios e encomenda para sua mulher na loja especializada um compartimento específico onde ela possa se deitar, de borda de perlon vermelho com buracos no silêncio através dos quais as estrelas brilhem. Para o homem, uma apenas não basta; porém, a doença ameaçadora o impede de sair lançando seu ferrão e chupando mel. Um dia, ele se esquecerá de que seu sexo é capaz de ceifá-lo e exigirá sua parte da colheita: a gente quer diversão! Queremos nos desdobrar dentro de nós mesmos! Enroscados, cúmplices, os diários anunciantes, denunciantes, se estendem sobre seus colchões e descrevem os atalhos nos quais perambulam. Tomara que não saiam vencidos, de modo que eles mesmos tenham que sair e experimentar desilusões. Ao diretor, sua mulher não basta; mas agora ele, uma pessoa com estatuto de instituição pública, depende desse carro pequeno. Ele tenta o melhor: viver e ser amado. Os filhos dos que têm serventia: eles mesmos são serventes na fábrica de papel (excita-os o desordenado de cuja matéria os livros são encadernados), eles têm uma forma nada atraente. Primeiro, é preciso que sirenes uivem para eles, para lhes dar vida. Ao mesmo tempo, contudo, eles são novamente expelidos da vida e caem como cataratas, supérfluos,

despencando do montante de suas economias. Já lhes arrancaram o posto de timoneiros, e são suas mulheres que em seu lugar timoneiam para o porto seguro que os homens tanto esforço fizeram para evitar e minar. Eles são colhidos de cepas secas e rapidamente são escolhidos. Em seus colchões, são tomados por um desejo de morte, e suas mulheres morrem por suas próprias mãos (ou têm que ser preservadas pelas mãos do setor público). Elas não são particulares, pois não têm uma bela residência; são apenas o que delas se vê e o que às vezes se ouve do coro. Nada de bom. São capazes de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, mas não reviram mesmo a água na piscina, onde a mulher do diretor em seu maiô se estica em direção ao teto, que se encontra bem longe, acima de sua natureza, incomensuravelmente alto e distante de nós, patuleia de consumidores.

A água é azul e nunca se aquieta. Mas o homem volta de sua jornada diária para casa. Gosto não é para qualquer um. O filho tem aula hoje à tarde. O diretor adaptou tudo para o computador, tem como *hobby* desenvolver ele mesmo os seus programas. Não ama a coisa fera, a calada floresta não lhe diz absolutamente nada. A mulher abre a porta, e ele reconhece que nada é grande demais para seu domínio, mas também nada deve ser pequeno demais, senão será imediatamente aberto. Sua voracidade é correta, encaixa-se nele como o violino sob o queixo do filho. Os queridos deparam-se em casa repetidas vezes, pois deles tudo sai do coração e é anunciado às claras. O homem gostaria de estar agora sozinho com sua celestial mulher. Os pobres precisam pagar antes para ter a permissão de se deitar na margem.

Agora a mulher não tem tempo nem de baixar os olhos. O diretor não a aprova quando ela quer ir para a cozinha e executar algo. Agarra-a, decidido, pelo braço. Primeiro, ele quer tomá-la para si, para isso cancelou dois compromissos. A mulher abre a boca, para lhe cancelar a investida. Pensa na força do marido e torna a fechar a boca. Esse homem até no colo de penhascos tocaria sua melodia, ele acariciaria retumbante o violino e seu órgão genital. A toda hora começa esse *Lied* , essa obra musical, esse som em explosão, tão surpreendentemente terrível, com o acompanhamento de tantos

olhares contrariados. Essa mulher não tem pulso para se debater e recusar, ela caminha indefesa. O homem está sempre pronto e anima-se de antemão consigo mesmo. O dia animado é tolerado tanto para pobres como para ricos, mas infelizmente os pobres não toleram vê-lo desfrutado pelos ricos. A mulher ri, nervosa, quando o homem, ainda de sobretudo, se desnuda objetivo diante dela. Ele não se furta a deixar seu pinto em espera. A mulher ri mais alto e, assustada, leva a mão à boca. É ameaçada de tomar uma surra. Ela ainda ecoa da música do toca-discos, onde as sensações dela e as de outras pessoas, na figura de Johann Sebastian Bach, apropriadíssimo para o consumo e deleite humanos, giram em círculos. O homem destaca-se de si mesmo em meio a seus aguilhões de pelo e calor. Assim ampliam os homens a si e a suas obras, as quais, no entanto, em breve tornarão a desabar atrás deles. Mais seguras erguem-se as árvores na floresta. O diretor fala tranquilo da xoxota e de como dali a pouco irá rasgá-la. Está como que embriagado. Suas palavras saem trôpegas. Ele segura a mulher pela cintura com a mão esquerda e puxa, se é que se pode dizer assim, a roupa de boa serventia por sobre a cabeça. Ela se agita diante do peso pesado. Ele xinga em voz alta suas meias-calças, faz tempo que já a proibiu de usá-las. Meias finas comuns, segundo ele, são mais femininas e permitem aproveitar melhor os buracos, isso quando não criam mais alguns. Agora mesmo, ele vai saborear a mulher pelo menos duas vezes, até o fim – anuncia. As mulheres, enxertadas de esperanças, vivem da lembrança; os homens, entretanto, vivem do momento, que lhes pertence e, se cuidadosamente cultivado, se deixa compor e formar um montinho de tempo, que igualmente lhes pertence. À noite, eles precisam dormir, aí não podem reabastecer. São puro fogo e se aquecem a si e de si em pequenos vasos. Surpreendentemente essa mulher se fez infértil tomando comprimidos às escondidas; o coração do marido, que nunca se apazigua, não permitiria que de seu tanque sempre cheio não se fosse capaz de despejar nenhuma vida.

Ao lado da mulher desabam montes de roupa, como animais mortos. O homem, ainda de sobretudo, está em pé, com seu membro forte entre as dobras de sua roupa, como se incidisse luz

sobre uma pedra. Meia-calça e calcinha formam um anel úmido ao redor dos chinelos da mulher, dos quais ela se descalça. A felicidade parece amolecer a mulher, ela não pode conceber isso. A cabeça pesada do diretor revolve, mordendo, os pelos púbicos da mulher, o tempo todo o ardor está pronto para fazer dele cobrador de algo dela. Ele inclina a cabeça para tomar algum ar fora e, em vez dela, pressiona a da mulher no gargalo de sua garrafa, que haverá de apetecer a ela. Suas pernas estão presas, ela própria está sendo apalpada. Ele lhe fende a cabeça sobre o pau, desaparece dentro dela e conta com a ajuda de tropas de segurança: os fortes beliscões que lhe aplica no traseiro. Ele força-lhe a fronte para trás, fazendo a nuca estalar sem jeito, e lhe sorve os lábios genitais, tudo reunido e concentrado, para que, serena, a vida possa contemplá-los a partir dos olhos dele. A fruta ainda há de amadurecer. Isso se produz quando se empilham muitos hábitos humanos, para que a pessoa possa colher algo da copa que no final das contas acabará por não lhe apetecer mais. Tudo é limitado por “proibidos”, os arautos da libido. Mesmo numa pequena colina as coisas não crescem indefinidamente, e nossos limites também não são muito mais amplos do que podemos conceber, e nós não concebemos muito com nossos rijos pequenos vasos sanguíneos.

O homem prossegue totalmente só. Há muito tempo, porém, não agrada à mulher insistir nessa posição que ela tem junto a ele na casa. Ela se agita, precisa abrir um pouco as pernas, num descuido algo é arrancado de sua barriga com os dentes dele. O homem vive em seu próprio inferno de vida, mas às vezes tem que sair e fazer um passeio pela pastagem. A mulher se defende, porém certamente apenas para enganar, ela pode levar mais tapas ainda, se quiser desmentir a alma do homem, que quer refletir um brilho forte. Foi bastante o que se bebeu. Quase se esvazia o diretor no dispendioso ambiente que o cerca, em cujo lusco-fusco ele se enfurece com a dieta que a mulher lhe cozinha. Ela não quer deixá-lo entrar. E então ele se sente tão grande, como se fosse todo e qualquer um. Apenas descarregar-se um pouco entre as luminárias de piso, isso o desobrigaria, ele que afinal tem de carregar o peso de muitos, que só fazem estupidamente crescer como mato nas margens e não

pensam na manhã seguinte, quando precisarão se levantar. Hermann. Agora ele abre e estende sua mulher, depois de levantá-la por baixo, descalçando-a de seus sapatos, por sobre a mesa na sala de estar. De todas as partes, qualquer um pode olhar para dentro e se sentir invejoso de quanta coisa bonita é mantida escondida pelos ricos. Ela é espremida sobre a mesa, seus seios, grandes bolas achatadas e quentes de estrume, eles se desfazem. O homem levanta a perna em seu próprio jardim, depois sai e a levanta em qualquer outro canto adiante. Nem os mais penumbrosos terrenos lhe são poupados. Isso é tão normal quanto Eros, que ainda nunca logrou acender os dois a partir da madeira mirrada que eles, paridos como simplesmente foram, mas não protegidos, não querem de nenhum modo seguir sendo. Não, o diretor certamente vai responder a anúncios, para trocar seu Ford Antiquissimus por um modelo mais novo e mais potente. Não fosse o medo da mais nova doença, a oficina do senhor nunca mais se calaria. E até em casa estariam afixados no quadro de avisos os cartazes: Desejo, o deputado livre; ondas fortes correm através do tempo, e cheios de força os homens perpetuamente querem algo. Agrada-os a distância, mas também fazem uso do que se oferece de imediato. A mulher quer ir embora, escapar desses fétidos grilhões em que definha a madeira à frente de sua choupana. A mulher foi furtada da insignificância e todo dia é novamente invalidada com o carimbo do marido. Está perdida. Ele vira sobre si a caçamba de escavadeira das pernas dela. Da mesa caem vários objetos que pertencem ao filho e se abatem suavemente contra o tapete. O homem é aquele que ainda sabe apreciar música clássica. Com um braço, ele tateia à sua frente e investe em algo. Ouve-se o som, a mulher tolera muita coisa, e vivam os mortais do salário e do trabalho! Mas – não é verdade? – música faz parte, ora. O diretor usa seu peso para subjugar a mulher. Para subjugar os trabalhadores que alegremente alternam entre o esforço e o descanso, basta sua assinatura, ele não precisa se deitar em cima com o corpo. E seu ferrão nunca repousa junto a seus testículos. Mas no peito repousam os amigos com os quais ele outrora ia ao bordel. À mulher é prometido um novo vestido, enquanto o homem

arranca o casaco e a jaqueta. Ele luta com o álcool, a gravata se tornou uma corda em seu pescoço, pronta para enforcá-lo. Eu gostaria aqui de revestir isso com palavras! Com um golpe baixo, há pouco o aparelho de som foi incendiado, agora a música corre no prato de discos e (co)move o diretor um pouco mais depressa. Braços do aparelho saltam para a frente para intervir, um diretor precisa levar seu pau ao mundo! Sua diversão deve sobreviver, até que se possa ver o chão, e os pobres, dos quais foi esvaziado o amor, sejam arrancados da linha e tenham que se dirigir à Central de Emprego. Tudo deve ser eterno e, além disso, poder ser repetido com frequência, assim falam os homens e esticam as rédeas que outrora carinhosamente sua mamãe segurava. Sim, isso parece dar certo. E agora esse homem entra e sai fácil, fácil de sua mulher. Nesse campo a natureza não pode ter se equivocado, pois nós nunca iríamos mesmo querer deixar algo diferente crescer. Eles se encontram aqui dentro de uma comunidade da carne, e os agricultores de tempo parcial, que choram fácil quando não são contratados, sim, eles ficam furiosos se suas mulheres acariciam suavemente as reses surpresas. Os senhorios prazerosamente fazem amizade com a morte, mas as operações têm que continuar. E mesmo para os mais pobres a diversão é consentida de bom grado pelos pobres braços do sexo feminino, onde eles todos os dias a partir das vinte e duas horas podem crescer. Para esse diretor, no entanto, não é a hora que vale, pois afinal ele mesmo a produz, em sua fábrica, e os relógios são perfurados até gritar.

Ele morde os seios da mulher, e com isso as mãos dela disparam para a frente. Isso apenas o excita ainda mais, ele lhe dá uma pancada na nuca e lhe segura as mãos, suas velhas inimigas, com mais firmeza. Também não adora os seus criados. Ele soca seu sexo dentro da mulher. A música lança seu brado, os corpos avançam desbragados. A senhora diretora sai um pouco dos eixos, e é bem verdade que a lâmpada desencaixada também tem tais dificuldades para acender. Um cão dormindo: assim é o homem, que não deveriam ter acordado e levado da roda dos amigos de negócios para casa. A arma ele leva sob o cinto. Agora ele saiu como o estampido de um tiro. O engajamento no esporte está

perdido. A mulher é beijada. Coisas de amor lhe são cuspidas e gotejam no ouvido, essa flor não floresceu por muito tempo, você não vai fazer o favor de lhe agradecer? Há pouco ele ainda estava se revolvendo dentro dela, logo seus dedos produzirão um bom som e serão de bom tom no violino. O que é que a mulher está virando a cabeça? Pois se na natureza todos nós temos lugar! Até o menor de todos os membros, embora não seja muito solicitado. Este homem se esvaziou dentro da mulher, um dia ele gostaria de se deixar compensar em ouro e se instigar para feitos ainda mais estrepitosos na piscina! Com o corpo devidamente curvado em posição de salto, o diretor se desprende da mulher, deixa seus detritos para ela. Porque logo a cilada dos afazeres domésticos voltará a envolvê-la, e ela retornará para o lugar de onde veio. O sol ainda está longe de se pôr. O homem se derramou contente e, enquanto lhe sai lodo da boca e de seu órgão genital, ele vai se limpar do consumo de sua fornada do dia.

A comunidade invariavelmente olha para ela, eles não têm ali tantas moças no esporte. A mulher ginga em suas preocupações, Hermann perambula sobre ela no silêncio da noite. E também o filho dos dois domina as outras crianças com mais maestria que seu violino. O pai fabrica a coisa mais insignificante que se dissipa sob a chama de sua paixão: papel. Somente vestígios de cinzas restam onde o olho se demora sobre as obras dos homens. A mulher desvia o olhar da mesa que cobriu, abre uma janelinha confeccionada lateralmente em seu vestido e sacode dentro os restos de comida, nisso ela permanece fiel a si mesma. Hoje a família vai beber, em total privacidade, as próprias lembranças vindas do projetor. A comida vai chegar mais tarde à mesa, no mesmo momento que o filho, que a devastará. Ele não se orienta por nada do que lhe dizem, ele é que ordena como tudo deve ser. Há meses vem prometendo melhorar no violino, mas o pai deleita-se mais com os tapas que distribui nesse ser de simpática e jovem natureza. Gastos inúteis assim também este país faz normalmente, uma vez que se alimenta da arte – diferentemente, porém, de seus cidadãos e fiéis, dos quais nenhum merece o selo Qualidade Especial.

A língua da mulher é um vestido que cobre tudo. Ela comunga e se absolve crepitante com o salgadinho que na televisão parece muito maior que dentro de nossas bocas, onde rapidamente fica discretíssimo. Mesmo assim, também nós o jogamos nos canais de esgoto de nossos corpos bem preparados para a noite. O pai se inclina sobre seu filho, terno como uma salsicha. Ele com certeza ganhará sua bicicleta BMX. A inveja dos meninos do povoado o filho do diretor saboreia como uma boa pitada de poder. Imediatamente sai para a rua para destroçar algo. No entanto, o pai o exige como presa, ameaçadoramente ele deve aproximar ainda hoje sua cabeça do violino, para que soe de modo a que ainda se possa utilizá-lo em outro lugar para lambuzar os sentimentos. O pai gosta de exibir, agora ao instrumento, o parto que tão caro lhe custou. E, como ele próprio, o pai, lança mão do instrumento de seu filho como se fosse um invólucro solto! O menino deve manter sua boa mão para os negócios e, com o arco do mais tenro feitio, tocar por sobre os prados dos artistas eternos, que ganharão ânimo com sons amados, renomados. Soará então horripilante, lancinantemente Mozart, se você tiver sorte e se lhe tiverem atado os pés a tempo, para que você não possa ir apascentar numa outra campina.

Os bancos disputam com sacolas de alças os mais humildes dos humildes. Mesmo essa corja, criadagem de seus pais, tem a necessidade de um saldo em conta. Dentro de alguns anos, o dinheiro terá assumido uma forma bonita, um carro para o sujeito dar a largada e arrasar ou uma mobília em casa para o sujeito se largar arrasado. Exceto se você tiver – como o filho do diretor – menos de catorze e ainda estiver solteiro e solerte, como uma criança ainda, mas já rescindido da condição de cliente da vida. Para esses verdadeiros vindouros consumidores ainda vão se estender as horas em que desejarão se tornar valor agregado. Talvez alguns de nós mesmos se tornem funcionários públicos de guichê, pois para que existem espalhados ao nosso redor, afinal de contas, os bancos de reservas? Pouco provável que para nossos anciãos, que devem ter sido encarregados de negócios. O menino sai correndo para o frio terrível de fora, mal terminou de assar no forno. Ele simplesmente precisa, em quedas salutares, se esfriar de

seu lar e escutar seu povo aos gritos, para poder lhe oferecer ainda mais oportunidade para gritaria.

O homem vem de seu segundo barbear, para conduzir a mulher como um bote diante de sua torrente. Os montes e vales da mulher, juntamente com a ramada, são até esboços bastantes, mas falta a degradação que lhe dê o último retoque. O homem cria, arrebatado pelo vento, a mulher. Puxa-lhe a cabeça e escancara-lhe as pernas como se fossem ossos murchos. Ele vê as falhas tectônicas de Deus nas coxas da mulher, não se importa com elas, seus montes emblemáticos locais ele escala por senda segura e costumeira, conhece cada ponto onde mete o pé. Não despenca, sente-se em casa nesse lugar. Finalmente poder esticar as pernas debaixo da mesa: quem é que não deseja isso? A propriedade não obriga o dono a nada; o concorrente ela obriga à inveja. Já faz anos que essa mulher vem dando a marcha a ré no livro da vida, o que mais a espera? Ele a agarra por baixo da saia, ele crepita através das paredes de suas roupas de baixo. Quer se introduzir à força (a família a sós debaixo do mesmo teto, um debaixo do outro) em sua mulher, para sentir os próprios limites. Atravessaria as margens, acredito que logo, se ele, o Desgovernado, não experimentasse uma vertigem em seu próprio atalho. Além disso, seria demais para os homens se nós não os encerrássemos dentro de nós, até ficarem pequenos e silenciosos, cercados por nós. A mulher agora involuntariamente põe a língua para fora, pois o diretor acionou um músculo em seu maxilar com cuja ajuda uma serpente a qualquer momento seria capaz de vomitar veneno; é só mostrar a ela. O homem a leva até o banheiro, fala com ela tentando acalmá-la e coloca-a agachada sobre a borda da banheira. Agarra sua moita, para finalmente poder embarcar e não precisar ser advertido a primeiro aguardar a chegada da noite. Ele abre-lhe a folhagem, os ramos. Os fragmentos do vestido lhe são arrancados. Cabelos caem no ralo. Fortes tapas lhe são aplicados no traseiro, a tensão desse portal deve finalmente ceder, para que a multidão possa aos berros e empurrões atacar o *buffet* , essa amável união de consumidores e conglomerados fabricantes de alimentos e coisas centrais para a vida. Aqui estamos nós e somos postas em serviço. Em direção à

mulher estende-se um órgão da mesma espécie, do mesmo valor ou semelhante. Ele escancara o cu da mulher! Mais que isso ele na verdade nem precisa, com exceção de seu salário máximo. O esqueleto estremece, e ele desperdiça todo o seu conteúdo, muito mais do que seria capaz de juntar em dinheiro, na mulher. Como ela não haveria de se emocionar com esse jorro? Sim, agora ela contém o homem inteiro, até onde é capaz de suportar, e ele a mantém, enquanto achar gosto em sua decoração de interior e nos papéis de parede. Atira-lhe a parte dianteira para dentro da banheira e, na condição de gerente desse local de comer e beber e de locais semelhantes, abre-lhe o quarto dos fundos. Nenhum visitante fora ele tem permissão de deixar entrar tanto ar fresco. Ali cresce o mofo caseiro, é possível ouvi-lo absorver água e produzir detritos. Nenhum outro além do diretor pode obrigar a mulher a tomar a chuva dele e o que escorre de suas calhas. Logo ele terá se aliviado, aos berros, esse cavalo gigante que puxa sua carroça para o lamaçal com os olhos revirados e flocos de espuma no maxilar. E mesmo o automóvel da mulher não deve servir para que ela percorra caminhos próprios. Ele já lhe traçou uma trilha com seus projéteis, que, estridentes, rasgaram aceiros na floresta.

A mulher dá um coice com o calcanhar de sua pantufa, não se sujeita, quer atingir o desajeito do marido. Seu mastro a ouviu bater como uma colheitadeira contra a borda da banheira. Isso o deixa furioso. Logo haverá restos de fezes grudados nele, que vida! Há uma ebulição astuta no sexo frágil, que além do mais se esforça em ser belo. O homem decide impor à mulher a observância do contrato matrimonial. Ele pressiona a mão contra a boca da mulher e é mordido com alguma porcentagem da potência de sua mandíbula. Então acaba tendo que retirar a mão. Ele cobre a mulher com a noite, conecta-lhe no traseiro sua fiação elétrica, para iluminação dela e satisfação dele. Ela tenta sacudi-lo e livrar-se dele, mas logo se paralisa, tem que permanecer ali, de olhos fechados. Não ama ele a coisa fera, ele próprio é feroz. Ao redor, vazio absoluto na casa, exceto pelos arbustos de pelos à frente da barriga dela e da dele, a sinalizar: aqui se servem taças. Isto é um Heuriger, e aqui há vinho local novo todo dia. Nós todos, afinal, não nascemos ontem.

Canhestramente, goteja-se no buraco quente do ouvido da mulher tudo o que o poder do homem permite, não são necessários embustes nem são necessárias armas. Ela só precisa abrir o portão, porque ali mora ele, e o sêmen ele só consegue reter mediante muito esforço, sob intenções veladas e cortinas esticadas. Sorridente, o criador carrega dos homens seu produto, para que esse possa se acostumar a sair correndo enlouquecido entre nós. O homem parte em pedaços a criação com as partes fortes de seus compassos, e também o tempo passa em seu próprio tempo. Ele destrói as lajotas e vidraças nesse espaço repleto de sombras que se alegra em meio à agitação e na luz clara do homem. Somente dentro daquela mulher ali está escuro. Ele invade o seu cu e, na frente, bate-lhe o rosto contra a borda da banheira. Ela grita mais uma vez. Ele se programa em seu pequeno *cockpit* para se demorar mais. Ele próprio talvez já tenha se acalmado, mas seu membro segue impelido de um penhasco a outro. Um sujeito assim se joga na merda como outros vão da areia ao mar, empregando seu aparelho de sucção extra, e não consegue manter nada por debaixo dos muitos panos até ter esvaziado por completo seu saco de pó.

II

Mais tarde, ela chama pelo filho. E, claro, antes mesmo já está saciada com a graciosa imagem do menino, único refugiozinho na montanha contra os golpes baixos do marido, que a segura mais firme que o freguês com a bebida que pediu. Ele não precisa de nenhum refúgio para seu sexo, e seu fluxo pega o caminho mais curto. Tudo isso está claro para o menino, ele observa sorridente pelos buracos de fechadura, através dos quais explora as delícias da residência. O corpo da mãe ele inspeciona esperto e descarado, logo depois de entrar, vindo do ambiente que o cerca ali fora, chamado pela revista infantil *Wunderwelt* seu Mundo Maravilhoso. Será aquele sorriso no rosto da mãe um barquinho a flutuar, ou estará firmemente encravado? O menino não tolera nada na mãe, quando se mete sob sua coifa branca, no ninho que o pai construiu. Eles pertencem um ao outro para os avaliadores das belas carnes, que se espremem diante da cerca, ainda se ambicionam eles mesmos uns aos outros, desgovernados como o *pot-pourri* de nuvens no céu púrpura acima. Não sabem por que, claro, a criança tem uma bocarra faminta para ser entupida de falas obscenas, nas quais aparece sua mãe e suas calcinhas muitas vezes ensanguentadas. Tudo está claro para o menino. Ele é branco e tem um rosto bronzeado pelo sol. À noite, será banhado em lar austríaco, e terão rezado e trabalhado. E grudar-se na mulher, no pasto desta regalar-se, mordê-la nos mamilos como punição por ter o pai antes podido ampliar-lhe os túneis e canais, ouça! Agora a própria linguagem quer sair falando!

A maravilha da viagem está, afinal, no deparar-se com um lugar desconhecido e fugir dele sentindo calafrios. Mas quando é preciso permanecer junto, como malfabricadas reproduções da natureza em quatro cores, inteiramente aliados uns aos outros, então você só encontrará o Papa, a culinária, e o Partido Popular Austríaco para

prestigiar essa obra e assegurar a todos os seus pecados um desconto no preço. A família, esse abutre, cria-se a si mesma como animal doméstico. O filho nunca ouve com atenção. Ele se senta sobre seu *kit* secreto de brinquedos, constituído em parte de fotos obscenas e em parte daquilo que serve de modelo para essas fotos. O filho olha para sua pistolinha, que frequentemente tem problemas para carregar. Sovina, ele se acocora sobre sua coleção particular, quase humano em sua cobiça tagarelante, o Papa tem bibliotecas inteiras disso. Come-se; ainda na goela insensível o homem acha digno de elogios o alimento que sua mulher preparou. Hoje ela mesma cozinhou! O que acontece sobre o prato vai parar na residência do homem, em seu endereço bem nas profundidades de seu ventre, onde é sacudido como uma jovem águia na centrifugação dos ares. Com isso se ocupa a mulher e se preocupam as mulheres. O homem, com seus olhares calados, pergunta à mulher se agora ainda não seria hora de varrê-la incondicionalmente dos eixos. Mas o filho poderia se fazer ouvir claramente, se o pai agora tocasse no vazio absoluto: ela o faz pensar prudentemente sobre isso e espera, assim, escapar. Mas, obedecendo aos lances do jogo do homem, já é levada dali. Ela se agarra firme à porta do dormitório, porém os limites estão no banheiro, uma porta adiante, e hoje já foram vencidos uma vez.

Isso se dá em silêncio absoluto. O homem hoje excepcionalmente veio para casa almoçar. Ainda indeciso, o humano recebe dos pastos ali fora o seu alimento animal, mas não reconhece seus amigos quadrúpedes na travessa. Bem no fim, a mulher deve tirar a roupa, agora temos mais tempo para isso. O filho recebeu seu enchimento, precisa ficar sentado quietinho na escola. Entretanto, para que a mulher esteja assistida, ela tem que ir às ondas, à viscosa escuma do marido. Ele se vê como belo selvagem que vai fazer compras no açougue de sua mulher. A família, tão pequena quanto uma lanchonete na estação ferroviária, sozinha, um homenzinho nesta floresta pelo caminho numa só perna… porque na segunda perna, na mulher, não se pode mesmo nunca confiar. As reivindicações do homem por territórios próprios, cujas divinas trilhas para caminhadas na montanha só a ele é permitido pisar, já

estão anunciadas no Serviço de Proteção às Mulheres Austríacas em Situações de Catástrofe. Nas belas veredas de subida, ele mesmo se apressa em brincar, mas as montanhas o mandam pontualmente às sete da noite a seu ninho feito de gravetos que ele mesmo juntou. A mulher o espera: é o que ele mente, sorrindo, à natureza. Como se dispusesse de laços, tem de capturá-la. Ele é, com ela, um grupo detido até o fim de seus dias. Mas um espaço, minúsculo e nu como a memória, contém-no como um todo. A mulher não morre, ela surge mesmo justamente a partir do sexo do homem, que já reproduziu em laboratório completamente o abdômen dela. E, de fato, como o homem adora aparecer como corpo de dentro de seu baú gelado, para derreter o mais rápido possível!

Enquanto os pais – o pai aberto como uma chama, a mãe apenas um sopro com o qual o vidro se embaça – se lançam um sobre o outro, o menino brinca de abrir e fechar a portinhola da caixa de correios. O ônibus escolar muitas vezes fica atolado na forte neve deste inverno. Crianças passam fome ali dentro, elas que afinal teriam um lar aconchegante. Têm que capitular diante desse desajeitado gramado de natureza (que milagre que essa natureza cruelmente açoitada ainda ouse exigir algo de nós), são levadas para um abrigo de emergência e leem um gibi do Mickey Mouse ou algum outro que não esteja nas mãos do pai. Em sacos de dormir, receberão salsichas e estarão desassistidas. Até mesmo carros às vezes rodam baratinados nesse tempo. Mas nós ficamos aquecidas e seguras para a consagração, uma vez que já estamos finalmente preparadas para nos deixar decepcionar por nosso parceiro. E com que satisfação! Até que livros com relatos de experiências venham a nos aconselhar, a nós, inabitáveis: é só não ficarmos sozinhas, em silêncio.

O pai se joga no cofre da mãe, onde moram os segredos dela para se manterem protegidos dele. De uma hora para a outra, seja uma noite de peso, seja um dia de relevo, ele é o único depositante, ele sai de si. Seu sexo lhe chega a ser quase pesado demais para erguer. A mulher agora deve carregá-lo um pouquinho. Logo cedo, semiacordado, ele sai tateando, quer a reentrância das nádegas da

mulher, ela ainda está dormindo, ele a agarra por trás, na suave colina da mulher, luz, onde está você?, o coração já está desperto. A partida de tênis pode esperar na sede de seu clube, lugar antisséptico. Primeiro, obedientes como crianças, entram dois dedos na mulher; e então se acrescenta o pacote compacto contendo combustível. A maleta com materiais de papelaria para apresentações e com canções mantém nossos desejos na memória do Altíssimo, sai com música pelo Éter. Tudo se cumprirá, assim nos compete, respirem bem fundo! Nós conhecemos exatamente o melhor, ele está de pé sobre o sagrado aparador de casa. O homem pega com a mão seu pacote quieto e com ele força as espantadas portas dos fundos de sua mulher. Esta já ouve de longe chegar o jipe de tração pélvica do marido. Ela começa a impedir que habite dentro de si qualquer sentimento – mas, ora, nós ainda temos um porta-malas! Aí o pesado amontoado genital entra, é só não se preocupar com os cheiros. Os estofados, convincentemente revestidos, não vão ficar limpos. Cegamente, a mulher embolsa segurança da máquina cuspidora de donativos do marido, esse que a ordenha nos peitos. Estejamos agora em casa, as árvores atiraram a folhagem das montanhas. O perenifólio homem, com essa mulher ele não precisa se proteger, está amavelmente embrulhado, não há nuvens no céu. Com que satisfação a propriedade mora conosco! Ela não consegue se sentar em nenhum lugar melhor do que sob nossas partes genitais, que se fendem por cima como penhascos sobre a correnteza. Em troca, essa mulher recebe todo mês, *cash*, a vida colocada na mesa com estrépito, para o seu heroico fogão do dia a dia. Amanhã ela mais uma vez abrirá para o filho a porta da escola para a vida, também esse canto de louvor à vida o marido comprou e está tostando sua pesada linguiça na massa folhada de pelos e pele do forno dela. Mas o ônibus escolar está atolado.

A mulher comenta que o filho também precisa comer. O marido não ouve, folheia distraído seu dicionário de bolso. A casa pertence a ele, sua palavra já chegou lá e será tomada a peito. Ele escancara o sexo de sua mulher, quer consultar se também já não se inscreveu bem legível ali. Dá estocadas enfurecidas com a língua; do nada,

ele um dia chegou em casa com esse talento. Alegre, ele é um deus. E logo estará de novo no escritório e fazendo piadinhas com a secretária. Precisa exibir-se para si mesmo! Ele se experimenta em posições sempre novas, nas quais empurra sua carroça a chutes fortes dentro das águas sóbrias de sua mulher, e começa a remar como um alucinado. Não precisa de nadadeiras, ele nunca puxará um pedaço de plástico por sobre a cabeçola vermelha apenas para continuar saudável. Saudável sua mulher já é há tempo demais. Ela se curva sob ele, grita, quando de sua bem equipada glande irrompe um rebanho inteiro de sementes. O que está acontecendo? Tilintar tão alto assim com o gelo é só mesmo para alguém que não precise ter nenhuma preocupação com sua posição na vida.

Esse homem, que agora mantém seu animal doméstico atrelado no gancho de suas pernas, para poder beijar-lhe as faces e beliscar-lhe as tetas, esse homem finalmente traçou um programa próprio, para reduzir a atividade produtiva ao essencial. Sim, é exatamente isso que você viu! E vai ver ainda mais, quando o portão despertar pela manhã e as costas arqueadas dos reluzentes rebanhos (beberam o suficiente!), mal tenham se dado conta do sol, já desaparecerem de novo no escuro, para pendurar seu destino ali, deixá-lo para secar, sim, e às vezes um deles ainda está enfiado ali dentro, no invólucro gotejante. Quem terá piedade de nós? É preferível que se produzam excedentes ao extremo para o conglomerado, do que os excessivos, fiéis pelo menos a seus pobres nomes, poderem produzir algo para seu jardim e seu lar. Vantagem para a multinacional estrangeira à qual a fábrica pertence, para que aquela, despertando apavorada e aos gritos, possa nos enrolar a todos em papel e nos devorar por inteiro. O filho tem sua oficina, na qual se amaloca e é malhado como metal. No Natal, uma apresentação própria como solista fará dele alvo de troça, diante do Sagrado Presépio com o Menino, adorável como ele só. A neve este ano chegou cedo; em compensação, ficará por mais tempo, sinto muito.

Mais tarde, chega em casa uma vizinha indesejável, implacável. Despeja uma chuva de censuras, fraqueza duradoura desse exemplar feminino do gênero humano, que agora desperto e

subindo as escadas só em suas lamentações é capaz de libertar-se de si mesmo. A vizinha é incômoda como um inseto. Ela acende a gente do prado com sua luz e suas aflições, as quais abandona à piedade da diretora, e ela também abençoa o Filho de Deus, que criou da terra os seres humanos nesta região e lhes transformou as árvores em papel, a fim de angariar diante dele benevolência para com sua filha, em breve completando a Escola Superior de Comércio. O marido não se encontra mais com ela, e sim mantém encontros com uma garçonete de vinte anos no restaurante da estação ferroviária. Porém, a mulher do diretor não tem mais palavras para seu freguês, acabaram para ela esses refrigérios. Com facilidade, cerca-a a riqueza de seus móveis e quadros, eles não descansam até que lhe tenham pertencido.

O homem, em seu cerne, é grande e palatável, um cidadão que canta e toca. Ele adquire para a mulher roupas íntimas *sexy* de catálogos, para que o corpo desta possa se apresentar todo dia em ordem para o serviço. Tem escolhido peças audaciosas, para que ela busque se igualar aos modelos das fotos. Essas roupas são um desperdício nela. Ela as esquece em caixas e se mantém calada. Não têm rendas vermelhas para incomodar sua larga tranquilidade, mas, pensando bem, é exatamente assim que ele gosta: que sua gente se esqueça de si por completo no momento em que ele os enrolou nas cordas do amor. Serenos, eles se esvaem como tempo na própria residência e esperam por ele. O filho, que é famintamente rondado pelo esporte. A mulher, que é sedentamente comparada com fotos e filmes. Famílias sem comitiva e sem ligação afetiva poderiam chegar primeiro em furgões, os equipamentos no porta-malas, os chicotes, as varas, as algemas e cintas de borracha para as crianças de fralda crescidas, cujos sexos sempre só fazem chorar, berrar e fungar, que alguém maior faça finalmente a gentileza de domá-las. Num dado momento, também suas mulheres enfim darão paz e leite. Até mesmo injeções os homens se administram mais que depressa, amorosamente, para poderem aguentar mais tempo dentro dos cofrinhos tilintantes que suas mulheres estendem a eles em súplica. Para poderem se reconcentrar e em seguida passar a perna em seus parceiros de

negócios. Sobre o salgadinho nas bandejas, há mulheres curvadas, rindo, e logo os cavalheiros despencarão nos cantos do sofá, onde elas, caindo desfalecidas, fendem os ventres, suspendem seus paus à luz e, o mais rápido possível, fogem daqueles por elas encantados. Como anseiam os homens que seus tiros possam chegar ao longe, ao que nada detém, ao que entretém! As mulheres, marcadas da permanência de seus filhos dentro delas por estrias marrons, precisam se servir, nuas como no nascimento de seus pequenos mamadores. As pesadas taças de vinho balançam sobre as bandejas, e seus senhores celestiais abraçam-nas por trás, pela frente, por todos os lados, dedos se movem para dentro e para fora, bocas sugam entre as coxas e espatifam o brinquedo preferido delas, sim, agora elas descansam até não mais poder, essas companheiras para todas as horas de amor e os muitos cavalos-vapor que foram ter com elas. Está destruída a obra de alguns cabeleireiros, criaram-se novos detritos para as faxineiras, e então vão todos embora de novo, descontraidamente em seus automóveis como nos braços amantes de suas mulheres. Quem afinal fará cerimônia diante de seus próprios bancos de automóvel? Somente chocolate não se come ali. Essas manchas que sobram, exclusivas, de algo que nos parecia o melhor muitas vezes não saem mais.

Impossível que o homem desaparecesse de repente, ele que tanto se larga ali em sua bela casa, que à noite se veste da escuridão das montanhas e da presunção de seus moradores. Fica-lhe realmente bem! Compaixão seria um desperdício com a mulher. Os poros de seu filho ainda são tão pequenos. A mulher cambaleia sob o fardo de sua pesada felicidade. Se tiver um comportamento ajuizado, ainda lhe suspendem a pena de detenção; mas o descanso ela não pode recusar ao marido. O prato para apreciação sumária já pode ter começado a ferver dentro dele. Assim que chega, parece já umedecer-lhe a fenda. Na maioria das vezes, as excursões da empresa terminam alegremente regadas a bebida, estremece o que é secreto, querem sair ao ar livre suas secreções. A vida consiste mesmo em grande parte no fato de nada querer ficar onde está. Assim, que venha a mudança! Desse modo surge um desassossego, e as pessoas se visitam umas às outras; no entanto,

têm sempre que carregar a si mesmas consigo. Serviçais bem alinhados, eles estão postados diante de suas salsichas do sexo e batem com os talheres na mesa: que lhes seja servido mais rápido um buraco no qual possam sumir, apenas para novamente, ainda mais ávidos, despontarem e oferecerem a novos desnecessitados a sua hospitalidade. Nem mesmo secretárias querem admitir que se sentem expostas à execração pública pelos ataques a suas blusas. Motivo para rir, então. Aqui existem indecentemente muitas, impossível que todas recebam o bastante de ração indecente.

O homem aparece de manhã como uma verdade nua e crua e derruba a mulher. Dá-lhe uma pancada no traseiro, vindo de longe. Os tubos já matracam sobre a borda da banheira, o protetor de assento tremula sobre a privada. Os potinhos balançam, brilhando longe. Ouve-se o silêncio que durou a noite toda na vara do homem. Então ele fala, e não se deixa distrair por nada. Sobre o chão plano está a mulher, em pé, cansada da longa expedição através da noite, e seu ilhós agora pode ser alargado. Já faz tempo que ela se tornou tão íntima quanto uma laminadora, pois até mesmo diante dos parceiros de negócios ela, pelas medidas de comprimento e largura, é motivo de jactância para ele, em curtos e vigorosos exercícios de puxada na barra fixa sobem pelos ares as obscenas salvas de fala do diretor. E os subordinados se calam embaraçados. O homem arranca algo de si, a gente ainda se fala. O diretor enfia a mão no bolso desse corpo que lhe pertence, estão juntos os amantes, não falta nada. Esse homem adora uma conversa fiada e seriam tantas as mulheres no mundo para se enfiar… Daí ser impossível para ele conter-se, esse silencioso abridor de latas, exatamente como a planta em desamparo busca a luz tão logo esta tenha mudado de direção. O filho já toca sozinho de maneira bem agradável quando lhe ordenam. Como esse menino irá tocar o violino para animar as danças, quando ele à imagem do papai com suas tão apreciadas viagens, tiver se tornado um homem e pai! Da longa incômoda amamentação o filho não consegue mais, absolutamente, se recordar; de todo modo, continuará tendo saciadas todas as suas exigências. Por tanto tempo a mulher se despejou ao filho, e que lição ele tira disso? Que é preciso ter perseverança, conforme o céu

se mostra, na forma de uma colina que é preciso subir por um belo prêmio.

Não, essa mulher não se engana, esse filho ela já perdeu há muito tempo, até que ele amadureça e então se vá. E o pai a puxa com força em direção à luz, ela precisa se abrir para o trem expresso, que vem reboando. Todo dia a mesma coisa, até paisagens se mudam, ainda que por tédio, por causa das estações do ano. Assim, a mulher fica imóvel como uma louça de vaso sanitário, para que o homem possa despachar dentro dela suas necessidades. Ele lhe força a cabeça para dentro da banheira e, agarrando seus cabelos com a mão, ameaçando-a: aqui se faz, aqui se ama. Não, chora a mulher, nenhum amor se apega a ela. E o homem já chocalha com seus botões. O roupão de náilon se revira, enrola-se em torno de suas orelhas. Das entranhas vem um ganido, como que de animais aprisionados dando fortes pontapés para sair. A camisola de cambraia, clara e opaca como uma luz de ignição, é socada na bocarra da mulher, e a natureza do homem surge hesitante de fora. A inocente urina deste é despejada. Ao lado da mulher, bem rente, essa urina marulha da fumaça escura dos pelos púbicos para dentro da banheira, passando bem junto de sua face submersa. O esmalte reluz num brilho fresco. Bem depressa cresceu o pinto do homem nesse ambiente amistoso. A mulher precisa tossir, enquanto seus flancos são alargados. O abridor de latas é puxado para fora da pavorosa calça de flanela, e surge um líquido leitoso, depois de o homem, mais ou menos pelo tempo que leva uma mancha de gordura, produzir seu efeito e amorosamente se deixar soar numa nuvem espinhosa de pelos. Cedo demais, o membro sai de seu escaninho para a luz. A mulher, a quem o cu, essa via penumbrosa, foi arreganhado ao máximo, tem que permanecer recuada, parada atrás do marido. Ele lhe faz girar a direção e obriga-a a encará-lo. Vira furioso para si a face dianteira da mulher, obriga-a a pegar em seu declinante cacete, que já recomeça a latejar, claro, ele quer morar dentro de você, amado tempo, e dentro da senhora, amante noite! Ele pressiona os pelos da mulher contra sua ejaculação, contra o resto daquilo que os olhos ingênuos dela devem vislumbrar. Custa-lhes refletir, aos heróis, quando seu trabalho está feito. A

mulher é lambuzada de esperma. Do mesmo modo como lhe construíram uma bela casa, agora não vão querer perder a parceira, e lá fora as pobres casas geminadas dos mais paupérrimos indivíduos, expulsos como que num sacudir de mangas e num enxotar de seus departamentos do sexo, já se encontram à venda às dúzias, já estão disponíveis para leilão público, para serem secretamente incinerados. E o que um dia foi um lar agora se espreme para baixo do martelo dos patrões da comunidade. O que um dia foi um trabalho é arrancado dos corações com brutalidade. Somente pelas mulheres podemos recuperar isso para nós, em moedas minúsculas. Para onde mais elas deveriam ir, as mulheres, se não para aqueles que chapinham forte e exultam com os detritos que lhes saem voando dos dentes como uma baba espumante? Seus geradores criam produtos inúteis e suas gerações criam problemas inúteis. Agora esse diretor parou sua massa crítica a tempo. À frente, ele pressiona o rosto da mulher sobre seu produto íntimo, depois deixa-a lançar olhares sobre sua intimidade. Não é que ela queira se fartar no jato certeiro do homem, mas precisa, o amor o exige. Ela precisa mandar tratá-lo, lamber até que fique limpo e secar com os cabelos. Jesus outrora venceu essa corrida, foi enxugado por uma mulher. Finalmente a mulher recebe uma pancada no traseiro: para tornar a fechá-la, grosseiramente a mão de seu senhor corre por entre seus sulcos e fendas, sua língua lambe-lhe a nuca, os cabelos da mulher são jogados para dentro da banheira, seu clitóris é puxado com força, de modo que os joelhos se fecham à frente e o cu salta para fora como uma cadeira dobrável, e muitas outras pessoas também seguem o Seu comando.

Sim, o que vamos fazer com o menino enquanto isso? Este se põe a considerar, nesse meio-tempo, um presente que gostaria de ver comprado, para não ter visto nada de secreto dos entrançados pais. Em cada loja que esse menino vislumbra quer levar cortada, fresquinha, uma fatia de vida (de coisa viva, das coisas boas da vida). Esse menino executa todas as peças traiçoeiras. É da última geração, essa para quem só as coisas mais recentes é que são boas o suficiente. Em breve, porém, também ela se irá, senão como prosseguiríamos?

O pai descarregou um monte de esperma, a mulher deve remover tudo muito bem. O que ela não tira com lambidas deve tirar esfregando. O diretor desveste para ela os restos de sua roupa e observa-a varrendo e trançando e tecendo e torcendo retalhos. Em algum momento, os peitos caem para a frente, e então balançam diante da mulher, enquanto ela escova e renova. Ele espreme os mamilos entre polegares, indicadores e dedos médios, e então gira-os como se quisesse rosquear uma lampadinha de lanterna Microcosmos. Ele bate com o bucho colérico, pesado – que na frente, uma janela clara para o céu, aparece no recorte de sua calça – por trás, contra as coxas da mulher. Quando ela se inclina, tem que abrir bem as pernas. Ele agora pode agarrar-lhe a figueira toda com uma mão e deixar os dedos correrem, caminhantes, furiosos. A propósito, quando ela já tiver aberto as pernas como tampas, logo vai poder ficar em pé em cima dele e mijar-lhe na boca. O quê, ela não consegue? Atiremos seu joelho para cima e encontraremos batendo palma (aplausos! aplausos!) seus lábios vaginais moles, que logo irão se abrir mastigando baixinho, e nós homens temos que imediatamente socar a mesa com o canecão de cerveja. Se ela então ainda não conseguir mijar, puxemos todo o seu sexo feminino para baixo, agarrando nos pelos pubianos, até ela se dobrar de joelhos, esticada ao máximo, mergulhando na caixa torácica do senhor diretor. Como uma bolsinha aberta, ele mantém-lhe a vulva separada nos pelos e a esfrega pelo rosto, para poder lambê-la rudemente, um boi no domo de sal fresco, e as montanhas estão mergulhadas em fogo. O fardo da lenha repousa sobre os homens. A urina destes murmulha coisas incompreensíveis, e as mulheres ainda a absorvem com seus trapos com bom poder de sucção e até mesmo com Ajax.

A mulher bebe um resto de café frio de sua xícara opaca. Como se fosse fugir, ela mais uma vez se cobriu com uma meia-calça fina como um sopro. Nenhuma ali está tão bem quanto ela. Sobre sua cabeça pende a tranquila garra de seu senhor, para que ela se sinta em casa na jaula de fera. À noite, mesmo o diretor já começa a sorrir para a Cansada, localizando seu alvo. Mais tarde, ele rebentará contra ela, tem que permanecer o primeiro nessa caixa

econômica austríaca! A mulher estende a mão e agarra o vazio, onde se estragam os alimentos, como se quisesse sacudi-lo para fora de onde ela jaz e repousa. Assim eles sempre se perderão um ao outro na larga tribulação da estrada que há de lhes tornar acessível o trem dos horrores, funicular da vida conjugal. Essa mulher é invejada pelos moradores do povoado, como ela se veste bem. E a sujeira de sua casa é aspirada por uma mulher que foi contratada para limpar, encontrada na lista telefônica dos moradores do povoado, que, afinal, só querem mesmo viver fraternalmente. O filho nasceu de fato tarde, mas não tarde demais para que pudesse se tornar mais um adulto queixoso. O homem grita, em seu desejo, a mulher se aninha nele, para que ele venha a balançar sua vara e adquirir simpáticas coisas caras para a casa. Um novo trem, para que possa ser utilizado nas estações onde os dois vão esfregar seu bem-aventurado sexo. Mas ninguém pode fazer mágica. Quando o homem desperta de sua embriaguez, logo se curva para agradar à mulher. Ele é bom. Sim, ele paga, ele tem pago tudo o que você vê aqui reproduzido em cores. Enxugue as suas faces!

À noite, os pratos dos dois encerrarão em si algo despatriado. As refeições terão sido apresentadas uma à outra apressadamente e já devem fazer o favor de se misturar logo nos corpos. E como se dão as coisas debaixo de alguns tetos! A comida nesta casa não é importante; para o homem, precisa ser muita, para que o forte caia sorridente e ceda. Salsichas e queijo à noite, vinho, cerveja e aguardente. E leite, para que o menino esteja protegido. Ele é o ingrediente e o incremento que faltava sobre a lenda de que a classe média para baixo está assegurada e para cima encontra-se sob proteção natural (sob a proteção da natureza). E, para sermos mais precisos, protegem-na aqueles que estão por baixo, para que ela não despenque nas profundezas do abismo.

Logo cedo pela manhã, o homem já se aliviou. Grandes massas se formam sob ele, e ele ainda estava juntando muito no garfo e sobre os ombros. Espalha urina ao seu redor. Pode-se ouvi-lo em toda parte sob seu teto, o modo como ele rebenta com seu pesado pênis nas paradas para descanso de sua mulher, onde ele finalmente pode se esvaziar. Aliviado de seu produto, segue outra

vez em direção aos menores dos seres, que sob seu comando criam o próprio produto. O papel que eles fizeram lhes é estranho e também não continuará existindo por muito tempo, enquanto seu diretor rolar gritando sob as estocadas de seu sexo, que lhe é familiar. A concorrência aperta contra as paredes, é necessário saber antes mesmo quais são suas intenções secretas, senão novamente será preciso desfazer-se de algumas pessoas felizes e libertá-las do sustento de sua existência. Assim esse homem mete os pés na natureza e carrega nas costas a responsabilidade, para ter as mãos livres. Exige da mulher, que ele rege e o regenera, que ela o aguarde nua sob o manto da casa, quando ele exclusivamente para isso percorre os vinte quilômetros de volta para casa. O filho deve ter sido removido. Ainda ao pisar o degrau para entrar no ônibus escolar, ele caiu por sobre seus equipamentos esportivos, pelos quais aburguesadamente se apaixonou.

A mulher desperta apressada da cálida bandagem de compressão da tranquilidade na qual se refugiou. Ela suspende tudo o que o filho lhe administrou ainda rapidamente antes de partir. Do resto a governanta cuida, ela que já viu e suspendeu muita coisa do chão nesta casa. Quando o filho ainda era pequeno, às vezes a mãe ia com ele de carro ao supermercado, gentilmente acompanhada pelo proprietário ao largo do bando de donas de casa esperando para ser atendidas. O filho ficava sentado dentro do carrinho de compras, que corresponde aproximadamente ao ventre materno, e com que prazer se mantinha ali dentro! Ora, os carros velozes frequentemente têm buracos nos lugares errados e mesmo assim são mais amados do que a própria família dos que acabaram de completar dezoito anos, que, morrendo ainda agarrados a eles, fogem dos pais e da casa dos pais. E então esses dispositivos de proteção, mágicos, magnéticos, nas roupas novas, oh, se o ser humano também os tivesse! Para ele não se destacar de si quando admira o que vê à frente e que não tem. O sexo deve ser protegido de doenças, como a mulher protegida do mundo, para que não olhe desprevenida pela janela e não saia a andar pela vida e queira mudar sua vida. Sim, afinal somente as roupas são protegidas pelas lojas de departamentos. A campainha grita estridente, se alguém

desautorizadamente rompe o bloqueio com elas, para, sempre em trânsito, caminhante, olhar dentro do mudo reino dos mortos e das variedades de café. Aí nós já preferimos entrar descalços e malvestidos em nossos sexos e morar ali em meio a nossos próprios detritos; pelo menos não toleramos nenhum outro veículo em nossa frota. Assim mantemos a vida eternamente em ação, onde o vento atravessa e para onde nós mesmos somos atraídos e arrastados, por um rosto amigável no qual vemos o nosso horrivelmente espelhado.

Essa mulher comprou ainda na semana passada um terninho na butique. Ela sorri como se tivesse algo a ocultar e, no entanto, tem apenas o mudo reino de seu corpo. Três pulôveres novos ela esconde no guarda-roupa, para não dar ensejo à desconfiança de que estaria querendo com seu sulco sangrento preparar para si um novo maio. Porém, ela só colhe o bom fruto dinheiro da árvore de seu marido. Não há mais nenhuma agradável folhagem a forrar as árvores. O homem lhe controla a conta, e outra vez milhares de árvores bramindo ao vento são vitimadas por seu machado. O orçamento da casa é pago à mulher, mais até! Ele na verdade não acredita que ainda tem que pagar pela confortável cadeira de balanço na qual ele, um menino satisfeito, descansa seu caule e se deixa esticar. A mulher se encontra sob a proteção do sobrenome de sua sagrada família e sob o escudo das contas dele, sobre as quais ele periodicamente informa. Ela precisa saber o que tem ali. E, inversamente, ele sabe do jardim dela, que, sempre aberto, é apropriadíssimo para revolver e dormir. O que é da pessoa também tem que ser usado; senão, para que é que nós o teríamos?

Tão logo a mulher é deixada sozinha, já se veste com seu préstito de moeda, valor monetário e desvalorização monetária e sai, com suas firmemente rosqueadas garantias, para passear um pouco. Como uma sombra, ela desliza através do mar de gente que produz o papel onde dança o seu barquinho da vida. Sim, o mar que prazerosamente também a nós vivos sepulta! Porque atrás aguarda a multidão dos desempregados estúpidos, que ficam à espreita da chance de alguém finalmente registrar sua pegada. E nós? Vamos continuar voando? Para isso precisamos, nós superinteligentes,

primeiro subir mais alto e nos deixar cair como chuva. Porque Deus ajuda quem cedo faz chuva. A mulher leva a mão, sua roupa multiúso, aos olhos. Logo marido e filho terão de novo que ser cobertos com produtos alimentícios. O que será hoje à noite, uma vez que o homem, compacto, recarregado e saído de fábrica, não descansará? Pelo contrário: descerá deslizando da esteira de produção. Zelosamente como uma mãe, ele criou a si dentro de sua garrafa de vida. E à noite quer se soltar. Ele borbulha. Hoje à noite, por pouco não esquecemos, é o momento previsto por lei, e a mulher aguarda com seu lenço bem absorvente para recolher tudo o que o homem produziu durante o dia. E as outras pessoas esmorecem à sombra e sepultam vivas suas esperanças.

Esta paisagem é bem grande, é preciso que se diga, uma algema frouxa em torno de nosso destino envolto em névoa. Dois rapazes se perseguem sobre bicicletas motorizadas, no entanto a neve rapidamente põe fim às suas manobras. Tombam, caem. A mulher ri de repente. Pelo menos uma vez ela gostaria de ir em frente resoluta. O marido hoje exibiu seu trunfo no corpo dela, como se tivesse chegado em dupla e gozado em dobro. Espere mais um pouco pela noite, até você entrar no circuito elétrico! Agora um contrapeso de aço, aproximadamente do tamanho de um telefone, puxou o homem para o escritório. Em meio a pedras esvoaçantes, ele avançou até a cadeira de sua mesa de trabalho, onde traça destinos, e diante de sua tela, onde passa uma corrida de esqui. Também ama o esporte – isso o filho aprendeu com ele. Do contrário, as pessoas se embalariam pacientemente em suas camas, não se veria atividade física vinda da tela e muitas vezes até mesmo de seus próprios pés e corações. O homem sente os mais finos pelos se colarem à pele, quando sai em disparada pela estrada vicinal. Tão rápido dirige. Ele farfalha como num traje nacional, quando chama por alguém. O coro também em breve terá que se pôr a postos.

Domingo, como exemplo da vida social que impera na tropa, eles vão à igreja. Em seguida, abastecem-se de suas barricadas, nas quais existem, contentes, graciosos, livros e lembranças para sua criadagem. Nem mesmo médico e farmacêutico deixam de ir ao

Papa e à mãe de Deus. Não invejam o trabalho de ninguém: eles se espremem, brotados de escolas mais que superiores, cuidadosos e bem cuidados, para entrar no restaurante. Ali, ficam um tempo e animam uns aos outros. O médico inveja a farmácia do farmacêutico, que ele próprio gostaria de dirigir com lucro. O farmacêutico tem a oportunidade de ver as pessoas, recém-saídas da balança do médico e com o excesso de peso diagnosticado na pressão sanguínea. Ele espalha abundantemente suas fórmulas sobre os desempregados da região, para que eles voltem a ficar contentes e brincar satisfeitos com os dedos dos pés em frente às suas casas. Suas mulheres cuidaram da comida e também se oferecem à vontade – como sempre, aliás. Essas não se deixam riscar do cardápio. Para que não falte nada aos homens e eles não fiquem em falta com o encarregado do Nada. Alguns vão embora, ainda há pouco estavam familiarizados conosco.

A mulher do diretor puxa – e nisso se assemelha à pressão que repousa sobre a funcionária de banco (a cada dia um vestido diferente) – várias vezes no mesmo dia uma cortininha recém-lavada, um véu de nuvem entre si e as cabeças ansiosas das mulheres do povoado, nas quais ela está mais segura que na sua própria sala de estar. O diretor fala com o filho, que sem querer dá pulos para o alto, para que depois o deixem ir à casa de mais um amigo. Esse menino não está autorizado a selecionar seus amigos até a saciedade, porque os pais dos amigos comerão o pão DELE! Esse menino marcha adiante sobre a terra e manobra os outros como a seus carrinhos de brinquedo. A mãe acompanha ao piano tudo o que encontra à disposição, e lá fora cabeças afundam desanimadas nos peitos umas das outras. Compraram para si o que viam com o olho, maior que o estômago, e agora o povoado se distrai nos leilões de edificações, que foram surgindo com demasiado atrevimento diretamente no chão. Embrulhadas em uma gana delicada, lavados como uma lã delicada, assim ficam elas diante dos guichês de banco, atrás dos quais filhos felizes brincam com suas blusas brancas e dinheiro alheio, e despejam o destino delas e de seus casebres do envelope com os pagamentos no fluxo de juros com sua vasta torrente. O diretor do banco olha para baixo,

e fica tonto, assim como as pessoas iludem sujeitos tontos com seus rendimentos, para não terem de entregar as casinhas que elas mesmas construíram. O que elas em outros tempos amaram ele ainda vai ter de lhes tomar, com elas tão próximas da linha de chegada. Ele vê no espírito seu todo sofrer, quando ele, que não é um ser desumano, olha para dentro de suas janelas. Nesse gélido lugar, os pobres brigam. Estalam as pistolas de abate e as espingardas de caça (com água nos canos, que zunem). Enroscam-se em torno dos jogos da vida as cordas. Rejubilam-se, satisfeitos como peixes, os bancos Raiffeisen, que gerem e veem se degenerar o dinheiro dos moradores do povoado. Uma eterna festa rural para as corporações agrárias, que não querem conhecer cada um daqueles que elas lotam de laticínios passados e queijo funesto. Mesmo do mais humilde de seus membros eles tomam as maçãs dos olhos e a menor coisinha de nada. Até que alguém decide derrapar e sai como um assassino a esvoaçar gritando ao redor do ninho com a família morta. Como ele, um tão pequeno recipiente, ia querer abraçar tudo isso? Somente um jornal de formato pequeno ousa se apossar, por um punhado de xelins de nossa carteira mirrada, da poderosa vida das pessoas atingida por algo terrível.

O que se vê pela janela muitas vezes também está bem crescidinha, essa moça Natureza. O homem, até por prazer ainda um funcionário público, segue uma necessidade humana – não confundir com a desagradável necessidade de um humano! O diretor está ali como uma paisagem, porém possuído, assentado pelo espírito do desassossego. Ele passou seu queijo fundido numa camada bem homogênea, e o que vê no rosto da mulher? A face humana de sua ditadura? A mulher parece apagada com a recém-comprada *lingerie*, na qual ela, atendendo ao pedido dele, se movimenta como se estivesse dentro de uma nova organização territorial. O dinheiro joga com as pessoas. Às vezes, o arrependimento apanha o diretor num momento de lucidez, e ele lança seu rosto grande no avental da mulher. Logo em seguida, já volta a bater-lhe a cabeça contra a borda suja da banheira e verifica se o caminho recém-aberto com uma pá alcança até sua portinha escura, atrás da qual ela sentada sobre o colo de si mesma se

embala, uma mulher mimada, a qual se pode tranquilamente folhear até seu bom final. Como devem viver, afinal, os desempregados no mundo, se não tiverem tais romances baratos como modelo?

Esse diretor, que fala calmamente aos seus empregados e em troca manda-os cantar músicas, joga sua peça de mercadoria no ventre da mulher preferencialmente ao longo do dia, no claro. Gosta de observar sua saúde enquanto cresce. A mulher implora para que, pelo menos diante de seu filho, esse animal grosseiro, que até o último momento pode, de modo inesperado, irromper do canto de seu ringue, que tenham alguma precaução. Silenciosamente, no exato momento surge o filho, cria dessa mulher, olha um pouco os pais na degustação (o modo como eles se agarram nos pratos sobre seu *buffet* variado e asseado) e torna a desaparecer, para torturar com seus acessórios esportivos, seu falatório esportivo, os filhos da vizinhança, que têm que crescer sem paraísos artificiais, artísticos. O filho amadureceu ao sol como uma fruta. Seu pai, inteiramente conforme o ponto de vista que você tem, mergulha com um salto de cabeça para dentro da mulher. Palavras não são suficientes para descrever isso. Queremos ver atos e temos que pagar na entrada do estabelecimento e nos despir de nossas necessidades que marulham permanentes como água.

Se é fato que as pequenas casas têm que ir dormir mais cedo, nas grandes ainda imperam vida e eletricidade entre os sexos. E, já que estamos falando de água, a água corre por seus corpos num suor cheio de apetite. Estamos a sós em total privacidade, porque mesmo em público não precisamos fazer cerimônia. Tendo eles, amantes, se encontrado um ao outro, então se balançam agradavelmente sobre as bebidas que brotam de suas garrafas com rótulo dourado e, dentro de si, estão em casa. Encontram paz um no outro, depois de terem excitado seus sexos, e são para si uma e única coisa. Arrancaram-se do pó, e enquanto ao redor os pobres morrem, os melhores criam para si seu tácito direito de ter novamente uns aos outros todo dia e se desfrutam. Forças suficientes eles afinal pouparam em seus cofres e calças e corações, para poderem morder com força o pêssego que acabou de florescer tão belo. Tudo pertence a eles, e até mesmo o sono

ainda os adula por trás de suas pestanas fechadas, uma vez que não se pode ver seu piscar cobiçoso. Não podem permanecer nunca despercebidos pela pessoa amada, e assim saem em disparada todo dia para colher novas roupas e contas e, entrando cambaleantes com todo o aparato que interceptaram dos extraordinariamente ricos, dos que a tudo extrapolam, eles se tornam estranhos e diariamente frescos e novos para o amável indivíduo que são, têm e desejam manter. Os fracos, porém, moram uns com os outros, pois são aquilo que nós não queremos ser, e ainda acham que não haveria nenhum lugar melhor para habitar e que só podem se habituar a seu próprio alimento. De todo modo, também não conseguem mais nada para degustar e são acordados antes da hora. Nunca é demais aquele um que se torna vítima de seu trabalho. Esses são autossuficientes; nós, no entanto, queremos mais! Um fuzil de assalto! Andar na luz e, se tivéssemos que acender nossas lanternas, cujo facho basta precisamente para duas pessoas do bom rebanho distante: que estas sejam justamente nós!

III

Num silêncio de sorver, o homem empurra a foto de sua mulher para dentro da fenda do observador. Em calafrio, os bosques tateiam em busca da casa onde as imagens dos vídeos, um rebanho carregado de animais capazes de procriar, deslocam-se pela tela diante de testemunhas oculares. Em suas algemas, as mulheres são puxadas para dentro da foto, só que seus hábitos diários são mais implacáveis. O olhar da mulher avança por sobre a planície de imagens, ela todo dia tem que percorrer com o marido, até que ela própria precise se recolher. De modo algum vergado por sua profissão, que responde integralmente por ele, o diretor continua vicejando, suga-lhe as tetas e fendas, clama pelo início da noite e da sessão noturna. Assim verdejam também nas encostas de montanhas imagens vivas, e os alpinistas entram nelas com seus calçados aderentes.

A inesperada entrada do filho toma a forma de uma tragédia equiparável à do clima local. Como um veículo de lançamento, o filho dispara, direto e eufórico, quarto adentro, onde a tela marulha e libera seus fluidos pelo espaço. Ele ainda capta a tempo, com seus olhos inocentes, os corpos em sofrimento, quando eles, ganindo como abismos feridos, vêm visitar um ao outro, e os homens com seus aparatos criadores, artífices de seu prazer, ecoam no interior da mulher. Somente seus corpos e cabeças ficam para fora e inventam novos ventres maternos, de vidro, para olhar dentro. Imediatamente o pai manobra para descer da mãe, depois de, peidando com seu motor rudimentar, ter engatado a marcha a ré e feito uma curva em direção ao tapete. O menino se faz de desentendido, só que na verdade já é, sim, um consumidor que sabe eleger e remexer. Como folhas, suas necessidades voam na memória, seu gosto está mal acostumado pelas fotos imortais dos catálogos de esporte das lojas de artigos esportivos, que convidam

o cidadão do Estado a um brinde: Saúde! Tudo pertence a ele e a seus queridos pais, a quem por sua vez pertence o filho. A mãe se cobre grosseiramente como se usasse feno. Chamar o mal de Pai o menino já aprendeu, mas papai para todos os efeitos e para todo o sempre compra as cestas de produtos, os montes de banha, e mantém o filho amarrado em cordas douradas. Como se o menino não tivesse notado a natureza de sua mãe, igualmente repousando sobre laços no sofá, ele lê para os pais uma lista cheia de objetos que deseja ganhar e que concorrem uns com os outros. É possível andar com ele sobre areia, cascalho, pedra, água, gelo, neve ou um tapete persa! E ele deve ser comprado para que se possa naquela paisagem olhar para casa de longe. A mulher se distrai em suas algemas. Debate-se com as pernas e mantém os olhos voltados para o incerto de seu filho, o que será dele? Uma jovem águia carcomendo um automóvel pequeno? Rachando o peito de um ser humano com bicadas? Que no *slalom* metido atrás de casa, para divertir e, com isso, fazer com que as pessoas se acostumem a atalhos, possa se deixar vencer? Tudo o que essa criança e esse homem desejam para si é, a seu modo, perigoso. A mãe tenta, com os dentes, puxar um cobertor por sobre os mamilos nus, nos quais ainda há pouco o pai dava mordidas. As imagens na tela são subitamente embaladas e aquietadas. O menino entrou. O menino quer ganhar um trenó motorizado, que no entanto é proibido pelo Estado nesse lugar. O cliente tem uma exigência a fazer: a mulher precisa ter a aparência condizente.

O diretor quer a todo momento, mesmo durante o expediente, poder ligar para casa, para checar se estão pensando nele. Ele é inescapável como a morte. Estar sempre pronto para arrancar-lhe o coração, colocá-lo sobre a língua como uma hóstia e mostrar que também o restante do corpo está preparado para o senhor: é o que espera de sua mulher. Para isso, ele a conduz no cabresto e a submete às suas lentes, sob suas sobrancelhas. Ele vê tudo e tem direito a vistas, pois seu pau desponta bem afiado e nítido em meio a seu canteiro espinhoso, e os beijos incham em seus lábios. Mas primeiro ele precisa olhar tudo com atenção, para ficar com apetite. Afinal, come-se com os olhos, e nada fica oculto exceto os olhos

ariscos dos mortos dos céus que eles afinal haviam desejado. Por isso o homem quer oferecer à mulher o céu na terra, e ela às vezes prepara o jantar que será oferecido. Pode-se exigir dela, muito bem e prazerosamente, três vezes por semana, sua famosa torta de Linz, e o homem também pode venerar o famoso morto de Linz, no quarto dos fundos da pensão, onde as pessoas se alegram com a bênção da história, de poderem se repetir, e ao mesmo tempo beber umas e outras, o olho fixo no fundo do copo, tentando adivinhar qual será a próxima do governo.

O diretor é tão grande que é impossível contorná-lo todo num só dia. Esse humano é aberto para todos os lados, mas principalmente para cima, de onde vêm chuva e neve. Ele não tem ninguém acima de si, somente a matriz do grupo, da qual de todo modo ninguém é capaz de se proteger. Porém, diante do lado cortante e ardente da mulher, pode-se despreocupadamente abrir sua torneira e esguichar. Agita-se como um peixe a mulher, porque amarrou as mãos uma à outra enquanto o homem lhe faz cócegas e lhe espeta um pouco com agulhas. Ele fica ouvindo dentro de si, onde armazenou seus sentimentos. Palavras, como folhas, caem do vídeo na tela e vão ao chão diante dessa Humanidade de um homem só. Envergonhadamente protetora, a mulher olha para uma planta morrendo no parapeito da janela. Agora também o homem está falando, grosseiro como o caroço da fruta, que, no fundo, é bom. Não tem papas na língua. E, enquanto seus ares e humores desfilam, ele fala ininterruptamente do que faz e do que não pode deixar de fazer e, com garras selvagens e dentes mansos, garante para si acesso ao local de trânsito para ainda poder meter sua colher e acrescentar mostarda em sua salsicha. O sexo de sua mulher, uma floresta de onde os sons voltam para ele num eco furioso.

Nos últimos tempos, também proibiu sua mulher Gerti de se lavar, pois mesmo o cheiro dela lhe pertence inteiramente. Ele anda furioso em seu pequeno bosque, entra estrondoso com seu pesado bico de pão nas vagas de estacionar dela, e com isso ela muitas vezes fica totalmente inchada, que droga, que desgraça. Desde que não ousa mais, por meio de anúncios de troca de casais, atrair

pessoas desconhecidas e divertidas e cheias de lascívia, ele mesmo se tornou sozinho o favorito sob os ventos que passam por baixo da saia de sua mulher. Como um fio, essa mulher deve carregar atrás de si seus cheiros, de suor, urina, merda, e ele averigua se o ribeirão também continua obediente em sua cama se ele o exigir. Esse monte vivo de detritos onde os vermes e ratazanas cavam. Colérico, atira-se dentro e acelera seus tempos, que o levam rapidamente à outra extremidade, onde ele se sente em casa e também quer ficar à vontade de novo – e soltar mais uma vez um peido ou fazer saltar um peixe. Ele lê os jornais. Arranca a mulher do charco do travesseiro onde ela se encontra e logo a arromba. E tem hoje todo o agradável ser da mulher para brincar com as tetas e para tremer diante daquilo que mais uma vez aprontaram com seu membro, sentado no sofá.

Agrada-o que essa mulher, a mais bem-vestida do lugar, deva perambular na própria sujeira. Ele lhe dá um tapa furioso na cabeça. Na santa transubstanciação, fez o corpo da mulher se reformar para assumir as proporções do dele. Isto é um recipiente, destinado à remoção, e também ele é enchido repetidamente durante a noite, essa loja de autoatendimento, essa loja em miniatura para crianças, onde se pode ir despreocupado fazer xixi. Com a chave do portão da casa, já se adquiriu o direito ao prato do dia e pode-se prolongadamente puxar o clitóris ou bater a porta do toalete, a Pátria Católica Romana se curva, mas manda as pessoas para a orientação a gestantes e para se casarem. E a casa tem que piscar SOS enquanto a mulher é posta em uso. Mais tarde, será aberta uma garrafa de vinho selo Colheita Selecionada, e aí se poderão ver na tela descontraídas pessoas selecionadas, sentadas frente a frente para sua genitália, se olhando por dentro, sacudir a maçaneta e *vapt-vupt* derramar-se. Sim, estamos ávidos para olhar, mas outros olham para nós e mastigam palitinhos salgados ou as protuberantes salsichas dos cavalheiros ou as protuberâncias carnudas das damas.

Talvez o menino fique para dormir amanhã nos vizinhos, que têm uma casa exatamente semelhante, só que menos. O homem quer conduzir sua carroça selvagem para dentro da lama da mulher, que

se agarra à técnica de respiração e logo se joga de lado, para escapar daquele pau, que ruidosamente invade o mato baixo de sua roupa de baixo. O corpo do homem, com canto e música, tem subjugado as mais diferentes pessoas, formando com elas pequenas porções e congelando-as para mais tarde, quando serão usadas no mercado de trabalho ou no coro das leis de mercado. A lua brilha, as estrelas aparecem todas também, e a pesada máquina do homem vem de longe para casa, divide as ranhuras que ela rasgou com seus dentes, faz a grama voar como espuma pelos ares e a mulher se encharcar.

VI

Trabalha os seus músculos, essa mulher – transtornada, não encontrando a saída de emergência de suas lembranças – ao longo da cerca junto a um velho abrigo de materiais dos Bombeiros Voluntários. Ela corre livre, sem trela. A louça por lavar está varrida de seus pensamentos. Agora ela não o ouve mais, o conhecido tilintar e soar dos sininhos presos à sua rédea. Ela se ergue como centelhas lambendo o vento ao seu redor. Assim deixa para trás a alegre companhia de seu marido de patentes habilidades, na verdade para o que der e vier, e que continua crescendo, pisando descuidado as chamas que brotam de sua genitália, bem como a companhia de seu filho patenteado pelo professor de violino, onde ambos podem soar e chorar juntos. Diante dela, somente a gelada ventania da montanha; o espaço está coberto por poucas finas torrentes de atalhos que levam à floresta. Vem o crepúsculo. Em suas celas, as donas de casa sangram do cérebro e do sexo ao qual elas pertencem. O que elas mesmas criaram agora ainda têm que cuidar e manter vivo com seus braços, pobres, de todo modo já sobrecarregados com suas esperanças.

A mulher se desloca para o canal de gelo no cânion, desajeitada atravessa os torrões congelados. De quando em quando, através de uma porteira de curral aberta, expõem-se animais, logo em seguida nada mais. Estão com os orifícios anais voltados para ela como crateras de lama pulsantes. O camponês não se apressa propriamente para raspar-lhes das patas traseiras as necessidades. Nos currais para animais de criação intensiva das regiões mais ricas, eles recebem do jugo, o treinador de vacas, impulsos elétricos por cagarem errado. Ao lado dos barracões, umas míseras achas de lenha que se aninham junto às paredes. O mínimo que se pode dizer nesse caso sobre humanos e animais: a neve faz ambos amolecer e se aconchegar juntos no mais miserável abrigo. E

plantas esparsas, a seção de ervas resistentes, continuam se empurrando para fora, rumo à luz. Ramos cobertos de gelo brincam com a água. Ir encalhar justamente ali, onde até mesmo o eco se parte, nessa margem amassada em gelo! Na natureza está incluída sua grandeza, algo menor do que ela nunca seria capaz de cair em nosso agrado e não instigaria nossa mania de agradar os outros comprando para nós um *Dirndl* ou um traje de caça. Assim como fazem os veículos em relação a países distantes, nós nos aproximamos, como corpos astrais, do interminável desta paisagem. Simplesmente não podemos permanecer em casa, uma hospedaria está estendida para nós, para que nossos passos encontrem um apoio e a natureza seja posta em seu devido lugar, aqui há um viveiro para corças mansas, ali um atalho com informações sobre espécies botânicas do lugar. E logo já somos conhecedores de novo. Nenhum rochedo há de ainda nos atirar furioso abaixo, agora; pelo contrário, nós vamos olhar para a margem, que está sarapintada de caixinhas de leite e latas de conserva, e começaremos a conhecer os limites que a natureza colocou para nosso consumo. Essa mancha pálida de sol no céu, e sobre a terra só restando poucas espécies. O ar está muito seco. A mulher… enregela o hálito que lhe sai da boca, que ela cobre com uma ponta de seu roupão de náilon rosa. Em princípio, a vida está em aberto para qualquer um.

O vento lhe extorque voz. Um grito involuntário, não muito selvagem, lhe é extraído dos pulmões, um som surdo. Tão desamparada quanto a lavoura do filho de quem são derrubados os sons, mas que se acostumou bem com isso. Ela não pode socorrer seu amado filho contra o pai, pois é o pai quem, afinal, preencheu a ficha de pedido dos extras como música e turismo. Agora isso está para trás. Insolente, agora o filho, uma joaninha de plástico virada de costas na bandeja de plástico de um trenó onde ele é servido fumegante, deve estar se lançando na direção do vale, do crepúsculo. Em breve todos estarão em casa, comendo, ainda prenhes do sobressalto do dia, que eles dão à luz sobre as tábuas do assoalho. No final, o menino ainda fede a cueiros! A pior merda! Que os filhos existam e passem, transcorram como que sozinhos,

como o tempo é responsabilidade de mulheres que socam a comida em suas pequenas criaturas à sua imagem e semelhança – ou às de seu pai – e mostram de novo onde fica a saída. E com seu aguilhão o pai empurra seus filhos para fora, para a pista onde ele tem o poder de se tornar o Senhor dos Desgovernados.

O punho bate absurdamente a mulher contra o corrimão. A última tapera já ficou para trás há muito tempo. Um berreiro de criança indicava bem claramente como é boa a vida no lar quando se deixa envolver pelas relações. De olhos abertos, a mulher tem que seguir sempre por caminhos diferentes. Ela sempre tem sido pressionada a sair do tubo de sua residência para o ar livre. Com bastante frequência tem estado sumida e algumas vezes foi parar no posto policial. Ali lhe foram oferecidos para descansar os braços dos funcionários; com a pobre gente que se deixa descansar por tempo demais no restaurante, eles lidam diferente. Agora nossa Gerti está calada em meio aos elementos que logo estarão deitados sob os astros. O filho, que ficará para trás dela como herdeiro, espreme-se impertinente na pista percorrida pelos outros e na corrente de vento do percurso. Pressagos preferem não cruzar sua órbita, mas a mãe viaja, atraída pela vontade dele, de vale em vale, para lhe comprar algo. Agora está como que mergulhada num sono. Ela se foi. Os moradores do povoado acariciam-lhe a imagem atrás das vidraças e tentam deparar-se com ela, a fim de que lhes lance uma palavra favorável para dentro de sua fenda. Seus treinamentos no método Orff para crianças pequenas, dos quais as menores tentam se safar amiúde, com dificuldades para respirar, garantem aos homens seus pais aquelas suas vagas na fábrica. O filho é deixado como penhor. Elas rascam e matracam com queixadas, flautas doces e tzintaratuntuns e por quê? Porque a mão de seu bondoso pai de albergue e de sua fábrica (aquele teto) os atrelou como iscas na depressão do vale. Às vezes o diretor passa e põe as meninas pequenas no colo, brinca com a barra de suas saias e graciosos vestidinhos de boneca de aquecer bule de chá, em cujas águas rasas ele ainda não ousa propriamente vadear. Mas tudo acontece sob suas ordens, as crianças matracam com as raízes aéreas de instrumentos musicais e, sob elas, onde seus corpos se abrem,

desponta em silêncio, como se estivesse dormindo, um dedo medonho saindo para a clareira. Somente uma hora mais tarde as crianças serão apanhadas de novo na respiração segura de suas mães. Deixai vir as criancinhas, para que a família possa iluminadamente fazer o jantar em agradável estado de espírito, num caminho ensolarado e ao som de bem estupidamente tocados discos de música clássica. E a professora ganha mais um tempo logo que as crianças enchem a sala, fica sentada em total silêncio ali em seu compartimento, por trás de cujas janelas o superintendente da estação movimenta os lábios, até que o trem dela tenha partido.

O diretor aprova tudo o que sua mulher faz, e ela tolera a solícita almôndega de carne dele na saúde dela. Ele chega a parecer espantado pelo modo como seu adubo de húmus integral a todo momento some dentro do buraco silencioso da mulher, como a todo instante seu carregamento estala sobre o deque do barco da mulher. De um sacudir de mangas desta, às vezes cresce assustada uma safra de técnicas pianísticas, para depois voltar a murchar. As crianças não entendem nada, apenas que lhes estão acariciando a barriga e as partes internas de suas coxas esvoaçantes. Esses seres sem musicalidade não aprenderam línguas estrangeiras. De entediados cantos de olhos, eles olham para fora, ao ar livre, onde poderiam se deitar de lado sem serem incomodados. O diretor vem de seu coro celestial, no qual os homens pais das crianças ficam à míngua, e com a ponta dos dedos esse deus trovejante segura firme os morangos, que já cresceram nos berços frios e de duro estofado.

Atiça o homem até enfurecê-lo, até fazê-lo esmagar moscas, essa saliência minúscula que crianças mesmo já têm, e que ele para escalar arrancou com dois dedos da carne da mulher. O fato de a mulher estar ali por si só ainda não lhe basta. Ele simplesmente precisa se expandir dentro dela, pôr os pés para cima e esparramar-se dentro dela. Será que também não gostaria de se esconder e repousar um pouco dentro dela? Às vezes, ainda pulsando dos sons de suas pesadas asas de himenóptero, ele se desculpa, quase envergonhado, perante esse animal brando no qual não consegue aplicar um carimbo, embora já tenha devorado e cuspido de volta

cada milímetro de sua pele. A coisa vai tão longe que a pessoa envergonha-se de seus produtos honrados de casados!

Chega a acontecer de algumas pessoas, como já é quase madrugada, saírem ainda com seus simplórios veículos de povoado em povoado, e de a desova dos alto-falantes estéreo se aninhar a eles com música junto às suas cabeças. Um motorista, frequentador de seu carro, para ao lado da mulher. Suas rodas patinam, espirrando por baixo. A brita grosseira da estrada florestal. A maioria dos homens conhece a biografia de seu carro melhor que a biografia de suas mulheres. O quê, com você é o inverso? Conhece a si mesma melhor do que a pessoa simples que diariamente a recondiciona por inteiro? Que remove suas borrachas usadas como um esfolador de vida? Então você pode se dar por feliz!

Todos os que pretendem varar a noite bebendo, favor levantar-se e dirigir-se ao outro lado! O resto para aqueles que desejem beber a própria noite até o fim, até se inclinarem sobre uma outra pessoa. A noite que só cresceu para agarrar todas essas garrafas: a juventude, que das fraldas de suas revistas ilustradas esperneia e grita. Agora pode finalmente espatifar o recipiente de vidro do qual a aguardente goteja e dentro do qual ela cresceu como pera, e se deixar marcar o dorso da mão nas danceterias e o rosto pelas grades de aço das pontes. Assim caminha o mundo. Diretamente para dentro de nós. Jovens desempregados se esquivam do caminho para o ar livre. Ariscos, torturam animais pequenos dos quais puderam se apossar, em estábulos calados. Eles não são aceitos nas oficinas de conserto e cintilantes salões de cabeleireiros da cidade sede de comarca. A fábrica de papel também finge estar dormindo, para poupar-se a desigualdade (muita contrariedade) social, no caso de os rapazes do povoado virem fazer barulho contra ela, com suas asinhas presas às costas, a cabeça encolhida, porque também eles entre os muitos outros gostariam de mexer a massa na caldeira do papel. Em vez disso, simplesmente olham bem no fundo do copo tentando adivinhar o que os espera. Eles já vestem nos dias úteis suas melhores roupas. Quem tem uma pequena taberna no lar é o primeiro a sair voando da fábrica e fazer em casa para a mulher a maior baderna. Esse parece ser capaz de

se alimentar independentemente e colher plenitude divina. O coração de quem abate animais em caráter privado não pode pertencer inteiramente à fábrica, explica o chefe de pessoal. Ou uma coisa, ou outra. Os filhos ficam doentes. Os homens seus pais se enforcam. Nenhum dinheiro haverá de pagá-lo a eles.

E então esse passageiro, pessoalmente embarcado por seu carro, passa cruzando o chão congelado bem rente à mulher. Ainda que seja tão jovem, já tem um curso superior que concerne à justiça e uma Escola Czerny da Velocidade. Tem até mesmo pais ainda, com os quais não precisa se preocupar, no árido percurso que o funcionário de alto escalão tem que cumprir até chegar a seu robusto posto habitual no cartaz eleitoral do Partido Popular Austríaco. Esse caminho é tão longo quanto o que temos da porta até a calefação e o jornal, que nos deixam tão à vontade nesse Estado da classe média de contribuintes. Os pais compraram aqui uma casa de fim de semana sem maiores preocupações, com contratos de financiamento imobiliário. A casa serve para o repouso, o esporte e o repouso antes e depois do esporte. Esse jovem homem, em contrapartida, é membro de uma corporação estudantil exclusiva, onde a nobreza derrete o gelo dos olhos da burguesia e logo os cola e fecha de novo. O que esse jovem não consegue não é digno de ser mencionado no Jornal dos Destaques da Juventude Esportista Vienense. Sua corporação não é uma prova clara de si mesma, mas está claro que quem desdenha não quer brigar. Impiedosos, os pequenos se engalfinham, mas os grandes deixam suas luzes lumiarem e, em meio às fortes sombras que comprovam sua vinda, avançam sobre as mãos e as cabeças dos outros. E então abrem seus intestinos, e suas asas se inflam com o vento que produzem. Não se vê quando chegam, mas de repente lá estão eles no governo e no parlamento. Os produtos agrícolas também ficam obedientes nas prateleiras, até que, uma vez no estômago, possam fazer agir seu veneno.

A mulher precisa parar. Nevou dia e noite. O ar da montanha dói. Os raios que incidiam através das árvores agora sumiram. O jovem freia tão forte que alguns livros que há muito tempo haviam se voltado contra ele agora caem sobre ele. Eles se agitam no vão dos

pés do banco dianteiro. A mulher olha de lado para a janela e em direção a uma cabeça que ainda ontem à noite se embebedava, como as pessoas desesperançadas daqui, às quais lhes fumega o chão sob os pés. Eles se conhecem vagamente de vista, mas não se guardaram um no outro. O estudante cita alguns nomes caros que ela deve conhecer. As altitudes ao redor brilham sob a capota de neve, que chega até as profundezas, onde se forjam na oficina dos homens os desejos de um novo equipamento de esqui.

À prova de tributos e entregas, o diretor nesse meio-tempo aguarda em seu escritório e não nos ajudará se esmurrarmos sua porta. Eles chegam próximo dele vindos de casa, fustigados pelo pai ou mastigados pelos bois, os meninos camponeses, e já ousam dar o passo em direção à faixa salarial mais baixa da indústria. E não demora nada até que então se deem conta das mulheres e as cumprimentem com fortes latidos, essas que ficam passando esmalte nas unhas nos sinais vermelhos. Eles são nossos desimportantes convidados à mesa posta, para que percebam a tempo o quão inoportunos são para a estrutura da subordinação social. De seu lugar, não são capazes de ver nem a mesa coberta e lotada com todos os encargos sociais; sentam-se sobre seus chãos de calça de couro e emitem gritos, porque ali já tem um sentado como seu deputado e querendo beber o suco concentrado de sua vida direto da lata. Filhos da terra, eles parecem ser feitos para amar e para sofrer. Mas um ano depois já não elogiam nada além da viagem frenética em que os cabelos lhes esbatem a cabeça, da bicicleta motorizada para o Volkswagen usado. E o rio ao lado flui intrépido e os recebe sem fazer perguntas.

Está tão cansada a mulher, como se quisesse, com sua ainda razoável figura que na maior parte das vezes é encoberta diante de seu marido, despencar em si e para a frente. Os olhos do mundo repousam sobre ela, mesmo que esteja dando apenas um passo. Ela está sepultada entre suas posses, que rebentam e espumam de amaciantes de um horizonte limitado a outro. Então chegam os moradores do povoado, zelosos, com seus corajosos cães e as escavam de novo, em milhares de conversas sobre feitos e posses. Como está a aparência dela praticamente ninguém saberia dizer,

mas o que ela traz consigo, esse canto de louvor a comunidade deveria ouvir no domingo na igreja! Mil pequenas vozes e chamas que esvoaçam para o céu da oficina sombria onde os jornais diários prepararam as pessoas para isso e, do barro, moldaram-nas como vasos. O diretor garante o carrinho de compras e experimenta as pompas de ser o centro das atenções. As mulheres do povoado são apenas acompanhamentos para a carne dos homens – não, eu não as invejo. E os homens, feno seco, despencam sobre a folha impressa no computador onde está registrado seu destino e mais as horas extras que este deve fazer para poder tocar alegremente as cordas da vida. Nenhum tempo para brincar com as crianças depois do final do expediente. Os jornais ficam como cata-ventos no ar, e com o canto os empregados da fábrica de papel podem extravasar. Na escola, não sei, lá todos eles ainda eram bons. Isso eles vão ter que esquecer, quando mais tarde se tornarem lacunas nos ofícios, no comércio e na indústria, ou buracos negros no tecido das competições esportivas. Jogos para a juventude do mundo serão transmitidos a eles, mas até ficarem sabendo já será tarde demais, e ainda cairão pela encosta à frente de sua casa, que só leva a um outro caminho gelado, até a charutaria, onde saberão quem ganhou. Eles assistem a tudo isso na televisão e também querem ser assim finamente preparados em conserva. O esporte é para eles a coisa mais sagrada que podem alcançar com suas mãos atadas. Lembra o vagão-restaurante no trem: não exatamente imprescindível, mas que une o inútil ao desagradável. E assim se segue em frente.

Do escuro, a mulher do diretor deve entrar nesse veículo, para que não venha a se resfriar. Ela não deve se rebelar, mas também não se segregar como as mulheres gostam de fazer quando elas, fios de muco, primeiro põem o jantar para a família e então amargam com suas queixas. O marido, para viver, depende o dia inteiro da bela imagem delas; e à noite elas se queixam e resmungam. Dos camarotes de suas janelas, em cujo parapeito flores e folhagens formam sua espinhosa defesa para o exterior, elas observam o tensionar-se dos outros em excessos e deixam, esgotadas, afrouxar-se seus próprios anseios. Vestem a roupa dos dias de

festa, cozinham para três dias, saem de casa e se atiram, aqui se faz aqui se paga, no rio ou na represa.

O estudante nota os chinelos da mulher. Ajudar é sua profissão. Essa mulher está ali em pé sobre as solas de papel das pau-mandadas que deixam desesperadas vagar por horas a fio dentro de si o alimento que suas famílias desprezaram. Ela toma um gole de uma garrafa edição de bolso que lhe colocam diante da boca. Ela e as moradoras do povoado e todas nós: ficamos com nossos rostos, que gotejam e degelam, voltados para o fogão da cozinha e contamos as colheres de sopa com as quais nos dissipamos. A mulher sussurra algo no ouvido do jovem, ela está no endereço certo, porque ele também já caiu muitas vezes da mesa cativa da corporação estudantil, da mesa dos elementos para ligação das jogadas de direita. E de direito. Ele já estala no momento dela. Mal começam a se agitar e marulhar os sentimentos, a cabeça sonolenta da mulher já cai nos ombros do jovem. No carro, rangem as rodas que querem seguir adiante. Um animal se levanta, ele ouviu o comando para fazer sua entrada, e agora o rapaz está pronto para, dentro da embalagem retirada dessa mulher, remexer em busca de algum trocado. Por um momento, aconteceu algo diferente, algo novo, algo sem modos, inesperado, em torno do qual se pode envolver depois um mantozinho de conversas de aparência insossa. Os camaradas da corporação estudantil já há muito tempo tomaram como presa seus primeiros inimigos e penduraram sobre o ombro sua pele, que outrora fora escovada por uma mãe amorosa. Agora se pode finalmente jogar a comida para os próprios desejos, que esticavam impacientes a guia, algo nutritivo que se arrancou de um outro. Para que fiquem grandes e fortes, e venham a ser cercados pelas danças de peixes grandes no oceano das salas da diretoria. Sim, a natureza está falando sério, e contentes nós lhe prendemos as algemas, para também conseguirmos algo contra sua vontade. É em vão que o elemento se enfurece – já embarcamos!

V

Do supermercado brotam as mercadorias que aprisionam as pessoas. Sábado o homem deveria ser companheiro e ajudar a apanhá-las das redes; e os pescadores cantam. Esse modo de agir simplesmente maldoso o homem aprendeu neste ínterim. Calado, ele passa um tempo entre as mulheres que contam suas moedinhas e lutam contra a fome. Como é que duas pessoas vão criar essa união, se nem mesmo se conseguem fechar correntes de pessoas pela paz? A mulher é acompanhada, os pacotes e sacolas são carregados, sem que se precise vociferar ou estrilamentar. Assim o diretor se esparrama diante das pessoas, toma-lhes o lugar e monitora o que é comprado, embora isso seja tarefa de sua governanta. Ele, um deus, passa voando entre suas criaturas, que são menos do que filhos e despencam em meio a tentações, mais ilimitadas que o mar. Ele também olha dentro das outras cestas de compras e de outros decotes, em que ladram insistentes resfriados e são mantidos cobertos por renitentes desejos de echarpes. As casas frequentemente são frias e úmidas, tão rente que estão do rio. Quando ele observa sua mulher, cuja mão desajeitadamente mexe em coisa morta envolvida na mais translúcida embalagem dentro do *freezer* , quando observa o baixo rendimento daquela carne, sua bela roupa, assalta-o uma terrível impaciência de ceder a ela seu peso em carne; fazer inflar – até que ganhe um brilho maduro de sol – o seu badalo, para o qual tudo ali está tão disponível, um tesão incrível, tão bom de comprar quanto tiras de papel em meio aos dedos inertes dela. Sob suas garras levemente esmaltadas ele quer ver despertar seu animalzinho e de novo descansar na mulher. Ela deve finalmente se esforçar em sua camisola de seda! Que ele não tenha de sempre se dar ao trabalho de lhe empinar os seios para fora e pegá-los na concha da mão. De uma vez por todas, que venha ela servir-se a ele, tenha a bondade de oferecer-se boa, sem

que ele tenha que primeiro, por meia hora, a muito custo pinçar com os dedos os frutos do caule. É gratuito, esse esforço. Ele fica meio recuado diante do caixa e abraça o vazio absoluto de sua propriedade, um vazio diante do qual as mercadorias ficam obedientes: sit ! Dançam ao seu redor vários empregados do supermercado, dos quais ele tomou os filhos, uns para a fábrica, os outros porque eles agora precisam ir embora ou se render à bebida. Para esse senhor, o tempo nunca fica grande demais!

As sacolinhas de compras, que satisfizeram as suas exigências, farfalham através do *hall* de entrada, empurradas para a frente pelos chutes do diretor. Às vezes, em acessos de fúria ele tropeça de um tal modo na comida que a faz estender-se até o céu. Então atira a mulher em meio àquele depósito de mercadorias e completa o quadro com ela, que pode respirar o seu ar, lamber-lhe o pênis e o ânus. Com muita prática, ele mais do que depressa agarra-lhe as tetas, puxa-as para fora do vestido e, pela base, amarra-as com barbantes, aquelas tetas que já estão murchando, para formar balões bem cheios e firmes. Pega a mulher por aquele seu *tailleur* que tão bem esconde a nuca e se inclina sobre ela como se quisesse suspendê-la e colocá-la no bolso, mostrando sua superioridade acachapante. Os móveis passam como numa visita-relâmpago. Em pouco tempo, as roupas estão espalhadas e os dois se atocham um no outro como se fossem se pendurar um no outro. Esse trecho já está apascentado há anos. Pulsante, o diretor extrai seu produto, e não é papel. É artigo mais rijo, dos que se necessita em tempos de maior rigor. As mais recônditas de todas as coisas as pessoas gostam de mostrar umas para as outras, como sinal de que não têm nada a esconder e que é tudo verdade o que têm a dizer a seus inesgotavelmente caudalosos parceiros. Despacham seus membros, os únicos mensageiros que sempre retornam. Do dinheiro não se pode dizer o mesmo, embora ele bem que seja mais amado que a mais amada entre os cascos e cornos do amante, onde os cães já vêm roer. Pulsando e gritando, os produtos são lançados, as minúsculas fábricas de corpos moem e rangem, e a propriedade modesta, sobrecarregada apenas com a felicidade que cambaleia vinda do televisor que fala sozinho, derrama-se, um regato, num

lago sozinho feito de sono, no qual se pode sonhar com mercadorias maiores e produtos mais caros. E o ser humano floresce na margem.

A mulher fica deitada muito aberta, para o mundo aberta, sobre o chão, produtos alimentícios escorregadios espalhados sobre si, e é incrementada para render um efeito a mais e produzir muitos e muitos efeitos comerciais. Só o marido negocia, tem ações com ela e age inteiramente só. E ele já se solta de si, para entrar no vazio mobiliado do quarto. Só o próprio corpo o satisfaz mais ou menos e é capaz de, no esporte, se fazer troar e ouvir ecoar. Como uma rã, a mulher tem que dobrar as pernas de lado, para que o homem possa olhar dentro dela até o mais longe possível, até o Tribunal Estadual para Assuntos Criminais, e examiná-la. Ela está toda encharcada e toda cagada dele, precisa se levantar, deixar cair no chão as últimas cascas e ir buscar a mofada esponja caseira, para limpar o homem, esse inimigo inconciliável do sexo dela, de si mesmo e do muco que ela produziu. Ele lhe enfia o indicador direito bem fundo no cu, e com as tetas balançando ela se ajoelha sobre ele e esfrega, cabelos nos olhos e na boca, suor na testa, saliva alheia na fossa jugular, a pálida baleia assassina ali diante dela, por tanto tempo, até que a luz amigável cai, a noite chega e esse animal mais uma vez pode recomeçar a fustigar com sua cauda, com seu pau.

Sempre que voltam do supermercado, eles costumam manter a boca bem fechada. Alguns passam correndo por eles, testando sua força de tantos cavalos, e são inconciliavelmente guardados na memória. Os latões de leite à beira do caminho, revolvidos pelo indômito vento num átimo de átomo, estão ali prontos para ser apanhados. As corporações profissionais agrícolas se perseguem umas às outras na região por motivos de concorrência, até para não ficarem expostas por tempo demais à vista dos pequeníssimos agricultores, que não dão muito leite a quem não se pode nem mesmo sangrar por inteiro. A mulher se embrulha na escuridão de seu silêncio. E então, mais uma vez, para humilhar seu homem, não consegue de modo algum rir o suficiente sobre os pedantes fumos de patriarca dele, nos quais o cérebro vibra, quando ele fixa o olho na mulher do caixa, desconfiado dos movimentos de seus dedos. E,

do mesmo modo que muitas mulheres de desempregados, ela que nem pense em cometer um erro. O diretor chega em surdina a seu lado, e ela tem que digitar tudo de novo, para que nenhum item seja lançado a mais e não precisem fazer uma seleção de emprego a mais. É quase como em sua fábrica, apenas com a diferença de que as pessoas são menores e usam roupas de mulher, das quais espiam, porque para elas, por sua vez, as roupas da estrutura familiar ficam apertadas demais. Elas ganham asas, e de seus ventres saem os filhos, em cujos olhos recém-abertos os homens seus pais atiram seus raios. Os rebanhos confusos de clientes se espremem, em sua insânia por comprar, passando ao largo dos encantados pelas mercadorias, para logo poder sumir de novo em suas covas. Presenteados eles não são; têm, isso sim, reduzida uma parte do que mereceram e ganharam na fábrica de papel. Tomados de horror, eles se veem diante de seu superior, que não esperavam encontrar ali, sim, era alguém em quem nem sequer estavam pensando. Muitas vezes nos surpreendem às portas pessoas com quem não estávamos contando, e nós somos responsabilizados por sua alimentação. Pequenos palitinhos salgados e peixes de massa e raspas de batata são tudo o que temos para colocá-los sob nossas pobres sombras.

Cânions de prateleiras se lançam em direção ao horizonte longínquo. A penca de gente se divide, já deslizam para baixo os últimos desejos dos clientes, como os que trazem camisetas regata empapadas de suor, ombros cansados da manhã. Irmãs, mães, filhas. E o sagrado casal diretor volta a correr, em eterna repetição, para o presídio de seu sexo, onde se pode chorar tanto quanto se queira pela absolvição. Porém, das abas e buracos jorra somente uma comida horrorosa, morna, para dentro da cela e sobre suas mãos esticadas. O sexo, exatamente como a natureza, não anda sem sua comitiva, sua pequena coletividade de adeptos de produtos e produções para desfrutar. Ele é simpaticamente coroado de artigos *top* de linha das indústrias têxtil e de cosméticos. Sim, e talvez o sexo seja a natureza do ser humano; quero dizer, a natureza do homem consiste em correr atrás do sexo, até que ele, visto no todo e em seus limites, se torne tão importante quanto

aquele. Uma comparação que você certamente deve fazer: o homem é aquilo que come. Até o trabalho juntá-lo para formar um monte sujo, um boneco de neve derretido. Até não restar para ele, avergoado por sua origem, nem sequer o último buraco para se meter dentro. Sim, as pessoas, até finalmente serem inquiridas e ficarem sabendo a verdade sobre si… Pois enquanto isso ouça com atenção: esses indignos são importantes e hospitaleiros apenas por um dia, quando se casam. Mas um ano mais tarde eles já detêm a responsabilidade pela mobília e decoração de suas casas e por seus veículos. E detém-se todo o grupo – estão corrompidos pelo sangue comum – quando não conseguem mais pagar as prestações. Eles dividem ainda, em parcelas que são uma ninharia, as camas onde irão rolar! Sorriem para os rostos de desconhecidos que conduzem às suas manjedouras. Para que eles possam deixar voar algumas palhinhas de feno na respiração de seu sono, antes de seguirem adiante. Nós, contudo, temos que nos levantar todos os dias no momento mais inoportuno, somos forasteiros e de longe só vemos o traçado de nossa pequena rua, onde nossos graciosos parceiros sexuais nesse meio-tempo são cobiçados e usados por outros. E nas mulheres deve arder um fogo. Só que são apenas focos de incêndio extintos, sobre os quais a sombra da tarde cai logo cedo, quando elas, saídas das goelas de suas camas no sótão, rastejam direto para o estômago da fábrica. Pois você bem pode ir para casa, se estiver cansada disso! Não será invejada, e sua beleza já há muito tempo que não desarma ninguém mais; ele a abandonará, isso sim, com passos leves, e dará partida em seu carro ali onde o orvalho pousa e brilha sob os primeiros raios, bem ao contrário de seus cabelos opacos!

A fábrica. Oh, como ela manipula e faz de joguetes os não qualificados, que afluem para dentro dela vindos de tubulações inesgotáveis. Como abafa os aparelhos de som com seu barulho inesgotável! Essa casa de gente, ou seja, a casa do diretor sobre sua parcela, a cela de casal, que infalivelmente deixa para nós algum refrigério quando operamos as máquinas automáticas de Coca-Cola! Uma tenda de luz e seres vivos, em que se fabrica papel. Com dureza, a concorrência põe a fábrica desse local em

ação e desbasta os empregados para deixá-los como tábuas finas as mais iguais possíveis. O conglomerado proprietário da fábrica no Estado vizinho é mais poderoso e fica numa artéria de trânsito mais rentável, onde eles podem ir sangrar e gastar suas seivas. A madeira é triturada até ficar irreconhecível e entra na fábrica de celulose, e então entra a celulose na fábrica de papel, onde seres irreconhecivelmente triturados trabalham, pelo menos foi o que ouvi dizer e fico satisfeita de que eu, que sou livre, possa no forte calor do meio-dia vomitar meu eco na calada floresta. O exército dos, como eu, sem responsabilidades, que leem jornal nas latrinas, levam embora da floresta as árvores, para poderem eles mesmos se sentar no lugar delas e desembrulhar a comida do papel. À noite, as pessoas bebem, então, e ficam preocupadas. Erguida a zanga, lança-se a corja, inflada e cega, na noite abissal.

A fábrica veio para a floresta, mas já há muito anseia por uma outra terra, onde possa produzir mais barato. Os divinos cartazes nas rotas de saída apressam as pessoas, e elas já partem nas pistas de seu trem de brinquedo. Os maleáveis são contratados – caminho pavimentado –, e mesmo o senhor diretor está nas mãos da Instância Superior, enquanto devora dinheiro público. Incontrolável é a política dos proprietários que ninguém conhece. Às cinco horas da manhã, as pessoas nos semáforos caem num cochilo, quando percorrem os cem quilômetros para chegar à fábrica e, ainda no último cruzamento, sucumbem à santa luz vermelha que brinca com eles, e são mortos, porque não tiraram o pé do acelerador e sonhando não arredaram pé da diversão do sábado à noite. Os movimentos carinhosos na tela, da qual eles rascando e raspando por anos a fio receberam sua ração, agora nunca mais voltarão a vê-los.

Por isso eles fazem todas as suas mulheres ecoarem mais uma vez, para não precisar mais ouvir a trombeta do juízo pelo menos até o próximo dia primeiro. Os mexericos e meritíssimos nesse lugar não se calam nunca, e os abandonados pelos bancos gorjeiam nos sulcos e consomem as últimas migalhas. E atrás deles há uma mulher que queria ter o dinheiro da casa, do restaurante e novos livros e cadernos para os filhos. Eles são todos dependentes do

diretor, essa criança grande de humor ameno, um humor que no entanto pode virar, estrepitoso, como uma vela de embarcação, e então todos nós estamos no mesmo barco e depressa ficamos de fora naquele lado, o lado grande, selvagem, para o qual nos atiramos no último instante por não sabermos como empregar melhor nosso berro de sirene, nosso canto de mil vozes de sereia. Mesmo em fúria somos esquecidos, apenas a úlcera cresce em nós, e nos espalhamos como erva daninha.

IV

A mulher pula, envergonhada com seu corpo que se debate, para dentro do vento. Ela se fez carne e habitou entre nós. Servir à fome, em todos os sentidos, assim tem sido a prática janela aberta de sua taberna (pague e leve sua bebida): deixar-se gastar para o marido, para o filho, acomodada nas suaves rédeas dos dois. Ela tenta isso apanhando ar em sua rede de pesca. Veste depressa seu roupão e, de pantufas, começa a socar com o pé o caminho coberto de neve.

Antes ela ainda tem que colocar as xícaras e aparelhos dentro do armarinho, para uma emergência. Ela está sob a água corrente e escova da porcelana os vestígios de sua família. Assim a mulher se conserva, nos ingredientes de que é feita. Organiza tudo, inclusive a própria roupa, pelo tamanho. Cheia de vergonha, ri disso. Mas isso não é nada divertido. Ela amontoa ordem sobre a felicidade que tem. Não lhe resta nada. Das asas de pássaro ensanguentadas em seu caminho não se veem mais muitas, por uma razão: mesmo um animal tem que comer. Uma película de fuligem se depositou sobre a neve, aprontou-se em poucas horas.

O homem no escritório mete a mão satisfeito por baixo da cúpula de abajur que se forma na borda de sua calça. Ele se areja. É da figura de sua mulher que está falando, sem antes dar sinal de que a palavra agora é dele. Façam silêncio, agora sua obra fala por ele, providenciou-se um coro de muitas vozes para isso. Não, do futuro não tem nenhum medo, afinal também traz consigo sua própria carteira!

A mulher sente o modo como a neve aos poucos lhe penetra no espaço e no tempo. Demorará tempo ainda sem primavera. A natureza não consegue nem mesmo hoje parecer recém-pintada. Há sujeira grudada nas árvores. Um cão passa correndo por ela, está mancando. Mulheres cruzam-lhe o caminho, desgastadas como se armazenadas por anos a fio em caixinhas de papelão.

Como que despertadas numa bela casa, as mulheres olham para essa uma entre elas que tem uma aparência tão esquisita, sempre se esquivando. A fábrica dá emprego a muitos de seus maridos, e é só. Inconscientes do tempo, essas preferiam passá-lo com vários garrafões de vinho ordinário a fazê-lo com a própria família. A mulher passa voando por elas, entra na escuridão e nem mesmo calçou sapatos para a neve! O filho nesse meio-tempo está correndo desembestado em algum lugar onde muitos mais de sua variedade se acambalhotam. Ele recusou a comida recém-preparada com palavras que abriram na mãe feridas profundas e arrancou um pão com salame do armarinho. A mãe passou uma parte inteira da manhã amassando um fino purê de cenouras, para fazer bem aos olhos do filho. A comida para o filho ela mesma faz. Por sobre o cesto de lixo, um talo curvo de ser humano, ela então se pôs a trabalhar com afinco sobre a porção do filho. Afinal também foi ela que pôs, de si, o filho no mundo. Da cerca ao lado do ribeirão, pendem pingentes de gelo, a capital está bem próxima, se se tomar o automóvel da pessoa como medida. O vale abre-se largo, muitos não estão ocupados nele. Os demais, que também precisam se demorar em algum lugar (nas paradas do fardo de sua existência), vão e voltam todo dia, saindo para a fábrica de papel e ainda mais longe, muito mais longe! Ali acima, sobre aquelas montanhas, lá estou eu mil vezes com meu rebanho. A boca da mulher se congela como uma bolinha de gelo. Ela se agarra à madeira do corrimão, coberta de geada branca. O ribeirão ficou com ambos os lados obstruídos, o gelo já lhe cutuca o ombro. A Criação ronca sob as algemas das leis da Natureza. Ouve-se um gorgolejo fraco. Assim como o degelo nessa boa vida que levamos explodirá as barreiras, de modo que nós poderemos saltitar um para o outro, assim a morte talvez pensará em detalhes o mundo dessa mulher. Mas não vamos entrar agora em questões pessoais. Rangendo, as rodas de um carro se desgastam através da neve dura. De onde quer que venha, ali está mais em casa que o seu proprietário. O que seria do trabalhador pendular sem ele? Um monte de bosta, porque encaixotado juntamente com os outros no vagão do trem de ferro ele não é mais do que cocô – pensa sua representação parlamentar.

A massa faz com que nossas fábricas não entrem em colapso, porque são apoiadas por dentro por montes de pessoas que tentam despejar algo de social em sua carcaça. E os desempregados antes de mais nada, que constituem um exército sombrio de nulidades, que não é preciso temer, porque eles todos apesar disso votam na Social Democracia Cristã. O senhor diretor é de carne e osso e puro sangue e disso ele ainda come bem, porque senhoras com aventais em conserva o servem.

Com esse tempo, aconselha-se deixar parados os veículos, caso contrário você não terá a permissão de chegar com atraso no local de trabalho! Nesse ritmo, os arados espalhadores de neve transitam pelas ruas e deixam sua mercadoria. A mulher só pode se servir de si mesma. E mais uma coisa, ouça: não espante desnecessariamente de seus abrigos os veículos de socorro a panes! Você, na condição de ser humano, também não gostaria de passar por isso.

Aos uivos, as crianças passam correndo com seus cachecóis de aniversário feitos de plástico, que ainda lhes colam na pele ou voam ao redor das orelhas, pela neve alisada exclusivamente por elas em direção ao vale. Contrariadas, as maiores delas se viram e deixam bilhetes de *ski-lift* balançarem sobre seus estofados estojos corporais; não requer prática tampouco habilidade. Gritam como estações de trem. A mulher se assusta com elas. Comprime-se horrorizada na cornija que o caminhão limpa-neve deixou para ela. Rangendo, os veículos passando por ela com seu fretamento familiar, uma pancadinha de gente. Em cima, os esquis pressionam os capôs dos carros, para barrar o ódio dos internos. Os equipamentos olham fixamente para baixo, sólidos como metralhadoras. Aram-se através dos muitos outros receptáculos humanos, porque merecem um lugar melhor. Assim vai pensando cada um e anuncia-o janelas afora com a amável sujeira de seus gestos.

O esporte, essa fortificação do homem simplório, lugar de onde ele pode disparar!

Realmente qualquer um pode se permitir quebrar o pé ou ambos os braços, acreditem em mim! Apesar disso, você não poderá deixar

de chamar tais pessoas de dependentes, quando elas rumam para as encostas de montanhas, onde escorregam e ainda se sentem bem. Mas dependentes de quê? Sim, de suas próprias jamais convalescentes imagens, que, como se elas não fossem nada mais que assistentes da realidade, todo dia lhes são mostradas novamente, apenas maiores, mais belas, mais rápidas. Assim elas caem, empurradas pela linha divisória das águas da televisão, para o outro lado, para os menores na rampa dos tolos principiantes. Ai! Em discussões, eles nunca chegam a se pronunciar, e se isso por acaso acontece, perdem-nas imediatamente para um que foi carregado como *expert* para o caminhão de suas preocupações. E o Altíssimo, que estudou nossas tabelas de *performance* , não escuta a choramingação daqueles por uma casa própria, necessária para que se possa emporcalhar, desde a porta de entrada, o esporte, essa elevada ideia olímpica.

A mulher escorrega a cada passo. Rostos rindo apontam, sem emitir nenhum som, das janelas dos carros. O motorista põe a vida em risco, curvado sobre sua posse. A neve cai farta para todos. Mas eles deslizam diferentes, como afinal as próprias pessoas são. Uns conseguem melhor, os outros querem conseguir melhor que todos. Onde fica a pista para todos os graus de dificuldade, para que rapidamente nos tornemos mais? O que antes vivia murcho em seu casebre fica de imediato firme no ar, mas em compensação equivalentemente menor, ó rijamente erigidos Alpes!

A mulher sai, abandonando a cobertura de sua condição. Espreme contrariada seu roupão contra si. Bate as mãos ao redor de si. Algumas das crianças que ela ouve gritarem de longe foram arrancadas de seu bem formado grupo de danças e ritmos, que acontece semanalmente. Essas crianças foram criadas como *hobby* dessa mulher. Afinal de contas, nós temos lugar e amor suficiente para a criança, que deve aprender a bater palmas no tempo certo. Na escola, isso então a ajudará a assentir e se levantar no tempo certo, quando for a hora da prece. O filho dela está bem no meio, prova com cada grito que faz pairar sobre os outros como um dedo sujo. De cada pão com salame tem que ser ele o que dá a primeira mordida, pois toda criança tem um pai, e todo pai tem que ganhar

dinheiro. Em seus esquis em miniatura, ele aterroriza as miniaturas de meninos em seus trenós. Ele é a mais nova edição de um corpo celeste luminescente que ainda é insolente a ponto de aparecer e brilhar, todo dia de novo, porém sempre vestido em roupas novas. Ninguém se insurge contra ele, apenas suas costas precisam engolir muitos gestos escondidos, desperdiçados. Ele já se vê como uma formulação de seu pai. A mãe não se engana, ergue vagamente a mão contra o filho distante, que ela reconheceu pela voz. Ele esbraveja com as demais crianças, para ajustá-las a suas medidas. Recorta-as, com palavras, como o inverno faz com a paisagem, para delas formar colinas sujas.

Com a mão, a mulher escreve símbolos no ar. Não precisa garantir seu sustento; é sustentada pelo marido. Quando ele chega em casa de volta do trabalho; e fez por merecer, que ele no final do dia coloca sua assinatura em cima. Esse menino não é obra do acaso! O filho pertence a ele! Agora ele já não vê mais a morte.

Com um amor represado, ela seleciona o filho do monte de crianças. Grita, sem se amainar. Terá ele já saído sorrateiramente do térreo deles? Ou, para falar usando palavras de seu pai celestial, terá sido primeiro, por desencaminhamento (estreitamento) da arte, talhado como alguém absolutamente diferente do que qualquer um jamais tenha sido nessa idade? Dos que pensam diferente esse menino reivindica direitos amplos como tratados de Estado, passa adiante a fórmula de seu pai: dê mais de você! Ótimo! Uma ereção! Assim o homem continua ostentado diante de si, para poder se observar a qualquer momento. E o menino, feito de um ser que, como escória, já há muito tempo desmoronou atrás dele (a forma de sino de sua mãe), dentro de alguns anos também haverá de esguichar rumo ao céu, onde os pequenos já aguardarão com um lanche.

O menino passa através dos coleguinhas e câmeras como se atravessasse portas encantadoras.

Nos pés da mulher, o frio foi se infiltrar. As solas de seu sapato dispensam comentários, mas ela mesma, enfim, também não fala com frequência. Essas chancas de usar em casa não a separam mais do gelo do mundo. Ela avança palmilhando. Deve prestar

atenção: deslizar em vez de correr na marra acossada pelos outros – que seja uma farra! Nada diferente do que se dá quando os sexos com suas cabeças douradas, não lá grande coisa, se revelam diante dos móveis, os únicos que têm intimidade com seus talentos. E se eles fossem tratados como lixo e atirados abaixo pelos cumes de seus desejos? A mulher se segura firme no corrimão, mas consegue, sim, seguir adiante razoavelmente bem. De todos os lados, levam-se para casa gêneros de primeira necessidade, alimentos, pois comer, para as famílias, leva na vida o primeiro lugar de suas atenções. Dos dentes das mulheres espirram os flocos de aveia, parece-me que elas têm medo do que os caros ingredientes poderiam aprontar uns com os outros na frigideira. E os homens acontecem diante de seus pratos. Os desempregados, em seu desvio de todas as relações que Deus quis e abençoou com o laço do matrimônio, ainda podem se permitir viver, mas vivenciar eles já não podem nada, no caro parque infantil de noturnas aventuras, no cinema diante de um belo filme ou no café com uma bela mulher. Somente o uso de sua própria família é grátis. Assim, um se delimita do outro por seu sexo, que a natureza pode não ter pretendido nessa forma. E assim a natureza divide conosco, para comermos os seus produtos e em troca sermos carcomidos pelos proprietários de fábricas e bancos. Os juros nos devoram por inteiro. Somente o que a água faz ninguém sabe. Mas o que nós fizemos com a água logo se vê, depois que a fábrica de celulose se esvaziou no ribeirão, que corre, porque é correndo que se vai ao longe. Ele deve levar seu veneno também a outros lugares, onde prazerosamente se comem cadáveres de peixe. As mulheres metem a cabeça nas sacolas de compras, nas quais levaram embora o seguro-desemprego. Estão bem induzidas pela loja de cooperativa, que lhes anuncia pelos alto-falantes as ofertas especiais. Sim, elas mesmas foram oferecidas em especial uma vez! E os homens eram escolhidos segundo a capacidade dos seus recursos. Elas são capazes de fazer mais do que lhe atribuem na agência de trabalho! Ficar sentadas à mesa da cozinha, beber cerveja e jogar cartas: nem mesmo um cão teria tanta paciência, preso diante das maravilhosas lojas com esses produtos que caçoam de nós.

Nada se perde, o Estado trabalha com aquilo que não vemos. Para onde vai nosso dinheiro quando finalmente nos desfazemos dele? As mãos se sentem mornas sobre as cédulas, a moeda escorrega do punho, que precisa sim se separar dela. O tempo deve parar no primeiro dia do mês para que possamos olhar mais um pouco para nosso montinho morno de dinheiro, que – tudo bem – fede e exala do nosso trabalho, antes de o levarmos para nossa conta, para que faça nossas necessidades crescerem bem suculentas. De preferência, descansamos em nosso dourado adubo bem quente. Mas o amor inquieto já olha em torno de nós, onde existe algo melhor do que aquilo que já temos. Esquiar é algo que as pessoas que originariamente aqui cresceram como grama conhecem na sua origem (em Mürzzuschlag, estado de Steyermark, está o mais famoso museu sobre esqui do mundo!), só de olhar. Tão fundo sobre o chão gelado elas estão curvadas que não encontram a pista. Permanentemente passam outras por ela e deixam para trás nas florestas as suas necessidades.

Como um cavalo, a mulher estira suas rédeas. Com encabuladas roupas para reduzir na mala de viagem, aquelas pessoas desconhecidas atraídas por anúncios de um jornalzinho de tiragem especial, na maioria das vezes amarradas uma à outra em par, outrora ficavam encolhidas em seu sofá. Oprimidas, mulheres davam sorrisinhos diante de seus copos, para os sentados à sua frente, e também os membros de seus homens precisavam do pretexto: mas aí… em frente! Os senhores são tão livres e gostam de eventualmente trocar o bornal da ração. Desinibidos, ficam em pé diante da mesa da sala de estar e jogam as pernas das mulheres à esquerda e à direita por sobre os ombros, porque em território desconhecido o indivíduo momentaneamente deixa de bom grado seus costumes, só para voltar para casa, consolado, para suas velhas práticas costumeiras. Lá suas camas estão sobre terra firme e, para florescer, as mulheres que vão ao cabeleireiro uma vez por semana levam uma dura. Espalhadas por todo lado, só barrigas estufadas por entre a mobília estofada, como se tivéssemos ganhado na loteria um estoque ilimitado de experiências de vida. Vende-se a roupa mais íntima para que as vivências – como nós,

mulheres, gostamos e tentamos, sem obter resultados – sempre tenham uma aparência diferente, quando vêm nos visitar, para no sono nos reencontrar e conservar guardadas.

O diretor vive incansavelmente instigado por sua carne e pelas libertinagens da imprensa. Ele se permite liberdades, gosta de urinar, por exemplo, como fazem os cães, contra sua mulher, depois de formar com ela e suas roupas um pequeno monte, para que sua descida seja mais fulminante. A escala do desejo pode registrar abalos de intensidade ainda mais alta, para isso não precisaremos de nenhum juiz. O homem usa e suja a mulher como o papel que fabrica. Ele cuida dos rumos em sua casa, cheio de avidez arranca seu pau da sacolinha, ainda antes de bater a porta atrás de si. Enfia-o ainda quente, direto do açougue, na boca da mulher de tal modo que faz seus dentes rangerem. Mesmo quando visitas no jantar trazem sua luz para o ânimo do homem, ele sussurra no ouvido da mulher coisas irrelevantes sobre as partes sexuais dela. Grosseiramente, ataca a mulher por baixo da toalha da mesa, lavra-lhe a ranhura, leva sua esganiçada paúra, que puxa a correia, para fazer as necessidades lá fora, diante dos colegas de negócios. A mulher não deve poder dar voltas em torno dele, por isso ele a mantém na rédea curta. Ela não saberá contornar o pensamento constante em como ele poderia vingar-se com sua contrassenha de cheiro penetrante. Ele agarra-a diante das visitas pelo decote, ri e sai distribuindo uns cortes de frios. Quem deles não precisa de papel? E o cliente satisfeito é quem manda. Quem não tem senso de humor?

A mulher prossegue. Por algum tempo, esse grande cão desconhecido vai junto, esperançoso de poder eventualmente lhe morder o pé, pois ela não está calçando bons sapatos. A Associação Alpina advertiu que a morte anda à espreita nas montanhas. A mulher dá um chute no cachorro. Ninguém mais pode esperar por ela. Nas casas, dentro em pouco a luz se acenderá, vai acontecer o evidente e o quente, e nos cofrinhos das mulheres começarão a bater os martelos.

O vale, permeado de espectros dos desejos dos agricultores meeiros, os filhos do céu, mas não de seu chefe de pessoal,

amontoa-se cada vez mais estreito, como uma retroescavadeira para absorver os passos da mulher. Ultrapassa as almas imortais dos desempregados, que, conforme o Papa ordenou, crescem e multiplicam-se ano após ano. Adolescentes partem em fuga dos homens seus pais e são caçados pelas pragas destes, afiadas como golpes de machado, através de cabanas e choupanas vazias. A fábrica beija a terra de onde, com avidez demais, retirou gente para si. Temos que aprender a ser racionais com as Florestas Federais e com os Recursos Federais de Fomento. Papel é sempre usado e necessário. Veja: sem mapas, nossos passos levariam ao abismo. Envergonhada, a mulher enfia as mãos nos bolsos do roupão. Seu marido se ocupa muito com os sem ocupação, acreditem em mim, pensa neles a fundo e ao abrigo da luz, sob a terra.

O ribeirão das montanhas, onde aqui, em seu alto curso, ainda não há quaisquer produtos químicos aprendendo a nadar, apenas algumas vezes umas míseras fezes humanas, esse ribeirão se sacode ao lado da mulher através do leito. As encostas ficam mais íngremes. Ali adiante, atrás da curva, a paisagem fraturada volta a se colar. A mulher se inclina profundamente sobre si. O marido já a pôs em funcionamento duas vezes hoje, aos chutes. Depois a bateria pareceu estar finalmente vazia e, sedento, a largas passadas, ele foi deixando todos os obstáculos debaixo de seus pneus até a fábrica. Range o chão, mas a terra mantém suas presas cerradas. Nesta altitude, ela pouco fornece além de matacão dos deslizamentos de lama. Há muito tempo que a mulher não sente mais os pés. Esse caminho só vai levar ainda, na melhor das hipóteses, a uma pequena serraria, e essa o mais das vezes está parada. Quem não tem nada para morder também nada tem para serrar. Estamos sós. As míseras choupanas e taperas junto ao caminho são indiferentes, mas semelhantes. Dos telhados, um fumo velho. Os proprietários secam as torrentes de lágrimas junto ao forno. Detritos se empilham ao lado das latrinas, latas esmaltadas rejeitadas, que se consumiram por cinquenta anos ou mais. Pilhas de madeira, caixotes velhos, gaiolas de coelhos das quais nascem torrentes de sangue. Se o homem mata, também o lobo e a raposa matam, seus grandes modelos inspiradores. Chegam

sorrateiramente em torno dos galinheiros, pois também eles são matreiros. Só passam por ali durante a noite. Muitos animais domésticos pegam raiva deles e atentam contra o homem, seu superior. Um alimento do outro, eles se encaram.

Bem pequena do nosso ponto de vista, nós vemos a mulher sumir no fim de seu caminho. O sol já está muito baixo. Desajeitada, ela se afunda nos paredões do rochedo. O coração do filho bate em outro lugar e para o esporte. Esse menino-deus, filho da mulher, na verdade é covarde, ele desvia com seu equipamento para o chão plano, e há muito que já não se pode mais ouvi-lo. Essa mulher precisaria dar meia-volta, o mais tardar agora, ali adiante só há mais um pendurado à cruz – um sofrimento que desde então tem eclipsado magnificamente todos os outros sofreres. Em vista da bela vista que se tem ali, não se sabe, deve-se expandir o momento infinitamente e, para isso, abrir mão do tempo restante que ainda lhe cabe? Fotografias muitas vezes despertam essa impressão, só que depois ficamos bem contentes, quando ainda vivemos e podemos contemplá-las. A coisa não é mesmo assim, como se nós pudéssemos postar esse tempo restante que ainda nos compete e em troca recebêssemos um brinde publicitário. No entanto, tudo deve sempre começar, e nada deve nunca terminar. Os homens vão para o campo e querem trazer de volta consigo uma impressão que seus pés cansados granjearam do chão. Mesmo as crianças não querem nada além de existir, e isso o mais rápido possível na pista, tão logo tenham saltado do carro. Inocentes, buscamos fôlego.

Ora, o filho dessa mulher ainda não vê além do próximo degrau. Seus pais precisam fazer isso em seu lugar, em sua cidade, em cujas vias arteriais eles rezam para que o menino venha a superar todos os outros. Num estado de ânimo molhado, ele ainda volta de vez em quando a boca em direção à mãe, a boca meio desencabrestada, já liberta do arreio do violino. E só então é a vez de seu pai. Este fala, nos bares de hotéis da cidade sede da comarca, sobre o corpo de sua mulher como se falasse da fundação de um clube patrocinado por sua fábrica, embora ele em breve tenha que ser rebaixado para disputar o Campeonato Racional. Através dos lábios do pai, vêm palavras de um odor penetrante, das

que não se encontram em nenhum livro. Isso não dá mesmo, desbeiçarem um ser humano vivo dessa maneira e depois nem o lerem! Séculos não são capazes de abater esse homem, ele a todo momento torna a se levantar. Jesus: com esse também não se pode acabar!

Ainda hoje cedo a mulher andou desnorteada para lá e para cá, sonhando em vigília, em uma cabine de vigia em sua casa, onde aguardava o marido, para que a farejasse e a lambesse até o fim. O que ele ia querer agora: suco de laranja ou de *grapefruit*? Furioso, aponta de relance para as geleias. Está previsto que ela o aguarde até que ele chegue à noite para acomodar a cabeça dentro dela. Diariamente ele põe em prática sua técnica, como já faz há muitos anos – e não é que eles produziram um resultado gracioso? Cada um acerte seu alvo como quiser, afinal os homens já nascem com o disco no peito e deixam que o pai os mande através das montanhas somente para por sua vez dispararem e abaterem outros.

O chão está pesadamente coberto de gelo. Brita cansada se espalha sobre as placas, como se alguém tivesse perdido alguma coisa nesse clima. A comunidade mandou espalhar pedrisco para que os veículos não tenham seus pneus estourados. Os caminhos para as pessoas não estão salpicados. O ócio dos desempregados sobre suas solas leves pesa no orçamento, mas praticamente não na neve. E alguém é tomado por seu destino, em cujas mãos já não cabe mais nada, com a taça de vinho e o prato do variado *buffet* frio. Assim, os políticos precisam mesmo extravasar o que trazem em seus corações transbordantes. A mulher força o pé contra o farto meio-fio. Ali impera a lei do catalisador: sem o acréscimo de dinheiro o ambiente não reage a nós, ambiciosos caminhantes. E até mesmo a floresta deve morrer. Janela aberta, e que entrem as sensações! Então a mulher mostra do que o mundo masculino adoece.

Remando desamparada, nossa Gerti está em pé sobre uma placa de gelo e se oferece. O roupão esvoaça ao seu redor. Ela tateia o ar. Gralhas soltam seus gritos. Ela joga os membros para a frente como se tivesse semeado tempestade e não compreendesse o vento que se faz ao seu redor no Dia das Mães ou no bebedouro de seu sexo, quando a boca do marido aparece sob a mesa para lhe

subtrair o melhor creme. A mulher sempre busca a terra, com a qual muitas vezes é comparada, para que se abra e engula o membro do homem. Deitar-se talvez um pouco na neve? Você não acreditaria na quantidade de pares de sapato que essa mulher tem em casa! O que a anima a sempre comprar ainda mais roupas? As pessoas, para o diretor, só contam na medida em que são pessoas e são consumidas ou podem se tornar consumidores. É de tal maneira que falam com os desempregados dessa região, pensados como alimento para a fábrica e no entanto querendo, eles próprios, comer. Gente que conta em dobro para o diretor, caso ostentem um instrumento ou sejam capazes de entoar um gole. Tirita, concertina. O tempo passa, mas ainda deve falar conosco. Nem um momento de paz. Eternamente toca o aparelho de som, ouçam com atenção, se dispuserem de paciência mas não de um violino! O quarto se ergue, um raio de luz se impele para nós, fora; os custos com esporte e lazer crescem felizes rumo aos céus, e as pessoas sobre as mesas de cirurgia são reaprumadas até o limite do tolerável.

VII

Pelos arredores, caem os indivíduos deprimidos, inundações, sobre as escadarias e sacadas decoradas, rumo ao incerto de seus dominadores. Não extrapolam em suas peles mansas. Insolente, o rádio grita pela manhã que é hora de acordar. E logo lhes é retirado o piso quente do amor, seu lençol ensopado de suor. Então eles saem apalpando ao seu redor, em busca de suas mulheres, e sujam os cuidadosamente tratados pertences, “felicidades que tenho”. O tempo passa como um suave sopro de vento. As pessoas precisam se apresentar rentáveis até alcançarem o momento de se aposentar. Até estarem elas pagas e estar ela, a aposentadoria, parcelada, o que a vida toda acreditaram de olhos fechados possuir apenas por terem, na condição de hóspedes, a permissão de permanecer dentro, enquanto suas mulheres, pelo uso constante, surrupiavam vida das coisas. Somente as mulheres estão de fato em casa. Os homens andam aos trotes através dos arbustos, na noite, e dão saltos na pista de dança. A fábrica de papel. Ela joga as pessoas novamente para fora depois de estas terem sido convenientes por anos a fio. Primeiro, porém, vão até o andar mais alto buscar sua papelada.

A senhora diretora está bem no meio deles, uma calada brancura. Nem uma boa carne assada a deixa, como a nós, novamente contente para continuar vivendo. Os pequenos são levados a ela para aprenderem a bater palmas e matraquear. Até que essa música nutritiva venha a se calar e a fábrica faça se erguer seu berro por sobre as montanhas. Os homens pais dirigem logo cedo, sonolentos, suas fontes chapinhantes até a bacia; de um modo mais rústico, já despertam os aprendizes, nos quais se despejarão pás de música tão logo o despertador os tenha depurado. Os corpos seminus crescem diante dos espelhos dos banheiros recém-azulejados, reluzem as algemas, os franguinhos gritam

impertinentes da abertura das calças, e sua urina morna é fielmente levada embora. Essa toalete é talvez uma imagem que espelha você mesma. Trate-a, portanto, como também gostaria que a tratassem!

Há um carro estacionado diante da mulher do diretor. Um animal espia o que há à frente de si e salta para dentro da floresta, onde agora vai ter paz. No verão, certamente também balançam ali as toras de pesados fardos da vida, que as pessoas vão descarregar na natureza, onde se aliviam. O carro é quente, o céu logo parece muito mais baixo. O tempo declina, e surge uma inclinação. Na floresta, as renas se exibem, essas para quem o inverno é ainda pior que para nós. Curvada contra o painel, a mulher chora e procura lenços de papel no porta-luvas, para acalmar sua dor. O carro dá partida, perguntas são distribuídas como barbaridades, ou melhor, caridades. Logo em seguida, a mulher escancara a porta do automóvel, que começa a se mover, e cai na floresta. Seus sentimentos a preenchem por completo, e ela precisa se desprender para fora como fazem os instintos quando alguém os mantém aprisionados no aparelho de antevisão do corpo. Assim está escrito nos livros, nesses em que a pessoa, pagando tão barato, pode saber tudo sobre aquilo que lhe é mais caro: sobre si mesma. Como se houvesse mosquitos ali e uma outra cria estranhada, a mulher golpeia o ar e cai sobre uma raiz, rasga o rosto em uma neve velha, quase gelo, e desaparece em pontos mais escuros da floresta. Não, ali em frente ela está é correndo! Tropeça sobre cachos negros na galharia. Logo em seguida, volta por espontânea vontade para a coleira e o cinto, embarca, deixa-se preguiçosamente encher o fundo da poltrona. Em si mesma, ela fica grande e a postos para servir. Ouve seus sentimentos rolarem como trovões e passarem como um trem expresso correndo através da estação de seu corpo. Basta a corrente de ar produzida pelo delgado bastão sinalizador de parada do senhor chefe de estação para quase fazê-la revirar. Ela ouve sua voz interior. Ela ouve apenas sua voz interior. É como uma força do céu para todos esses seres dotados de sentimentos o estalar das correntes de alta potência que a preenche. E como são maravilhosas essas pessoas que têm tempo suficiente para tirar o

brevê de piloto para suas percepções errantes e desgovernadas, a fim de poder sair voando dentro de si!

No meio de sua vida, essa mulher com frequência e de bom grado acredita ter que se mover para fora da linha de fuga das outras mulheres, que nela atracaram com seus despencantes peitorais e poedouros, para viajar a uma terra mais farta, onde estancam mais cuidadosamente as lágrimas de uma pessoa. Ela se apega a si com idolatria, e gosta de participar, como turista de pacote, de todas as suas viagens ao território prudente das paixões. Ela se encontra consigo onde quer e ao mesmo tempo foge de si, porque pode haver em algum outro lugar um encontro mais esplêndido com seu íntimo, onde a pessoa possa ficar sentada nas nuvens e despejar dentro de si ainda mais de suas sentimentalidades. Ela é tão fugaz quanto uma ligação que a qualquer momento acabará por se dissolver.

Algo semelhante ao que se dá com a arte e com nossa percepção em relação a ela, cada um uma coisa diferente, a maioria nada, e no entanto somos unânimes em cavoucar de dentro de nós os últimos recursos e servi-los ao outro, semicozidos, para que os engulam. Saímos de nossos pequenos fornos como um incêndio num quarto. Seguimos com rapidez demasiada nossas necessidades, como se seguíssemos uma pista de gelo; o sol brilha, e nossos salões, onde entramos em ebulição – desejo humano de viver –, ainda ganharam um reforço na calefação. Tudo está quente e repleto de espírito, um espírito que, aquecido por pequenas chamas, sobe acima de nós, para que os outros o vejam. Num dado momento, tombamos então, porque perdemos o chão sob os pés, nos apaixonamos dos pés à cabeça e temos feito exigências cada vez mais incumpríveis a nossos parceiros. Como nos deixa felizes correr sob figuras variadas através das montanhas, até que se percam nossas carapuças.

Cheio de si, como que montado sobre um alto e caro cavalo, o estudante ouve atentamente como a mulher se entrega à responsabilidade dele. É um momento único, que a conduziu ao saguão de seus sentimentos, onde o silêncio exala como uma estufa e fábrica de conversas febris. Embrulhados em fala, disparam

dela em calafrio os dias de sua infância e as mentiras de sua idade. O estudante é conduzido dos pensamentos da mulher ladeira abaixo. Ela continua falando, para se tornar mais importante, e sua fala já se destaca da verdade no exato momento em que despontou dela e pareceu um tanto graciosa. De resto, quem mais escuta quando a dona de casa faz um movimento em direção ao interior, porque o filho está berrando ou a comida começando a queimar? Quanto mais essa mulher fala, quanto mais discursa, mais deseja para si e para o homem que eles permaneçam um enigma um para o outro, e assim interessantes o suficiente para que repousem um pouco um no outro e não venham logo a voar alto e despencar dali de novo.

Mas quem melhor que os sentidos para sentir a dor? Em panelas matracantes, onde o vapor canta, nós produzimos o sentimento. Mas e aqueles sacudidos pela iminente demissão? Aqueles batem a testa contra a fábrica de papel, que talvez tenha que ser abandonada pelo conglomerado a que pertence, porque se tornou rentável por ganhos indireitos. Além disso, ela polui o rio, e já estão crescendo muitos que, afiando desajeitados suas garras rombudas, ouvem a voz da natureza, que finalmente aprendeu a falar a língua de seus filhos. Assim essas crias de escolas as mais superiores entendem o que a natureza diz e o que se passa em seus ares e águas. E um sorriso se espalha sobre os rostos dos contendores, pois eles têm razão. A natureza, como seus sentimentos, concorda com eles. Extraem-se amostras de água que se estragou e agora esperneia, mas em algum lugar já se abre uma nova ferida na natureza, para a qual todos têm que correr. Na frente e atrás, lançam-se então fora depois de algum tempo, esse tempo mesmo que leva a incubadora, os detritos humanos. Eles já entraram como esterco. Sim, a fábrica o produziu com a ajuda de seus moradores e motivadores, papel, nosso adubo, esse lugar em que nós, dobras sangrentas deitadas em nossos sofás, ainda registramos nossos pensamentos. O que quer que tenhamos para dizer uns aos outros, para dissolver nosso amor em nada e noite e para nos elevarmos em seu estrume e atingir dimensões inauditas, a pessoa diante de

nós não se sente tocada, pois está ocupada com suas próprias remordações, que precisa lavar e reabastecer todos os dias.

Quanto mais profunda a felicidade, menos se fala dela nesta região, para que a pessoa não se perca dentro e os vizinhos não fiquem com inveja. Os que são expulsos da fábrica têm que olhar diligentemente dos lados, para poderem pedir fiado no comércio, em cujo dono e coração eles tentam se atirar. Nas trevas moram seus patrões, as águias capazes de, com um assentimento de cabeça de suas esferográficas, desviar deles a sina de seus animais capturados como presa. Mas não: sem medo, os filhos dos Alpes vão embora atravessando o abismo sobre pontes frágeis. Precisam se curvar. Aqueles que lhes são mais queridos não moram perto, por isso eles têm de ir visitá-los, tisná-los, apenas para ganhar deles a bofetada de um café com um terrível chantili. Mas não percebem o que estão sentindo, e não ouvem com atenção quando lhes explicam isso.

O jovem se inclina em direção à mulher, que deu um pequeno passo para o lado, a fim de conversar com suas queridas parentes, as saudades. Dos grandes olhos brotam-lhe as lágrimas e caem em seu colo, onde moram as lascívias, onde estas aguardam e mandam lhes cortarem as unhas. Afinal, não somos animais, para que tudo tenha que acontecer sempre imediatamente; nós refletimos se o parceiro combina mesmo conosco e até onde ele pode ir, antes de o repelirmos. Agora temos todas as xícaras juntas, sim, muito se acumulou ao longo dos anos. Só é preciso atentar para que se nade sempre acima da água, para que de longe se possam contemplar os outros barcos, quem tanto eles convidaram e embarcaram. E esses, por sua vez, podem mirar o modo como você afunda. E isso usando um traje de banho do qual sobressaem atrevidamente as partes do corpo que seria melhor se permanecessem ocultas. Ninguém conhece melhor o próprio corpo que aquele que o possui, sua casa, mas isso ainda não quer dizer que se possa logo ir convidando pessoas para o visitarem. Por que um outro não haveria de nos amar? E por que é que então não o faz?

O jovem puxa de leve o roupão de Gerti, descobrindo-lhe o ombro. Em seu banco, a mulher não consegue girar o corpo, arrasta-se a

esmo, como se quisesse ocupar mais lugares. Ainda que suas intimidades clamem do decote com tanta suavidade, querem de preferência ocupar seus assentos ali onde agora ainda se espalham árvores – o que mais, senão estas? Mal se desvencilhou nossa Gerti do cinto de segurança de sua casa e um jovem representante do direito já quer alcançá-la no porta-luvas. Se se pensar em quantas cavidades um corpo saudável possui! E um doente, então! A mulher escancara o peito com a faca de suas palavras, e o estudante logo pode enfiar dentro as lascas de sua opinião e outras doações de caridade. Michael finalmente estacionou em frente a um posto de alimentação de animais selvagens. Sim, os poderosos e seus funcionários florestais gostam de confeccionar paraísos artificiais em que a natureza então, esbarrando desajeitada e pesada por toda parte, pode entrar. E às mulheres é prometido o paraíso se elas o prepararem e souberem temperá-lo para seus maridos e filhos na terra. Nenhum descanso as tortura. Pois já há algo ardendo ali no arbusto!

Um ribeirão cheio de anseios deve fluir da mulher, é o que espera o jovem e, deitado de bruços satisfeito, cutuca com um palitinho as formigas, fustigando-as para fora de sua toca. Os ágeis animaizinhos desentocados põem-se a correr para todos os pontos cardeais. São difíceis de apreender, mas às vezes vêm por si só, como sonhos. Então se pode repor um carregamento e meter dentro sua tora grosseira. Os corpos devem sempre arder. Para isso nós cuidamos com tudo o que temos, apenas para que o sexo estremeça um pouco; não podemos deixá-lo em paz, sempre é preciso sair brincando com fogo e ameaçando incêndio nos arredores. Troncos que antes pareciam seguros devem ser abatidos, apenas para que possamos abrir os braços e a todo momento voltar a deixar ferver e cair goela abaixo a vida, que aliás recebemos de presente. E os escassos regatos de vida das mulheres, que logo tornarão a se extinguir, certamente procuram sempre para si umas segundas águas, as mais arrebatadoras possíveis, com as quais possam fluir juntos, uma suntuosa fila de sinais de vida e amor, depostos como bandeiras; e cochos onde

animais enfiam suas línguas esticadas ou são enganados eletricamente com seus próprios líquidos.

Tira-se dos ombros de Gerti o tecido do qual eram feitos seus sonhos e embolados no forro. Ela verte sua ruína de vida sobre esse filho do homem, que nada quer além de, o mais depressa possível, apalpá-la e abastecê-la. Obstinada, ela fica colada nesse ninho de luz que a iluminação interna do carro espalha sobre si. Tenta, no entanto, ainda levantar-se, saltar para a vida da qual acabou de chegar. Sobre o teto que protege ambos os corpos, há um par de esquis muito bem afixados e impossíveis de se mover do lugar. Estão juntos os mais amados, e estão sempre prontos para lhes cair da escada dos sentimentos, porque há algo que os incomoda nos olhos felizes do parceiro, algo que eles não escolheram do cardápio. Dentro em pouco eles se conhecerão melhor e ficarão atarefados trabalhando com os pratos de seus destinos.

Dentro do carro está tão quentinho que o sangue cintila através dos corpos. Na natureza, fez-se nesse meio-tempo um vazio absoluto. De longe, crianças gritam a plenos pulmões. Amordaçadas, esbravejam agora nas austeras câmaras das salas de estar camponesas onde se produziu uma completa saraivada pelos homens seus pais, nas primeiras horas da escuridão, quando as mulheres recebem para segurar em espécie na mão a coisa grande dos homens. Do lado de fora, a respiração gela no queixo. Essa mãe, contudo, já é alvo de grande procura por seus inconvenientes parentes. Seu todo-poderoso, o diretor da fábrica, esse cavalo com seu corpo enorme que já fumega antes mesmo do assado, queria pôr, descomunal, braços e pernas ao redor dela, impacientemente descascar-lhe a fruta e chupá-la até o fim, enérgico, antes de entrar manobrando seu membro permanente. Essa mulher existe para que lhe meta os dentes e arranque pedaços. Ele gostaria de rasgar a metade inferior de suas peles e engoli-la ainda fumegante, temperada pelo bom sumo dele. Agilmente, aguarda entre suas coxas o membro. Junto ao saco pesado, os pelos se aglomeram, logo ele se descarregará dentro da cabeça baixa da mulher! Uma única mulher basta quando o homem,

inflado pela fome, anda por seus caminhos retos. Ele gostaria de bater forte com suas vísceras contra a barriga da mulher, perguntando se há alguém em casa. E, contrariados, claro, os lábios devem se separar, para, vestidos à força nuns higiênicos pijaminhas cor-de-rosa, se deixar comparar com outros, semelhantes, conhecidos antes. Além disso, esse homem prefere o intercurso oral e o anal a todos os cursos de escolinhas de trânsito. O que é que se pode fazer senão se refrescar, tirar a capa de proteção, sacudir os cachos e saltar contente para dentro? Ninguém se perde, e nenhum som ecoa.

A diretora é invejada pela maioria das mulheres aqui, que têm de carregar consigo suas bacias largas, suas eclusas e artérias. Essas grandiosas éguas de lavoura só têm uma chance de se deixar selecionar: cozinhando para a família, a partir de detritos e ruínas, um lar. Até no quintal nascem os seus figos, porém os homens gostam de aguar sulcos alheios. E as mulheres ficam em casa e esperam que as revistas ilustradas lhes mostrem o quanto estão bem. Já que, afinal, estão embrulhadas secas nas fraldas descartáveis de seus molestos domésticos afazeres. Mas que felicidade – seus simpáticos cavaleiros gostam de montá-las!

VIII

Eu os convido, a sério: brisa e prazer para todos!

A mulher já está vindo, agora mesmo, até os senhores, por favor esperem. Primeiro ela ainda tem que se recobrar: ao beijar (da fachada revestida do bebedouro onde também os senhores querem sempre se derramar), será bom, sim, se nós tivermos todos os sentidos reunidos. O estudante se figurou tão belo que ela se deixa apalpar. Ele coloca o braço entre as coxas da mulher. Com o olhar voltado para a direção de sua viagem, cuida de si, enquanto lhe percorre as roupas, que consistem num mero roupão, que não permanecerá. Assim como muitos têm que pegar ônibus terríveis para viajar (e pagar terríveis ônus se pararem por tempo demais sobre a genitália errada. O possuidor – ou melhor, assessor – de trinitários desejos acostuma-se conosco e não nos deixa mais partir de sua acolhedora residência térrea. Esse tema da trindade eu ainda preciso explicar: a mulher é tripartida. Agarrem em cima, embaixo ou no meio!), até que eles possam se entregar à simpatia dos diferentes estádios esportivos, onde possuem um ao outro, mas não são capazes de se compreender. Onde eles saem berrando por toda parte e jogam seus caroços e cascas. Bem, agora essa mulher não pode esperar mais, é preciso fazer circular um pouco de calor dentro de si.

O banheiro compartilhado do corredor não pode ser por si só o único responsável por nos lançar para fora, a nós desfamiliarizados, na mais avançada hora da noite diante da porta, onde espertamente perscrutamos ao redor para conferir se não há alguém nos vendo, a mão apertada contra o sexo, como se fôssemos nos perder no próximo entroncamento antes ainda de o enfiarmos dentro de seu armarinho de madeira das mais rústicas, especialmente pintado à mão.

Entre muitas opções de morar, o jovem escolhe exclusivamente essa, só que o gabinete não para quieto, não, chega até a correr à sua frente no escuro e no frio! Essa Gerti chegou antes mesmo dele à zona de alimentação de animais selvagens. Nesse lugar, muitos já têm falado em beijar, esticado as lanternas e lançado suas sombras gigantes nas paredes, para poderem ser perante um indivíduo mais do que uma única pessoa pendurada de esguelha no *ski-lift*. Como se pudessem crescer de puro tesão e jogar mais uma vez a bola no cesto e até mesmo acertar! Um jogador pode ter alta estatura. Foram buscar e trouxeram para fora todos os seus aparatos, para com eles abordar o parceiro. Tantas providências urgentes a tomar – unindo sujeira e higiene – para se possuírem um ao outro, como se costuma dizer inacertadamente. Nessa poeirenta tabacaria é que nós terminamos, quando dois objetos domésticos do mais simples formato geométrico se movem em direção um ao outro, porque querem aparar suas arestas (ficar inteiramente novos!). Agora! De repente, há uma mulher em pé vestindo sua combinação, no corredor, um jarro de água na mão: terá ela provocado uma tempestade ou estará apenas querendo esquentar um chá? Imediatamente uma mulher torna o mais simples, mais gélido lugar numa desova. Isto é: a mulher consegue deixar um lugar aconchegante para o indivíduo antes mesmo de achegar-se a ele com segredos ou carinho. Com o jovem, finalmente entrou em sua vida alguém que poderia ser o maior intelectual. Agora tudo vai ser diferente do que o planejado, agora vamos imediatamente fazer um novo plano, primeiramente estufaremos bem o peito. O quê? Seu filho também toca violino? Mas certamente não estará tocando neste momento, já que ninguém vai apertar nele o botão de ligar.

Vem, grita ela para Michael, como se ainda fosse receber dinheiro de um comerciante que odeia a nós, clientes. E que, no entanto, não pode abrir mão de nós. Ele tem que nos providenciar tudo, para valermos o preço pago. Agora essa mulher quer enfim se fazer infinda. Primeiro nos precipitamos, um dois (também vocês podem imitar, do modo como estão sentadas em seu automóvel, tão limitadas em sua velocidade quanto em seu modo de pensar), sobre nossas bocas, depois a qualquer outro vazio dentro de nós, para

aprendermos algo. E o parceiro já é tudo para nós. Logo, em alguns minutos, Michael penetrará em Gerti, que ele mal conhece ou, se conhece, apenas de vista, como um controlador de bilhetes de trem que antes, nos vagões-dormitório, sempre batia na porta dela com um objeto duro. Ele agora tira o roupão da mulher pela sua cabeça e, com a boca numa excitação a si mesmo recomendada, leva essa mulher até então inóspita a se comportar de um modo pavoroso na fila diante do guichê, nessa fila em que estamos, o dinheiro embolado por trás da braguilha da calça. Somos nossas próprias e mais renitentes adversárias quando se trata de questões de gosto, pois a cada um agrada algo diferente, não é verdade? Mas como fica se, inversamente, quisermos agradar alguém? O que fazer agora? Em nossa preguiça ilimitada, chamar o sexo, para que ele venha fazer o trabalho por nós?

Michael puxa as pernas da mulher para cima de si como se fossem duas hastes de trólebus. Com seu espírito explorador, observa nesse meio-tempo atentamente aquela fenda não lavada, uma cartilaginosa versão especial daquilo que toda mulher traz consigo, num outro tom de lavanda ou lilás. Ele recua e observa em detalhe onde repetidamente vai desaparecer, para grosseiramente ficar de novo à vista e se tornar um completo apreciador dos prazeres da vida. Com todos os seus erros, no entanto, entre os quais o esporte não é exatamente um dos menores. A mulher chama por ele. O que estará acontecendo com seu expositor, seu sedutor? Sem que se tenha dado a nossa Gerti a oportunidade de se lavar, seu buraco parece embaçado, como se recoberto por uma capa de plástico. Quem é capaz de resistir então sem enfiar logo o dedo dentro (também dá para pegar ervilhas, lentilhas, alfinetes de segurança ou bolinhas de gude), imediatamente a pessoa colherá a aprovação entusiasmada de sua parte mais minúscula e sempre padecedora de algo. O sexo inflexível da mulher tem a aparência de não planejado, e para que vai ser utilizado? Para que o homem possa se engalfinhar com a natureza. Mas também para os filhos e netinhos, que, claro, querem vir de algum lugar para a merenda. Michael olha para a complicada arquitetura de Gerti e berra alucinadamente. Como se quisesse destripar um cadáver, puxa-lhe

pelos cabelos em direção a seu rosto a boceta fedorenta de insatisfação e secreções. O cavalo e sua idade se reconhecem pelos dentes. Tão jovem essa mulher já não é mesmo; mas mesmo assim essa furiosa ave de rapina ainda bate as asas diante de sua porta.

Michael ri, pois é único. Estará essa atividade nos tornando mais inteligentes, para uma pessoa poder saltar até a outra, falar com ela e entendê-la? As genitais das mulheres infamemente instaladas na montanha diferenciam-se na maioria de suas características, garante o especialista, semelhantemente ao que ocorre com as pessoas em geral, que podem usar as coisas mais variadas para cobrir a cabeça. Sobretudo em nossas senhoras está o maior número de diferenças. Nenhuma é como a outra; de todo modo, para aquele que a ama isso é indiferente. Ele vê o que se acostumou a ver nas outras, reconhece-se no espelho como seu próprio deus, que perambula nas profundezas das águas e vai pescar, fica observando e já pode diretamente pendurar para si na pacoteira gotejante de seu sexo, para penetrar e esbofetear, a próxima cliente. A tecnologia não corresponde à potência do ser humano, i.e., não é aquilo que o faz tão poderoso.

Basta que você olhe para um lugar qualquer, e os viciados em êxtase, essa mercadoria integrada, semiconduzida, olharão de volta embasbacados. Ouse afinal algo que tenha algum valor! Ou será isso o sentimento, esse guia turístico sem conhecimentos do lugar, o sentimento germinando sobre seus músculos flexores estendidos e ignorando o crânio? Não precisamos inevitavelmente observá-lo crescer, podemos procurar para nós um outro pupilo que possamos acordar e alegrar conosco. Mas os ingredientes estão mexidos como nós. Nossa massa cresce e avança, impelida por nada além de ar em seu interior, um cogumelo atômico, sobre as montanhas. Uma porta se fecha com estrépito, e estamos a sós de novo. O marido contente de Gerti, que anda sempre balançando pelos lados, despreocupado, seu pincel-pênis, como se suas gotas caíssem de um tronco maior, agora não está lá para esticar a mão em direção à sua mulher ou retirar do filho, à força, o instrumento. Com vigorosas estocadas de vara, o jovem homem, que se destaca

agradavelmente diante de uma parede revestida por não ser tão rijo quanto uma tábua, tenta alargar o interior dessa mulher. Ele agora está alegremente interessado e conhece a transformação pela qual mesmo mulheres discretas são capazes de passar, sob o flamejante, recém-preparado e aromaticamente agradável amontoado de sexo do homem. O sexo até é, indiscutivelmente, nosso centro; mas não moramos ali. Preferimos nos alojar com mais espaço e equipamentos extras, que possamos ligar e liquidar quando bem quisermos. A mulher já se esforça interiormente para voltar a seu *Schrebergarten* , sua horta familiar em lote público, onde ela mesma possa colher os bulbos, as lâmpadas incandescentes de sua xoxota e, dentro das linhas amarelas de demarcação e sofrimento, possa se pôr a trabalhar de próprio punho. Também o álcool num dado momento se dissipa. Mas o jovem continua, quase urrando de alegria com a própria transformação, que ele bem a quis, vasculhando seu confortável táxi. Olha até debaixo do banco. Abre Gerti e logo torna a batê-la fechando atrás de si. Não achou nada!

Também podemos de bom grado vestir gorrinhos higiênicos, para não adoecermos. De resto, não nos falta nada. E ainda que os cavalheiros levantem a perna e urinem em suas acompanhantes, não poderão permanecer assim; terão que continuar correndo, sem descanso, até a próxima árvore, onde suas minhocas genitais se engancham até que alguém as apanhe. A dor dispara como um raio dentro das mulheres, mas não as danifica a tão longo prazo, a ponto de elas terem que chorar por móveis carbonizados e aparelhos derretidos. Mais uma vez escorre líquido de dentro delas. Pois saiba: de tudo, só não de seus sentimentos sua parceira vai querer abrir mão, afinal ela gosta muito de produzi-los, esse alimento dos pobres. Acredito até mesmo que ela seja especialista em cozinhar, para finalmente preparar em conserva o coração dos homens. Os pobres preferem virar de lado, sem se deixar enxotar por nenhum companheiro de viagem. Seus pintos ainda chegam até mesmo a deitar-se diante deles e suas gotas vêm do coração. Deixam somente pequenas manchas sobre o lençol, e nós logo as faremos sair de novo.

De todo modo, em muito copo resta como única substância razoável o vinho. O diretor da fábrica se embebeda: olha fundo demais no copo, até ver o chão, e assim quer se derramar de seu poderoso recipiente diretamente sobre sua Gerti, que ele plantou à sua frente. Despe-se imediatamente ao vê-la, e a tempestade precipita de suas nuvens, antes mesmo que ela possa se proteger. A genitália do homem é uma peça grande e pesada, encheria uma pequena frigideira se colocassem os ovos do lado. Antes ele oferecia sua peça a muitas mulheres, que gostavam de apascentá-la. Agora nenhuma relva mais se espalha cobrindo o chão. Modificado em suas formas pelo seu lazer, o sexo do homem repousa em cadeiras de jardim e se arrasta por caminhos de cascalho para os quais ele olha satisfeito de cima de sua bolsinha, onde é carregado, e quica modorrento e moderado como a bola de uma criança. O trabalho molda o homem, incluindo seus equipamentos, rapidamente transformando-o então no animal rude, conforme o qual ele foi pensado. Um capricho da natureza faz com que os homens fiquem com seu sexo pequeno demais na maioria das vezes antes mesmo que tenham aprendido a portá-lo direito. Eles já folheiam catálogos de produtos exóticos, para se deixar acionar por motores mais potentes, que além disso consomem menos combustível. Colocam seus aquecedores de imersão dentro daquilo que lhes esteja mais próximo, e isso é o que possuem de mais familiar, isso são suas esposas, nas quais eles todavia não têm a menor confiança. Gostam de ficar em casa, para vigiá-las. Depois meneiam o olhar para o lado da fábrica, que se encontra em meio à fumaça. Mas, se tivessem mais paciência, iriam nas férias até a costa Adriática, para então poderem mergulhar seus estróbilos estrebuchantes, cuidadosamente depositados no emaranhado elástico dos calções de banho. Suas mulheres vestem então minúsculos maiôs. Seus seios estão amigos um do outro, porém também gostam de conhecer uma mão alheia, que no entanto apenas os arranca das espreguiçadeiras onde eles se balançam suave e ociosamente, amassam entre os dedos e os jogam fora no cesto de papel mais próximo.

Há placas de sinalização pelos caminhos, apontando para as cidades. Só que essa mulher tem que se imiscuir na vida de crianças que devem aprender a andar dentro do ritmo na seara de sua vida. Relaxemos um pouco, para podermos nos transportar para dentro de nós! Neste espaço o ar está, como sempre, hibernal e florestal. Sente-se o cheiro da erva, da palha para o animal dentro de nós. Já o trouxeram com muita frequência para passear neste lugar. Muitos saíram esguichando aqui por todo lado – em troca, cederiam todo o sexo de sua mulher, para poderem colher, no lugar onde o enterraram no chão, muito mais mulheres ainda – como se tivessem vencido na prova de automobilismo. Alguém jogou fora uma camisinha antes de manobrar suas pegadas de novo para casa. A maioria deles não tem ideia do que fazer com a pestinha cantarolante do clitóris. Mas todos já leram revistas sobre o assunto, que provam que a mulher tem algo a mais do que se havia inicialmente imaginado. Sim, devem ser mesmo alguns milímetros a mais!

O estudante comprime a mulher junto a si. O assobio que sai de sua válvula ele mesmo consegue eliminar empunhando de leve sua panela, que está cheia. Ainda não quer ejacular, mas também não gostaria de saber que esperou em vão por isso. Belisca com mãos habilidosas a parte mais indecorosa da carne da mulher, que se assenta mole na caixa almofadada dele, para que ela tenha que abrir ainda mais as pernas. Ele revolve no sexo sonolento da mulher, contorce-o para formar uma sacolinha e o deixa outra vez voltar a estalar abruptamente. Não deveria ele desculpar-se por tratá-la pior que à parafernália de som que possui? Desfere-lhe tapas no traseiro, para logo rolá-la de novo de costas. Com certeza, depois ele vai conseguir dormir bem, não diferente dos seres que trabalharam honestamente, trocaram carícias, custaram e degustaram algo.

Os cabelos dela agarrados nas mãos, o estudante fode a mulher com rapidez, sem enquanto isso olhar para o mundo onde apenas os mais belos são cuidados e submetidos à manutenção, uma parada para revisão a cada dois mil quilômetros. Ele olha para ela, para poder ler-lhe algo no rosto deformado pelo marido. São bem

capazes os homens de se desligar do mundo pelo tempo que desejem, apenas para novamente se juntar então ainda mais firmemente a seu grupo de viagem habitual; sim, eles têm a opção, e quem os conhece sabe a quem estamos nos referindo: ao mundo masculino, que abarca cerca de duas mil pessoas do esporte, da política, da economia, da cultura, nos quais então os outros têm a permissão de ir se banhar, porém quem abraça amorosamente todas essas bocas inchadas de presunção? E o que o estudante ignora além de sua corpórea dignidade e desamabilidade? A boca da mulher, da qual brotam torrentes, e o chão, de onde o retrato dela ri na direção dele. Eles se arranjam um com o outro sem proteção de sala nem de camisinha, e agora o homem se desenrosca parcialmente para sair e poder observar seu rijo sexo a entrar e sair de cena. A lata da mulher dá ganidos, o cofre guincha, está destinado a receber apenas para logo ter que ceder tudo de novo. As duas coisas são igualmente importantes nesse ato, digam isso ao empresário moderno, e ele levantará as sobrancelhas, assustado, e erguerá seus filhos ao alto, para que eles entrem na ira dos subordinados.

Vagarosamente acalma-se o latejar da mulher, que o homem pretendeu nessa exata forma. Ela recebeu sua porção e talvez ainda ganhe mais uma. Calma! Agora apenas os sentidos estão falando, mas nós não os entendemos, pois debaixo de nosso assento eles se transformaram em algo incompreensível.

Despeja-se o estudante naquela casinha de alimentação para o animal. Agora eles definitivamente veem a noite, vestida de negro, sair de assalto. Outros viram-se mais uma vez antes de se deitar amorosos um junto ao outro e pensar em pessoas de porte mais belo, que haviam visto retratadas numa revista. Quando Michael prendeu seus esquis, ainda não contava com isso: que o esporte, aquela constante infinita de nosso mundo, com residência fixa no aparelho de televisão, não cessa somente porque o sujeito já limpou os próprios sapatos. A vida toda é esporte, e sua vestimenta nos vivifica. Do mesmo modo, todos os nossos parentes com menos de oitenta usam, afinal, calças de agasalho e camisetas. O jornal do dia seguinte já está sendo vendido, para que se possa elogiar a noite

antes mesmo do dia seguinte. Alguns outros são mais bonitos e inteligentes que nós, e isso está escrito. Mas o que será daqueles que não são mencionados e de seu tocante mas não muito atuante pênis? Para onde devem esses indivíduos conduzir seus pequenos rios? Onde está o leito no qual param e descansam e do qual retornam consolados? Na terra, eles estão juntos o tempo todo, com suas preocupações com seus órgãos parcos, mas onde vão esguichar seus anticongelantes, que devem protegê-los no inverno, para que seu motor não trave? Onde vão se manipular e deixar que o sindicato os manipule? Que corpos perfumados vão se elevar, cadeias de cumes, em seus caminhos para formar um gado de curral próprio no qual eles comecem a espetar suas facas, e uma família de cultivo próprio na qual comecem a trabalhar com seus aríetes? Pois é fato: os tocantes, que ao labutar na maioria das vezes também têm que ser os mais atuantes, não são mero material decorativo de nossa vida, eles pegam seus membros e querem, afinal, enfiá-los em algum lugar. Não nos esqueçamos de como as pessoas, para conseguir algo, se escondem umas nas outras, para que o átomo não surja para nos desintegrar.

Antes mesmo que o ponteiro dos minutos da felicidade acaricie os dois, já saiu um líquido de Michael, santo produto de sua casa. Nada mais. Na mulher, entretanto, que queria presenciar e providenciar o mais sublime, foram ligados reatores de usinas sem núcleo. Abriu-se uma área de mananciais com a qual ela por décadas sonhou em segredo. Tais forças são expedidas pelo mesmíssimo cavalo de sempre, que traciona o corpo do homem e é acionado para a frente pelo açoite de atraentes mulheres, e logo atingem as mais nanicas ramificações do ser feminino. Uma queimada. A mulher já pressiona esse indivíduo junto a si, como se ele tivesse crescido nela. Ela grita. Logo, já tomada de fantasias por causa de suas sensações, irá embora e lançará essa semeadura de dentes de dragão no Estado anão de seu lar, para que por toda parte onde o sêmen toca a terra brotem e cresçam por amor a ela pequenas mandrágoras e outras plantas anãs. E a mulher pertence ao amor. Agora mais do que nunca ela vai precisar vir repetidas vezes a este belo parque de diversões. Somente pelo fato de esse

jovem homem ter tirado para fora sua trolha, que nesse meio-tempo se tornou quase inútil, e estar acenando com ela até a próxima, sua testa com a espinha no alto do lado direito assume para Gerti um significado renovado, sempre carente de renovação. No futuro, ela vai depender da farta loja de armas que esse experiente sedutor mantém escondida por trás da braguilha de sua calça. De agora em diante, a alegria desse jovem será morar em Gerti. Mas as tormentas são aposta certa, vêm em disparada e breve, no momento oportuno – pois as férias bem longe sobre as montanhas reviram os baixos-ventres das mulheres e moças, de modo tão tempestuoso que elas querem ser longamente escovadas – ele vai ter que ocupar seu alojamento no café dançante da cidade sede da comarca, para onde se dirigem as turistas em surdos enxames pesados como chumbo, prontas para cair quando se fizer noite. Para poder gastar toda a sua munição, Michael precisa se revestir em camisinha e escolher uma entre as mulheres em trajes pós-esqui de catálogo, na qual entrará então com sua torrente. Belezas naturais bem cuidadas, champanhe natural da uretra e sexo praticado na natureza, isso é o que ele mais gosta, espinhas cobertas de maquiagem como aquela única que ele mesmo tem poderiam afastá-lo, varrê-lo uns bons quilômetros para longe de um rosto desconhecido!

Muito antes dos horários de abertura do comércio a pobre Gerti certamente estará amanhã postada diante do telefone e importunando-o. Esse Michael, se os indícios que nos dá e que ele adquiriu de diversas revistas ilustradas não estiverem equivocados, é uma imagem loura numa tela de cinema, onde sua aparência é a de alguém que teria ficado muito tempo deitado ao sol com gel no cabelo, apenas para conduzir nossos dedos suavemente a nosso próprio sexo, já que não temos melhor opção. Ele é ausente e logo fica distante para nós, mesmo de perto. É uma alegria, para ele, viver na noite e mantê-la viva. Esse homem não gosta de se manter nas rédeas. O raio também é bastante difícil de explicar: na meia-idade nós mulheres somos atreladas atrás da cerca, em arranjos de fim de semana, uma de nós ainda há de ser atingida antes de ter que partir em viagem!

Dirija com cuidado. Talvez a senhora ainda tenha em si algo de que tais homens possam precisar!

Os animais começam a adormecer e o desejo arrancou Gerti de dentro de si, fez incandescer-se bem clara essa pequena centelha de um isqueiro de bolso, mas de onde vinha a corrente de ar? Daquele orifício de espiar em forma de coração? De um outro coração amante? No inverno, eles esquiam; no verão, chegam muito mais longe, até a luz amigável, onde podem jogar tênis, nadar, despir-se por outras razões ou pisar e apagar outros focos de incêndio. Se os sentidos das mulheres se confundem na hora de falar, então dá para ter certeza de que elas também erram em outras questões, são capazes de qualquer imundície. Essa mulher odeia seu sexo, de onde outrora despontou.

As pessoas mais simples atrás de seus jardinzinhos domésticos em breve estarão caladas. Mas agora mesmo essa mulher já grita pela imagem divinal de Michael, preconizado a ela em fotos parecidas com ele. Há pouco, ele ainda dava rapidamente umas voltas pelos Alpes. Agora ela vocifera e muda o curso do trem de pouso de seu corpo para todas as direções. A descida é íngreme, porém a inteligente dona de casa já planeja deitada, chorando e se evanescendo, o próximo encontro com esse herói que deve proporcionar sombra aos dias quentes e calor aos dias frios. Quando poderão se encontrar sem que a sombra indolente do marido de Gerti caia sobre eles? O que acontece com as senhoras? A reprodução imperecível de suas diversões lhes vale mais que o perecível original, que elas mais cedo ou mais tarde precisarão expor à concorrência da vida, quando, febrilmente acorrentadas a seus corpos, dentro da confeitaria num vestido novo e com uma nova pessoa, tiverem que se mostrar em público. Elas querem contemplar o retrato do amante, esse belo rosto, na paz do loditório do casal, bem apertadas a alguém que de vez em quando se oculta indolente nelas para não ter que olhar para si mesmo prolongadamente. Toda imagem repousa melhor na memória do que a própria vida e, deixadas sós, nós folheamos preguiçosamente em nossas partituras repletas de sons de cordas e raspamos nossas lembranças de entre os vãos dos dedos dos pés: que bom foi ter-se

arreganhado de verdade uma vez! Nossa Gerti pode até mesmo se assar ao piano e então sair para entregar ao homem seus pãezinhos frescos. E as crianças completam com seu tralalá.

Nós todas merecemos e recebemos o máximo do que podemos suportar.

Sobre a relva, forma-se uma camada inteiriça de gelo. Os inconscientes já vão começando a pensar em ir dormir, para se perder por inteiriço. Gerti se agarra forte a Michael, aí pode olhar até a tríplice fronteira, e não vai encontrar ninguém como ele. Esse jovem homem já teve a permissão de acender a luz muitas vezes na escola da vida, e outros já se orientam pela sua aparência e seus nervos gustativos, que permanentemente percebem a verdadeira mercadoria em meio a inverdades patentes. As casas aqui em sua maioria pendem tortas sobre suas colunas de sustentação. Com o que resta de suas forças, abrigos de animais pequenos agarram-se às paredes. Os que até ouviram falar algo do amor mas omitiram a correspondente aquisição de bens agora têm que se envergonhar diante de sua própria tela, onde um sujeito neste momento está perdendo o jogo que vale a lembrança que deseja deixar a seus orientadores e observadores, em suas cadeiras do amor pela tevê. Seja como for: eles têm o poder de guardar na memória ou expulsar dela a imagem, empurrando-a rochedo abaixo. Não sei, terei eu agora disparado o gatilho errado da arma do olho ou terei pegado justamente o entroncamento errado no Império dos Sentidos?

Michael e Gerti não se cansam de tocar-se, para ter certeza de que ainda estão ali. Aferram-se um ao outro as mãos nas partes genitais bem equipadas, que eles vestiram em traje de festa para a estreia. Gerti fala de seus sentimentos e até onde gostaria de segui-los. Michael se espanta, lentamente despertando: que mão lhe veio cair do céu ali sobre sua pistola! Imediatamente ele gostaria de voltar a sair dando disparos por todos os lados assim, afasta a mão e mostra suas correias aprisionantes. Traz a mulher para si puxando-a pelos cabelos, até ela adejar como uma passarinha por cima. Desperta da narcose sexual, a mulher logo quer voltar a usar desenfreadamente a boca para falar. Em vez disso, tem que se abrir bem e deixar entrar o pau de Michael no gabinete de sua boca. Ele

dá estocadas para dentro dela, para que seu jato possa suavemente surgir. Pelos cabelos, a mulher é batida contra a firme e atrevida barriga de Michael, então a cabeça lhe é mais uma vez varrida para longe, apenas para novamente, o sexo adiante, ser empurrada por sobre o *Hirtenspieß* , tão austríaco espeto de Michael. Isso se dá por um bom tempo, não podemos conceber que tantos milhares de outros insensíveis estejam nesse mesmo momento rolando em suas preocupações, forçados a sempre separar-se a semana inteira de seus amores pelo terrível deus em sua fábrica iluminada. Espero que o destino das senhoras tenha uma cintura ajustável, para caber mais dentro!

Esses dois querem se esbanjar, pois têm um estoque suficiente de si. Eles se elevam até formar um maremoto, esses admiráveis e variáveis que têm em casa o mais recente catálogo de produtos eróticos. Mas e aqueles então, que não precisam de mais nada disso, porque já são caros o suficiente para si mesmos! Esses podem se oferecer a si mesmos. Transbordam sobre si, sobre suas barragens e diques, pois garantem que são volúveis, entregues a qualquer experiência de vida que repetidamente se perde no trajeto com eles, porque para eles toda meta é igualmente legítima. Gerti sente de repente uma necessidade irresistível de mijar, no início com alguma timidez, depois com mais força. O espaço é pequeno demais para o cheiro dela. Ela junta o roupão, como um creme batido, sobre as coxas, mas o cinto se molha um pouco. Para brincar, Michael mantém as mãos por baixo e apanha um pouco do jato claramente audível nas mãos unidas em concha. Com ele, lava rindo o rosto e o resto todo, derruba a mulher com o punho e morde-lhe os trapos vaginais ainda molhados, que ele quase espreme. Então arrasta nossa Gerti na própria poça, onde ele a revira. Ela girou os olhos para cima. Mas ali não há nenhuma lâmpada incandescente, ali está escuro, o interior de sua cabeça rindo zombeteiro. É uma festa, estamos sozinhos conosco e conversamos com nosso sexo, nosso mais querido convidado, que porém o tempo todo quer ser alimentado com *delicatessen* selecionadas. A mulher tem outra vez arrancado o roupão que acabou de vestir, e esperneia bem fundo para dentro do feno. Sobre as tábuas do chão, uma

mancha opaca molhada, como se produzida por um ser mais elevado, que ninguém viu passar por ali. Como iluminação, apenas o brilho da lua, bem queira ele ser gentil de permanecer, de repousar numa agradável presença. E de se preservar uma agradável equivalência.

As pálidas sacolinhas dos seios, essas descansam sobre o tórax da mulher, somente uma criança e um homem as exigiram outrora e agora. Sim, o homem em casa está sempre assando de novo seu impetuoso pão de cada dia. Também se pode mandar operá-las, se na hora do jantar estiverem penduradas a ponto de roçar à mesa. Foram fabricadas para o menino, para o homem e para o menino dentro do homem. Sua possuidora continua se revolvendo em seu excremento, que desaparece infiltrando-se. Ela bate os ossos e dobradiças, de frio. Michael aferra-se forte, marulhando no abismo, aos pelos púbicos da mulher e puxa e gira seus mamilos. Breve subirão nele suas dádivas divinas e vão querer ser cuspidas. Rapidamente atendendo ao pacto, agarrar o pau e fincar dentro, ou vamos esperar ainda? Pode-se ver o branco dos olhos dela, ao mesmo tempo em que se ouvem mais alto altos gritos, nada mais que gritos.

O jovem de repente fica com medo da completude com a qual poderia se consumir, sem sumir por inteiro. Ele vem à tona, afinal, a todo momento de dentro da mulher, apenas para sepultar seu pássaro solto mais uma vez na caixinha dela. Agora lambeu nossa Gerti inteira, logo em seguida poderia com sua língua, onde continua impregnado o sabor da urina dela, devastar-lhe o rosto. A mulher abocanha-o, morde-o. Dói, e, no entanto, também é a linguagem que o animal conhece. Ele remove a cabeça da mulher, ainda pelos cabelos, do chão e bate-lhe com a nuca na direção de onde a pegou. Logo ela arreganha a bocarra e sua floresta é minuciosamente explorada pelo pênis de Michael. Com fortes joelhadas de viés para cima, a mulher é levada a abrir novamente as coxas. Infelizmente dessa vez não há nada de tão novo, pois ele já fez antes da mesmíssima maneira. Aí vocês, meus caros, estão finalmente como queriam, e seu desejo permanece sempre o mesmo! É uma cadeia interminável de repetições, porque com as

mídias e melodias nos acostumaram a todo dia receber em casa nosso fornecimento de novidades. Michael escancara Gerti para a esquerda e para a direita, como se quisesse pregá-la na cruz, e não, como na verdade pretendia, colocá-la de volta no armário, junto às outras peças de roupa raramente usadas. Ele observa petrificado a fenda da mulher, agora já lhe conhece o conteúdo. Se ela se virar, por não suportar seus olhares examinadores, apoiados por mãos que beliscam e se enterram, vai receber umas bofetadas. Ele quer e pode ver e fazer tudo. Muitos detalhes não é possível ver, e, caso haja eventualmente uma próxima vez, será preciso iluminar com a lanterna antes de extasiadamente sair da noite para entrar na oficina de consertos. A mulher deve aprender a suportar os olhares do homem para seu sexo, antes de se tornar dependente demais do pau dele, pois ali há muito mais coisas pendentes.

Cai feno sobre ela e aquece-a um pouco. O mestre terminou, inchou-se a ferida da mulher, e com um puxão em seu aparelho Michael anuncia que deseja se recolher a seu próprio bem-arrumado corpo. Ele já se tornou um pódio para essa mulher, do qual ela ao descer falará dos próprios anseios e do tronco musculoso próprio. Assim, sem ter sido fotografado em sua roupa de baixo e depois emoldurado, o indivíduo se torna um centro das atenções numa sala bem equipada. Esse jovem homem criou e lavrou todo o esplendor, essas brancas e arrepiadas montanhas brancas que se estendem diante dele e em cuja face ele, o bem-comportado sol do início de noite, imprimiu uma coloração avermelhada. Ele arrendou a mulher e, no que depender dela, poderá, sempre que quiser, transitar por sob as dobras de seu vestido.

Gerti cobre Michael de beijos macios como pluma e veludo. Breve ela retornará à sua casa e a seu dono, que também tem suas qualidades. Para um solo inflamado nós sempre desejamos voltar e nele rasgar nosso papel de presente, sob o qual disfarçamos e escondemos coisas há muito conhecidas como se fossem novas. E nosso astro declinante não nos ensina nada.

IX

A mulher, que correu dali, agora chega, levada por um automóvel desconhecido, de volta a sua alegria caseira. Ela deve ser colocada de volta na sala de cinema do lar. Grilo na lareira, mulher bem prendada, que também em outros faz crescerem os olhos de cobiça. Corre-lhe um fio de saliva do queixo, isso é o que primeiro chama a atenção do marido. O jovem agora está preocupado com ela, pois olhou de relance para sua mais distante distância e lhe apertou a face com as mãos úmidas. Agora não é mesmo aquele momento em que a pessoa fica deitada ao sol e expõe estridente o corpo. De repente recomeça a nevar. Terá o diretor já ligado para seu seguro, para que a mulher não o substitua simplesmente por um cidadão mais jovem? Antes, ele muitas vezes vinha diretamente do bordel, onde estivera preguiçosamente vagabundeando e se deixara lavar, cortar e deitar. Sim, no puteiro da cidade sede da comarca ele havia balançado em segurança o pesado barco de seu membro. Isso acabou. Hoje, ele tem que sustentar e entreter sozinho sua própria mulher, e mais precisamente com suas garras, suas duas unidades de testículos, seu ânus, pois com tais objetos se realiza o jogo em casa quando a criança está fora de consciência. Esse indivíduo é pesado, até mesmo quando lança a imagem de sua nova gravata no espelho. Ele passa como um grito em meio a seus empregados, que se fazem de embestados, de modo que são sempre os últimos da fila.

A casa já está envolta em sua mais estreita calma noturna, quando nós chegamos. Somente em um quarto arde uma luz preocupada, para o precioso filho, para variar; ele vomita diante da ideia de ter aula, de lhe ensinarem o caminho da cama. Nesse quarto do filho, o diretor ousa pronunciar tudo enfurecido. Não se sente em casa ali, não adora ouvir a água da descarga. Quase se espatifaram as taças de humores de seu corpo quando mais uma vez descobriu garrafas

vazias de vinho branco, do mais barato Veltliner. Ela não pode tomar água mineral e então deliberadamente dedicar amor ao filho? Ele lhe proibiu o voo tempestuoso da bebida, no entanto ela continua vivamente virando vinho dentro de si. Terá seu animal doméstico se desperdiçado em outro lugar que não junto a seu touro da casa? Ele tapa a própria boca sobre o filho, de um modo tão silencioso que não consegue iniciar assunto. O filho agora dorme. Sem fazer nada, o filho explica por que o diretor vive. Descansa com a bocarra aberta no próprio baú de seu quarto, isso é mais do que os filhos dos moradores de casinhas desse povoado conhecem sequer de vista, quando estão doentes. Quem neste país é uma criança e tem um espaço onde se é suficiente, de modo que o corpo caiba dentro? Quem pode ao mesmo tempo ver uns ursinhos e imagens do esporte e os *pop stars*? Esse menino, por causa do alarido do sexo de seus pais, foi deitado num lugar tranquilo. No entanto, é ágil o suficiente para se dirigir ao buraco da fechadura e ele mesmo rugir, quando por causa da mais superficial perturbação da braguilhazinha de sua calça recebe uma surra. E então urra.

Agora clarividente, o filho muitas vezes surge dos mais escuros cantos, pois seus pais desconhecem qualquer discrição no que se refere à ostentação de seus corpos, eles ainda acreditam em trabalho braçal! Assim lhes foi concedida pela sociedade cristã, a qual outrora os casou, essa distração. O pai pode saciar a mãe infinitamente, pegar por baixo dos buracos nos (ul)trajes da mulher, até que ela já não tenha mais o menor medo de seus segredos.

Os que se encontram distantes de nós estão deitados em suas camas, esconjuros, para amanhã poderem dormir à vontade. Cansados demais para serem convocados pelo terrível Deus aos cumes do tempo, para se juntar a seus entes mais queridos, que morrem precocemente. Amanhã eles engolirão depressa seu desjejum e embarcarão no ônibus que os leva a suas pequenas fábricas; e os menores produtos de sua fabricação, os filhos, vão sentados ao lado, porque têm que ir à escola. O diretor da fábrica de papel caminha até o extraordinário e extremamente amplo cadeiral do coro. E aqueles em sua fábrica que esperam a pensão empresarial ficam parados bem-comportados atrás dele. Só com o

uso da força eles não se tornaram animais; mas vivem exatamente como seu superior diz à mulher. Não são inflamados por suas macilentas, massudas mulheres, e assim ela também não arde neles, a brasa dos sentidos, como nós cavalheiros costumamos chamá-la. Quem iria supor que o diretor depois da Santa Missa baixa a calcinha de sua mulher e primeiro enfia um, depois dois dedos, para verificar se ela já não está quase se afogando, com a água lhe chegando ao pescoço. Fico me perguntando o que, nas outras, surge nas profundezas e quer ir se aconchegar no eletrificado comando das alturas.

Agora suplica-se um pouco mais a Deus, neste país católico romano, para que todos vejam que nós lavamos de nossos dedos o sangue da inocência que Deus, num ato de esforço, transformou em si mesmo: homem e mulher, exatamente, esta é Sua obra. Nas cartas dos leitores para o jornal, eles são fiéis um ao outro, porque estão integrados à arquitetura cristã, que sempre ambiciona subir mais alto. Não dá para dizer nada contra o Papa, que pertence à Virgem Maria. De outro modo, como saberia ele quanto modesta e, no entanto, ávida por almas é aquela mulher? A mulher, por exemplo, muitas vezes é capaz de formar com a boca um tubo no qual recebe de joelhos o membro do diretor. Não venham fazer de conta que nunca viram isso em seu recôndito cinema de casa! Como você, também supostamente andou Jesus, esse permanente viajante de longas distâncias através da Áustria e de seus representantes, pelo seu entorno, e olhou para trás para conferir se havia algo para aperfeiçoar ou penalizar ou afetar. E nisso ele deparou-se com você – ele a ama como a si mesmo. E você? Amando somente o dinheiro que os outros têm? Sim, você se assemelha a ele; escreva, portanto, uma carta ao jornal *Die Presse* e xingue aqueles que não têm nenhum deus ou, mais precisamente, aqueles que, se o tivessem, não saberiam como se relacionar com ele!

Isso tudo pertence a nós!

A mulher não presta absolutamente atenção à sua glote quando o carro para, rangendo. Ela grasna, como se tivesse sido engraxada, pois o Veltliner continua fazendo efeito e acariciando-a por dentro.

Ela grita e quer brigar, até que a noite tenha ficado alta e ampla e algumas luzes se acendam. Logo se ilumina a casa, e o indivíduo pesado que dirige uma empresa se descarrega para dentro de seu corpo insolente, provavelmente na agitação pelo que se acreditava perdido. Ele está diante dessa quente caverna de urso onde os aparelhos são os mais modernos e tocam todo tipo de música, até mesmo por dedos de crianças. Gerti, é você?, pergunta, enquanto atravessa seu próprio horizonte estreito. Quem, entre os existentes, gostaria que ele perdesse algo? Breve, graças a Deus, poderá voltar a agarrá-la no centro, entre as pernas, e verificar se o cesto de pão está pendurado alto o suficiente, fora do alcance de outros indivíduos. Agora só há alguns farelos a mais dentro. Então se acionará ali seu instrumento tão familiar, nesse seu solo pátrio após o matrimônio, conduzido pelo honesto mestre, onde mais nenhum outro esteve ainda. A se acreditar no que ele diz. O homem é lento quando se trata de eleger entre vários deuses (no esporte e na política), mas muito rápido quando, primeiramente com os cascos dianteiros, pisa o palco onde tudo visa a ele e sua obra. O jovem não hesita com sua troca de olhares e cumprimenta. Juntamente com seu roupão, a mulher é virada de lado e afastada da porta e não demonstra nenhuma ânsia de novamente acasalar. Ela se virou e revirou e enterrou sob si um moleque, um corpo jovem que nesse momento pachorrentamente está pensando no jantar. Quando o marido lhe dá as boas-vindas, ela sabe que ele logo irá pelo menos lhe chupar as orelhas. Breve ele estará se sentindo bem, porque dispõe da mulher como dispõe da arte, essa caçadora enfurecida que corre por dentro de nós e de nossos aparelhos de som. O diretor já sussurra no ouvido da mulher, uma bem-arranjada piada suja e amarfanhada, diz o que logo acontecerá com o consentimento dela. Que beleza, a mulher de novo em casa, e o menino também precisa de sua mãe. Ela lhe mostra coisas importantes, que ele de todo modo pode ver muito melhor na televisão.

Com vozes, Deus surge de fora, feito Natureza. Ali moram os empregados e escancaram os braços; mas que não se enganem: não cai nada dentro para eles. Naquilo que comem abrem-se as

chagas que o animal recebeu em vida. Eles também comem o que assaram em forma de bolota, amontoado, semelhante a seus corpos, seu riso desagradável. Disforme também como sua cria, a furiosa massa deixada para trás que corre em seu encalço como ranho escorrendo de um rosto. Seus filhos! Esses, numa longa caravana (sobre o calvário da vida), dão nos nervos das pessoas com o que eles e a tevê chamam de esporte. Às vezes, uma pequena parte da humanidade se divide – você nunca notou isso, quando está sentado ao lado de alguém num meio de transporte, inteiramente feito de natureza, pelo fato de você, como eles, não ter meios de comprar um carro? Se notou, ninguém mais notou além de você. Alguns de seus descendentes, que eles fizeram à noite, não servem nem para a fábrica. São o hálito que eles exalam na forma de álcool. Nem mesmo suas doenças graves parecem atingi-los. O amoroso convívio, como você pode observar aqui no senhor diretor, quando se mora quentinho junto com a mulher e o filho e se lançam as sombras sobre os corpos um do outro, escurecendo as horas do meio-dia, enquanto outros têm que se esfalfar: isso e mais ainda você vê na tela, reproduzido diante de sua pobre curiosidade (e querem, afinal, ver a si mesmos, apenas finalmente num outro papel – se possível não enrolados em papelão!). Sob a cúpula queijeira de seu desejo, as pessoas no povoado veem seu diretor perambular e observam que abaixo dele ainda sobrou lugar – para no mínimo uma pessoa, que ele mesmo escolheu para si. Vão todos trabalhar na fábrica dele. Essas criaturas se deslocando em trens casa-trabalho-casa, em compartimentos pouco adequados, onde comem salsichas e esperam que o Estado as perturbe (que as turve). A noite agora veio se derrubando lentamente e tomou lugar em nós. Agora vamos dormir.

O diretor sai para quase erguer sua mulher para fora do carro, e ela já quase se ergue sozinha das mãos úmidas do estudante para cima e à superfície desta terra. O jovem, para o qual haverá possibilidade de avançar e que não precisará de nenhuma fábrica de papel, esse rápido e jovem pistão, nós o vemos educadamente ajudar, para que a mulher possa ser trazida para sua pocilga e consumida como carpete. Agora é fato consumado. Ele ouve a si

mesmo contando que essa mulher fora recolhida bêbada por ele na estrada vicinal. Ela ainda parece confusa, desorientada, tremendo de frio. Bem junto à entrada lhe é ordenado o esforço de atravessar a soleira. Essa é sua casinha de cachorro, despontando ali onde descansam seus amores, esse acompanhamento que ela preparou com seu trabalho. Eles já colocam, mal dispensados dos olhos de Deus, as mãos entre as coxas um do outro. Sim, são incapazes de deixar seu sexo em paz, suas pequenas pistolas precisam gritar fogo o tempo todo. A eles pertence isso que (nas eternas histórias que contam) inflaram para formar um membro de predador que vem deslizando sem emitir nenhum som. Até mesmo o filho já quer para si aquela presença em dobro e se põe a bradar (grita duas vezes aqui! Como pessoa e como representante dessa, em pequeno formato, mas exato!). O diretor carrega imoderadamente essa arma junto a sua pança. O filho acompanha ainda, tirando a arte e o esporte, a música *pop* que toca no rádio, aí a diversão corre solta. Na verdade, não sinto pena do filho, pois sua mãe retornou para as beira-mares e os armários de casa. Pesadamente, ela se gruda firme ao ombro do marido, asfalto meio pastoso. De dentro para fora, a aparelhagem do homem já tateia em busca da braguilha e da terra natal em seu buraco. A mulher se inclina amolecida nos arreios, a louça que ela não lavou hoje, pois para isso há pessoal disponível. Empregados domésticos são baratos, as mulheres não encontram mais vaga na fábrica, onde, sem logo se tornarem fonte de matéria viva, poderiam pisar a superfície do mundo. Essas mulheres são permanentemente extraídas na mineração a céu aberto ou jogadas fora ao céu coberto pela noite. Elas parem filhotes. Pois já não nos chamou a atenção alguma vez que na noite somente os ricos entram no reino da diversão? Sim, aí trabalham, finalmente! Pois em algum momento também eles têm que fazer isso, já que surgiram uma vez e estão sentados em seu Mercedes: somente eles têm o direito à conquista.

O roupão (jardim de delícias comprado no reino da moda dos ricos. Em Viena!) balança solto junto à mulher morta de sono. O álcool dentro dela se esfriou. Para que mais servirá o alarido que o diretor agora faz? Por que a mulher, trajada de modo indecente, se

dirigiu à cabaninha da natureza? Cachorros não saem por aí à solta! Ela tosse, enquanto o homem lhe golpeia a nuca e a consciência. Ele deixa a preocupação vencer e abraça a mulher, enlaça-se em torno dela, do roupão não precisamos mais. Se pelo menos o jovem sujeito fosse finalmente embora neste momento, ele que possibilitou uma comparação entre um corpo e este, conforme inicialmente se planejara e entregara à autoridade da construção! No momento oportuno, paciência, todos nós poderemos nos divertir fugindo de nossa má forma.

Em sua versão original, também este chefe de uma fábrica de papel teve melhor aparência do que nós, em nossa desumana crueldade, podemos agora imaginar. Essa mulher ama e não é amada, o que não a diferencia de nada. Do mesmo modo que eu agora aponto o dedo para você, também ao destino não se pode antecipar. A mulher é menos do que absolutamente nada mais. O jovem ri do diretor agradecido, a quem ele trouxe de volta o seu cãozinho. Lê, atrevido, a expressão facial de uma pessoa que se considera seu rival. Mas uma fábrica de papel também ele bem que gostaria de ter, em vez de penosas lições de direito e leis. Ele não é capaz de se sentir igual e concordar com as pessoas que entram na fábrica cambaleantes sobre escadarias inacessíveis, com a felicidade nos olhos, pois hão de ver o que mantém ocupados seus membros e amores. E no que está pensando o estudante? Contra quem ele vai jogar tênis amanhã.

O senhor diretor, falando, acaba por se entregar a uma chama quente. Ali estão sentadas e fervendo aquelas que vestem provocantes roupas íntimas e com elas provocam seus parceiros ao máximo, um combustível que dispara em seus motores de tal modo que eles querem sair para trabalhar consigo ininterruptamente. A zanga do mundo diz respeito antes aos pobres, que não gostam de ouvir enquanto caminham com seus filhos ao longo da riba abrupta, onde a química devora o rio. O principal é que todos nós tenhamos trabalho e levemos dele uma bela doença para casa.

Como uma porta pesada erguida, Gerti desaba sobre as dobradiças de seu marido. A pergunta é: isso se sustentará quando houver tempestade e neve, num tempo caudaloso? O jovem homem

deve tomar mais um gole dela, se possível amanhã mesmo. Mas agora será um outro, habitual, que irá lhe rosquear os fusíveis, até que escureça. Foi-lhe dito pelo diretor, na língua deste, que essa mulher só deve repousar no lugar que ELE definiu como cova dela. Para que ele possa dedilhar seus melhores lados (esquerdo e direito) – sim, esse ser para ele é como um de seus costumes, como sua louça, onde ele se despeja. Ela está sempre lá, sempre, por isso também a agitação ante a possibilidade de um dia se degenerar e não se deixar encontrar. Tudo o que a fantasia é capaz de imaginar pode ser feito com um membro vivente, que cresce e logo desaparece, a pergunta é só com qual. O amor deixa claros os olhos da mulher, como se alguém desse pancadinhas contra a paisagem: alguém segura o bastão junto à parede dela e verifica se finalmente vem água do rochedo. Para os serviçais, o trabalho lhes escapa pelos dedos. E eles são felizes? Não.

E o menino ainda faz ei-ei, pois não consegue adormecer enquanto a mãe não tiver suas próprias ideias de como o filho deve limpar os pés depois de viver. Manhê-manhê é o clamor insistente que vem das janelas, uma cabeça pequena, enfezada, o feto, o fruto mais a larva dentro dele, se destaca, soprada ao vento. Seria melhor que esse menino estivesse dormindo agora, para que não tivesse de acompanhar nada com seu olhar. Já se amassou por tempo suficiente sua massa, para que ele possa andar e vagar pela noite. E de manhã cedo vagam então os cansados, em cujo pescoço já não carregam nenhuma beleza, saem a esmo como os cervos. O filho agora está aí. Amanhã cedo estará totalmente lambuzado de geleia, como sua mãe o estará do lodo de seu pai e do espírito santo. Mais do que depressa (a soleira ele atravessa) vem entrando em disparada o filho, de quem mamãe estava sentindo falta. O pai precisa explicar algo e fecha a porta rente ao estudante, para parecer e brilhar divinal e conciliar amigável afinal. Para poder abrir as coxas de sua mulher com toda a calma e olhar se alguém esteve por lá, no pasto da vaca sagrada. A mãe atravessa o recinto em direção a seu filho, essa terra de ninguém (na qual as fisiono-minas antitanque anunciam: estamos em casa, estamos totalmente sós, mas ainda precisamos todos ser lavados),

sejam bem-vindos. O diretor quer enroscar-se em torno da mulher, como o ano faz com o verão. A única coisa que falta é também o dia despertar. Sim, e o filho tem um direito, o de estar devidamente rodeado. O amor, gatuno que se infiltra, quem não o desejaria para si a toda hora?, um carneirinho de pano você também certamente deve ter, pois que ele revele sua identidade! Quem esteve sentindo falta de quem aqui? Essa montanha só existe por uma única razão: o vale deve ter um fim, e este deve no final seguir novamente para cima. A neve está pálida. O homem tem muito interesse em sua fábrica, em sua obra, onde se produz papel para que fiquemos bem. E para que saibamos por quê. Vou deixar agora claramente registrado: eu me sujeito fácil ao papel. Uma pessoa assim eu também gostaria de conhecer, alguém que tem o poder de, naquilo que eu digo, me refazer.

Mas o que mais queremos: receber nosso salário na sacola de nosso fracasso, isto é, certamente queremos nos tornar algo e certamente também queremos ter a permissão de ser um pouquinho mais, pelo menos no papel. E não pode faltar essa sensação de, por nossa própria culpa, estarmos sentados em nossa residência e só termos o telefone como convidado.

Não tem coração, esse homem; como fogo, ele consome sua casa e arrasta sua mulher por todo canto. Lá fora um escapamento solitário luta pela atenção dos que dormem, que, iguais ao animal, apuram o faro, mas não têm coragem de dizer nada. Eles nem sequer durante o dia estão escondidos sob belos corpos humanos, onde seus músculos possam ir brincar. Carregam fardos sobre sua alegria; isto é, os pobres (seus braços) são necessários. O jovem agora vai embora com seu carro. E a mulher bate – mal ele deixou a tola maçaroca de sua casinha de passarinho, onde eles transaram – na porta que ela já há anos abriu na parede com o machado de sua necessidade. Sem olhos, fixa o olhar um ponto perdido no espaço, onde é que poderá encontrá-lo? Mas são tão poderosos os homens que lhes acendem as casas onde suas famílias ainda dormem e não entendem os números dos extratos bancários que tiraram. Em vez disso, nós mesmas tiramos as roupas, para iludir uma pessoa com nossa genitália. Sim, os homens cobrem todos os atalhos consigo.

Mas para você é indiferente que uma pessoa aqui sinta e se prenda ao sujeito errado!

A saudade é um pedaço de madeira que essa mulher correu para apanhar e trouxe para si mesma. Ela precisa da agitação, pois sua casa está bem-arranjada e servida, recebe tudo o que pede, portanto ela busca as próprias metas fora, para constantemente pensar nelas e, como sopas de saquinho, mexê-las em sua irascível água fervente e fazer mexer um coração estranho. O Katholikentag é um evento que também precisa, afinal, do distante Papa, que deve viajar e vir nos visitar. Só que ele em nossa pátria, assim de repente alguém como nós, um ser humano, esse eu conheço! Para ele qualquer um chega por último e há de se perder diante de sua linha de chegada. Com o amor não é assim. Um homem consegue pelo menos deter-se em si mesmo. A mulher, porém, em matéria de sentimentos, jamais consegue se conter. Assim adejam para lá e para cá as vontades desse sexo fermentante: o que será que gostaria de comprar agora?

Onde você esteve?, assim é a pergunta que se abate sobre Gerti. O pai flagra o filho junto, que, aparentado a ele, se crava no corpo da mãe. Agora vamos abrir mão de detalhar esse grupo laocoôntico, onde um se prende ao outro e quer figurar maravilhosamente grande.

A fúria do homem agora é insuportável, a agitação vem de sua tubulação e será apagada com jato de espuma. A mulher deve imediatamente se despir por completo, de modo a ficar grande o suficiente para as dimensões dele. Ele quer desviar seu raio para ela, mas seu fogo não se deixaria aprisionar por ela! Ele tem palitos de fósforo suficientes para poder se recriar sempre e deixar consumir sua raiz pela mulher, assada, cozida, em conserva. Ao filho se serve um copo de suco na cama. Ele deve dar sossego! Deixar aquela mulher exclusivamente para o pai. Nada de subir por ela com voz estridente e puxar seu corpo. Afinal, a mãe está novamente ali, é o que basta. E o pássaro do pai já canta por sobre os sulcos dela. O homem puxa-a até o banheiro, para violentamente abrir-lhe a entrada e mijar sobre ela. Que bom que esteja de novo ali, era bem capaz de estar morta!

Como um cigarro oscilante o homem está diante do feno de sua cama e se joga fora. Sobe em labaredas o temor, onde o Sagrado acontece nesse noturno amontoado austríaco de detritos, onde circulam os contos natalinos de um Waggerl e se narra o do animal sagrado que força o acesso à manjedoura e aos benefícios sociais. Não faz muito tempo que passou o Natal, quando o menino ficou contente com os esquis, que podem ter o comprimento exato da madeira de seu caixão. Agora já vêm chegando os votos de uma boa primavera. Na plenitude de sua precisão e profissão, o pai está lá e atende uma e outra. A mulher já gostaria de a qualquer minuto estar longe, ela conhece a juventude e sabe o que perdeu e onde não tem mais o que procurar. Assim se dão as coisas quando decaem pessoas que brincam com a vida! A mulher recebe uma língua alheia, que se enfia em sua goela, e então a pessoa se embebeda de verdade, para lavar dali seu sabor. O homem despenca da trincheira do seu corpo e se explode sobre a mulher. Ela cobre o rosto com sombras e, sim, dos criados a pessoa tira com violência o que lhe pertence. Nenhuma força seria capaz de competir com o enérgico sexo do diretor, ele só precisa acreditar nisso. Todo o nosso time nacional de esqui também depende disso, afinal! Mas para a mulher já é como se ele estivesse esvaziado da vida dela, com algumas das figuras ilustres de hoje, cujos nomes daqui a dez anos apenas soarão engraçados. Essa mulher não queria nada mais que juventude, de cujos belos corpos ela faria fotos instantâneas, para que eles mesmos fossem instantaneamente recebidos por ela. Tais formas lhe surgem como que vindas do céu, enquanto lhe são puxados do rosto os braços, e o canto do pai desce sobre suas faces e deixa manchas bem vermelhas, de tanto vinho e do pranto vertido. De que mais as pessoas se nutrem (além de suas esperanças) eu gostaria de saber. Parecem investir tudo em câmeras fotográficas e aparelhos de alta tecnologia. Já não se encontra mais em suas casas lugar para viver. Tudo é passado depois que se foi o ato da compra, mas nada está terminado, senão não estaria mais lá, afinal. Os ladrões que invadem casas também querem ainda ter algo para festejar.

O homem espera até sua água ferver. Então joga nela sua mulher, da qual já removeu o roupão. Sua cancela se levantou, sinalizando percurso livre. E todos falam após ouvir o seu sinal. Ele chuta o regaço de sua mulher. Encorajamento da parte dela ele não precisa, agora está totalmente animado. É como se seu pau não conseguisse mais ficar em paz, já que um outro talvez tenha se fincado na boceta dela e lhe sujado o chão com sua grande peça de salsicha. Irado, esse homem já deteriora a si e a sua obra antes da hora, sua abóbada estrondeia. Tudo lá fora foi dominado pelo gelo e pela neve. A natureza geralmente faz a coisa certa, só às vezes é preciso ajudá-la, para que ela possa consumir em paz e calada sua propriedade, à nossa mesa. Chove o homem sua umidade pela frente e por trás mulher adentro, nessa mulher que ele carrega consigo por todo canto. As pequenas esteiras de seus seios são batidas com força. Como pedra, pendem do homem seus vários quilos de saco, de mala e cuia. E sem medo ele salpica a mulher com sua brita grosseira e vai dar uma volta por dentro dela, com firme apoio sob os pés.

O sonolento ressuscitado filho não deve sacudir tanto a porta do banheiro, senão será jogado fora junto com a água do banho. O homem curva a cabeça da mulher num movimento bem amplo de volta ao junco ereto, até ela gritar. Seu pássaro está acordado e é trancado na gaiola daquela boca, assim fica bem, e ele espaneja sujeira por todo lado, até que um engasgo sobe à garganta da mulher, o crescimento marulha, e o vômito dela escorre ao largo da haste de seu pênis e sobre a abóbada balançante de seus testículos. Aí não se pode fazer nada. A glande lhe é arrancada da goela e a mulher é meio virada sobre a banheira. O pau está em pé como vergôntea em torno do leito dela, onde ele é enfim definitivamente deitado, os sinos de seus seios são tocados, o álcool escorre dela como água, e dentro de sua boceta saltam gotas encorpadas. Não, o diretor não permitirá a essa mulher cair assim simplesmente para fora de seu ninho. Não são os próprios sentidos que ela deve ouvir, e sim a ele, que pensa no mesmo sentido que ela.

Apenas por alguns minutos a mulher surgiu na arena onde os consumidores aprendem a nadar. Agora está sentada na água do banho e é ensaboada. Seu roupão há muito tempo já está embolado, terá que ser limpo, cortado e passado. O homem, ao lavar e polir, arranca de sua mulher tufos inteiros de pelo da xoxota. Agarra-se às guelras daquela vulva e percorre com os dedos até as profundidades de suas águas subterrâneas, onde ele antes havia depositado sua pesada encomenda. Ela esperneia e choraminga, pois isso arde! Na frente, junto ao peito, onde os desejos fazem ginástica na ramada da mulher, é o momento de investigar e correr para apanhar o que der das pontas de salsicha que algum outro tenha deixado, que com três dedos são giradas em torno de si mesmas e então lentamente soltas de novo. Duros como botões, os olhos frios das aréolas ficam olhando para nós. E isso jamais agrada aos cavalheiros – mesmo que a pessoa fosse uma rainha. Já matracam os terríveis vasos que têm que receber o conteúdo dos homens. E zunindo balançam as portas das salas de espera diante dos montes de ossos dos desempregados. Até essas torrentes nós ainda haveremos de saber domar.

X

Eles poderiam descansar em segurança e paz. Porém, antes ainda o brilho do sol, que espia através dos entroncamentos de seus corpos, precisaria lançar sobre eles sua luz estridente: eles são capazes de algo para o qual um corpo vale a pena! Eles sabem se ofender arrancando-se chapéus e, com várias estocadas, atravessar-se mutuamente. Sua residência é como no céu, e antes que eles, iguais ao guepardo, com algumas frases tenham chegado ao bebedouro dos poderosos, já terão, pó fugaz ao raio de sol, acasalado várias vezes. Sim. Para que teriam, afinal, um ao outro e para que estariam se cuidando com água e emoções de banho, como se devessem ser canonizados? Para cada pedaço de seu corpo encontraram junto ao parceiro amor e atenção. Assim como os agricultores de tempo parcial, que dão nos nervos dos encarregados porque sempre pegam no sono durante o trabalho, se atiram contra seus bichos, espancando-os, depois cortam-lhes a goela e puxam a pelagem por sobre as orelhas, como eles, dúzias de vezes, viram fazer neles mesmos. De galochas – os belos sapatos permanecem em casa com a bela mulher, que ergue as axilas sobre um lavatório –, o sujeito da casinha vem do curral. O sangue do coelho que as crianças adoravam goteja da manga de sua jaqueta. Entretanto, também esse homem que se encontra no mundo para viver é às vezes uma figura simpática atrás de uma moita, para onde ele arrasta uma garota, trazida da pista de dança, uma moça que quase não chega sequer a perceber contra o que está se defendendo.

Mas com os que moram na luz que cai através de suas persianas, a coisa já é completamente diferente: acabam sendo o que de melhor pode haver uns para os outros, até mesmo quando deixam calados o tempo correr por seus corpos; mal se pode vê-lo, o tempo – esse protetor solar da Criação, no qual alguns, protegidos contra

todos os raios, cômoda e tranquilamente podem ser conservados. Por mulheres como esta retratada na foto o tempo parece ter passado sem deixar vestígios, na gaveta onde seu marido a guardou bem para o próprio consumo e deleite.

Os grandes, que já frequentam a escola do lucro, não têm nada além de preocupações com o setor estatizado, que pende pesado junto a nossos sacos de dinheiro como esse diretor aqui junto aos sachês de leite de sua mulher. Deram-lhe a entender, da parte de seu proprietário, que grandes grupos de empresas, maravilhosos em sua cobiça e em sua fúria, gostariam muito de jogar uma boa partida com o povo local, valendo sua vida. Os filhos daqueles mandados para o final da fila sabem desde cedo de que lado lhes guarneceram o pão: a ordem é manter sempre diligentemente bem unidas as finas fatias do recheio, como arruelas de um maquinário! A fim de que esse pão compense para a caixa econômica financiadora de imóveis, de modo que ela possa compensar o Superprêmio. E o diretor talvez possa participar com seu número e, além do mais, cantando.

Ocorre que ele, afinal, tem outras preocupações, pois ninguém carrega sozinho a vida. Ele carrega em cima a cabeça e embaixo sua carteira genital, que trouxe consigo para sua mulher, até que os olhos dela irão brilhar, você vai ver! A alta renda mensal desse homem lhe proporciona uma alegria indelével, saber que sua cabeça é esfregada pela bênção do dinheiro. Nós, porém, figuras serviçais, somos conhecidas! Somos reconhecidas, pois nas profundezas há vida pulsante, aí entram torrentes de pessoas no restaurante. Logo teremos levado nosso animal para o seco, onde cai sobre suas necessidades o orvalho venenoso do banco emissor de moeda. Sofrem sob nosso demasiado agudo crescimento os insignificantes, que não podem dar o passo maior que a perna, que têm horas de viagem a atravessar antes de se postar, com as cabecinhas descobertas diante de seus subterfúgios e superiores. Seus desejos não podem ser realizados e vão a pique sob a foice das economias (oh, o que economizam as pessoas!). Sim, esse diretor está totalmente em seu elemento. Ele impõe limites a passos desmedidos, pois é incomensuravelmente rico para as pessoas que

aprendem a cair ao lado dele silenciosas como folhas. Para que não o incomodem quando está tocando violino. Ele não vê razão para se deter, por que é que deveria?, atrás das barreiras de seu cinto, que o veste bem – pois talvez um outro tenha habitado em sua mulher do modo como só ele pode estar habituado. Muito obrigada por você ter ouvido com atenção os meus insultos.

Delicado, bem aquele trovão domado que ele consegue ser quando é bem colocado sobre sua mulher, curva-se sobre a pele dela, que exala vapores como os de um animal. Agora ela quer dormir. Só que não estava gentilmente acompanhada quando essa vontade lhe sorriu. Está cheia de seu passado mais recente; e, se nos reunirmos bem próximos, também perceberemos isso: aos jovens pertence o futuro, caso tenham estudado e seus pais tenham aprendido a colocá-los para se enfrentar no balcão que vende a carne no limite da qualidade mínima para consumo. Os filhos do vizinho devem cair como fruta podre. E essa mulher já está aberta a um amor desesperançado, apaziguada como a gaiola do coelho no dia seguinte ao abate, ela já empurrou todos os seus móveis para dentro, sim, e colaram para ela um papel de parede florido! De sua xoxota só sai ainda um caminhozinho estreito, onde ele, o estudante, está em pé com todos os meus leitores e esperando que ele, culto, discreto em seu faro, possa entrar de novo. Se todos nós mantivermos nossa união e nos ativermos à economia de tudo o que temos, então talvez nossas suspeitas se confirmem. Não somos necessárias! Se é que temos mesmo a permissão de viver bem, então será no máximo na memória de um animal querido a quem trouxemos a ração, ou de uma pessoa querida a quem nós mesmas servimos de ração.

O diretor poderia a qualquer momento jogar sua mulher no jardim, a cabeça para a frente, ela só deve prestar atenção se for de novo colorir os cílios. Então ele prefere, porém, aderir ao silêncio, e daí sua necessidade agita-se como uma fonte na floresta, e lágrimas inúteis lambuzarão o rosto dela até torná-lo irreconhecível, e manchas púrpuras (Gerti!) irão florescer na charneca do corpo da mulher. Além de o serem pela pobreza, qualquer um também pode ser amaciado de outra maneira, quando o dia se inflama, logo cedo,

e o café corre pela goela da pessoa. Não estamos bem, quando nós, mulheres, não amamos nada além da limpeza de nossos quartos e não somos reabertas a cada dia para a fiscalização, que quer saber se algo veio se juntar a nossos imponentes órgãos. Mas não devemos ter medo, nós continuamos sendo as mesmas. Logo o abismo será coberto conosco, do mesmo modo como tentamos tapar com Eternit nova nossas casas unifamiliares, e os juros do crédito incidem como sombras por cima. O patrão vai então logo até o curral para nos encontrar, animais que somos, na corrente de nossos desejos, e chutados. Quem tem um pequeno quintal e, além disso, uma casinha será o primeiro a provar o sabor do desemprego: assim falam as pessoas que fizeram compras numa butique divina e depois se aferram a suas escrivaninhas, onde ninguém mais é capaz de acalmá-las. Nem mesmo o discreto atrito com que a urina corre sobre os pincéis de seu sexo, com os quais eles idealizam e pintam uns aos outros seus desejos, deixa-os tão brandos e bons com suas mercadorias vivas, aqueles empregados amedrontados em suas celas no corredor da morte. Esses muitas vezes têm que viajar por horas e horas até chegar em casa e encontrar seu querido parceiro humano e poder ligar a corrente elétrica que faz agitarem-se as cadeiras.

A pessoa não faz suas refeições em estalagens desconhecidas se tiver construído uma casa maravilhosa, no ponto certo, ali onde se estufa a dobra na nuca à espera do tiro da execução. Sobre a rua agora faz sombra. Os que voltam para o lar querem parar e tomar uma cerveja nessa pobre casa. A testa do diretor não está marcada por nenhum esforço. Como artista do violino, ele simplesmente ainda fede a cueiros; no entanto, atravessa sua mulher em cinco minutos. Ele tem boas molas; você viu como bate ágil com sua marmita quente contra os úberes dela, viram como ele agora lhe socou aquilo boca adentro? Suas grandes asas têm mais algumas dificuldades para entrar na vaga e estacionar. Mas os cavalheiros sempre gostam de despencar como cachoeiras no pequeno negócio e têm pressa. Também em você arderá um fogo irado, se todo dia vierem urinar em sua boceta! E lá fora o policial passa atarefado e faz anotações. Alguns deles viram um forte fragilizar-se diante de

uma placa de proibição; mas suas mulheres, no lugar quente, essas eles podem caçar! (Essa fera está sempre a postos. As cortinas roçam-lhe as mãos frias, que nada tinham sob si além de muita roupa suja.) Na forma de um signo celeste, aparece esse senhor, no qual surgiu uma necessidade de agitação, sobre a mulher. Sua língua produz uma pulsação na lata de suco que ela prendeu entre as coxas. Também é preciso poder mostrar o punho fechado com o qual se esmurra a mesa. Em outros lugares, pessoas com as peças estalando mandam regular melhor o seu escapamento e se debruçam sobre seus motores, para pelo menos não chegarem atrasados à fábrica. À noite, entretanto, se a mulher tiver cozinhado mal, eles se agitam como chamas para além de seus cercados de rédeas! Aí as coisas ficam… ei, mas o que é isso?, e a mulher olha alto para fora, como se tivesse escalado diretamente os Alpes com suas feridas e fendas. Essas pessoas não têm mais muito tempo para se consumir em busca de um belo objetivo, esse que na frente tem um peito (onde faz sentido que esteja ardendo). Pois até mesmo nossos carros ainda consomem as últimas forças de nosso combustível.

O diretor agarra-se a sua vizinha de cama. Estará querendo extingui-la, essa que por tanto tempo foi aniquilada ao lado dele? Ela mora ao lado, olhe só você, é alimentada artificialmente e não deve ir procurar em edificações estranhas alguém que eventualmente faça o papel do homem para ela e enfie a língua em sua xoxota. O diretor não usa contraceptivos, pois preferiria acima de tudo rever-se ainda muitas e muitas vezes, mas sempre em formato pequeno, para que nada nem ninguém o sobrepuje. Ele sai para a larga trilha de luz e com sua furadeira arreganha a bocarra da mulher. Ela tosse com o beliscão que ele lhe aplica e que se marca bem claramente nela. (Ele percorre-lhe toda a bela figura.) Parece fascinar a esse homem o poder gerar sozinho todo o comprimento de sua coisa; ou seja, ele se transforma de tal maneira que entra em conflito com a mulher por causa de seu forno de fogo contínuo. Que substância ativa, meio Deus, Deus te crie!, que essa sua própria ampliação, sem que esteja pendurado na parede como santo e mártir, é capaz de levar a efeito e deixar satisfeito! Que

homem! E depois cair como chuva sobre os seus! Não é verdade?, em outros lugares há por sua vez escadarias erguidas junto às casinhas, embora nenhum ser humano queira, por espontânea vontade, morar nelas. Sim, os mais pobres dão pequenos passos para finalmente voltar a si.

Berrando, o senhor diretor se crava na boca de Gerti. Antes, porém, ainda teve que sair de si, i.e. , expor o melhor de si. De fato, desde a juventude já era apoiado por toda a roda (e até nas cordas de seu violino). Seus sons estão sob seu comando, os serventes também. Difícil isso não é, até seu filho já toca um instrumento, e as encostas, como mãos, sacodem para baixo de si árvores ácidas. A mulher chuta e é chutada até gritar. Não, agora não estão dando passos pela casa, não estão fumando cigarros, embebedando-se, nem ameaçando os empregados com sua fúria. A camisola lhe é novamente desvestida, para que ela possa ser tateada em diferentes direções. Muitas vezes utilizamos a cama onde, adormecidos, esquecemos a guerra dos sexos. E então poderíamos nela percorrer às maravilhas e infinitamente nosso *status* , para nos fazermos altamente merecedores do posto de cidadãos comuns. Em nenhuma outra região se ascende tão rápido, se a uma pessoa (uma de nós mulheres) o próprio rosto lhe cai razoavelmente bem. Pois o rochedo também não vai até a pastagem, os animais vêm correndo até ele e nele esfregam a cabeça. A mulher agora se debate, como se quisesse se tornar imortal em meio a seus eletrodomésticos. Ela ecoa como um grito que se emite quando o raio não consegue se controlar em plena luz do dia e se dirige para dentro do televisor. É preciso mandar consertar o aparelho, esse viático das noites. O diretor quer descarregar sua espingarda mais uma vez hoje, para de novo assegurar para si sua mulher, quando ela estiver ali deitada, sangrando por ter vindo lhe cruzar o caminho em momento tão impróprio. Ela respira e se engasga. O sono esvoaça-lhe dos olhos. Por pouco não vomita diante daquele que lhe invade a casa onde se leva uma vida de bem-bons.

Claro, com suas patas, ele pode fazer arreganhar-se de imediato e confortavelmente o cu da mulher! É propriedade dele, como Deus é nosso. O músculo da mulher range como um sapato velho, em

menos de cinco minutos a tora rolô do marido terá novamente se recolhido. Deve-se deixar sempre o acesso liberado, pois no final das contas esse homem não suporta a vida sozinho, também outros precisam suportá-lo diariamente. Com seu corpo, a mulher serve ao homem a maior parte do tempo, mas parece que o sol logo resplandece de novo. Esse pessoal deve desaparecer ali onde o agricultor deixou aberto o sulco da largura de uma fresta! Eu os deixei saciados e saciados os reencontro, e nenhuma luz lhes ilumina o chão. Assim eles estupram suas mulheres e estuporam diante dos conselhos dos poderosos, das comissões de fábrica que hoje também já se tornaram muito abundantes, mas absolutamente impotentes. Às vezes, num piscar de olhos fica pronto um novo trabalhador especializado e já pode ser posto para salgar na oficina. Seu campo é limitado até o seu fim. Poucas mulheres ficam sentadas para o café da manhã que uma governanta lhes serve, diante do marido, os óculos de sol sobre os olhos desenhados. Ocuparam exatamente uma vaga. Durante a noite, foram sacudidas como os cavalos divinos sobre os quais as crianças aprendem a montar. E assentam-se ainda mais firmes na selada! Esse homem se atreve quase tanto como nosso presidente e quase tão pesadamente balança sobre nossos ombros de caminhantes que ousamos atacar mais alto e nesse exato momento flagramos nosso casaco se enganchando. Ele diz que Mozart compunha maravilhosamente. E toca igualmente com verdadeiro prazer, apenas mais modestamente, se comparado com seu entorno. Aí sobra ainda um pouquinho de espaço para *hobbies*. Nos festivais de Salzburgo, ele pode se deixar verificar no teste de longa duração. O pai está de acordo consigo mesmo. Acenando alegremente, ele vara o esfíncter de sua mulher, que enfim não está mais desimpedida, reprime o grito que quer se arrancar de sua correia. Ninguém aprende, afinal, a ler sem sofrer.

O diretor se prende à água fresca da mulher; e então, saindo do estado de torpor, se pendura fora, ao sol! Quer dizer, ele sob todos os aspectos mora bem em si. Mandem-no ficar calado! Pode-se viver numa casa, como neve sobre a relva, isso é óbvio, mas também se pode manter os membros ocupados em sua correntinha,

de modo que ela tilinte. Existem muitas mulheres; o homem, no entanto, está só. Está pendurado sobre as patas traseiras da mulher e murmura coisas eróticas que a qualquer momento o bordel poderia lhe presentear, mas ele investe NELA. Eróticas – essa palavra lembra uma Érica, não uma Gerti. Isso dá um sentido a esta solenidade. O homem precisa contar com o animal que traz dentro de si, e como fica, no final, a conta da zona? Uma conversa com o mundo e seus recém-lubrificados representantes de máquinas, numa antessala onde esperam até que as mulheres venham em seu auxílio, com seus buracos úmidos, que o granizo abriu. A mina aberta de toda uma vida de alguns será completamente esquecida pela terra. Porém, confiante, o homem encontra abaixo de si sua ejaculação e rola-se em sua certeza: o filho vai continuar vivendo conforme ele e continuar fazendo troça de outras pessoas de sua cidade. Fechemos os olhos antes. Quem vai devastar tudo e, entretanto, querer a todo momento recomeçar? Certo. Ele compra nova vestimenta para o filho, e a mãe, limitada mesmo como a natureza é, tem que lavá-la. Isso eles mostram na televisão. Essa mãe toca piano até onde seus pedais a suportam.

O diretor agora fodeu suficientemente as tubulações da mulher, olha à sua frente, se vê e gira, bem amável desconhecido que se curva sobre um motor que não anda mais por aí, junto a seu animal doméstico. O modo como se acaricia um cão. Ele joga saliva nela, perdão. Não dá para chamar de “sua terra” um lugar onde outro já esteve. A mulher é, para o homem, uma constante invariável (invariavelmente a mais bem-vestida), pois permanece com seus pés sobre a Terra, enquanto ele acerta direto no coração e, por *hobby* , escreve programas de computador diante dos quais os outros simplesmente têm que ficar calados. A luz brilha sobre o campo, e amanhã nossa Gerti certamente também estará ali ainda. Nenhum outro homem deve demorar-se e sentir tesão nela, se ela vier a se entediar. Agora o diretor atira a partir de seu ponto cego. Esforça-se para ganhar posições, como o ribeirão corre em direção ao vale. Assim ele gostaria que fosse, essa Fórmula 1. Estar parado e no entanto mover-se inquieto na largada! E em todo o redor a mesma madrugada jamais limpa de si mesma os miseráveis. Pelo

contrário: eles sentem frio e têm que se deixar aquecer pelas bocetas de suas mulheres. Amanhã não vão querer chegar atrasados, onde não são desejados, mas esperados por nosso mais poderoso bem, a fábrica. De seu voo, eles são trazidos para baixo. Muitos precisam serrar galhos de suas árvores frutíferas quebrados pela geada. O diretor cospe terríveis pepitas de excremento no ouvido de sua mulher. Diz que ela pode ser completamente esquecida como uma mochila cheia de pães rançosos, ela deve olhar e escolher. A qualquer momento! Ela viverá, sim, e bem, enquanto não deixar faltar em sua calcinha. Enquanto esteja pelo menos escavado e cascalhado um caminho até dentro dela, um caminho que o homem possa percorrer e colocar de volta quando enjoar. A bola tem que entrar no gol. E ela? Ele lhe puxa os cabelos, como se ainda tivesse o volante na mão. Chegando ao fim, seu pau estala pulsante no arbusto da mulher. Escorrega no último momento, porque ela se nega. O homem lhe soca a nuca, direciona a voz com força em sua direção. Poderia essa mulher estar pensando no ar suave por cima de um membro mais amado? Seria isso possível? Assim é que o cálice transbordante do diretor passa ao largo dela e se acumula ao aterro sanitário de sua pele, um monte de dejeto deseducado. Essa mulher não merece que o homem esteja inclinado sobre ela a cerca de quarenta e cinco graus. Vamos nos embebedar agora, encher o tanque até a marca dos dois quartos; não, até os três quartos! Antigamente os alegres conquistadores ainda não eram incomodados com tanta frequência. Hoje sopra um hálito mais intenso.

Os habitantes do país em breve precisarão despertar, enxotados de um lugar para o próximo, ainda antes de saberem onde foi mesmo que pararam. Mas alto lá, eles também têm uma vantagem: a primavera os alcançará assim como a nós, com um suspiro e muito ar fresco. Mas nós nesse ínterim teremos alcançado muito mais, pois NÓS seguimos adiante, temos coragem: de ir a um teatro, a um concerto, ou a uma exposição, onde nos reconhecemos, carregados por nada além do brilho que caiu dos pobres olhos DELES. Sim, estamos na lista! Por favor, olhem para baixo, lá está a colina selvagem de fiéis desempregados,

dependentes da bondade dos bancos. A luz nesses olhos, ah, no final da rodovia federal ela não terá pago nada senão os dividendos para uma fábrica. Porém, eles se esqueceram de dar seta e, desencontrando-se, apavorados com o brilho do trabalho finalmente conquistado, derrapam para dentro do rio. Não se pode mesmo dormir ao volante logo cedo. E para onde estarão voando enquanto isso os recursos dos nossos impostos? Estão sendo dissipados como pessoas, e mais precisamente num caro automóvel esportivo num país enxuto, talentoso, ali em frente, onde a indústria está fazendo a curva muito fechada. Também em outros lugares moram pessoas e são atropeladas. Agora prosseguimos nosso indócil caminho, deixando para trás apenas fracos vestígios no asfalto das rodovias federais e para cada um de nossos filhos um televisor em cores e um videocassete *per capita* .

XI

No café da manhã, então, as coisas não deixam de ter bom sabor para eles. O menino vem correndo de baixo e dá pulos, travesso, diante do pai. Um sol assim brilhando é garantia de mesada entrando. O pai quer ver o filho cheio de coragem e que ele jamais venha a parar. Contudo, esse menino no máximo vai parar no agradável flanar diante do comércio-nada-sério da cidade sede da comarca. O moleque sempre irá adquirir algo só para si. Os colegas, de longe, mal serão reconhecidos por ele; eles têm que assistir como espectadores ao modo como se vai o dinheiro do filho do diretor (do mesmo modo como se lhes esvai o tempo em que ainda podem bater à porta semiaberta da economia e do restaurante). O filho fica sentado com os rebentos dos lares de pobres à mesa da escola primária, é a lógica pedagógica; no entanto, há guerra nas cabanas! Alguns filhos e filhas fedem a estábulo, resultado de sua longa manhã junto ao gado, enfiado até os tornozelos em sua merda cor de chumbo. Desceram de casas trancadas a chave, após terem se levantado às cinco. Lá os corpos se acuam juntos, até serem arrastados, pela falta de dinheiro, para as fábricas. Você nunca viu ainda tais botões desabrocharem e murcharem? Esse menino atravessa insolente um campo, para perturbar a relação entre natureza e direito natural (ele está no seu direito, sim, quando com um bastão se põe a surrar uma toupeira ou passa zunindo com os esquis sobre a ladeira. Claro que também você está em seu direito, quando, por causa de sua saúde, sai para passear vestindo nuvens de lã de novelo em tamanho natural!). Às vezes, uma espingarda atira nas entranhas da floresta. Os escoadouros devem proteger a natureza contra o homem e seus legados; contudo, quem o protege contra seus credores, os bancários, que acordam cedo apenas para admirar os Alpes? Durante a noite, graças-a-deus, derreteu-se algo, o que deixa o esquiador em suspense quanto a sua taxa de *ski-lift* .

O gelo está salpicado ao redor dos pés das árvores como flocos de isopor da embalagem de um belo aparelho que nos saltam aos olhos e deles caem como escamas. Alguém eventualmente poderia ver isso de maneira totamente diferente. A governanta chega com o carrinho de compras. O chão, em alguns pontos ainda congelado, retumba sob as rodas, como se estivesse oco. Deve haver algo também abaixo de nós, não só acima. Você por acaso tem um bom relacionamento, alguém com quem se pode ir ao cinema? Não? Então espere até que essa pessoa também venha tocar a campainha à sua porta, talvez saindo da penúria da inatividade econômica nesse enxuto e bem definido mundo em que querem lhe vender uma assinatura de produto ou serviço. Para que você aprenda a entender melhor as necessidades de seus representantes, na arte, na economia e na política.

Como homem, o diretor pode se inclinar em direção a sua mulher, pois ela está sentada em seu lugar muitíssimo habitual, onde nenhuma luz vinda da janela pode incidir sobre ela. Ainda está escuro. Gerti usa óculos de sol. O filho chega, contente com a mais completa distância e a mais completa programação de tevê, onde andou espiando, ele vem agitado, gritando de cobiça, que desta vez definitivamente devem lhe comprar algo definido, com o que possa evadir-se deste belo mundo: aparelhos rápidos, trajes combinando, para que seus dias sejam repletos de felicidade. Pois ele quer se esvair de novo com a torrente, esse menino. O pai emite, da poderosa estrela escura que é sua cabeça, um comando. Ele escolheu as primeiras horas da manhã para inacidentalmente visitar a mãe desse menino. Melhorando seu desempenho noturno, impingiu-se a ela, para resumir. Como uma pessoa se acomoda numa poltrona, apenas por um momento na fingida honestidade do noticiário noturno, desse modo ele se deixou cair pesadamente dentro da mulher, acoplando-se por trás à bomba de abastecimento desse posto de sua vida onde ele vai buscar as consolações do sacramento, que saco. Ela deve deixá-lo fartar-se, na mais completa paz! Ótimo! Ele entrou se empurrando com palavras no ouvido dela, ela deve mais uma vez lhe dar conta de como transcorreu o dia anterior. Ele é o auditor supremo, que sabe transformar ondas em

vagalhões. Espera-se que a verdadeira relva em algum momento apareça, já que a plantamos equivocadamente sob cemitérios de automóveis e postos para descanso à beira de estrada, onde até mesmo a borracha ainda é aquecida antes que a desçam de novo. Sim, nesse lugar onde estamos tão bem-arrumados para nos esbanjarmos, enterrarmos nosso sexo e depois omitirmos isso a nosso parceiro humano, para mais tarde podermos desfrutar sozinhos. As coxas da mulher devem estar preparadas exclusivamente para ele, o diretor, o terrível transeunte bem frito no óleo fervente da cobiça dele, e assim também permanecerá plenamente ocupado com ela, deixando-se, pulsante, descarregar na rampa da mulher e em troca levará consigo para ela um broche delicado ou uma pulseira de aço. Em pouco tempo isso terá chegado ao fim, e estaremos novamente livres, entre nós em casa, que é o nosso lugar, porém ainda mais ricos do que antes, quando ríamos do vizinho. Você está convidada a assistir! Não acontecerá nada com você, se esse cavalheiro da seita dos *bons vivants* lhe bater à porta com o espumante! Pelo contrário: a mulher que esteja contente! Só faltava ele ter se embalado a si mesmo num estojo! O azul do céu está levando a sério a paisagem, o negócio prospera.

Com certeza essa mulher partirá na primeira oportunidade, para que no cabeleireiro mais uma vez a diminuam, para Michael. Sim, a responsabilidade é dela, a fim de poder se apresentar como petisco, bem cá entre nós, belo sol! Cheios de amor, os pais se batem como ondas ruidosas por sobre o filho, que se esgota em seu brinquedo, como o pai no colo da mãe, onde ele brinca sozinho. Devem ir buscar logo o menino. Em outros tempos, ali cresciam talos, agora laços envolvem o coração, ninguém pode ficar tranquilo em seu atalho, apreciando-o. Eles todos precisam sair espalhando seus sofrimentos ou urinar um jorro criador diante de si, para que logo os vejam e invariavelmente gostem deles. De todos os lados se pergunta ao filho sobre seu valor agregado perante os filhos dos meeiros. Mais um pouco e cairia dos seios da mãe o cansado leite materno, pelo pavor de esse menino parecer não ter alma imortal, porque não faz sua mãe feliz. Ele quer imediatamente sair para esquiar de novo, onde os outros estão bem ou mal, que destino,

conduzidos pelos *lifts*. Se pelo menos não se supervalorizassem na descida ao vale… A mãe agora beija avidamente o filho, que se desvencilha. Bondoso, o pai amontoa o tapete. Se ele pelo menos pudesse estar de novo a sós com a mulher, para poder dar bandeira (seu mastro ereto)! Às vezes, quando o menino está distraído, ele enfia alguns dedos emplumados de pelos na parte mais eletrizante dela, nessa brecha que o atrai tanto que compra para essa mulher trajes caros, a fim de cobri-la. Em segredo, cheira a mão, que é cativante como ele. É tão penetrante como a luz. A mãe nesse meio-tempo continua amando o filho, sempre mais e mais ribeirão abaixo, esse filho com brinquedo e tralhas a quem ela é apegada como uma amante. O pai, bem-humorado, dá um soco na mesa. Já precisou e usou a mãe hoje, por que não haveria um filho de precisar e usar sua mãe? É só não exagerar! O filho deve modestamente aprender quando emprestar seus belos novos esquis aos que são modestos por necessidade, em troca de um magro dinheirinho, para na confeitaria socar ainda mais surpresas na boca. O filho, um pequeno e modorrento trem local, já tem realizado um próspero comércio com seus equipamentos, para que a felicidade chegue também aos mais ignorantes (que acreditam que correr de patins ajuda na busca por uma brecha no sistema diante do qual os Alpes se erguem). Essas crianças, todavia, só entendem que arcar com um esqui de corrida é algo que tem seu preço. Esse homem e essa mulher celestial sentem-se simplesmente despertos um no outro. Seus olhos estão pregados uns sobre os outros com grandes pontos de costura.

Por seu tino nos negócios, o menino seria venerado pelo próprio pai violinista. Tomem-no como um exemplo, vocês que operam os negócios com a neve da comunidade, que ainda cobram dinheiro pela utilização dos flocos de neve, essa pálida branca neve para a prática de esportes! Fica tudo assentado nas lavouras locais, onde você, um dos inúmeros escravos do esporte, ainda uma hora atrás suportava a vida em seu macacão colorido, com o qual vai a qualquer parte, da descida de esqui à danceteria. É tudo uma coisa só, e você é o primeiro. Apenas deve antes se deixar levar para cima, próximo de Deus, onde os tempos estão mais em alta do que

o tempo que você leva para descer, cronometrado pela senhora sua esposa, que o acompanhou a pé. A vida de repente lhe fica mais familiar, quando você está parado diante do abismo feito de neve e pressiona um aparelho contra seu corpo, igualmente lavável. Os pobres, esses não podem conter a água que congela sob eles, e não lhes resta alternativa a não ser atravessar com cuidado diante do mais sublime dos montes, dos quais não vem nenhuma ajuda e que no mais alto apreço se subscrevem. Os que são lançados para fora de seus escritórios como dados de jogo, trajando belas roupas, esses deixam a alegria fazer uma parada para descanso em seus pequenos restaurantes e deslizam, perfeitamente inclinados sobre seus esquis, do mesmo modo que sobre uma pessoa querida; bem, enfim, eles deslizam abaixo mesmo. E ali se desunem então com outros, decaídos, batidos em tempo pior, para uma (trans)missão de tevê, um pacote de vida no qual impera o humor, por exemplo no “Musikantenstadl”. Os mais pobres também assistem, mas não conhecem aquele mundo. Pois não sabem, não têm ideia de como aqueles astros da tela à sua frente se projetam para os céus. A ventania sopra-os dali para todos os cantos.

A mãe se deixa tratar com café pela governanta. Nesse ínterim, já faz um bom tempo que escondeu dentro do guarda-roupa uma garrafa ainda inteira. Melhor seria se o grupo de crianças não viesse hoje fazer a festa batendo tambores. Não, elas só vêm amanhã, para que seu canto e suas matracas e suas maracas possam ser ensaiados para a festa dos bombeiros. Nos dias de folga, juntam-se coisas tão belas sobre o prato do toca-discos, somando-se à *Paixão segundo S. Mateus* ou um outro *Lied* que consiga se impor a nossos ouvidos. Apavorada, a mulher olha para suas mãos, que lhe parecem totalmente desconhecidas. A linguagem se apruma para ela como o pênis de seu marido ali em frente, onde se puxa a cordinha e se desce ladeira abaixo marulhando. Em seu dia de folga, ela foi acometida por uma sensação de que a natureza rebrilhava branca – era somente natureza? Todas nós queremos nos embelezar para conhecer um sujeito ali e sossegadamente permanecer visíveis nele, só para ele. Será que o jovem que em meia hora a atravessou pensa mesmo nela ainda? Ele pisou no

montinho que ela expeliu, pois vale a pena ser algo de especial. A mulher irá supervisionar como é viver na condição de deusa para um outro. E se fôssemos nós também ao cabeleireiro e olhássemos depois os pobres mutilados do trabalho nos presépios natalinos do local de trabalho?

O diretor mete a mão bem fundo no decote da mulher, quando esta passa por ele, é naquele lugar que aparece a coisa mais importante e necessária para a aparência exterior dela. Assim é que uma imagem deve ser. Essa mulher não lhe vai sair dos trilhos; ela deve contemplar, lamber bem e se deixar penetrar pela vara do homem.Não deve se deixar raptar por um sujeito qualquer. É opaco o brilho da paisagem; no entanto, os que poderiam vê-la não veem nada, porque suas pobres sombras colidem com as dos alegres esportistas que se comprimem contra os próprios corpos para ficar mais obscenamente escorregadios ao vento. Em outro lugar, onde não se vive e não se ri com o caráter irrefreável do turismo e das relações com estranhos, não há tanta hospitalidade, temo eu. Em cozinhas sujas, crepita um fogo frio nos olhos dos homens que têm que sair para trabalhar às cinco horas da manhã. A abominável salsicha à lenhador no estômago eles já nem percebem mais. Suas mulheres caem estridentemente na realidade e exigem também ser adotadas no trabalho, em vez de um filho, uma criança (já outras vão visitar o conjunto Die Stadt des Kindes, no bairro vienense de Hadersdorf – as casas nessa Cidade da Criança são bem pequenas, com pouco espaço para brincar. Assim a criança aprende a sucumbir como subordinada). Elas querem todas ganhar algo a mais, para que também possam, como as fúrias, escorregar montanha abaixo sobre seus esquis nas férias. Depois disso, o frescor com que a duras penas se lavaram mais uma vez chegará ao fim. Mas que não esperem conseguir nada nas masmorras de chumbo dessa fábrica de papel; o papel tem, isso sim, é que ser marcado com números. O diretor comprometeu-se, na associação dos poderosos, a despedir primeiro as mulheres, para que os homens pelo menos no trabalho possam estar desimpedidos de mais aquele peso. E para que os homens tenham algo em que eles

possam descarregar-se quando o encarregado por um descuido ficar visível, uma imagem suntuosa.

Sem nada a perturbá-los, os operários se observam uns aos outros na cantina da empresa. Diante da luz, eles cantam como pássaros, para fazer mais plena a própria vida e um agrado ao diretor. Onde se oculta o sentido aqui? Em suas mulheres sensuais, nas quais a vida se expressou plenamente?

O diretor precisa de sua própria mulher, pois a regra é: a cada um a sua – não é verdade? A luz do dia já se mostrou, e as lojas estão abrindo, enquanto outros se tornam imperscrutáveis. O homem observa de esguelha sua mulher, que, nervosa, está em guerra por um horário na cabeleireira, ele acaba de notar que seus seios já estão um tanto desativados. Na memória dele, esses seios vivem como se ele os tivesse criado e lhes dado forma, como fez com o filho. Seja como for, céus, onde foi parar meu aguilhão agora, conseguirão outra vez amassar, trabalhar aquela massa da mulher? E ela lhe pertence, ela lhe pertence, tantos frutos nos dá a terra, sem dúvida. O menino vai deslizar por uma montanha celestial depois da escola, mais rápido do que você possa recobrar o fôlego, de modo que você hoje será atropelado por esse menino que se herdou do pai; no mínimo, ele vai ultrapassá-lo a qualquer momento. Assim essa pequena criatura é mal habituada, essa criatura que habita junto à mãe e acredita que isso continuará sendo sempre assim. Porém, essa mulher deseja adquirir juventude de uma nova loja, por isso também o novo penteado. Para ser vista e poder passar. Diante da casa dessa pessoa que ontem alimentou a fera dentro de si, onde de resto a fera vai sair para comer perto do inverno. Ela já não viu outros homens jovens postados aos balcões de bares? Indiferentemente se ficam ou partem, são tão belos antes de eles mesmos passarem como o tempo. Estão ocupados consigo mesmos, porque precisam resolver muitas coisas antes de se lançarem num fim de semana de esqui e saírem se exibindo com suas namoradas, diante das quais o indivíduo estanca e se espanta, de mãos vazias, perguntando-se como surgiu aquele impresso gravado a quatro cores nas páginas mais lisas da vida e pôde deixar uma impressão que soube se gravar tão fundo. Cartões-postais

lidam mais suavemente com a região do que o tempo com a mulher, acredito eu. Aplacada, a paisagem se cala em seu dia de folga sobre a pequena foto que você compra na tabacaria e emporcalha, mas o tempo simplesmente vai longe demais! Ele se encrava como uma tempestade nos traços há muito tempo gastos da mulher, como trilhos de tantos trens que partiram. Oh, não!, apavorada ela leva a mão diante de sua cintilante imagem no espelho: seria preciso trabalhar num raio mais amplo, não só em seu penteado, que em diferentes momentos lhe cai diferente. Com muito esforço, produzir uma pequena mudança para nada mais que uma pequena serenata noturna. Sua figura desprende-se da moldura do espelho, ganha longo alcance como seus pensamentos. Ela conhece a casa dele, onde aguarda um esquiador de valor claramente reconhecido. Todos esperamos que em algum momento haja mais dentro do saco, no envelope de salários dos sentidos, onde as nuvens correm e se espalham. Sim, no mais das vezes o clima ali é nublado. Vamos refletir sobre como podemos nos embelezar, para nos tornarmos mais e nos bastarmos pelo menos até a risca do cabelo.

A mulher espera que o homem parta em ordem para seu escritório. O homem espera poder mais uma vez ir à fenda de sua mulher antes que ela primeiro seja deitada por um tempo sobre o gelo e o sorvete do dia. Os pobres operários, esses há muito tempo já desceram ao lado das avalanches, trouxa ao ombro. Agora descansem um pouco! O ônibus partiu. O filho foi transportado dali, com soberania ele vai se destacar de seus colegas de escola. Suas linhas da vida foram selecionadas com muita destreza (pelo destino, provavelmente, com o qual o menino desliza pelas encostas e já conheceu algumas cidades estrangeiras). Assim, tudo vai bem para ele, desde que seu berço parou no lugar onde um incentivador o apoia à vontade. Os colegas de escola se permitem um sorvete, gelo sobre o qual eles então se detêm indefinidamente. A luz brilha sobre essa casa ampla, como se ali se tivesse encorpado, sobre um parquê encerado. Hoje vamos ter sol de novo, é o que determino agora. A mulher gostaria de, tão logo quanto possível, para ficar com uma aparência agradável, dirigir-se a uma butique na cidade sede da comarca. Por que ela não é suficiente ao jovem ao longo do

dia? Por que tem ele que deslizar sobre os trilhos das montanhas, onde elas estão o mais intocadas possível, esse especialista em neve profunda?! Estar onde ninguém antes dele esteve! Exceto no ano anterior, quando passou fazendo estardalhaço por ali um outro sujeito jovem com suas amigas e amigos. A mulher não pensa em nada senão naquilo que deve vestir, para se tornar mais rápida, elevada, ampla. E, por mais longe que o sentimento dela voe, façamos o favor de embrulhá-lo de novo! Seu marido não consegue lhe saciar a paz, ele agora está indo para sua fábrica. Ele é oitenta por cento, para ser justo (e contado junto com os proprietários), responsável pela felicidade dela. Embebe-a com isso. Dê você também uma passada por aqui, venha nos visitar, quando, pensativa e muito viajada, desejar semear tempestade nos olhos de uma outra pessoa. Sim, venha e peça que a desfrutem!

Para ter uma vista bem amortecida para o tempo, de um camarote (somente nos lugares mais pobres não há uma pelanca de tapete sobre os pés), a mulher sai de casa, e ela besuntou a si e às suas unhas. Como é maravilhosamente grande mesmo a natureza, na qual os pobres só veem e não respeitam as sinalizações de limite de velocidade, antes de serem misturados, eles e seus carros travessos, à nossa forragem. A vagina dessa mulher está encharcada com o produto fermentante do marido. Em suas coxas, sob a meia-calça, há um muco grudado, dos hábitos de todo santo dia do diretor. Ele gosta de dar um sinal de que poderia se reproduzir, ainda que a tinta já esteja acabando. Ainda poderia tranquilamente e de bom grado conservar para si a broa doce de uma mulher muito mais jovem para consumir sob seu bico de chama. Nas montanhas, o tempo se resfria rápido. Isso você pode tranquilamente chamar de circunstâncias, quando na represa se espelha a floresta e a grama junto à janela cresce para o alto, para suavizar as memórias de abate doméstico. E como podem ficar furiosos os pobres, quando alguém lhes faz um vinco ou tenta aplicar um truque, conforme nos ensinam as leis fiscais e do volante! O diretor da fábrica de papel continua se espantando com o fato de que hordas de gente contratadas em sua empresa compram, todas, as mesmas coisas no mesmo supermercado, ainda que

tenham e levantem diferentes medidas e pesos. As pequenas lojas nas menores localidades já há muito tempo foram fechadas, para que os moradores não ficassem tão relaxados mediante uns pães com salame e cervejas. Com um coro de fábrica (nossa indústria soa tão bem aos ouvidos estrangeiros!) e uma gritarolação de anteontem, essa pessoa deseja nos sacudir para que cheguemos até seu peito, essa defesa sonora contra nós. Com um chute, pode-se facilmente impedir que o Desejo, esse deputado livre representante do ser humano, queira incondicionalmente dar seu voto, emitir sua voz estridente. Então a mulher está quieta. Dos quartos nos quais é caçada só por causa de seu sexo, essa *delicatesse* única, vem um grito indignado, até a cerca se ouve um alarido, como memória da batalha, do abate. Já faz um bom tempo que homem e mulher agem um sobre o outro, logo terão que se levantar de novo e ir se lavar um do outro.

Alguns mais uma vez deixaram de aparecer nas igrejas, onde caem gotas das estátuas; outros por sua vez nem sequer são eleitos. O lenhador, atento ao boletim do tempo e à sua cobertura contra o tempo, desdobra-se para uma vida efêmera na mulher que trabalha na loja de departamentos. O histórico desta foi da escola ao matinho, e logo eles já eram três e se alegravam na cozinha, oficina de sua vida, onde podem ser polidos e rústicos, porque outro espaço não têm. A natureza dá pancadinhas amontoando o homem de volta a sua medida natural e o leva então ao restaurante, para que ele mais uma vez possa transbordar de suas margens. Em casa, ele fica embasbacado diante dos produtos de seus sentidos, os filhos, e reflete em como conseguirá pegá-los voando e atirá-los contra as paredes. Às vezes, as crianças terminam aqui mais depressa do que se atarantou nas mucosas um do outro para lhes dar forma. Nisso, devem ser garantidas a duração e a continuidade, enquanto os patrões do país mandam ver lhes envenenando as árvores, e o papel que os operários criam em cinquenta anos estará dissolvido e inócuo como signos no céu. Em vão como a ira deles. Inútil como a escolha do que a mulher deve trajar, se calças ou saias, ela só não deve usar em casa as calcinhas. Assim como seus ferimentos, esses que o trabalho lhes causa até que não sirvam

mais para o uso, assim também passa o seu deleite, depressa demais, voando. Mergulham uma mão no jorro da fonte. E o peito sensível das mulheres se converte em baixos-ventres sem formas, onde há tumores que o médico ataca furioso. A pessoa não se deita num leito de hospital por nada. Até que os irados sintam fome e deem um tiro nos miolos com armas de caça que brotam como bolor em cantos recônditos de suas casas. Pelo menos encontraram em você um mestre honesto, para ensinar ao filho mecânica automotiva, até que ele mesmo possa dar cabo de si.

A senhora diretora – isto é um anúncio escrito em seu rosto – se embeleza. Põe-se vistosa. E a natureza oferece uma cobertura para isso. A mulher, sob seu *make-up* , onde ela é gente, atravessa espaços maiores do que jamais se poderia reunir através das montanhas. Por isso é que não confia na natureza em relação a seu rosto; esse enorme poder lhe deixa o ar escasso, mal consegue respirar, e ela tem que entrar no próprio carro. Vê seu novo escudeiro na pátria de sua cabeça, onde ela também se vê com olhos completamente outros. Que seus pressentimentos acertem seu alvo! Ao redor, ela é observada pelas cabeças de pássaro dos perdidos, fincadas às estacas de sua cerca. Essas mulheres no povoado olham como se ainda nunca tivessem visto outras terras além de seus pequenos reinos, onde seus dominadores lhes sopram respiração no começo da noite. De suas mães, elas já aprenderam a sempre olhar para o dinheiro e se espantar com a face que sobre ele se revela. Que diferença entre a nota de cem e a de mil! Um mundo inteiro se encontra no meio, para tapar o abismo. A mulher se apodera, com seu carro, das serpentinas da rodovia federal. Quer o mais depressa possível tornar a deixar que o jovem, cuja palestra ela apreciou na véspera, dê dentro dela a palavra final. Ela surgirá entre nós, aos pés da escadaria inacessível. Fossos atravessam as montanhas. Nós, porém, permanecemos embaixo, somos desajeitados demais para a coisa fera dentro de nós. O jovem arregalará os olhos quando vir o novo penteado. Algo semelhante se dá com os humanos, que no caso mantêm o ponto de equilíbrio entre os animais que cuidam – centenas de trutas mortas no ribeirão, porque fizeram a barragem se inundar

subitamente demais –, e o trabalho que arranjaram para si. Ele é um presente fugaz de um dono de fábrica. Assim descrevemos que tipo de espírito é esse.

Nas ladeiras, eles se apressam. Os *lifts* arrastam para cima seu impermeável carregamento fretado, em que balança o chamamento da natureza, lacrado num invólucro de plástico, sobre a paisagem fortemente dominada pelos esquis. Sim, o país parece ter prosperado terrivelmente sob o domínio dos esquis, onde originariamente era multifacetado ou pelo menos mais acidentado. Os canhões de neve cospem diante dos delirantes turistas de um dia só vindos de Viena. Cada um deles se considera um campeão do esqui. Aqui talvez permaneçamos por mais tempo, já somos afinal éons no mundo, para mudá-lo, e agora ele afunda sob o nosso domínio. Os esquiadores só fazem graça com a paisagem, não é preciso ter medo, ariscos demais eles não são. Perambulam pela terra com sua potente virilidade e pisam e apagam qualquer fogo. Os moradores da cidade são irresistivelmente atraídos pelo prazer da velocidade, e a própria velocidade os atira novamente para baixo. Ah, se conseguissem mais uma vez se soltar tão bem! Sob o sol, eles sairiam voando por toda parte, mestres honestos que mostram o que fizeram de si mesmos e dos outros. Eles se misturaram a outros e produziram novos esportistas. Seus filhos, com o porco acabamento de seus pais ainda marcado no rosto, concluirão um curso de esqui. O esporte, essa dolorosa nulidade, por que justamente você haveria de abrir mão dele, se além do mais também não tem muito a perder? Móveis hoje não há por estes lados, mas para a competição de valores dos macacões, outros produtos para esqui e artigos de ostentação, juntamente com gorros e bonés absurdamente impossíveis de combinar com aqueles, não se colocam limites, e quando colocam, então basta simplesmente saltar por cima, são só um morrinho! Atrás certamente vem um novo, que precisa comportar tudo o que cabe em nós. Faz tempo que os modismos, os assassinatos e os hábitos se encravaram nos Alpes, e à noite todos rolamos de rir diante de um teatro de fantoches com uma gaita, um teatrinho saltimbanco à nossa frente. Ao redor, dormem os moradores do povoado. Diante deles as

montanhas não se dividem; quando partem para o trabalho pela manhã, eles têm que saltar sobre cada irregularidade da pista montados em suas bicicletas ou afivelados em seus carros pequenos, até finalmente poderem abrir o portão de acesso ao estacionamento e parque de vida selvagem dos empregados. Sim, alguns conseguem a ascensão, quando têm bons ferros nos pés e sentimentos. Pedimos silêncio. Afinal também há humanos trabalhando aqui diante de seus animais, cada um em sua própria jaula.

E ninguém estende a mão e apanha para si uma dessas criaturas do esqui, que perfuram crateras no solo, e ninguém impede o esqui nesse processo. Ninguém está liberto das leis terrenas, que dizem que o pesado deve sempre descer, ou senão será preciso sentir na própria pele. Alguns colocam óculos de sol, olhando uns para os outros e pensando no que será servido como refeição. À noite é planejado um coito conforme as regras da nova cozinha: pouca quantidade, muito refinamento. Avermelhado, o clima fumega em seu alguidar, nossos garfos tilintam, as cabeças douradas abaixam-se. Mantêm-se, porém, em pé as montanhas em silêncio. Milhares de indecentes se lançam ladeira abaixo. E algumas centenas de excedentes produzem papel, uma mercadoria que desvaloriza mais depressa que o homem é desgastado pelo esporte. Você ainda tem vontade de ler e de viver? Não? Pois então.

A mulher se arrisca a ir à cidade sede da comarca, onde seu marido mais cedo estacionou o carro e inalou água quente na sauna. Não tem importância. Pendurada em seus testículos e penhascos, disposta desalinhada na escadaria de sua genitália, está a própria mulher, ao lado da qual o sono o encontra quando ele sai para procurá-lo. Essa mulher se tornou o seu supérfluo, ele se despeja nela até ela transbordar. O homem está ali para mandar levarem a cabo uma coisa insignificante em sua camiseta, para que o revitalizem – para isso mulheres vestiram tais roupas ousadas! O estabelecimento tem luzes vermelhas penduradas às janelas, mas não é mais tão frequentado como antes. Para apanhar um pouco de ar, os homens com cada vez mais frequência pegam habilmente as frutas de suas mulheres nas duas mãos unidas em concha e as

espremem. Antes, amarram os pés de seus animais domésticos, para os encontrar novamente onde foram depositados, debaixo de um vestido novo. Agora eles têm que estar bem íntimos de sua mulher, sem considerá-la uma dessas. O sol brilha sobre o caminho. As árvores estão ali. Agora também elas estão acabadas.

A doença, cavalheiros, lhes aplaina o caminho rumo ao sexo familiar, do qual os senhores antes só queriam se ver longe. Agora tornou-se questão de vida ou morte a possibilidade de confiar em sua parceira, senão só lhes resta o caminho até o médico especialista, e antes todos os caminhos ainda pareciam seus, onde os senhores, estimados viajantes, faziam a parada para descansar e beber algo, tocando em sua gaita todas as melodias possíveis, felizes por sua imortalidade. Que desafinados os senhores já estiveram tantas vezes com seus instrumentos insensíveis! Agora todos giramos nos torvelinhos, olhando uns para os outros, e nos servimos, fumegantes de avidez, em nosso próprio suco. O terrível frequentador habitual do sexo, sim, esse agora come em casa, onde a comida tem o melhor sabor possível. Finalmente o homem está de acordo com sua coisa, que nele balança e empaca. Antes, sempre que surgia a oportunidade, podava sua mulher como uma hera; agora ele mesmo cresce selvagemente diante dela. Um detalhe insignificante! Em algum momento, toda pessoa deve aprender o manuseio para poder perfurar, em repouso eterno e em eterna paz, o cu do ser feminino que é sua parceira, pois não há mais parceira nenhuma, sua mulher é vasta o suficiente! Agora os homens estão mais corpulentos e estimulam os sentidos, para os quais não têm mais que ir tão longe. Antes, qualquer mulher era um prato preparado para o homem conforme a vontade deste. Agora ele se esvazia dentro da própria, ela lavará a louça dele mais uma vez. Esse terrível cliente regala-se nas bochechas e nádegas quentes de cama da mulher. Ele mesmo está totalmente concentrado em manter a ereção na pastagem que cobre aquela bacia, onde se ouvem marulhos e borbulhas. Não consegue deixar de temer o tempo todo que esteja perdendo sua forma e sendo substituído por um amável desconhecido. Sim, o desejo, como gostariam de

construir corretamente tendo-o como matéria-prima! Mas com ele, se eu fosse os senhores, preferiria não contar.

Como predadores, eles seguem furtivamente por suas estradas floridas, andarilhos, rochedos os atiram abaixo. Com seus vigorosos pacotes de sexo, estão em busca de um colo amável, onde gostariam de habitar a longo prazo, esses homens. Ainda são mansos no rebanho, ainda estão seus pactos de carne com o suor e o lacre das películas de plástico, clarissimamente visíveis, mas breve, quando o sol estiver ardendo neles, sucumbirão. Uma seiva brota da minúscula fissura, que rapidamente fica maior. E então o sol incide berrando, estoura o depósito úmido; penetrante sopra o cheiro desse sexo sobre as vagas de estacionamento, e penetrantes são reunidos os olhos de dois em dois, para comparar, até que a carroça pouse na cova e os desejos saiam vagando sem senhor, em busca de um novo animal, que ele possa puxar. Não terão vivido em vão esses homens. Mijarão em seu rosto conforme sua vontade, e eles ficarão deitados em silêncio sob as arvorezinhas do sexo cujo plantio eles mesmos ainda monitoraram. Agora, em compensação, eles é que são regados pela arvorezinha. Por um novo broche, até a fria Gerti faz isso em casa, quando lhe batem com o punho cerrado em seu canteiro adubado, até abrir-se sua terra, derreter-se ela própria e se deixar afrouxar adequadamente o esfíncter. Tais diversões qualquer um de nós pode garantir para si, sem que precisemos nos esconder em nosso desespero, em nosso quarto de despejo, sob o cerco de nada além de móveis. Na condição de humanos que permanentemente olham para cima de si, para não terem que baixar o estandarte de seu padrão de vida.

O tempo devora o prazer, com o qual nos penetramos uns nos outros e gritamos uns com os outros num tom penetrante, já que numa manhã é preciso depositar um corpo ainda mais espaçoso ao lado de nosso monte de lixo. Mas as cansadas, essas se consomem até a raiz. Essas pessoas mais uma vez estão em melhor situação, não precisam ser esbeltas ou mandar descolorir os cabelos, elas mesmas descoram diante da máquina à qual têm que correr de volta e cujo entorno repetidamente têm que varrer. E, se olham dos lados, ali há águas das obras de instalação hidráulica poluindo o ribeirão. E

sua fábrica toda, sua obra toda, tem que secar em seu peito e ser parada. E o diretor dessa indústria estofada pelo Estado e esgotada pelo exterior, esse diretor que não quer nada além de apenas sempre esguichar-se perante a epidemia, diante de sua mulher. Do começo da noite até o período da manhã, ela é perigosa para ele. Como pode ele ali, onde o carpinteiro perdeu os seus direitos, dirigir-se à porta traseira? Quando St. Hubertus, seu Jägermeister, mestre caçador e marca de licor, poderá adormecer diretamente na toca de raposa de cheiro penetrante onde foi flagrado? Quem, senão ele, cairia de joelhos diante de sua mulher, faria se aguçarem os sentidos e se retraírem, uma após outra, suas pregas? Ela empresta do alto sua face, enquanto, de baixo, faz de dentro de sua câmara de negócios promessas com a língua de seu sexo tocando duplo *staccato* . O campo está cercado de ar, e as mulheres estão presentes por toda parte ao redor de nós. Comemos delas e com elas. E a transa não incomoda o vizinho; ele se dirige até onde pode ditar as regras de seu próprio trânsito.

O diretor se segura firme em seu carro e mija. Os nobres faróis de neblina brilham sobre sua silhueta. Ele pode bombear seu extrato de carne dentro da mulher tantas vezes quantas ela de seu monte culminante se incline para baixo em direção a ele. Esse casal pode estacionar em qualquer parte de sua grande casa, para tomar medidas legais um no outro. A mulher sai, para lhe fazerem um penteado. Atrás das montanhas, vai ficando claro, os gramados se cercam de luz do dia, que faz tudo vingar melhor. Somente essa mulher mente para dentro de si, nas fendas de muro que o tempo lhe abriu. Somos mesmo todas vaidosas, minhas senhoras. Deixem os dentes na boca e as roupas adejarem ao vento e joguem-se nos braços de seu parceiro, como se ele há horas não lhes tivesse causado mais nenhum dano. Controlem sua fala!

Para os casais, o sonho não pode chegar ao fim. Eles vão ao trabalho e levantam o rosto do caminho que conhecem, a fim de olhar para uma outra pessoa que também conhecem. E lá estão agora, um ao lado do outro, um precisa comprar aqueles agasalhos de ginástica barateados, para desvalorizá-los por completo. O caminho fenece sob seus pés. Suas mulheres se escancaram onde

quer que as toquem, mas hoje nenhuma mais falta irrefletidamente ao trabalho por doença. De outro modo, a empresa, onde encontramos um lugar para viver e uma parceira para amar, imediatamente franze o cenho. Como surge a foto depois que apertamos o botão? Não se tem ideia, mas em caso de temporal os senhores deveriam relaxar e apanhar sua própria reprodução da terrível fenda na qual ninguém jogaria um xelim sequer para observar. E, no entanto, os senhores vivem e moram com mais frequência do que mereceriam na dependência da afeição uma mulher que tem de colá-los e remendá-los. Apenas porque ela espera assegurar algum carinho ali, dobrando a esquina.

Reunidos sob as nuvens, eles vão até o portão e desaparecem. Por pouco ainda são suficientes para isso e na fábrica vão ser trucidados. Agora vá para casa ficar com sua mulher e descanse, enquanto nos cemitérios de automóveis a borracha fumega e os equipamentos de soldagem autógena secretam seu próprio suor. A lataria geme, e das feridas dos carros afloram as vísceras de aço que em outros tempos foram mais amadas que as mulheres que eles ganharam com o trabalho-a-mais. Mais uma coisa, porém: não vá se deixar levar pelo gosto de sua mulher, pois bem antes do que pode imaginar haverá um modelo novo no mercado, aguardando apenas você – você e mais ninguém! E então já teria um veículo que, em outro momento, há muito tempo, você convenceu com palavras e poupanças. E, passado isso, já para casa, não é?!

XII

A mulher segue, com o penteado completamente redesenhado para seu amante, para a beira da cidade sede da comarca. Apenas a carteira pressiona junto a si. O filho de seu destino ela deixou na escola. Uns policiais, que coraram no mesmo momento em que lhe viram o semblante, quase a acompanharam enquanto atravessava a rua. Ela balança. Mas não afunda – uma nadadora leve, sob a qual marulha a fonte de todo o mal. Em suas garras, nesse casaco de *vison*, a mulher dá remadas em meio ao trabalho dos outros tigres de papel sobre os quais existe a ameaça de reuniões de cúpula, cumes a dois mil metros de altitude. São pessoas que arrancaram dessa paisagem obstinada e desdentada a celulose e o papel. A roupa dessa mulher: numa versão mais simples, uma costureira deveria ser capaz de copiá-la quando bem entendesse. Ora, ora, mas o que é tudo isso que ela veste! Cortada bem pequena, a madeira se empilha ao redor das fábricas e serrarias. Por que terá a senhora diretora calçado sapatos de salto, onde, por toda parte, água congelada a muito custo vence o chão e a nós? Não ousamos seguir quando o semáforo não quer. A mulher vestiu um absurdo em forma de roupa! Ela se senta ao volante e toma um trago. Borrifa um remédio contra si nos dentes. Seu amante alugado não cairá na neve, ele é uma peça de arte por si só. A juventude já é recompensa suficiente, mesmo quando alguém quebra uma perna. Ri de suas próprias forças, com as quais ele se debate insolente, no paletozinho da moda, que os anos ainda não são capazes de superar. Concedamos um dia agradável sobre as ondas do esporte tanto aos pobres como aos ricos: ambos tiveram que viajar suficientemente longe para isso. Para experimentar as sensações de uma neve intocada e de um pouco de uma excitação. Os ricos, contudo, querem viajar para mais próximo da origem dos elementos (onde tocam o elemento puro com seus traseiros). O pó da neve se

arrasta ofuscante sobre eles, que são da terra como se dela tivessem nascido. Os outros, no entanto, ficam atrelados a suas coleiras na fábrica e a seus amores em casa e têm na neve também sua alegria.

A senhora diretora se senta ao volante, depois de corajosamente ter sobrepujado a si mesma. As bocarras da cidade se comprimem diante dela num sorriso junto às vidraças das confeitarias. Ela, afinal, está enebriada de si mesma, sacou uma garrafa de dentro de seu casaco de pele! Sua boca sorri no frio. Os maiorais e os molecões por trás das janelas se torcem, como se quisessem logo lançar-se abaixo ao coração dela. Mulheres jovens, nas quais filhos e vestidos se penduram como forasteiros, têm que ir fazer suas compras justo agora. Querem ver algo. Querem ser algo, assim como essa mulher, quantas coisas não saberiam fazer a partir dali! Presenciar um fiasco no cabeleireiro em plena luz do dia, como nossos esquiadores nos jogos olímpicos de inverno, arrancar dos cabelos sozinhas os aparatos com os quais nós mulheres devemos ser enroladas. Jamais ousariam isso! Olhar sem medo para a própria imagem, pois pelo menos os cabelos realmente se deixam mudar com facilidade quando não mais nos agradamos, minhas senhoras.

E somos uma nova pessoa, branda e emocionada com nossa beleza. Aí acontecemos, enfim num outro *layout* ! Qualquer mulher envelhecendo paga seu preço por lavar cortar deitar e deleitar-se na vida. Para que nossos cabelos aparentem mais do que ainda temos na conta e na consciência. Todos os feitos, todos os bolos confeitados nos quais tanto esforço fazíamos, ah sim, após o expediente, entrávamos sem destino noite adentro com nossos garfos inutilizados, comíamos, lavávamos a louça e nos deixávamos cair sobre um peito amoroso, que nos empurrava sobre quatro pequenas rodas para dentro do quarto de despejo, para raspar das frigideiras os restos de vida. E, se isso ainda não tiver acontecido, então em breve vão nos trocar, depois de alguém balançar a cabeça lamentando e a fúria tiver se espalhado sobre o rosto dos litigantes. Aí teremos que ficar bem quietinhas no quarto esvaziado, como se nós próprias já estivéssemos vazias. Não perdoamos nunca,

também não temos nada a perder se quisermos nos lançar com violência nos sentidos trepidantes de uma pessoa; isso apenas não tem, simplesmente, sentido. Uma pessoa mais jovem logo nos substituirá integralmente, afinal já foi criada com o novo alimento integral! E por que eu? Por que eu, com mais de quarenta, vou ter que penar e pesar mais do que uma criança, nas correntes dos travessões de balança que se inclinam para longe de mim? Logo eu que tentei me transformar para cada alegria inesperada e comprei para mim uma nova vestimenta.

A senhora diretora dá um chute no carro e sai desajeitada, para alcançar Michael, de quem nesse ínterim se ouvem sons na pista. Rindo e gritando como um policial, ele ultrapassa seus amigos, sim, extravasa sobre eles na mais pura diversão. Sua memória contém também à noite todos os lugares para onde ele se evade. Isso e nada mais que isso é o que se quer dizer quando se alega estar se encontrando com pessoas de igual comprimento de ondas, que o terrível cabeleireiro da moda lhe desferiu. Mas atenção: nem por isso se deve perder a próxima moda, que primeiro nos faz balançar a cabeça em dúvida e depois, muitas vezes nos virando e desvirando, consegue nos acompanhar por mais um trecho. Olhe para cima, sobre minha cabeça, e não receie degustar! Não custa nada. Sim, nós nos deixamos carregar por aí numa sacolinha estampada de uma loja de artigos esportivos, onde vão guardados sanduíches, soltos como nós. Isso não nos é útil em nada. Não precisamos prestar atenção ao caminho, o caminho é que deveria prestar atenção em nós, antes de arruinarmos sua vegetação pelos próximos quinhentos anos. Esse Michael, num tombo não dividirá a terra, como nós, menos ágeis, faríamos. Não somos flores, mas mesmo assim queremos nos impor na natureza! Michael, no entanto, só dividirá sua torcida! Ele já lhes conta, rindo o tempo todo, da experiência vivida com essa mulher que ele atraiu ontem até sua margem, para depois jogar de volta na água. Sobre muitos outros ombros repousa o fracasso, o fardo de achas para podermos nos aquecer. Só precisamos acendê-las; no amor, uma boca se encontra com uma respiração onde algo acabou de ser cozido. A mulher não tem mais nenhuma bela e clara consciência. Mexe nos

cabelos e destrói o trabalho de pessoas sob cuja cúpula quente ela tremeu. Nesse momento, talvez haja crianças esperando diante da casa dela, crianças membros de um grupo acariciador de ritmos e que são forçadas a ir até lá pelo pulso firme de familiares. Não importa. Afinal, é só um *hobby* . Esses filhos e filhas daqueles que gemem na pobreza. Que têm que arregaçar as próprias mangas, apenas para serem agarradas pelo destino da demissão. A mulher já se esqueceu de si e deles. Dirige até lá, onde a pista chega ao fim, depois de se ter exercido o direito do mais rápido. Onde, apanhados e tolerados, os turistas soltam os esquis ou, unidos a alguns animais pacientes, penduram pacientemente seus traseiros marcados pela vida e por seus entalhadores, *Schnitzel* empanados, nunca reparados, novamente ao cabo do *lift* .

Adiante, sempre só adiante, para trás não vamos olhar, pois atrás não temos olhos. A mulher fica presa com seus nobres sapatos altos fincados ao chão. Espantados, os turistas de inverno balançam como barcos diante dessa paisagem-pôster, onde tudo está certo, mas uma não quer acertar o tom com sua alegria. A torrente humana avança ininterruptamente encosta abaixo. Tanto mais saudáveis e digeríveis vamos ficar! Esses turistas. Sob a cobertura de Eternit, no zênite de seus trajes, no verão se deixando levar da montanha para a praia e, mal tendo nela atolado, mais uma vez querendo o inverno e estar lá em cima, onde desejam encontrar seu docinho: o importante é competir! E mais alto, mais visível e mais agradavelmente despejar-se na bacia do vale. Diante de seu superior, contudo, eles prefeririam ser invisíveis, quando este se inflama e esbraveja na frente deles como um fogareiro de gás propano. Que encantador esse macacão azul-claro com o capuz forrado de pele e deixando espiar para cima um pulôver vermelho-bofetada! Poderíamos ser tentadas a esquecer que nada combina em nós: não combinam nossas partes superiores com nossas partes inferiores, não combina nossa cabeça com nossos pés, como se fizéssemos parte, cada uma de nós, de um ser humano diferente (assim somos nós, mulheres de idade mais madura, assim é nosso porte, enfim. De algum modo, perdemos pelo caminho a forma, sim, e aí não somos mais alguém por quem um outro possa se

apaixonar!), que, por sua vez, tem suas terríveis diferenças, coisas como só a martirizada classe baixa conhece. Assim ficamos todas nós penduradas como mártires nos marcos de estrada, mas em nosso mais belo figurino. Uma visão incomparável!

Eles estão em grupos, zunem, fumam e bebem até fartarem-se, esses súditos do esporte. Pois é pouco o que têm para alegar uns dos outros, do modo como ancoram ali, sorridentes, na estação de esqui do vale. O máximo que eles vivenciam é: comer para viver! Falam sobre isso. Com suas centelhas de ignição, iluminam a si e ao país mais claro do que aqueles que nele têm de construir e cultivar. Sim, turismo é lucro, mais lucro para nós! Agora eles vão logo procurar de novo, juntos, suas coisas e farelos, enquanto os ramos pendem sob a neve e uma luz arrojada, mal sentida sobre a roupa de náilon, abre trilha na bela neve, que se assenta sobre aquilo que outrora foi prado e bebeu água. Agora, logo a água deixará para sempre de entrar no chão, nós o aplainamos esquiando e o envernizamos com as áreas em que andamos. Cada um suspeita ser ele mesmo o melhor corredor do lugar, assim também seu estar-ali ganha um bom desfecho. No inverno, quando o país deveria dormir, aí é que acorda de verdade. Dos rostos parte um alarido. Em segundos, as pessoas atravessam trechos que se lhes tornaram adequados, espalham-se em direção a terras onde não sentem mais teto sobre si nem chão sob si. Crianças inocentes caem. Não vamos nos deixar mais uma vez enfiar em nosso estojo original e abrir as pernas desnecessariamente, nesse meio-tempo nós aprendemos a fazer um salto paralelo impecável! Podemos colocar campeões mundiais no bolso, e isso também vale para nossos veículos em sua classe, onde a massa que escavamos rivaliza com nossa altura. Que dia. As pessoas jovens descobrem suas cabeças. Cai neve sobre elas, mas não precisam temer, esta não ficará para sempre. A associação austríaca não treme diante de nossas almas; abraça firme nossos membros feridos em seu orgulho e nos puxa para baixo, de cabeça. Ela aplica ainda mais atadura em torno de nossas coxas, e no ano que vem nós viremos de novo e seguiremos em frente! É esperar que aí não sejamos espantados como os insetos por falta de neve!

Areia no relógio-mundo: assim escorremos em direção ao vale. Nossas arestas, que tantas vezes já tentaram nos aparar, são afiadas; cortaram o quase gelo *Firn*, cortaram a neve, onde os signos se unem: todos contra todos, nesse traje festivo branco sobre o qual nós mesmos nos despejamos como sujeira. A maioria do terreno faz parte da Federação Florestal Austríaca; o resto, um néctar de milhares de hectares, pertence aos aristocratas e demais posseiros de casas, que na condição de possuidores de serrarias vivem em contrato permanente e duradouro, assinado à tinta de sangue, com a fábrica de papel. Cadeiras sobre as quais o que é dito ganha o seu sentido! Que maravilha. Todos queremos a mudança, ela só traz coisas boas e sobretudo a moda do esqui muda todo ano para melhor. Apressada, a terra recebe as esportistas, os esportistas, nenhum pai os acolhe em seus braços quando estão cansados, mas aí está ainda a senhora diretora da fábrica de papel: aproximem-se, se forem capazes de se movimentar rápido o suficiente sobre suas bases, então virá logo um pouco de luz da boca daquela!

Michael ri, e o sol se agarra firme nele. A paisagem se transformou tanto ao longo de décadas que só quer receber aqueles que lhe caem bem e são saudáveis. Os camponeses não são mais camponeses e ficam sentados em casa em frente à tevê. Por muito tempo eles foram antipáticos salvadores da pátria e deram às corporações agrárias respostas insolentes. Agora isso já passou; sim, a mudança é nossa nova vestimenta, que faz tremerem os vizinhos e barzinhos até o limite de sua capacidade, o limite do suportável. Em nossa roupa colorida, acabamos nos tornando apetecíveis quando nos espalhamos deitados nas matas, com membros quebrados sobre as pranchas dos esquis que originariamente pertenceram ao silvestre feroz e hoje numa dor atroz ocupam posição central no palco deste mundo. Mas convenhamos: ferozes nós mesmos queremos ser! Gritar alto, para que nos escutem de longe e se assustem: avalanches nas quais nós nos conservamos quando queremos de repente estar descontraídos. Sair de nós mesmos e ficar sentados no colo de falésias! E a montanha atira pedras em pessoas que têm estado

desprecavidas. De coisas assim se nutre o país e se alegra com isso, e mesmo os locais onde se come e bebe são intensamente frequentados com o sabor que escolhemos.

A mulher acredita – e nisso erra do mesmo modo que nós, através de nossas florestas secas – ter jogado no dia anterior uma rede terrivelmente abrasada sobre aquele jovem homem. Virou sua horrível imagem sobre ele tapando-o, e agora ele a carrega enfiada num vinco abaixo do peito (uma pinça bem curta) e olha-a o tempo todo. Não deve conseguir manter-se escondido dela por muito tempo. Rememorá-lo em silêncio não é suficiente para ela; de um modo incessante, a avidez soa abafada dentro dela. E a encosta atira imediatamente o cantor de *yodels* de volta, porque não pode usá-lo. Ele tem seu próprio equipamento estereofônico, de todos os lados as pessoas gritam a plenos pulmões, como se estivessem entrando e cortando diretamente a tempestade com seus flancos afiados e estreitos. Não mais sustentada exclusivamente pela noite, onde não se vê nada, a mulher quer reluzir diante dos olhares de Michael. Aparecer ali em sua forma verdadeira e original, somente a mais extrema coragem ainda é capaz de manter um indivíduo nas rédeas em que foi atrelado pelas lâminas do patim e olhares de desprezo dos esquiadores que deslizam encosta abaixo. Os saltos de sapato nada práticos da mulher enterram-se na neve da ladeira de chegada do percurso. Sim, não estará ela percebendo como, impulsionada pelo sentimento, já escala montanha acima? Para onde e até que distância seu destino – quero dizer, seu tino – acabará por levá-la, auxiliada sobre esses inapropriados andadores? Ela já está completamente molhada, os saltos dos sapatos abrem fendas que serão difíceis de fechar. Nós, senhoras, temos que nos semear com mão firme sobre a pastagem, sobre o parquê dos bares e locais de dança onde temos que comprovar nossa competência entre abutres e abusivos (trafegam na contramão!) motoristas que absolutamente não respeitam mais o sentido de nosso gosto. Mas também no esporte queremos colher mais do que gargalhadas! Para cada lugar temos que primeiro nos validar (validando a passagem, sim, assim está bem!), para qualquer oportunidade temos que estar adequadamente abertas, de

modo que possam nos bater de novo com estrondo. A força criadora se esgota depressa, e acabamos por nos inteirar do que temos que experimentar, isto é, se cabemos nos sulcos da lavoura em que essa força nos espalhou.

Nenhuma mão retira essa mulher presunçosa e embriagada com seus novos cachos das covas na neve que ela mesma cavou para si. Madame, estamos de luto por nossos amigos, que já tiveram que viajar de volta para casa! Mas nós ainda estamos aqui, os vales com os quais queremos atravessar as montanhas estão pendurados em nosso peito quente. Não queremos ofendê-la, mas a senhora montou sua choupana de proteção no mais desprotegido dos lugares, é como se a senhora não tivesse absolutamente nenhum lar. Essas pessoas são tapeadas pelo sol, porque ele vai se pôr cedo demais. Mas também no escuro imediatamente voltarão a se formar pares. É nosso direito poder vir atravessar as montanhas. O modo como vamos nos comportar ali não há lei que regule, a não ser a da gravidade. Admirados, esquivamo-nos uns dos outros; porém, às vezes indo na direção errada, onde não se deveria cuspir ou urinar, sob o risco de receber de volta apenas a si mesmo.

E, quanto aos outros, pois retire de seu escaninho o empregado que preferir! Ergue-se na ladeira da estação de esqui o servo, aquela criatura da obediência, um ser sem sentido, mas em todo caso configurado para ter uma voz e um voto próprio de eleitor e que acredita poder ignorar, rindo, essa mulher. Com nada mais do que a voz de sua juventude, que chuta o forro da mulher, ele pode fazer troça dela a todo momento. No escritório, os jovens cavalheiros têm que lidar com cuidado consigo e com seu chefe, mas aqui desaparecem com seus anseios e ossos na natureza, como se fossem generosos o suficiente para se doar. Graças a medalhas de ouro, tornar-se imortais! E quem durante o *slalom* cair entre as balizas e perder a prova, do mesmo modo como na vida perdeu toda uma enxurrada de oportunidades, poderá contudo presenciar que ninguém ficará de luto por ele!

Sob o gelo do ribeirão, há vários arbustos de truta; no inverno são difíceis de ver. Os amigos de Michael ficam sentados juntos, dão as boas-vindas uns aos outros e olham para a frente por baixo de seus

óculos de sol. Respingando, Michael faz a descida livre na ladeira de chegada. Tudo vai ficar numa boa, porque também chegaram moças de muito boa aparência, fazer uma parada e retomar estrada. Elas olham para nós, à sua frente, sem o menor interesse, para nós que vicejamos como a neve inacessível ali do outro lado, no paredão. Moram ainda próximo demais da origem, do lugar de onde provêm. Com coisas novas todas nós nos alegramos, mas só aquelas ficam bem quando as vestem. São como são. Levadas às pastagens sobre as quais nós vacas gordas nos alimentamos, com vergonha de nossas próprias coxas. Perdemos nosso início, misteriosamente brilhando ele se encontra oculto para além de nossa lembrança e não se repete. Sim, não só na condição social, estamos aqui atoladas.

Porém, é preferível nos regalarmos com a abrição e a estripação (com as exceções) de pessoas: a mulher se lança para fora de seu meio social-cristão para o estudante. Nele, ainda estão presos neste momento os bastões de esqui como bolsas de placenta junto aos pulsos. Aquilo que à noite foi recompensado ainda com uma farta ejaculação agora acredita, à semelhança de seres humanos, ter a permissão de sair à luz do dia. Com o vento soprando ao nosso redor não estamos acostumadas, moramos num apartamento de dois cômodos e meio! Nessas custosas escaladas, nunca chegamos ao clímax, de onde os ribeirões despencam e a corrida de esqui aí sim é o máximo! Você e eu, nós nos encontramos de novo nas paradas para merenda, onde além de nós já há inúmeros esperando. Nenhuma terra de origem ou afeição onde anoiteça. Momento no qual muitos devem ser evitados, poucos porém procurados, para nós, como pessoas que apostam umas contra as outras, tormentas, despencarmos pesadas sobre os ombros das rivais.

Pesadamente, a mulher do diretor, em seu casaco de *vison* e álcool, pula com as patas no peito de seu atual dono. Com ele, quer deixar o mundo, cuspir os caroços e abrir um suplemento dominical próprio logo ao lado. Quer recomeçar, mais uma vez, levemente envolta pelos ventos do finório Michael. Enquanto isso, vamos tomar as coisas tal como elas são: esse Michael não pode admitir que a

mulher tenha nascido; pelo contrário, o que incomoda é o tempo que já se passou desde o nascimento dela! Principalmente ali onde há claridade e as rédeas dos esportistas rangem no frio. No entanto, a luz do amor – desde o início ela vem ao nosso lado, mas até mesmo nosso acendedor de cigarros brilha mais claro – incidiu sobre ela, atirou-a no chão como um saco de lixo que já estoura logo ao cair. E os que ali nasceram riem. De longe, vêm com estrondo as cargas de vícios, está ouvindo? Cheguem um pouco para o lado, para deixá-los passar!

Mal necessitam das leis essas pessoas, disciplinadas que são por seus sentimentos. A mulher não fica melhor com o uso constante, mas se ela mesma quiser se apropriar de um homem jovem que more nesse lugar… não mesmo, portanto! Então os filhos do destino, cheios de destreza, esticam as mãos para a frente e mantêm-se perfeitamente cobertos. A mulher se cora num vermelho berrante, o rosto brilha, e ela não existe. Não surge no visor desse jovem. Aos olhos dele, ela não é bonita. Como o dia, cresce a juventude em si, transam uns com os outros e caem, pendurados em seus esquis, na irritação e nas delimitações do povoado. Independentemente do que venha a acontecer, tudo o que é presente é igualmente de seu agrado. Eles se levam para passear fora. A eles pertence tudo, a nós nem mesmo o lugar onde ficamos sentados nos postos de descanso das estradas e somos ignorados pelo garçom que se nega a zelar por nós. Gerti se agarra a Michael, escorrega entretanto na bem surrada roupa de plástico deste. Bem guiado pelos de sua faixa etária, ele foi apartado da mulher por um trecho. Ele é leve, gosta de estar lá. Pessoas como ele são repassadas como presentes, como brinde de fidelidade, do turismo para os prospectos. Onde quer que ele se demore nos bares e restaurantes, respiram em silêncio sobre sua cabeça ventilações e calefações. Nós, todavia, nós personagens, tão dificilmente nos deixamos (co)mover, pendemos como chumbo em nossos cateteres, através dos quais corre nossa morna pobre urina. As estradas já são hostis. Nós, caminhantes das montanhas, colocados em garrafas e educados para ser panacas, provisões da natureza, em que pastejamos comendo presunto e queijo. Sim, a natureza,

para que também ela tenha em algum momento seu contentamento se nós porventura nos envenenarmos. De resto, as pessoas morrem mesmo antes em suas vias escarpadas e seus produtos gelados.

Michael já se afastou um pouco. A luz brilha também para os mortos, mas se prende especialmente nele. Nossos divinos corredores olímpicos agora já trouxeram para casa duas medalhas, que lhes pendem ao redor do pescoço, enquanto observamos os reversos: os lustres da fama, que na televisão se esticam do teto até nós, sem jamais nos alcançar. Por mais superficial que Michael seja, ele que não se deixa tocar por nada, que não sente nada, nesse lugar fica eufórico, sim, com nossos rapazes e moças. A mulher cambaleia na neve profunda ao lado do bloqueio e se senta. Essa corda firme na qual se grudam fardos de feno serve para isso: manter separados a mulher – bem como os demais que não (e não mesmo!) querem ficar de fora de suas pocilgas – do povo do esporte, que vive sobre seus esquis, pranchas de madeira que podem significar seu caixão (e que celebra esquiadores nos pódios, nas *Heldenplätze* , Praças dos Heróis: Karl Schranz! Karli nosso, todo nosso!). O corpo da mulher se estica até formar uma arquitetura da saudade, para encurtar a distância entre si e a juventude desaparecida. Podíamos pelo menos andar de trenó com nossos amigos! Mas não: o grupo de Michael já está completo. Estão permanentemente vigiados uns aos olhos dos outros e muitas vezes também gostam de ficar em casa, viver dentro das respectivas revistas ilustradas e gritar vivas uns aos outros em suas fotos. Esses jovens homens – a cujos cuidados a mulher, dormindo, bem que gostaria de estar entregue – em vez de jogar, esperam logo vir à tona, às salas da diretoria. Nas profundezas da floresta, eles vão caminhar ainda hoje com a alegria à flor da pele e até a raiz dos cabelos, os caçadores vão passear.

A mulher se levanta, sai cambaleante pelos lados e volta a se sentar, está simplesmente inóspita. Essa mulher trouxe consigo para si sua própria taberna em uma pequena garrafa. Ela bebe. Michael chama-a rindo, e então de seu próprio cálice (uma lata de cerveja) também já estica o braço um outro pequeno semideus que por sua mera presença já tem desfigurado seus inimigos com frequência,

para rindo sorver e apanhar Gerti da neve profunda. Puxa-a pelas mangas. Logo as coisas ficam lentas demais para ele. Lança-a simplesmente das profundezas para o raso, onde ele mesmo não gostaria de estar e onde é possível deixar, sem mais, as crianças sozinhas, e uma hora mais tarde elas voltarão do sol tostadas. Sob as nuvens, os animais se calam, isso não é nada bom. No abate, eles sempre têm que mudar, para que seu sangue possa espirrar. Quase sem pensar, a mulher olha embasbacada, com sua cabeça recém-banhada a ouro, para a luz. Então tomba de novo e continua sendo arrastada. Os primeiros agarram-na por baixo do casaco. Uma ou outra criança fica puxando seu sexo até conseguir, com satisfação, extrair algo de si. A mulher solta e estica na neve os seus cabelos, que acabaram de receber nova forma. O casaco de *vison* se sacode e transborda sobre Gerti. Diante das casas simples da região, crianças caem sob o peso de baldes pesados. Choram fácil, são como casa que se construiu rente à água – estava úmido e barato o terreno – sempre prestes a desabar. (Algo semelhante ao que acontece em nossos sonhos com o outro sexo!) O peso da cruz do cume elas carregam acima todos os dias em suas mochilas, a fim de que Deus saiba para que arcou com tudo aquilo.

Um pouco afastados da mulher e do grupo desta, iniciantes tropeçam; dá para se perguntar por que é que eles não afundam calados como barcos; mas não, eles gritam! E por que razão? Porque anseiam por avançar, de um modo que, no entanto, imaginaram diferente. E porque para você – não importa quem você seja – os meios de transporte coletivos para isso são desprezíveis demais! Eles se transportam rumo ao incerto e ainda por cima têm que carregar seus *piolets*, seus *crampons* e garrafas térmicas! Porém, parecem preferir isso tudo ao mundo, por cuja malícia de resto são arrastados de um lado a outro. Sorridentes, eles se convidam uns aos outros, para isso basta-lhes a respiração. Esses rapazes usurpam o mundo e consomem seus produtos, nos quais vivem e pelos quais eles, por sua vez, são consumidos. A começar pelos pulmões. Alternam uma vida cheia de atividade, aprendizado e vagabundagem. Sem que um sofrimento os tenha jamais encoberto, a esses novatos, eles conseguem dormir, e ao despertar

olham para baixo, próximo de si: ali já transam uma, duas partes! Olá! Não precisaram procurar por muito tempo por bons parceiros e bons partidos; pelo contrário, eles é que são procurados pelos alto-falantes de aeroportos e na publicidade televisiva. Esses estimulantes. Tomemos uma atração qualquer para turista e descobriremos: essas pessoas é que são os atrativos. São como o veneno que dorme na papoula, i.e., para realmente florescerem têm de estar um milímetro fora das leis. Há sempre alguém aguardando sorridente e que de súbito vai embora, se tocarmos nele e passearmos ao redor dele, há sempre uma porta de carro sendo batida, há sempre postos de combustíveis transitados, onde se entende a sofisticada linguagem das juntas. Sua vida está totalmente inflada do tempo que se demorou entre dois voos de linha (soltar-se de verdade, como nós igualmente desejaríamos!). Que ideia!, mas eles têm razão. A juventude. Tão aglomerada em si está! Não faço mais parte dela. E mais: em todos os seus necessários negócios eles sorriem, mesmo na sombra da floresta, onde fazem suas necessidades. Vazios como canto, repousam no ar, nem mesmo pela ramada são freados. Assim podem cair diretamente ao chão e iluminar o ponto triste onde outros de porte mais esforçado abriram, explodindo, uma estrada na floresta somente para eles mesmos poderem caminhar um pouco ou fazer ginástica. Riem, isso lhes parece muitas vezes ser a melhor coisa; despreocupadamente eles desviam os sons de seus *walkmen* para dentro de si, ficam totalmente desassossegados com isso, porque não conseguem escapar da música que escorre para dentro de si. Por mim… se isso lhes agrada! E essa mulher tem que se prender justo a um babaca como Michael, que há muito perdeu de vista a si mesmo, mas claro que não seus objetivos. Nunca, talvez por preguiça, conseguiu uma mulher conforme o desejado, não, ele deseja uma casinha mais humana, talvez um *loft*, onde finalmente possa se instalar no chão, para saciar seus desejos por móveis e moças com muita classe. Obviamente, forma-se aqui, envolvido nas raízes dos pinheiros, um remoinho médio em torno de Gerti, um *Strudel* de maçã (uma maçaroca, massa estufada) ao lado desse pequeno ribeiro, onde operários, funcionários e excursionistas

liberais de empresas podem se recompor inteiramente na neve, depois de os terem perseguido e, em caso de necessidade, metido pregos através dos ossos de suas coxas. Por que mais deveriam eles mais tarde poder afirmar estarem como que renascidos após um dia de esporte e vários dias de trabalho árduo?

Sim, vamos todos dar grandes passos adiante ou sair logo com o carro, se nos deixarem. Mas que essa mulher lançou seus olhos justamente para Michael… sob ele julga desabrochar, e com ele gostaria de pelo menos sair algumas vezes… com ele, porém, de bom grado ela também ficaria em casa, amorosa. O marido se entrega totalmente a seu negócio. Esse homem poderia sem dificuldades enfiar no bolso Michael, os amigos deste e metade do produto social bruto da região, além do assado que comeu hoje, se já não estivesse cheio. Os anseios dos esquiadores também logo serão saciados, seus tendões relaxados, é só ter paciência, os esquiadores entram então na taberna.

Numa turba eufórica, os jovens esportistas se lançam, iurruuu, sobre a embriagada Gerti. Do tanque dessa própria mulher também eles nesse meio-tempo tomaram seus fortes goles. Encerra-a essa serra e protege-a do alcance da vista de seus semelhantes. Ainda há esse imenso pinheiro à frente. Não são poucos. Para provar, eles exibem seus taludos aspargos – cada um já rende um prato –, que puxaram para fora do macacão de esqui, nada maus, se comparados com os brotos pálidos das outras pessoas, que juntas se acocoram, fazem só cocô e nenhum bem à terra. Eles riem às gargalhadas. Saem balançando seus bastões de esqui. São tão numerosos, um factótum do setor econômico de artigos esportivos (um fator econômico), eles vivenciam o que há de mais elevado: querem se divertir enquanto aos poucos morrem e o tempo muito corre. Enquanto voam da estação no topo da montanha para a linha de chegada. Com seus pesos, são cargas uns sobre os outros, seus rostos estão voltados uns para os outros, e eles também têm um pau grande, acima do qual respiram. Se nós todos ficássemos assim unidos como eles, os garçons nos bares e restaurantes e os guardas às portas de discotecas jamais conseguiriam nos separar! Eles sabem em que monte têm a sorte de se esconder e se proteger

de nossas garras. Até aqui nos carregou nossa riqueza. Até este ponto aparecemos na natureza, que vem de fora até nós. Nós, no entanto, filhos de ninguém, somos ordenados segundo nossas ornamentações e temos que ficar do lado de fora. E o chão fica roendo nossos pés zumbis, que têm de seguir sempre em frente.

XIII

Eles encarnam a vida apressada – até as moças. E não é por acaso que são amigos que se caluniam uns aos outros quando, depois do doutorado, saltam como concorrentes para agarrar os cargos públicos. Enquanto por todo o entorno a vida miserável, os filhos esquálidos com seus dentes estragados, colunas vertebrais e animais vertebrados que eles criam para matar, dão piscadelas para esses esquiadores, e para eles mesmos o ouro olímpico é somente um sonho. Ó, Áustria, fator de exportação, você deveria se exportar a si mesma, exportar-se logo como um todo para o esporte! Vamos ler no jornal *Die Krone* quando for dada a nós, pobres-diabos, a permissão de passar. Não lamente; tente de uma vez por todas, com coragem, conseguir algo! Este povoado não se estende em sua relva apenas para que você enfie o pé no montinho.

Michael é quem ri mais alto, também foi o que se dispôs a mais, afinal. E vai dispor dessa mulher, que se encontra na ladeira de seus dias, talvez uma segunda vez. Ou talvez não. Ele saca, gritando como uma criança cheia de curiosidade, sua vara balançante. Terá aquilo simplesmente escapado dele agora? As moças, que parecem tão superficiais nas revistas pelas quais são transformadas em imagens, formam a partir de sua testa um escudo diante do casal que ali apareceu sem aviso e sem destino. Elas riem e bebem e ficam inextricáveis. Ali também há uma garrafa de dois litros enfiada na neve, e um conhaque. Independentemente do que façam, estão penduradas nas montanhas e permanecerão juntas até que a avalanche as atinja. Suas esperanças não serão varridas. Em seus sexos, ainda não há nada fermentando, dá para bebê-los logo quentes, recém-ordenhados. Tanto faz. Gerti e Michael escorregam, em meio à gritaria de suas vozes interiores, rumo às cercas de proteção para os pinheiros. Aí tudo fica mais quieto. Eles compõem uma ilha no bosque, aqui estão. Michael mostra o quão

pouco se erigiu seu membro ainda, e a boceta de Gerti sob a seda está marcada com máxima clareza, como se ela ainda desejasse, nesse barco furado, chegar a algum lugar. Diabos, lá do outro lado sobre a encosta as pessoas fazem grande alarde, como se todos tivessem se tornado um grito alto. Aqui não conseguimos ouvir absolutamente nada dos truquezinhos estúpidos do clitóris que Gerti tanto gostaria de mandar esfregarem. Essa corja, é provável que a Mãe Natureza tenha acabado de descascá-la de suas peles de plástico, essas salsichas! O órgão de validade geral é mostrado a Gerti, suas mãos são arrancadas do rosto e do sexo. Ambos prestes a estourar com o som de cantos furiosos, conforme vejo. Os meninos lhe mantêm as mãos vivas unidas, para cima, sobre a cabeça. Ninguém poderia, nessa posição, acenar para sua família por cima da tela. A mulher se estica em direção a Michael. Seu rosto vai se crispando lentamente, segundo se informa ao público em redor. Mas fala de amor. De algumas canções isso é o máximo com que nos deixamos festejar e queremos nos encarecer. O vestido de seda é puxado para cima, até a cintura, e a calcinha, com a qual ela estava satisfeita, para baixo. E agora acariciamos a escuridão, até que desabe ruidosa sobre nós. Para isso nos mandaram amigos em casa, para que sejam sempre os primeiros a ter que abrir bem os lábios vaginais que a mulher traz consigo: agarrar fundo, para que fique bem vivo esse formigueiro. Aí há um fervilhar como nas latrinas de estações ferroviárias da noite, quando o vinho sopra, de modo que qualquer um pode se depositar ali, despejar sua urina, apenas por nesse momento estar novamente cheio. Agora, portanto, essas polainas, esses capachos, todos os quatro nossos, serão esticados até Gerti urrar. Abre-se a ela a possibilidade de alguém voltar a dobrá-la como um prospecto, de modo tão descuidado, mas claro que ainda vamos querer enfiar um dedo e depois cheirá-lo, antes que o caminhante desapareça por completo no ralo. Não estávamos cientes do quão longe as sombras já chegam nesse ser vivo, e mais especificamente através dessa mangueira, que ainda seria possível descobrir aqui – sim, aqui, atrás da portinhola da vergonha e da pelve, cujos pelos são puxados, xingados e dedilhados. A música *pop* satisfaz os desejos dos ouvintes, as

pernas de Gerti estão arreganhadas até onde é possível, e o *walkman* lhe é pressionado contra o ouvido. Assim ela tem que permanecer deitada e é descuidadamente dedilhada na boceta, que é suculenta, e o marido de Gerti costuma entrar e sair dela a passos rápidos. Ele vem de longe, ouvimos bem alto. É inacreditável tudo o que se pode fazer com os elásticos lábios vaginais, para, como se fosse o destino deles, desfigurar-lhes a forma. Pode-se enrolá-los como uma sacola pontuda, e das terras altas se dobra a cordilheira do vestido de Gerti. Dói, hein, ninguém pensa nisso? E agora rir mais um pouquinho e beliscar e dar pancadinhas para limpar, assim é que deve ser. Esses filhos saem pelo mundo, prazerosamente, e contam seus feitos. Se um cabeleireiro foi capaz aqui de enfeitar de modo duradouro, é algo que não se pode mais comprovar. Por trás destas montanhas, Gerti desabou, escarnecida como seu sexo inteiro, capaz de ligar a energia dos utensílios domésticos, mas não de administrar o próprio corpo. Como a grama sob o corte se entrega à humildade. Essa carne se despedaça como no jogo, ela se acalma e ao dormir colhe ainda mais: isso diz respeito sobretudo às moças jovens – em seu sorriso, os próprios dentes lhes rasgam o rosto. Seus cabelos ainda não precisam ser exclusivamente preparados (crus como são), podem ser logo consumidos. Elas amam alguém. Assim como a águia choca seus filhotes, lá em cima, já quase no Nada, sendo que precisou, no entanto, carregar os ovos para tão alto. E odeia o arcaico os filhos, e uma calça é meio baixada.

Bem, não vamos tão longe do ponto de, nós mesmos servos, arrancarmos de Gerti com violência o que é nosso. Onde o vento e todo esse bando do amor de qualquer modo fizeram dela um casaco inflado além da conta. Estão cambaleando por ali sem limites, nada de tão importante. Não sei, mas isso tem que ser agora? É este o momento de Michael mostrar que sua mãe e sobretudo seu pai não economizaram no que diz respeito a seu membro? Com este o jovem sai desfilando, mas ele não se ergue direito, seu sexo que acabou de ser espremido, onde ainda boiam os cubos de gelo. Balança-o diante da mulher. As senhoras ouviram, neste exato instante, o trovão? Então: por que não recuam e não me deixam

também assistir furiosamente no vídeo a pessoas exibindo presunçosas os seus sexos? O lugar das senhoras é lá no banco de reservas, lá ninguém vai ver suas nádegas tipo banqueta e suas cansadas tetinhas de cachorro, enquanto assopram a brasa. Envergonhem-se e besuntem-se com cremes, para apagar as diferenças entre as senhoras e a bondosa classe humana (produto classe A). Carreguem sua infelicidade até o Senhor um andar acima, mas não despertem os mortos! Com exceção de um jato habilidoso, o aguilhão de Michael nada produz, as pessoas foram atraídas por ele através do campo. A serra pende sobre o lago, remam sozinhas as mãos. Essas moças ficam paradas olhando, a voz cessa de brotar de suas fendas, elas agarram em seus cachos, em seu sexo astuto, que pode ele mesmo atrair, estão prontas a envolvê-lo em torno de qualquer um que aí chegue e que elas tenham aprendido a diferenciar igualmente pelo modo como penteia os cabelos, por suas roupas e por seu chassi.

Michael, esse, com toda a sua pequena página faz propaganda para o barulhento comércio especializado. Na tevê, os sentidos queimam em pequenos montes. São idealizados como alimento para nossa juventude, que se demora na neve, na água, tão logo precise sair para buscar fôlego. Sim, esse jovem homem já é um belo de um patife. Pobre Gerti. Que está sendo tão furiosamente testada na escola da vida. Mudos, eles se encaram um ao outro e pensam em seu corpo como alimento. As montanhas erguem-se, afinal, impassíveis; por que deveriam afastá-las com o carro? A canção diz “é preciso tão pouco para ser feliz”, estar um pouco alto – como nossos poetas – e brincar na margem e se deixar comprar nas encantadoras redes do comércio esportivo especializado. Que tal, isso não é suficiente para você?

E essas moças – só mais uma palavra – elas acabaram de encontrar-se a si mesmas, tufos eriçados de pelos pubianos crescem – *Alpenrose*, um delírio de rosa alpina ciliada – em suas suaves encostas. Delas vem soprando uma brisa saudável, dessas moças que agradavelmente habitam em si e que são observadas através das janelas dos magazines. Elas se curvam agora sobre a mulher, também estão embriagadas, afinal! De repente irão embora.

De onde terão sido mandadas e que tipos de conversa têm com seus divinos diariozinhos? Onde é que vamos ficar? Por acaso, nos cachos em seu colo? Assim as montanhas olham para nós, onde as árvores se encrespam. Hoje essas pessoas ainda vão a uma festa de aniversário e lá ficarão observando os outros pequenos convidados confirmados. Como crianças, elas pendem, sopradas, encaracoladas, nos cintos de nossos olhares invejosos, minhas outras senhoras, cujos cabelos já estão ficando ralos e que se deixam abalar com os seriados da televisão. A água, dentro de nós, não conseguimos mais detê-la quando quer ferver e perder o juízo, sair de nossa casinha, em disparada. Sejamos honestas: nós não toleramos nelas os rostos (a)variados, enquanto a idade nos deixa mais semelhantes a nós mesmas, nós que estamos lavadas com todas as águas caras. Pois descansem também as senhoras neste momento, em meio às margens que se lhes tornaram estreitas! A cada um o que é seu, minhas queridas meninas! Esses, porém, ainda não são os limites de nossa empresa, apenas recomendações, pelas quais nosso preço – faça-nos o favor! – deveria se orientar.

A propósito, Michael trouxe para cima e pôs a descoberto seu pau, como sinal de que não pode se deixar deter. Primeiro, tem que se reabastecer. Ele se senta, rindo, sobre o peito da mulher e prende-lhe juntos os braços acima da cabeça. Deixa seu macarrão pendurado na boca da mulher, para que ela tenha um serviço a fazer. Gerti consegue reconhecer tudo muito bem, e em sua calcinha ainda baixada só pela metade acontece algo. Deixa escorrer um jorro sibilante sob si, ela mais uma vez exagerou na bebida. Rindo, as moças lhe arrancam a calcinha molhada que haviam baixado pelas pernas. Estão totalmente soltos agora os pés de Gerti. Todos tomam um pouco daquele frasco, mas o pau de Michael continua sendo um verdadeiro e ajustado cantil, tudo o que é justo. Eles mergulham a cabeça de Gerti, essa pequena tapera construída como um anexo bem fora do prumo ao palacete de seus sentimentos, naquela água não mais sóbria. Em sua adorável boceta e em seu adorável ânus enfiam-lhe dedos, finórios, sorrindo, ah, se a reencontrassem o mais rápido possível recuperada do

sono! Onde vamos estar, onde vamos ficar? Como numa rã, as pernas da mulher se dobram juntas, à esquerda e à direita. Ela chega a espernear com uma excessiva agressividade. Doer de verdade nela, entretanto, isso não vai, para que mais teria sido fundada essa sociedade que não responde por nada e em lugar nenhum? Michael cutuca um pouco com um galhinho em torno da colina um tanto devastada da mulher, brincam sem parar os rapazinhos, a fim de se acalmar. Mas, alto lá, mais uma coisa: ele lhe vira o último resto da garrafa dentro da xoxota e lhe dá uma bofetada, que no entanto não saiu tão bem. Ai, estamos queimando.

A neve agora cai tão efusiva, bem conforme nossas expectativas em relação ao inverno. A última garrafa foi jogada fora. De Gerti ninguém quer tomar um gole a sério, embora se entregasse até o verde se mostrar novamente. Sua boceta agora é apenas desdobrada e – ah, esse folheto nós já conhecemos – fecha-a de novo, rindo. Os lábios batem palmas nas mãos experientes. O todo, por sua vez, não é tão importante. Do outro lado, mais adiante de onde apanhamos nossa Gerti, os esquiadores ainda dão gritos de alegria em seus lagos de cerveja e *Jägertee*. Estão radiantes e urram. Do fardo de sua diversão, também o chão da floresta já está totalmente encharcado. A saia, em Gerti, como uma sacola na qual ela em meio a logotipos deve esperar para esquentar, foi puxada e lhe cobre a cabeça. As ligas não têm efeitos colaterais danosos quando o homem quer habilidosamente agitar seu sexo. Michael fica abanando o maço de seu órgão diante do rosto dela. Ela não vê; desajeitada, enfia a cabeça por baixo da saia, primeiro numa, depois na outra direção, pensando na inalcançável ambrosia de Michael, preservada em sua forma perene, em seu formato incomparável. O rosto da mulher, para o qual árvores olham quietas, é mais uma vez trazido à frente, a boca aberta à força. As bochechas recebem uns tapinhas leves, nisso é possível sentir os dentes, por baixo, mantendo a custo o rosto aprumado em sua forma atual. Isso vocês também deveriam, caros garotos e garotas: manter-se aprumados e coesos, mas de qualquer forma já fazem isso com suas exíguas camisetas! Com suas mãos ágeis e seus gorros chiques. Façamos assim: como se estivéssemos, enquanto olhamos uns para os

outros, vendo um filme que estoura, simplesmente (um filme correspondente). Agora eles também abrem a parte de cima da roupa de Gerti e mostram seu par de seios, que fazem sair saltando para fora da seda. Mas que imagem conseguimos agora, lalaralalá! A natureza atirou ali as duas mal dosadas almôndegas de carne, retiradas dos recipientes de seu estoque. As pessoas riem, minhas austríacas e meus austríacos, e vocês então voltam a se misturar após a tevê e conforme o que ela dita! Frequentemente um destino mais belo repousa sob passos leves, só que… onde foi que eu colei o papel de parede agora? Aqui está ele, claro, preso em mim! Assim a pessoa se cola a si mesma. Gerti precisa abrir sua bocarra e sugar para dentro de si essa aparição. Aliás, é bom também descer de trenó; mas, por favor, nunca, mas realmente nunca, em meio aos esquiadores: não saberão tolerar isso, se eles, as últimas pessoas direitas neste mundo, forem ofendidos e incomodados, submetidos a alguém sentado numa única prancha a vagar. Seus trenós sedã de médio porte estão eles próprios espalhados de modo bem peculiar nas vagas de estacionamento e se abrem para seus proprietários, que foram tirados um tanto tarde demais do fogo e ficaram um tanto bronzeados. Exatamente aqui eles podem ser encontrados, prestem atenção no mapa encartado! Eles só precisam acreditar firme em algo pertinente e para tanto quebrar os dentes de alguém. E em Gerti ainda crepita um belo fogo, que é representado na forma de uma linguiça de metro em sua boca. Então, meus senhores e heróis, deixem-me olhar uma vez através do visor, já que têm, cada um, um próprio membro excitante!

Não, peças de reposição por enquanto não há. O temporal que sai de nosso deus, o sexo, nos faz correr todos no caminho mais curto até nossa perdição. Deixemos, pois, ao homem os sentidos, para que ele possa meditar sobre si com toda a calma! Nós, mulheres, temos afinal que nos programar melhor nós mesmas e então escutar o silêncio que ecoa distante dos seus aparelhos desfalecidos, meus senhores, que ainda tremem sob a suave tensão do certificado de garantia – que seu prazo não vença! Em nós os homens pensam por último! Forasteiro Michael entrou, forasteiro torna a sair. Desdenhosamente, ele deixa gotejar mais um pouco

seu semirrígido no rosto de Gerti, que não conseguiu se pôr em segurança a tempo. As amigas e os amigos, as testas ardendo de sorrir e viver, igualmente recuam para regiões mais quentes e lançam mão de mais um pouco de suas forças, antes de serem transformados em mão de obra refinada. Não se pode fazer nada. Por isso, saia simplesmente do bar para a vida e não se preocupe! A mesinha-ponha-se [1] de Gerti é outra vez empacotada. Michael, que não pôde ser aquecido nem mesmo para a prévia da partida, ri cordialmente. Como uma torrente refrescante, eles querem todos deslizar Alpes abaixo e ver quem é o mais rápido. Assim provocam guerra nessa plena luz, apenas para que eles, os Filhos do Vale, possam sair mais uma vez fustigando forte com suas caudas. Juntam-se impacientemente à fila, em meio àqueles que logo fecharão os olhos, em silêncio. Ainda forçam a passagem para estar à frente, os nascidos pobres é que não os venham enfurecer! Conhecem com exatidão os mensageiros do Pai! Para que não nos equivoquemos: diante da estação do *lift* , onde a terra está regada de copinhos de papelão. Esses tolos, que vieram de viagem até estes solos estrangeiros e aqui se deparam, agora serão empurrados para o lado, terão que fazer uma parada dentro de si mesmos. Comportar-se pacientemente com todas as suas fitas de longa-metragem, longos percursos de esqui, que eles colecionaram ao longo da vida. Seus príncipes agora cantam no coro, e muito mais alto! Além disso, a juventude corre inteiramente sozinha e nem vai mal.

Eu pego para ver e compreender, e você está bem quente ao toque.

Não há desânimo para eles. Ajudam a mulher a levantar-se, escovam-na, a neve geme sorrindo sob ela. Não foi demasiado o que teve de sofrer por causa desses meninos e filhos. Alguém lhe põe na mão a calcinha molhada, um cartão-postal de lembrança. Até lhe fecham os botões do casaco. A produção de gêneros de primeira necessidade de seu corpo já começa a lhe engordurar por completo os cabelos. Até já assinou o cheque, as roupas novas só precisam ser modificadas na butique. Ela queria cobrir seu corpo de novo, e no entanto sente a cada dia com mais força as pesadas

bolsas que sua pele tem que carregar. Não foi isso que os filhos e filhas quiseram dizer, esses ovos dourados nos ninhos das escolas superiores de formação geral. Também nós poderíamos ser sacudidos de nossa frágil cepa! Como folhas de árvore, cairíamos então nos belos jardins dos proprietários, acometidos pelo míldio, e a senhora diretora pode calcular e calcular, que não conseguirá juntar um monte decente para queimar. Somente as crianças, conduzidas por aqueles seres celestiais, cantam no coro, quando se recolhem a essa casa e caçoam de seus pais sobre um tapete maravilhoso. Não ouviremos isso mais tarde. Michael agora está pronto para uma conversa, já que é tarde demais. Ele pega ruidoso na frente do casaco e no vestido, puxa e lhe rosqueia rindo os mamilos. A outra mão ele empurra entre as nádegas da mulher. Então ainda lhe enfia na boca uma língua dotada de razão. O pau ele mesmo já tomou de volta, por espontânea vontade, para mais uma vez revisá-lo. Afinal sempre fica contente quando pode apanhá-lo. Por onde andará vagabundeando esse sujeito! E tudo o que se deu e passou não foi nada senão tempo. As portas dos carros são batidas com estrépito, dão mostra de alegrias e amizades pelas quais se pagou, nas quais se depositou a confiança como nos aparelhos de ginástica que a pessoa possui ou precisa ostentar. Mas em vão! Os celestiais nunca se igualarão aos homens; somente eles podem se alegrar e recolher-se para dentro de si mesmos. Desamparado, irrompe – ou, mais precisamente, sobe – das pessoas aquilo que elas beberam. Devia era descansar nelas! Apoiadas em seus carros, vomitam na neve. As mulheres alardeiam, as crianças as lamentam. Está bem, o veículo parte, mas o conteúdo dessas pessoas fica ali e dormita na natureza, onde a coisa verdadeira acontece e as coisas mercadorias são enganadas pelas próprias etiquetas. Furiosos, todos gritam por quererem se manter eternos e eternamente poderem manter nos braços uma pessoa atraente. Porém, os dominadores só distribuem a ração uma vez por mês, e então nós nos desgastamos demais, o tempo o revelará.

Gerti é posta sentada em seu carro. Silêncio! Alguém me ajude a expressar isso: ela esteve sob poder e violência de mãos e línguas.

Por pouco não fugiu correndo dali, trocando marchas furiosas em seu andador. Os cintos de segurança são o mínimo para detê-la. Outros indivíduos atados a aconselharam a isso. Como o artista chega à arte, do mesmo modo chegam as crianças do povoado, para receber dessa mulher seus flagelos rítmicos. O filho se inclina sobre o violino, o pai sobre o filho, para castigá-lo. O coro da fábrica canta no domingo, para expressar sua personalidade. Cantam em muitos, mas como uma unidade. Esse coro existe pela seguinte razão: para que membros andem presos às amarras de suas cordas vocais e de seu estado de ânimo, enquanto a fábrica espreita bem alto acima deles. De vez em quando, ela tem sede e acolhe o rebanho, de modo que os postes de luz nos confins da terra ouvem como é o zumbido das pessoas pobres, que formam de si uma fila. Como crianças mesmo. Muitos vieram, poucos porém foram eleitos para cantar um solo. O diretor tem o *hobby* de seu trabalho, por isso está totalmente em ordem. Os jovens se enfiam em seus veículos, agora é hora de ir para as acomodações de férias onde poderão entuchar mais em si e de si. Os quartos estão todos reservados e pagos. Adorável estrada que conduz através das planícies, para que cada um tenha sua paz, exceto os vizinhos, nos quais os ouvidos sangram de tanto ruído, até que possam eles mesmos sair em viagem de férias.

A mulher segue em disparada por essas terras. A inteligência lhe enfurece a cabeça e bate contra a parede do crânio, onde é conservada, i.e., a inteligência esbarra em seus limites. Ela é apressada pelos esquiadores, que de sua parte, nessas casinhas de pássaros que são seus carros (às vezes tão grandes quanto armários, e dentro… bem, dentro vão só esses trouxinhas todos!), são arrastados piando de volta para suas gaiolas. Nós ficamos observando a paz que a natureza semeou em nossos corações e a comemos diretamente da embalagem de papel. Solitárias, as lâmpadas incandescentes brilham para nós. Recolhem-se os últimos detritos. Os pais de família, seguindo as suas ideias bem-humoradas, avançam para cima de seus impertinentes parentes e cavoucam na lembrança do dia em busca de alimento: haverá ainda algo para comer daquilo? Então surge diante da turva floresta um

cervo, nós o pegamos logo para levar conosco, ele vai engordar bem com nossos embrulhos de pão com manteiga. Eles ruminam, ruminam, aí se acalmam com um belo livro e uma bizarra programação de tevê. Para os últimos persistentes, a trilha estreita segue mais uma vez em aclive, um caminho no qual eles logo despencarão, enquanto nas margens já ronda à espreita a vida selvagem, a quem a paisagem é entregue a partir das dezessete horas. Por preguiça, os habitantes locais se mantêm escondidos em suas casas, os homens se entregam eles mesmos ao aparelho de tevê, em que observam animal e terra e podem aprender algo sobre seus próprios hábitos absurdos. As mulheres estão desempregadas. O vento sopra sobre os cumes e tranquiliza a dor, justamente na medida necessária para a pessoa poder distrair-se com uma série sobre produtores de cerveja e oleicultores. Sim, a televisão é quase rápida demais para o motivo – quero dizer, o motor de partida – que os faz desligar-se e ligar o aparelho.

O dia, falando sério, não deve mais sair espalhando azul por muito tempo. Gerti faz no restaurante da estrada um descanso prolongado. Como vem maravilhosa a neve de longe e entra em direção a ela. Ela bebe por inclinação, muitos bebem por dever, bem separados dos amores que contentes exigem algo para beber, do mesmo modo que exigem que os ares brinquem com eles, quando descem voando ladeira abaixo. Um bando inteiro que foi coroado com o dia se espreme junto ao balcão e continua se despejando até transbordar. A natureza mais uma vez fica modesta e monocromática. Amanhã será novamente despertada por vozes humanas e com vivas marteladas sacudirá seu público das pistas para baixo. Sim, o público, esse é removido por inteiro do cobertor natureza, mas seu colorido dia de hoje ainda está colado nele, vai se tornando o bar em serviço totalmente lotado por esses turistas. Uma pancadaria que brota em torno da fonte de gente é acalmada pela dona do local. Que bacana, vimos de contente lugar distante, atirados da montanha para o vale, e já estamos cheios de cerveja. Alguns trabalhadores da floresta, os mais amáveis serviçais das montanhas, já vandalizam, atiçados pelos moradores da cidade, no bar, antes de ainda por cima racharem como machados o único

arrimo de sua mulher. Gerti está sentada de testa amarrotada em meio aos frequentadores do lugar, que têm que amassar seu próprio lanche e um acompanhamento de salada. Amanhã mesmo ou ainda hoje à noite essa mulher estará postada diante da casa de férias de Michael e espiará pelas janelas adentro o modo como os amigos dele exigem seus bens. E ela, a repelida, desaparecerá, ninguém sabe para onde, como um ligeiro pensamento, longe. Enquanto seu marido desmata a região e mata a música. Estou com frio. Enfiaram-se uns nos outros, onde vasculham todo o lixo em busca do simpático retrato que ficou acessível a eles ainda ontem na loja de material fotográfico. Ainda ontem. E hoje já estão procurando um novo parceiro, para colocar num passe de mágica um sorriso no rosto deste, antes do aperto cheio de beijos. Sim, nós! Totalmente torturadas, nós ficamos visíveis e queremos estar belas também para outros, pois quanto não gastamos com nossa roupa, o que agora nos faz falta quando nos despimos diante de nosso parceiro amoroso e temos que nos desgastar. Porém, primeiramente essa mulher se nutre de álcool; e a colheita de outras pessoas, que igualmente se embebedam em sua variedade, não traz nada a ela. Ergue-se uma leve discórdia em torno de seu casaco de *vison*, sobre o qual um esquiador pisou, mas tem que se sentar novamente. Esse tipo humano aqui sob a luminária rústica: como valorizam suas formas nesses limites de plástico coloridos que se colocam, para que suas formas e normas não fiquem obsoletas, e sobretudo também não o fiquem os modelos segundo os quais foram montadas! Tão amplas quanto seus apartamentos, enfeitam-se e saem para passear fazendo companhia a si mesmas.

Como vindas do alto dos céus, assim vão as coisas por aqui. A mulher recua sem objetividade. Esticam-lhe um copo, o dia já parece apressar-se, já entardece sobre as montanhas. Gerti recebe contra si os respingos da pífia opinião pública geral, como água vinda de uma mão de criança. Indolentemente, os pobres nos arredores abandonam os seus, para de mãos sujas serem despejados nas estalagens, marulhar como fontes daquilo que metem dentro de si. Mas essa mulher deve ir para seu lar, beber é algo que não querem tolerar nela, não deve emitir nenhum som, ali

mora o rebanho juntamente com o bom pastor que os conduz, a programação você encontra na página de tevê! A senhora diretora é uma nuvem clara, pelo menos assim é sua aparência, já que ela agora cai da cadeira para o chão, onde ela… aqui se paga, aqui se faz. A dona do restaurante agarra-a bondosamente pelas axilas. Do queixo de Gerti escorre um pequeno regato, que depois se amplia. Dia a dia isso não poderá continuar sendo assim. Suntuosamente, a natureza brilha mais uma vez, pela última vez, de fora para dentro, e os rebanhos de seus usuários vêm com espinhaços pacientes para dentro, alegres por finalmente poderem tomar umas e outras, em vez de ter que se empinar sob os açoites das transmissões das olimpíadas de inverno e se deixar perseguir por sobre as colinas. É deixar essas pessoas despreocupadas e você verá com que rapidez elas então perdem aquilo de que consiste seu principal estímulo: parecer astros e estrelas do cinema e ter uma aparência doce no próprio álbum de fotos, onde medimos nossas exigências tomando por base a nós mesmos. No entanto, aqui as ondas lhes batem alto, e elas têm que se impor em meio à enjoativa gente nativa. Fazem-no com sons, cores, cheiros e dinheiro. Uma canção é afinada ao gosto de seus usuários, o período do dia mudou abruptamente, o tempo está virando. O vento uiva através do gelo cristalino que pende das árvores. Nas cavidades da mulher enterram-se ainda mais pessoas – olhe só ali! –, dois homens a levantam agora. Suas moedas avançam sobre a mulher. Pagam a ela um vinho e uma aguardente. Com pretextos sob os quais não são capazes de esconder suas rudes genitálias, eles apalpam Gerti por toda parte. Uma explosão de gargalhadas de suas mulheres, que igualmente depressa, antes que a luz mude, ajeitam suas fendas cobertas de pelos e se põem em posição. Elas escorrem todas ainda da natureza, de tão completamente que se encharcaram de vida. Afinal, ficar sentadas como ilhas e vomitar neste salão de restaurante também teve seu preço. Alguém, por diversão, põe a mulher nas costas, fica maior e mais vermelho entre as coxas dela, que pressionam à direita e à esquerda as bochechas do homem. Ninguém quer perder isso. Eles saem saltitando, de repente até a mais tacanha programação da tardinha chega ao fim. Apenas um

caminho curto, para vencer em segundos usando a força, as partes genitais se abrem, e eles já se embarcam uns nos outros e aceleram, choram por libertação, e há um estrondo em suas entranhas, dos muitos vidros que eles ali mantêm em conserva para tempos mais ferozes. No escuro, já afluem os primeiros libertos das amarras de sua roupa. Gerti recebe beliscões no peito; alegres e inofensivos, nós nos assenhoreamos e nos alastramos como legume por toda parte, minhas senhoras! Isso vem das regiões mais altas, nas quais nos demoramos e nos deixamos de bom grado surpreender pelos impulsos que disparam de nossas calças de esquiar.

Ala!, agora a mulher está outra vez sentada em ordem, acima, sobre o banco. Estendem-lhe mais um copo, no qual o álcool rapidamente envelhece; ela o espana com um movimento de mão. Os perdulários gritam coléricos e sacodem a mulher pelo braço. A dona do restaurante manda a garçonete ir buscar um trapo. Gerti atira sua carteira ao chão, onde imediatamente pessoas começam a vasculhar, gente cujo rosto suado começa a se fechar perante o dinheiro. Os pobres se espremem juntos no quarto dos fundos e lembram-se da labuta que outrora sem constrangimento escancarou as pernas diante deles. Lá, porém, não há mais entrada para eles. Ah, se ainda a tivessem! Agora estão o dia inteiro atarefados em casa ou lá, atrelados à louça. E os outros fregueses? Suplicam para si nada mais que um bom tempo e uma neve petulante. Sua vida amanhã se tornará mais uma vez audaciosa, mas talvez também chuvosa, caso as temperaturas, conforme se previu, venham a subir fortemente. A dona do restaurante: com suavidade, ela amigavelmente lhes aplaina o caminho. Com Gerti sobre o braço, parece caminhar pela água afora, atravessando e superando a escória dos excursionistas, que ali flutua resoluta. Vejam com que segurança esses viajantes surgiram do nada, como se lotam de presentes, paridos em feiras de artigos esportivos, e seguem em direção à morte nas montanhas. Uma canção nacional é desembuchada sem o menor constrangimento. Os cantores não têm muito em comum com sereias e sirenes, talvez a sonoridade ainda tenham, mas não a aparência. Entretanto, cantam, cantam, agora

mais ainda! Assustados, os moradores que nem sequer têm a permissão de ser operários do papel sentam-se diante de suas telas e ficam olhando embasbacados para a ardilosa invenção deles mesmos: será que ninguém participa de seus sofrimentos? E por que se separaram e se despediram da vida, ainda antes de eles e seus esquis conseguirem uma colocação segura no porão?

Sozinha, ou mesmo junto a muitos outros, a pessoa não deveria dirigir nesse estado; do contrário, não estaria mais segura de si mesma em vida! Mas Gerti se estica tentando alcançar o teto de sua reduzida potência e dá um impulso para sair da margem. Ajeita-se em seus remos. Desembaraçada, ela dispersa-se em seus pensamentos. Michael: agora vamos apanhá-lo novamente em sua casa, antes que ele esfrie. Breve essa mulher, movida por sentidos, chorará diante de uma casa desconhecida, por não haver ninguém por lá. Deixem-nos prosseguir! As luzes logo estarão acesas. No número em que nós na maioria das vezes ficamos – um, uma só –, mas não importa, é assim que ela avança contra sua presa, os outros motoristas. Não acontece nada, como num milagre prolongado. Em suas camisas nacionais, os senhores esbravejam por terem que esperar a comida, os cães pulam sobre os visitantes e neles se estiram saudavelmente. Por isso, todas gostamos de morar sós, para nós mesmas, e nos mantemos sob nossa própria guarda como nossos próprios animais domesticados. Tomamos de vez em quando um gole indeciso de um outro, que alega estar transbordando de doce desejo. Mas se num dado momento realmente desejarmos e exigirmos algo, não obteremos dele!

---

1. Alusão ao conto dos irmãos Grimm, “Mesinha-ponha-se, o asno de ouro e o porrete-pule-do-saco”. (N. do T.)↵

XIV

Um repentino estalar das gotas de cascalho em frente à casa, os cães vêm correndo pular até nosso pescoço, e a porta se abre. A mulher dá até um passo a mais, em direção à luz que vai se tornando mais suave, que irradia em torno de seu quente aguardante marido. As crianças há muito já foram mandadas para casa sem as consolações de música e ritmo, onde agora despontam parcialmente de suas tocas, surradas pelo pai. Aliviadas por ver secas nos lábios as fontes da arte, contentes como se vê em fotos de álbuns de família, as crianças já se engalfinharam umas sobre as outras no caminho da floresta e esfarraparam suas figuras e sua roupa. Não se deve reunir com muita frequência os vizinhos, eles não trazem reunidos consigo nada mais que uns bons motivos de irritação! Tudo o que o senhor diretor queria ele tem agora de novo, sua palavra é para nós uma ordem. De sua boca estalam os beijos. Segura sob a luz sua colher com os sentidos dissolvidos, mas nada se aquece. Beija intensamente a mulher, como a mãe faz com o vitelo, até as axilas sua língua quer chegar. Ele fica automaticamente quente ao vê-la; sua figura úmida, todavia, permanece por mais um tempo fechada. Ele tem a constituição de uma montanha, e os ribeirões já correram por sua testa, nada que se compare àquilo com que os operários são inundados quando, cruelmente marcados por suas internações em estâncias de tratamento (depois de lhes terem acrescentado à existência as feridas e penitências), recebem a carta do envelope azul. Nenhum deles, no entanto, compreenderia sua mulher como agora este diretor inflado, que quer acompanhá-la de volta à margem dela. O que é que ela tem ali na bolsa?, não será mesmo somente sua calcinha molhada, que ele atira sobre o assoalho. Quantas vezes isso já aconteceu, mas na maioria dos casos são os criados que cumprem esse dever, quando novamente não foi possível domar as

águas na torneira. A faxineira removerá amanhã esse vestígio de vida. Gerti deve sair para seu curral, não pouco espaço para movimentar-se. O filho, que passou o dia correndo atrás de muitos outros dos arredores, vem agora, difícil de compreender em sua choramingação, em disparada para junto da mãe, totalmente empapado de suor, da irritação que causou a seus amigos. Recebe dos lábios da mãe palavras arrebatadoras e acolhedoras; dela, que ele mais uma vez recebe enviada pelos céus. Ela é o fardo que povos inteiros têm que carregar e temer. Quem apertou agora de novo o botão dessa família? Que finalmente lhes fique claro: eles são três pessoas, se tanto; e tão frias, capazes de mostrar ao próprio tempo meteorológico seu devido lugar. A família: a mulher não está mais sóbria, de um modo bem-humorado isso lhe é registrado na conta pelo pai, que carrega consigo o talão de cheques. A propriedade é o que ele mais ama. O homem acaricia sorridente a mulher, mas um segundo depois já cavouca, como enlouquecido, um *terrier* em toca estranha, sob o casaco dela, escarafuncha o avesso de seu vestido, que deve ser imediatamente despido da despudorada mulher. Amorosamente, sua bochecha é tracejada com os dedos, como se o criador tivesse quebrado o lápis precocemente e agora a vida tivesse que corrigir ela mesma a obra. A mulher não consegue se entender com esse comando automático. Ela se inclina pesadamente em seu cercadinho.

Quem de nós não gostaria de ser esquecido nos prados da vida, só para de repente ressurgir nos escombros de sua roupa (tudo pequeno e normatizado como casas geminadas, mas nem mesmo com um rei iríamos querer trocar de lugar)? Entregar-se por completo a um outro que neste momento passa tão depressa que ainda acabará por nos conhecer! Destacar-se da turba, dos trilhos que vão ao dinheiro! Aparecer feliz finalmente ali, atirar-se sobre o filho, isto é para a mulher mais que um pensamento, sim, os seres celestiais, eles agora querem festa, férias entre abutres e violinistas! Pois já para Viena, para o recital! Ela rola com o filho no tapete da antessala, sob o pretexto de brincar, mas sua mão (ela não transpira) já agarra com força o filho sob o ilhós do calção. O homem se esforça para dar um sorriso, pois quer ter novamente a

mulher só para si, na medida em que ele também é capaz de dizimar tanta vida de uma vez. Veremos. Pesadamente já pende nele seu naco decidido de carne, balança de sua cintura para baixo, mais que a cabeça com a qual ele pensa e vê. Agora já surgiu de novo um conjunto ali, mas ele não quer ficar parado junto. A carne muitas vezes obriga um indivíduo a suportar por muito tempo, como num ônibus para viagens de longa distância em que a pessoa avança através da noite com as cortininhas fechadas, janela passando janelas, e, como tudo se movimenta, as pessoas não chegam a se reunir.

A mão do diretor já está no bolso da calça e ele acaricia seu cajado através do saco. Logo seu fartamente dimensionado jato se lançará sobre a mulher. E o filho exulta. A coisa com eles não é simples, o filho já afunda como ração de animal pequeno sob o gume da mãe que se encrava severo em sua carne. A mãe dá risinhos, os cabelos lambuzados no pó do chão do qual a dona da casa não cuida. O menino gostaria de contar sobre o que os companheiros de brincadeiras lhe aprontaram. Porém, o pai não tem tanto tempo como você de amar crianças. Está debruçado e desamparado sobre sua família, a única coisa pequena em meio à Grande Completude que ele criou. Todos riem afetuosamente. Recebem cócegas do pai, como se este lhes quisesse sacudir a vida para fora. Todos continuam rindo, o homem está cada vez menos comovido. Podem lhe furtar esse filho! Prefere mirar no colo da mãe, onde ele próprio gostaria de estar sentado. Para o menino a felicidade não pesa e a infelicidade também não lhe é um peso excessivo; aí é preciso fazer algo, claro. Ele precisa dar uma guinada para a ordem, sim, mais ainda, precisa pôr ele próprio ordem em seu quartinho! Doenças são permanentemente mitigadas pela mãe. E mesmo o homem as mulheres precisam conservar dentro de si, para que fique preservado nesse salão de velório diante do incêndio que lança fora, noite adentro, os corpos como se fossem um cãozinho, para que todos possam se esvaziar e depois dormir bem. Suntuosa decoração natalina será pendurada sobre galhos secos. O principal é que a pessoa tenha vivido e sido claramente anotada nas tábuas, e o que se comeu primeiro esteja

na relação completa do cardápio de sacramento! Não, aqui sobre esse papel de parede somente bom gosto se sente em casa! O filho, nosso público, conhece o enganchar de corpos e o engraxar de dedos das tantas vezes que assistiu antes. Ele se deixa tapear por uma promessa do pai, em que seu deus e ídolo Esporte faz o papel principal. Será alvo de promessas, de excitantes tapetes de neve dispostos sobre as mais distantes montanhas. Acho que será excitante ver esses muitos corredores, todos em disparada pelo chão até o umbigo da terra. Promete-se uma grande experiência para o menino, pois o pai espera muito do corpo da mulher e dos desvios deste, que levam noite adentro: essa paisagem não pode conter mais de cinco mil pessoas!

Eles têm de sobra em suas calças convenientes, os senhores; até o filho já colabora para isso. Esse menino, por cujo crescimento exacerbado não se podem lançar censuras à materna ação, uma vez que essa mãe mesma já se lançou a ele como magra ração. Esse menino, pertencente à nova geração, foi educado pela mãe e agora não pode mais ser detido; ele corre, corre sem parar! Mas falemos sobre os senhores dos quais o diretor está acima, no lugar mais elevado. Seu pau pode ser parido a qualquer momento, numa questão de segundos, do ventre de uma banheira morna e agarrado para fora, pode trabalhar, e então será apanhado novamente satisfeito pelo destino, onde habita força para jogar tênis, dirigir uma motocicleta e outros veículos. Há um balanço no seu caminhar, meus senhores, na ramada fraca os homens tentam muito, eu porém estou só. O menino fica pensando num período da História da Terra que ele infelizmente não pode mais (tarde demais!) vivenciar. O pai antes foi buscar para ele um dicionário enciclopédico e se curvou professoral sobre esse seu filho em número tão bem pensado. Mais que um filho talvez desviasse com intensidade demais os interesses da mulher. Ele quer atar por conta própria sua mulher à cama, maligno como uma doença: Deus é nefando, mas não é dele que se está falando.

Como um sino, o diretor soa sobre seu grupo de pessoas sentadas, ao qual se juntou como guia de viagem. Ali fora, as árvores se erguem escuras e aguardam. Está reconciliada a família,

pesada e deseducadamente pendem os sacos escrotais em seus disfarces preferidos, nos armários revestidos com papel, nos balões das cuecas e calças de agasalho para corrida. No entanto, basta uma pequena intervenção e tudo já está novamente tirado para fora. O gênero a que pertencemos, a cada qual o seu, aliás salta para fora da sacola flexível como a tira de elástico que mantém unidos chumaços humanos mais pobres (pois estes não contam individualmente), quando o solitário se volta à sua propriedade como se voltasse à sua sombra, que lhe é exatamente adequada, a ele, único entre todos os seres. O pacotinho de vida, sim, esse cai para fora da camiseta regata, e estamos bem. Quem muito quer precisará comprar algo para si. Até mesmo o menino: já brilha como um homem feito, que dobra outros e se dobra diante de outros. Vai de um a outro, aponta para sua silhueta, que não tem conserto, e perambula por uma trilha de inveja, para numa rapidez insana passar por nós. A mera impressão disso já é muito profunda. Sim, esse menino ainda é pequeno, mas está planejado especialmente como homem, acredito eu.

Agora ele ainda é uma coisica de menino, tão pequeno, mas faz pressão sobre nossa pele de tambor de tal modo que voamos contra os pobres vizinhos, que se queixariam, se ousassem. Amorosamente, a mulher baixa a boca sobre os cabelos dele. O pai já está se tornando inesgotável, mal é capaz de se controlar. O que ele em outras oportunidades mantém escondido de seus empregados não consegue agora evitar que pressione fortemente sobre seus impulsos. Aproxima-se de sua mulher por trás. Desdenhosamente, a mulher se inclina para a frente, para que em suas profundidades as coisas fiquem vivas. De tanto rir, porque estão lhe fazendo cócegas, o menino descarrega seu esterco, no rosto da mãe. Não importa, nós saímos correndo contentes por aí, como se tivéssemos nos topado e arrotado úmido. A mulher não consegue mesmo atentar suficientemente; de todo modo, tarde demais, lá está ela de novo meio despida por trás, enquanto na frente ainda suga o filho, lisonjeando-o para que tire seu brinquedo do caminho. Mais esse homem não ousa e, mesmo assim, ganha. Igual a um avião para voos rasantes, ele lambuza o traseiro de sua

mulher como os pássaros espanejam as asas contra a luz. O pai hoje sente sua saúde agitar-se dentro de si e fazer pontos e ganhar bolas extras. Em segredo, disfarçado pela ampla capa de usar em casa, mete sua inflada ogiva explosiva no rego de sua mulher, onde fica examinando minuciosamente o que lhe está à disposição. Ele só precisa abrir mais um sulco, assim o lavrador à terra ajuda. Nenhum de nós precisa carregar a vida sozinho. Mas por que ninguém a ajuda quando vai comprar um carro, para que esse companheiro carregue tudo consigo? Olhemo-nos uns aos outros, de olhos bem abertos, na parte genital, para nos acalmarmos, esbeltos como nos esforçamos em ser recorrendo a medicamentos e dietas. Em concorrência acirrada com os outros, que vieram deixar sua própria pegada. Até mesmo junto à porta aberta o diretor ainda fica pensando que entrada deve tomar, para se acostumar com a máquina, quanta honra ser ofertado como um feixe de dádivas! Oh, Deus, que ótimo é ser um carregamento pesado sobre a carroça que benfazejamente atola na lama e ali chafurda. Os sinais de trânsito pessoas têm arrancado de propósito!

Na família, continuam se beijando e peidando. A bem-aventurada espera está encerrada, palavras felizes atravessam a sala. A voz desponta do príncipe da casa, torna-se batalha, que ele vence. Arrasta-o consigo para longe, quase teria o céu esquecido seus operários e empregados, que foram engambelados por seu chefe supremo e por sua Santa Igreja e para tanto têm que ficar parados, de boa forma e em bom posto, em seus currais, onde tilintam enfurecidos com seus sinos e se esfregam em suas cordas. O quê? Nem mesmo seu próprio espaço eles protegem de suas pisadas?

A mulher sabe onde o sapato do marido aperta, esse com que ele em instantes irá arrombar aos chutes sua cerca. Às vezes, ele mal consegue resistir até o início da noite e chama-a em sua sala de diretor na fábrica, onde esse rapinante não se controla por muito mais tempo e, irado, deseja entrar em sua propriedade, em sua própria privacidade. Ele se agarra na nuvem do sexo, e esta cresce, tal qual incêndio. Já será puxado para diante o pequeno vencedor, tirado do gabinete de através das pernas da calça, onde estava à espreita até que alguém lhe mostrasse o vale-viagem dos sonhos

como acompanhamento para as pétalas amarelas de laburno do avental. Uma alegria para o dono, de longe os cães já lhe reconhecem o cheiro e vêm avançando uns sobre os outros. Todo dia é uma festa. Será que ao menos o sono nos encontrará ainda hoje? Nós o mereceríamos, em calada obstinação sobre os picos de nossas camadas que se aquecem, para não desprendermos nenhuma placa de neve. Pensem nas muitas dobras, apenas nas camisas masculinas, das quais os homens são capazes de despejar seus sagrados regatos!

E também na elegante vestimenta de Gerti já estão sendo abertas brechas hoje, como sempre. Os cavalheiros e seus foles, com cuja ajuda eles logram soar alto; carinhoso em contrapartida é o sopro no verão, no inverno nós é que temos que buscar fôlego. O menino quase não nota que pisa entre nós e será pisado. Já não está quase na hora de sair o jantar? O diretor terá que mais uma vez soltar a mulher de suas garras por um instante? Quer que ela fique totalmente sóbria? Mudos, o animal e sua corda olham um para o outro. O diretor consegue ainda mais: misturar todo o corpo de sua mulher na completa disformidade deste sobre a mesa da cozinha, de um modo que lhe sirva na massa, que, bem coberta, deve sair para caminhar. Assim a família cria para si seu alimento, e a terra ela mesma seus seres, assim se despedem as visitas nas soleiras, muito embora tenham comido muito bem. Meus senhores! É bem verdade que até me são estranhos, mas os senhores ficam de um lado para o outro de tal modo que as redes rangem. As tábuas de frios estalam sobre as mesas, a família se senta, as pesadas bolas de pão com grãos claramente separados uns dos outros, grosseiros e caros pratos de bordas com granulado de ouro, todos eles se sentaram juntos uma vez ali, para que venha o que o pai queira. Primeiro, ele lambuzará a mulher abundantemente, e aí, ainda sorrindo do dia que teve, afinal ganhou com o suor do rosto e agora distribui o pão à sua família, sim, então cairão os pesados pernis sobre a bacia de som abafado da mulher. Acredito cá para mim, mas não acredito em mim! Guardemos de qualquer forma os dias de festa e deixemo-nos aguçar os instrumentos pelo coro da fábrica! O menino deve viver, assim quis o curso dos acontecimentos. De

repente e sem alerta prévio, do mesmo modo que o sol também muitas vezes começa muito rápido, num raio, a ferir. No alto, sobre os cumes, ele se inflama agora mesmo para amanhã, mas nós polpudos, nós nas listas de salários dos tigres de papel, já tivemos hoje nosso fogo crepitante, mantivemos nossos corpos junto a ele, até que eles se dissolvessem em luz e nada. Só lhes aconselho uma coisa: ocupem-se das bebidas, e então não terão motivo para se preocupar com mais nada.

Ainda vem de fora um pouquinho de eco declinante, afinal é tarde, e o mundo privado se protege, para se divertir sozinho. Aquelas que têm que cuidar de alimentos e entretenimento, ali nas pequenas casas acima do ribeirão marulhante, onde tilintam com os pequenos arreios, essas eternas meio fabricadas, meio malcriadas: claro, nós, mulheres! Podemos contar conosco (não com nossa sã consciência)! Para produzir mais de nossos homens, só podemos entupi-los. A família agora deixa trancados para fora os animais, que não conseguem mais correr do escuro ariscos até nós, dentro. Também no povoado por toda parte os olhos agora estão sendo cobertos e os senhores por favor façam o favor de ficar olhando apenas sua própria papelada! Amanhã virão todos fazer papel com as árvores das redondezas, como se fosse um dia de festa para eles. O diretor acua-os nesse ínterim até mesmo para fora da aliança que fechou com eles e o sindicato. Só quem sabe cantar corretamente também pode contar com a quantia correta no bolso. Os disformes salões de restaurante da cidade sede da comarca se agitam com o aplauso, quando eles se apresentam ali, há muito tempo aguardados como alimento e amistosamente arrepiando-se com os sons que eles mesmos assaram, como se quisessem devorar-se por completo uns aos outros. A todo instante agora uma porção de homem escala a mulher considerável que lhe pertence, para seriamente se esgotar. Desse modo, ficam pendurados como os rochedos de sua cria e dos seios de sua esposa. Estão acostumados com isso. Por uma mão acariciante que às vezes vem da escuridão, são levemente roçados como se por um galho munido de fruta. Se pudessem ficar deitados vazios por mais uns instantes (aí sentiriam às vezes essa corrente de vento)! Ninguém deve

apanhar imediatamente as garrafas vazias do chão! Agora as mulheres adulam com suas armas, para receber algum presente, um novo vestido para sua desimportância. Elas agradam por sua capacidade de tolerar, mas não agradam a muitos. Um gulache sapecado logo se transforma então na coisa mais importante do mundo.

Vamos nos falando e nos vendo, então.

Quando a porta é batida e se fecha, também nossa Gerti começa a ficar mansa por trás de seu bem fechado (a cadeados) castelinho de cortinas. Mas isso é motivo para o diretor atacar? O filho corre de um para o outro, estufa-se. O pai quer dar esquecimento ao menino: ergue-o pela braguilha e deixa-o cair de volta ao chão. Finalmente deve ser expelida da garganta da mulher uma engasgadura social. Rápido, meter um dedo dentro! Somente o filho, encenado por um menino, ainda incomoda, servindo verdades de sua igualmente apertada goela: quer ganhar um presente. Segundo que critiquices esse menino foi afinal de contas escolhido? Os pais são chantageados e ficam acomodados mudos um sobre o outro em sua bela morada. As reservas da linguagem infantil parecem inesgotáveis, mas falta variedade, o assunto é sempre dinheiro e bens. Esse menino quer ter – e acha isso plausível – turbilhões inteiros de aparelhos tecnológicos… lógico!, lógico! Sua linguagem tropeça de todas as concavidades sobre as quais a mamãe pregou fotos de animais. Ama a mãe esse filho, pois eles dois obedecem à mesma lei comum, de que não foi a terra que os gerou, e sim o pai. Catálogos inteiros de produtos brotam do menino. Até mesmo um cavalo poderiam adquirir. Sim, o filho deseja estar absolutamente em consonância com uma coisa, e não é a voz do violino, é o esporte. Os produtos viram palavras – valeu?, valor. O pai precisa liberar mais uma vez o bolso, em que reserva sua coisa, por essa mulher não se pode passar assim simplesmente sem agir. Ele vai dar um jeito no filho, talvez fosse o caso de o arrastarmos pelos cabelos para a refeição? O televisor irradia imagens e sons em profusão, uma medusa que estende seus tentáculos na sala e faz a juventude reconhecer-se a si mesma pelo exemplo de diferentes celebridades. O volume está muito alto. O homem forte desse clube

grita enfurecido sua decisão: que eles, todos os três, até foram criados por um pai, mas ideados por mim!

A mãe sai cambaleante em seu corpo amolecido pelo álcool e esbarra em seus eletrodomésticos. Sem aflições, essa família compra para si suas cercanias. Vejam, que paz! As mesas se curvam sob o brilho da luminária que brilha sobre as coisas de comer, secretas, sacralizadas. Que lugar para chamar de terra natal. O pau semirrígido do pai fica deitado obediente como um cão de caça entre as coxas, sobre a borda da poltrona; nada falta, a glande meio que desponta, a balaustrada dobra-se sob ela. Transbordam-se os homens no ponto onde começam suas entranhas, e lá eles devagar vão ao longe, e seguem sempre em frente, em frente como num andar de raposa, numa linha através da submata. Não, esse sexo não se deita para dormir antes de mais uma vez ter se movido e agilmente chovido. Assim é que eles bem gostariam. O pai impacienta-se em sua cadeira: que repleto de variações, com que graça o vale está desenhado entre suas coxas! Tanto, tanto tempo faz, e ele é comprido um tanto assim ou algo mais. A mulher olha firme para a frente e de vez em quando golpeia firme a mesa. Se a deixassem como gostaria, logo ela voltaria a seguir suas mais recentes cobiças e atacaria essa coisa considerável que se chama Michael. Tal caminho agora lhe está vedado, temo eu. Ela murmura palavras escuras de sua boca mal aberta. A casa de férias do estudante, esse local de peregrinação para a carne de Gerti, podemos nos dirigir mais tarde até lá. Nas casas, as crianças não cantam, e elas não batem palmas com suas mãozinhas, nem o sol se arrisca mais. Faz-se o silêncio. Quando, eu me pergunto, quando a mulher vai compreender a urgência de seu órgão de segurança local?

O menino faz brincadeiras, agora atiçado e abrasado, totalmente transformado em besta. Sempre antes de ir dormir, quando pouca importância dão ao jantar, o menino começa a esparramar vitalidade dentro de si. Também a mãe deita a cabeça com força sobre a mesa. Sua ferida esga(ni)çada tem a ver com Michael. Ela dá sinais de que não comerá nada, mas beberá algo. O pai, para quem já está dado o tiro para a caça, libera a velocidade com sua vestimenta

de esquiador de descidas. O filho lhe é muito incômodo, lá está ele agora em sua própria casa, onde as pessoas morrem se não chegam a tempo ao hospital. Os últimos operários se safam do temporal e apressam-se para suas felizes salas de visitas. Breve tudo estará em absoluto silêncio. O caralho do pai, essa hercúlea musculatura, é atraído pela mãe. Esse vira-lata dominador, agora ele está dormindo mais um pouco, um faro chegará a seu nariz. Em cima, fala-se com a criança sobre a escola. Então a mulher caída de bruços é beliscada no entalhe de sua axila, é pega pelos ombros e novamente aprumada. O filho agora se faz cada vez mais de chefe do jantar. Incomodado por seu desejo, o pai mergulha fundo dentro de si, é fato, estamos vendo que também a mãe chegou ali apenas para partir e novamente voltar. Essas pessoas não sabem parar sentadas quietas, o que afinal de contas, de um modo bem geral, se aplica aos inquietantes e estranhos ricos estrangeiros. Em nenhum lugar se seguram, vagueiam com as nuvens e ribeirões, suas coroas estalam acima delas, e suas carteiras farfalham. Em outro lugar está melhor, e elas abrem seu peito para o sol. E sempre a mesma resposta à pergunta “Quem está no telefone?”. O filho vai se tornando mais incômodo, fica lustrando suas listas de presentes para o aniversário, mas de suas vontades não desbasta nada. O pai faz o mesmo, por princípio. Há de refrescar a mãe com sua fonte, gotejando contas brilhantes de seu líquido sobre ela. A vida marulha ao redor de seus tornozelos, verdadeiramente, no calor de seus sentidos, que nenhuma camisinha é capaz de segurar, ali descansa seu corpo, e formosamente flamejam os fogos provenientes de sua figura. O filho exige muitas coisas, para poder receber o máximo delas. Os pais, que, em meio a suas sensações, foram finalmente acomodados pelo cobrador do vagão-dormitório (do lado de fora, a paisagem passa voando, e seus impulsos crescem para além deles e afora, para o ar livre), querem por diferentes razões que o filho faça o favor de fechar de novo a boca aberta. Acordos são quebrados. Uma hora de estudo ao violino, afinal de contas, não é tanta coisa. A mulher agora come de fato uma ninharia de nacos mordidos. O filho ainda está longe de amadurecer. Melhor nós nos aprontarmos!

Eles não podem mesmo ficar sentados nus e abraçados; o filho os atrapalharia nisso. Esse menino está, afinal, no delírio dos elísios. Não tem segredos com seus pais, do modo como faz bochechos com o leite nos dentes de leite que lhe restam. Isso é um vínculo realmente forte, essa arquitetura com a qual ele está fixado aos pais, esse menino. Na verdade, o filho incomoda não só quando recebe sua infusão de violino. Ele sempre incomoda. Tal excedente (filhos) apenas relações impensadas produzem, que levam para casa seus próprios estraga-prazeres, para que esses comecem a brilhar, forte e estupidamente como lampadinhas, de sua fala desajeitada para fora. Em vez de poderem todos ter uns com os outros em todos os buracos possíveis de suas moradias. O pai quer finalmente tirar estofo de sua mulher e correr animadamente suas colinas abaixo, mas não, o filho atravessa o espaço como um dia de festa, sua corneta penetra a residência, onde tudo convida para o amor, sobretudo o tipo expresso de construção do pai, que, semelhante ao grande sofá no salão, é esplendidamente adequado para o amor. Com que beleza brotam nos caminhos esses viajantes de negócios do sexo, essas plantinhas protegidas!, por favor não arrancar, elas próprias já arrancam em viagem! Fique escondida no vale, mas não lhes pise os pés, elas podem em meio a todo o verde se tornar muito, insanamente, venenosas!

O pai na cozinha joga alguns comprimidos no suco de seu filho, para fazer calar-se esse indivíduo permanentemente em serviço. Muita coisa o filho não é mesmo capaz de fazer com sua carne ao molho, mas o pai – ei, ei! – quando então tudo estiver em paz, esse sairá do terno para se enfiar na mãe, atravessar pisoteando o caminho há muito aplainado. Deus envia longe e por toda parte seus aprendizes de ofícios, em anos de aprendizagem itinerante por vales e montanhas, até eles definitivamente se destruírem uns ao outros e então poderem seguir viagem com os filhos pagando preço especial para grupos. Ao surgir, eles cantam e se cobrem com coisas presumidas, ao sair do órgão deixam para trás seu monte de cocô. Assim é a prescrição sobre os lugares de descanso de nossa vida, e ao mesmo tempo a paisagem fica mantida independente no vale. As escadas, que chegam das montanhas em consideração a

nós, o pai as descerá e logo buscará o refrigério na leiteria da mãe, onde ele pode beber como artigo de fabricação em massa. Confecção especial sob medida também não existe para um diretor. Esses mamilos foram bem cobertos pelo tempo, mas fazem parte do cotidiano desse homem de um modo maravilhoso. Finalmente o filho há de afundar-se no sono sobre esta casa, depois de fingir ter tocado mais uma pequena peça no violino. Agora chega desse vulto! Vamos para a cama. Mais um sofrimento vestido de noite para a mãe, que já não percebe mais o filho diante de seu rosto. Quantas vezes tiraram uma foto disso! O menino ri e grita e se debate um pouco, até que a última pílula tenha corrido em seu sangue. Sim, esse filho tagarela como se quisesse rolar em si mesmo nos holofotes da noite, no caldo de sua riqueza. Nem mesmo maiores nem mais fortes se atrevem a teimosamente expor sua coisa diante dele. Naquelas suas casas há gaiolas, afinal, bem do lado, onde também há gente comendo. A mãe procura evitar a transação com o sexo do pai, essa desolação com a qual ele edificou nela sua obra com recursos da sagrada aliança. Sim, ela quer morar, mas não ser visitada.

O que não faríamos para escapar dos inumeráveis discursos vindos das ramificações do filho e desviar para uma conta alternativa, onde também nós pudéssemos finalmente nos deitar e, como o dinheiro, aumentar enquanto dormimos? É como se alguém tivesse definitivamente desarrolhado essa garrafa. Mais ágeis que os próprios viandantes são as lembranças destes, é com muita clareza que seus extratos bancários apontam a montanha de juros e o déficit de seus pés esfolados. O filho deve dormir e defumar; o banho, por mim, nós lhe poupamos hoje. Ora, finalmente – eu não disse que isso iria acontecer? – ele para com suas expressões e se recosta na cadeira. Há pouco ele afirmava com cada palavra de um modo insolente os seus conhecimentos, agora ar e tempo já o cobrem, como se ele nunca tivesse existido. Tudo (de graça nada é) deságua num fio de bebida nos lábios dele, em seu queixo infantil, onde seu sorriso desabrochava. O menino é, agora que finalmente há paz, abraçado e beijado pela mãe de um modo inarticulado. Até amanhã haverá paz. O principal é que o filho foi tirado do caminho.

Ele literalmente nos cercava, esse filho. No lugar onde estamos ocupadíssimos, para preencher orifícios nos colando juntos em nossa atual posição, a do amor. É feito de paredes rústicas e carregadas com muito peso, o quarto do menino. O pai o carrega para cima e solta-o da vestimenta e o faz despencar sobre o catre como um estofamento macio. Jogou, tá jogado. O menino já dorme, cansado demais para ainda hoje fazer espirrarem fagulhas de sua pequena carapuça. Os grandes aproveitam o seu parentesco entre si e se agarram nas guelras, para mostrar que a idade não pode prejudicá-los. Não se sentem tolhidos e gostam de colher, eles não têm mais nada a perder. Como os insetos no céu, o pai logo descerá em disparada e se lançará na grama recém-cortada. Em menos de cinco minutos, espetou sua mulher no colo – levando-se em consideração sua desajeitada figura, um prodígio. Meus cavalheiros, os senhores já espirraram por todo lado com suas mangueiras! Agora vão buscar o Gigante Branco e apliquem-no sobre os joelhos, no começo da noite, no porto da casa! Os homens: perfuraram-lhes os olhos e agora eles querem também permanentemente furar alguém.

Tão novo é esse menino e já fulgura (se satura). Carinhosamente a mãe se deita na cama do filho, como se desse um bis no espetáculo, protege-a uma noite amorosa? Não, em breve estará sob os músculos retesados de seu marido, que quer levar a melhor e ser extinto. O filho já dorme profundamente. A mulher se esgota em beijos sem sentido, que espalha sobre o cobertor. Amassa o sebo flácido do filho. Como assim ele parou de crescer por hoje? Que seu espírito se esvaia tão depressa é algo fora do natural. Afinal, ela conhece o filho com exatidão. Que torneira o pai terá fechado? Esse, porém, já faz tempo que está no cômodo onde pratica seu *hobby* e bombeia suco em êmbolo, até que seja capaz de se sentir totalmente nas alturas. O suco do filho ele envenenou com sono, para que o menino possa habitar na noite apaziguadora, protegido pelos heróis do seu esporte e pela química. Ele outra vez vai despertar, outra vez, para deslizar longe sobre as colinas, mas agora arrancado do lado da mãe. E a mãe tem que permanecer junto a esse menino, pois o que virá depois não se sabe.

Gerti se espreme para baixo do cobertor, pousa seus beijos ao lado do filho, no travesseiro. Revolve as tripas da coberta – estava tomando aos poucos consciência de que acabou irremediavelmente presa pelo calcanhar ao marido? E agora entra calada na pista e desce! Somente esse ponto de fixação a segura nas montanhas, até ela afundar triste. Agora o pai já está em sua oficina, para se pendurar ao aparelho carregador, uma boa garrafa nunca é desprezada. É esse um direito da natureza – depois de nos dar, tomar de nós de novo? Um pouco mais tarde ele vai estar em pé no vaso sanitário e mijar tudo de novo para fora. Enquanto isso, a mulher já corre, encolhida sob seu casaco, para fora de casa. Apressa-se como o camponês à caça de roedores nefastos, através do jardim da frente de casa e, sem se dar conta, faz como a lebre perseguida, quebra o percurso, toma atalhos. Ela arrancou a chave do carro da bolsa enquanto corria. Quando começará finalmente o tempo que está por vir? Ela já está sentada no carro, seu pesado traseiro logo escorregará se continuar dirigindo assim, a fim de, hesitante, arrancar para a rodovia federal. O veículo no escuro amedronta as últimas almas perdidas, que cambaleiam a caminho de casa, com a intenção de responder ao carinho com brutalidade. Os faróis não são acesos, nossa Gerti dirige como num sonho, já que os lugares ensolarados ainda estão longe e as colinas são todas conhecidas e bem distantes. Seria melhor ficar de bem com essa figura. O filho, nesse ínterim, desabrocha em sua cama e se deixa levar por seus sonhos. O diretor se expressa sobre seu vaso sanitário. Ouve o ruído do carro e corre para o terraço, o pau na mão, manuseado com três dedos conforme se recomenda. Para onde pretende ir essa mulher, pretende ela na vida passar por cima de seus próprios pensamentos? E os senhores, meus cavalheiros, que se agarram a suas cabeças de perfuração, como podem emprestar palavras a seus anseios? O diretor senta-se em seu Mercedes. Os dois veículos pesados se lançam paisagem afora, vão cobrindo suas brechas. Apaixonados, nesse meio-tempo os investidores mais modestos desse descaminho com cerca de três quilômetros de comprimento se atiram uns sobre os outros, há um pouco de estrondo nos maquinários dos empregados, e lá estão

eles mais uma vez fartos com seus gestos de amor. Sim, essa gente do amor! Quando estão com estranhos, não se sentem em casa. Voam um atrás do outro os dois carros. Eles escalam pequenos barrancos e tornam a deslizar abaixo. Estejamos contentes de os motores sob os gorros serem tão potentes e do fato de os jovens que retornam das danceterias com seus perigosos cavalos-força conseguirem vir avançando como se dirigissem trenós. O homem, antes, não pôde nem sequer apalpar as tetas da mulher. Eles prosseguem. Hoje não há na natureza mais nenhum crescimento, mas amanhã talvez chegue uma nova entrega de suco. Há neve no chão, sobre essa árvore penderá, porém, em algum momento de novo uma fruta, desconheço-lhe o estimado nome.

O diretor tem para vocês todos os produtos naturais dele reunidos e vem correndo atrás do equipamento de contato social da mulher. PRECISA alcançá-la. Movidos pela mais alta velocidade, os dois se lançam através das estradas. Em breve surgirá a casa de férias de Michael na beira do caminho; oh, queridos, vocês que não nos encontraram hoje, que sorte tiveram! Nas janelas claras um funcionário da elegância, grandiosamente anunciado escuridão afora. Os muitos pontos carcomidos no corpo humano – por favor, vejam vocês mesmos – podem com a ajuda da indústria e de empresas estrangeiras ser transformados numa bem atraente colônia de férias, na qual podemos levar para passear na coleira nossos variados interesses. E, na frente, espiam nossas pesadas focinheiras de aço. Sim, onde a torrente do desejo cai sobre a pradaria, ali os patrões crescem quase vinte centímetros para fora de si mesmos. Então eles nos conduzem para seu caminhozinho estreito, e dizem que não vão parar antes que acabem neles eletricidade e gás e tempo. Pra dentro, pra fora, e eles podem descansar agora.

XV

Sorridente, Michael vem ameaçando de seu campo iluminado, onde ele se espalha para além do para-brisa panorâmico. Seu mundo tem bom rejunte, o talento que ele reúne em si cobre suficientemente a destreza para dirigir um veículo, e ele se ladrilha, jovem e salvo por no mínimo três anos, com suas reluzentes inclinações sanitárias na vida. Sua porta ele agora não abrirá sob nenhuma hipótese. Ruidosas, duas pessoas desabam na soleira do jovem, onde em outras oportunidades os sóis detêm comboios de amigos. Michael não está. A mulher dá chutes na porta, esmurra-a. O que foi parece não ter sido nada. As muitas coisas que ele disse, fez com ela, e tudo em vão! Mas, claro, a fala nunca fica indisponível para as pessoas, e mais que isso também não se esconde dentro delas. Na paisagem, começa a nevar mansinho. Mais essa. Por trás de seu belo reboco de fibra de roupa, o estudante está em pé diante da janela e observa. A madrugada já foi parcialmente desencantada por ele. A esse jovem pertencem muitos e muitos elevadores de esqui, e ele ademais também se sente atraído pela ideia de subir ou ir para longe. Com leve tilintar e revestido de marcas nas quais ele até mesmo se senta, ele cruza os cumes do país. Nunca só e nunca silencioso, e logo também o sol de novo vai brilhar sobre ele. Na paisagem, começa um berrar baixinho. Nuvens de feras saem das florestas em direção à clareira, e esse membro médio do jovem rebanho está em pé aí calado, sem compreensão em sua luminosidade, que também parece atrair outros tipos de insetos. Michael está lá, gentilmente convidado, carregado de forte tensão. Encontra-se em casa e se guarda. A mulher chora diante de sua porta, o coração trabalhando feito louco. Ela está com os sentidos contrariados e desafinados, porque mais uma vez terão de fazer hora extra e ainda por cima ao ar livre não soarão tão bem, não com essas temperaturas. Quase ao mesmo tempo se interrompe a

circulação sobrecarregada de álcool da mulher, e ela desaba junto à porta formando um monte. Esterco sobre um canteiro congelado. Em cordas, os *lifts* circulam de dia, para garantir o ingresso na paisagem; sem amor, topa-se com e cai-se sobre outras pessoas. Essa mulher nunca pode se sentir em casa sobre a terra. Um pouco de trânsito e ânimo humano também ainda chegam aos arbustos. Um escândalo.

Eles passaram o dia vadeando através do terreno acidentado, esportistas de ambos os sexos; mas agora, que eventualmente alguém poderia precisar deles, não se vê nenhum para arrancar a mulher de seu assalto contra si mesma, tocá-la no coração e deter os raios de sua roda. Geralmente o diretor cuida em sua empresa da regulação do fluxo de negócios, em cujo leito retificado ele se canaliza unido com seu membro, e produz ele mesmo um ribeirão bem ordenado. Cuida para que a água também volte a correr no sentido de satisfazer seus interesses e através de seus sentidos. O casal neste momento é envolvido pela sombra de casas, árvores, noite. Gerti esmurra a impassível porta e já escorregou abaixo rente a ela. Chuta-a. O estudante, antes que sequer possa fazer mais algo, já vale qualquer esforço. Ele sorri e fica parado em seu lugar, afinal ali está o marido dela, Hermann, à mão, Michael nunca pretende se igualar a ele. E esse homem volta o olhar para cima, onde não está acostumado a ver ninguém. Os olhares dos homens se encontram no meio do caminho, ambos estão motorizados. Quase simultaneamente, por todo um momento, eles sentem como seus corpos se insurgem contra a morte. Michael se verga preventivamente alguns minúsculos graus. Ambos já ouviram marulhar em seus ouvidos a xana de nossa Gerti – enfim, obrigado! Não é o caso de mais uma vez remar com os braços apenas para se deixar sair uns ridículos centímetros do equilíbrio pela hélice dos desejos que, gemendo e cristalinos, fazem um estardalhaço à altura da cabeça. Pelo menos para um dos dois não vale a pena tirar do lugar a roupa cara por vontade das vontades da mulher. O jovem homem acende um cigarro para si, agora que a chama já está mesmo posta em sua mão, atado à sua ladeira de esqui, do modo como ele ali se encontra e se ouve o farfalhar das aves de rapina

das montanhas ao redor de si. Estas ainda querem lhe arrancar do isqueiro a gás a última e menor chama, para levá-la aos homens abaixo dele, que afinal se sentem mais ligados a Deus do que ele. O fogo no povoado lhe é indiferente, pois ele não precisa levá-lo para lá. Gerti fugiu do remoinho de seu fogão, onde também se ouve um crepitar agradável. Mas agora chega, ela deve se deixar pegar, a pedra preciosa no lar do diretor! Examinando-a minuciosamente, o diretor pega-a pela cintura e começa a lapidá-la para além do chão da noite, tocado pela geada. Ela pisoteia e esperneia com os cascos, aí a pessoa pode perder as estribeiras! Continua usando o vestido de seda de hoje de manhã, no qual germinavam esperanças, e também na frente e atrás a aparência é boa, condizente com a figura de Gerti, embora o dia coberto de neve pareça já ter se inclinado um pouco. O estudante agora não é mais alguém que disposto a se doar, e também não virá a sê-lo. Ele olha para fora, faz sombra sobre seus olhos, mas a luz é suficiente para envolver o casal em esplendor. Ele nem sempre recusa o que conhece. Afinal, experimentou insolentemente atravessar o campo, irritar a fera, respirar o ar e devolvê-lo, usado, à pista. Com um porém: muito além da paisagem ele não chega, o seu brilho, mas uma moldura ainda bem que pode confeccionar para essa sagrada família, além da vista para ela, emoldurada em cartões-postais. Michael protege os olhos, para acostumar sua vista à escuridão. A natureza não é branda, a natureza é bravia, e as pessoas fogem de seu vazio justamente umas para dentro das outras, onde sempre já há alguém. Talvez Michael saia para tomar um trago com o diretor, que, como um duende ajudante, gostaria de completar com seu próprio pincel estúpido o quadro que Michael começou. Em meio aos pinheiros, a fala não é mais necessária. Então tratemos de jogá-la fora.

O silêncio varre as ruas, e Deus ilumina os internos desta região, sim, dos quais ainda há uns e outros trabalhando, alguns em seus móveis e residências, que eles incrementam, o resto satisfazendo seus atuais parceiros, de permanência incerta. É preciso sempre tornar a batalhar muito para arranjar alguns (e também vão sumir imediatamente ribeirão abaixo), para usufruir da eterna promessa –

palavra da natureza! – de trabalho e moradia. Finalmente eles se tornam sedentários! Assim as palavras erradas os seguram, aquilo que a natureza prometeu: seus suaves passos em falso, dos quais surgiram pessoas; e erros humanos também destruíram a floresta da qual eles dependem para viver. E mais uma coisa que a natureza prometeu: o direito ao trabalho, segundo o qual qualquer morador que tenha fechado uma aliança com seu empresário também pode ser salvo por Deus pela morte (a fedorenta senha de Deus). Agora eu confundi as palavras. E nem mesmo os príncipes territoriais conhecem uma senda para sair do dilema. Emprego há cada vez menos, pessoas cada vez mais e que fazem tudo para que as coisas permaneçam assim e elas mesmas também possam permanecer. Como agora, em que pregam seus sinais de vida na parede, cansadas, mas orgulhosas, e então entregam as ferramentas. Ao redor, corpos começam a se exibir, surgem formas de um tipo construtivo dos mais estranhos. Pudesse o Construtor desses usuários de rodovias ver ressurgirem de suas revolvidas camas de casal tais criaturas disformes enrubescidas de esperanças (e tudo o mais que elas ainda tenham adquirido!), ele mais do que depressa as reconstruiria, uma vez que ele mesmo ressurgiu muito mais excitante de seu estreito gabinete, servindo de modelo para todos nós, podendo ser estudado em museus e igrejas. Esses boletins de notas ruins que todos nós apresentamos ao Criador, na medida em que simplesmente existimos e não podemos fazer nada: agora eles todos se movem, zumbem, movimentam-se para o trabalho de seus corpos ao compasso da música *pop* que toca na rádio Ö3 ou de um disco ainda mais modesto. Com que serenidade Marx reagiu a nós! Todas as dívidas desperdiçadas, que eles agora, bem aninhados uns aos outros, vão resgatar, quem lhes daria algo nesta hora! Nem mesmo o dono de restaurante junto à ponte, em seu escuso impulso de embolsar mais do que gastou em bebidas, esse que come, ele próprio, do banquete que preparou e onde a ajudante de cozinha Josefa, de oitenta e seis anos de idade, lambe os pratos, engole os restos. Sempre sobra algo do trabalho no qual eles se penduram como não fariam nem com os entes mais queridos. As mulheres acabaram de ser preparadas e envasadas

em conserva. Sim, também elas cobiçam algo, mas não mais por muito tempo, do modo como ali retumbam sob o açoite da meteorologia que lhes dita ainda até mesmo sua vestimenta. Assim saem rosnando a esmo seus corpos gordos em forma de pião, a vida persiste, o homem desaparece de modo permanente na morte, as horas caem ao chão, mas as mulheres se movem ágeis pela casa, nunca protegidas diante de tantos golpes do destino. Como se igualam seus costumes! É todo dia a mesma coisa. Isso fica para amanhã. Adiar! Adiar! Mas o dia seguinte ainda não chegou, a dona de casa ainda não pode pôr os pés nele, para ser liquidada por ainda mais trabalho. Eles descansam agora insensíveis uns nos outros, os pistões despencam, as costas mal transitáveis dos corpos ficam controladas e equivocadas, sim, nós até caímos, mas não caímos tão fundo, estamos tão rasos como o raso que nos cerca. Corressem as coisas segundo aquilo que merecemos e ganhamos, poderíamos ainda comprar sapatos, para fantasiar de viandantes nossos pés cansados, mais do que isso porém não, e nossos calcanhares já estão envolvidos por nossos parceiros, que querem eles mesmos jogar e se considerar trunfos – que pavor, já estão realmente desbancando nosso naipe! E a distância até o céu continua sendo sempre igualmente grande. Rapidamente colocado o pé sobre o estribo do carro, extorquido de nossos corpos em forma de trabalho, em muitas horas de atividade para a fábrica. Entramos com a imagem do filho de Deus e após muitos anos não nos resta nada a não ser esse passo para o mais inferior modelo de carro mediano, e a entrada na fábrica nos é impedida, a nós cujo caminhar nesse ínterim se alterou levemente, por um artista dos comandos de mudança recém-chegado à alavanca. Sim, eles cortaram nossa vaguinha sem direito a reposição, a fábrica nos últimos tempos já trabalha praticamente sozinha, isso ela aprendeu conosco! Mas, antes que a pobreza se instale e o carro seja vendido, queremos nós mesmos voltar mais algumas vezes do estrangeiro. Queremos nós mesmos nos esbanjar mais algumas vezes dentro dos outros, desta mesa aqui nenhum pensamento escapado de nosso dono vai nos expulsar, nenhum traje de anúncio do jornal, nenhuma travessura com a qual possamos rapidamente

encurtar nossa vida, por nós, pobres cavalos trabalhadores, termos precisado irremediavelmente arranjar mais alguns cavalos-força para nossa pastagem. E, afinal de contas, o diretor: jamais reinará sozinho! O conglomerado, esse gavião preso, nem mesmo ele é capaz de disparar para o alto como quer – quem sabe que outra besta ele acertaria então!

Assim nós todos temos nossas preocupações, de saber quem poderíamos amar e o que poderíamos comer.

Eles não seriam, de modo algum, considerados falsos em seus sentimentos, e sim joias verdadeiras: os rebanhos de corpos lanhados, do modo como ali, transformados no melhor possível (sapatos novos!), vagueiam nas trilhas de suas pequenas paixões e impacientemente vagam baratinados de um lado para o outro em seus quartos. Um coro humano que envia seu eco polifônico na cadeirinha do *ski-lift* para o pai nas alturas. Este criou as zonas erógenas com as quais a mulher se enfeita à noite, e o trabalho dela a faz descer depressa, antes que alguém possa pagá-la ainda condignamente, sumir de novo. Aturdidos, os homens olham nos buracos de suas mulheres, que a vida rasgou, sim, estremecem, como se já soubessem: faz muito tempo que está vazio o estojo que há anos lhes vem despejar os grãos. Em um, entretanto, aferra-se o amor. E amanhã cedo é preciso alcançar o primeiro ônibus e, se ainda tão desamparados tiverem que avançar contra sua mulher, que se prende a eles e seu cano curto… Saiam em disparada! Trabalho não se encontra em qualquer esquina.

Esses caminhos também são percorridos pelos outros em direção à morte. Eles se fazem companhia por um tempo, respiram alto diante do portão para que lhes abram. E ali chegam ainda mais pessoas, que caíram entrelaçando seu ramos fracos, para cruzar seus membros uns nos outros. Para estarem juntos quando precisam ficar cara a cara com o encarregado. Pois é preciso ser capaz de fazer algo! Crescer ou estar com muitos já seria um bom começo, se a pessoa ali desaba sob o corte que a fábrica todo dia faz. E do butim os proprietários escolhem o melhor que você presenciou este ano nas praias de Rímini e Carola, onde você,

desabrochando em opulência, afundou sob os escombros de suas alegrias efêmeras.

O diretor dessa fábrica carrega sua mulher de volta para o carro, a fim de abreviar, com ainda mais atividade, sua breve interrupção de atividades. De sua estação emissora soam palavras de amor no ouvido dela, e ela as recebe esperneando e gaguejando como fazem casais de amantes sem aparelhos de som com sua música dançante após a meia-noite. A janela em cujo vão vemos um dos coloridos agasalhos de corrida – de um modo como eles ademais, apenas menores e mais miseráveis, chegam aos locais de excursão para serem enchidos – permanece obstinadamente clara. O jovem estica suas mangas, que são fechadas por um punho firme bem alinhavado, e dá partida saindo rumo àquelas pessoas sem atrativos que, porém, são perfeitas em seu tipo, observadas suas importâncias recebidas da obra humana e suas influências exercidas sobre a política do parlamento estadual. Que maravilha cantar junto com os ricos e não ter que fazer parte de seu coro de fábrica! Aprender seus hábitos, mas sem ao mesmo tempo ter que estar nos campos e ir cortar os cabelos quando é tempo de colheita! Como os touros pesados, os dois carros pastam lado a lado diante da casa, um dos animais agora é parcialmente destripado. A porta se abre, a lampadinha se acende. São enviadas palavras de carinho à terra de origem de Gerti. Não foi para punir que esse pai de família chegou, e sim para consolar e novamente tomar posse, já há um brilho como uma cidade por trás das portas dele. Ele não tem desejos senão aqueles por sua mulher, que lhe basta, diferentemente de outros, que não conseguem deixar de ser tão modestos, de cantar e de apontar que foto preferem nos respectivos cadernos de revista, cadeias para a vista. Como eles ainda se lançam atabalhoados na atividade de seus impulsos sexuais após o final do expediente! E observem o que eles, esses tubarões em lagos de carpas, apanharam: às vezes me parece que a natureza não mostra clemência. O diretor se prende à sua mulher, está habituado às vias largas daquela. E enquanto o silencioso morador do lar ainda folheia indeciso seu adorado catálogo de motocicletas, o diretor vira nossa Gerti sobre o banco da frente (antes, ainda

precisou apertar mais um botão, não vou dizer qual), puxa-lhe o vestido por cima da cabeça e subjuga-lhe as nádegas, de modo a poder logo atravessar a grosseiramente desautorizada barragem até o interior da mulher. Com carinho, as mãos amassam os úberes; gentilmente, a língua vibra dentro da orelha. Isso já foi feito com muita frequência, pois uma casa se constrói prazerosamente ao lado de outra não para apoiar o vizinho, e sim para o torturar. É até um pouco desconfortável, o verão está distante, a estrada é afastada, os animais têm bom sabor, e tudo vai para os espaços destinados, ou pelo menos não distante do tiro que acerta a latinha. Como no sono, essa rebentação pode correr para cá e acomodar-se sobre o posto de sentinela em meio à natureza. Embaixo, no brilho da lente do binóculo, os membros associados, esses que em meio a trabalho, dinheiro e os poderosos, que simplesmente não gostam de estar sós, se lançam numa corrida alucinada por todo lado. Precisam permanentemente deitar-se uns sobre os outros e ajeitar a mira uns contra os outros. Dos homens o eito com nova meta principia, o tempo está frio e toda vez que o diretor recolhe um pouco seu robusto pau, lança um olhar vigoroso a seu admirador calado à janela. Para isso, é pouco que ele precisa se contorcer. Talvez o jovem também esteja agora pegando em cheio! A mim me parece que realmente está fazendo isso. É que, da cintura para baixo, nós homens somos uma mesma coisa. Isto é, somos de nossas mulheres; e na rua, sem nos defendermos, sem destino deixamos que nos enfiem na mão. Acomodemo-nos uns nos outros! Michael está com a mão à frente de sua calça de corrida, creio eu, e enche sua roupa toda consigo mesmo. O vestido de Gerti também já está totalmente desabotoado e as sacolinhas saltam para fora dela, perdão! É indiferente; ainda que os ares escapem do diretor, no seu mais íntimo ele preza solenidade e qualidade, nós o desculpamos. Com o rosto querendo tomar a dianteira, a mulher é apertada contra o estofamento do carro, como se nessas sombras de couro se escondesse sonolência. As pernas da mulher estão penduradas à sua esquerda e direita para fora da porta aberta. E seu marido, esse nativo esbravejante a quem confiamos nossa terra natal, para que ele faça papel com ela (as árvores de qualquer maneira estariam

condenadas a um barbear afiado), ele aqui ainda está muito mais em casa do que nós jamais poderíamos estar! Eu ouço como esse pássaro grita ao cantar. Passa ao lado de nossa Gerti e força alguns de seus dedos amorosos dentro dela. Fala amigavelmente com ela, descreve-lhe as próximas loterias que ela pode ganhar. Então ele afunda mais uma vez com estrépito para dentro do buraco da mulher. Aí recua brevemente e apalpa seu cetro: estamos vendo, desmedidos e descomedidos são seus passos. A mulher agora é examinada pelo especialista, que emprega todas as suas forças sob o capô do motor e despacha mais uma vez seu pequeno vendedor, sim – mais ainda: acompanha-o pessoalmente, tudo vai dar certo, é mel na chupeta, e depois fechamos bem firme.

Há muito tempo os segredos de Gerti estão ventilados, suas mais trancadas portas encontram-se abertas, ainda estão lhe dando agora golpes no assento e na espinha, é assim que amigos se cumprimentam, e assim não falhamos. Também com o veículo língua o diretor dirige para dentro, quem vai interpretar isto para nós? Alguns homens jovens do povoado assumiram suas posições diante dos pôsteres de mulheres nuas e esperam ser levados em consideração quando chegar o momento da distribuição dos postos. Eles querem receber, mas não pagar. Suas mulheres os ajudam com sua imortalidade e a alta taxa de mortalidade de seu trabalho. O diretor, contudo, segue seu caminho escaldante sozinho. Qualquer um conhece seu jorro juvenil. A mulher deve, misturada a ele em desordem, tolerá-lo agora em seu cu, aí deve haver ainda tantos atalhos, e mais bem alargados ainda por cima. Enquanto os outros seres humanos estão entregues à doença, este homem se serve com serenidade no balcão a que tradicionalmente vem, de onde igualmente, logo ali da vizinhança, seu filho provém. Não há do que ter medo, aqui seu membro repousa seguro. Agora o animal excitado trota ainda por todos os lados dentro da mulher, nesse lugar em que foi trazido para crescer. É fácil pegá-lo na correia que ele rompeu, o bezerrinho. E assim ele fica, pois é, até ser abatido por completo. A mulher já está duramente marcada pela permanência desses passos bem conhecidos. Não importa, para tudo há um bom creme e um bom presente em dinheiro. É só

escorregar um, e tudo corre bem melhor. E logo voltam a se exibir folhas frescas, para que o homem possa arrancá-las.

Que grupo divino!, que no entanto em breve precisará descansar. Corpo a corpo, ambos se ameaçam. Suplicando por alguns deslizes a mais, o diretor cai flácido sobre sua mulher, que estava tão bem equipada. A recomendável e abundante região desta ele já ceifou minuciosamente; ali tão rápido não crescerá mais ração. Furioso, sua torrente lhe sai em disparada, e dos lacaios que lhes são servidos em travessas de ouro, neste momento seus deuses e chefes de departamento pessoal tomam com violência o que lhes pertence. Escolha, do muito que há, o melhor e verá: você já a tem em casa, chame-a de sua cara-metade e deixe-a postada diante da louça para lavar e faxinar e suar!

Neste trecho, o diretor é válido e fez sua mulher feliz. Mas amanhã ele mais uma vez poderá passar dos limites, disparar a partir do quadril e comprar para si qualquer passagem, sabe-se lá para onde. De todo modo, a mulher continua protegida e desejada, as veredas ao redor podem se dividir, afinal existem tantos caminhos para se seguir, ao teatro, ao concerto, à ópera como assinante, então já se pode lamber bem e embalar como nova a coisa que o diretor entrega choramingando para alguém. Ele agora a girou de costas e fica balançando diante do rosto da mulher. Um fio tênue de baba escorre abaixo, e em troca a mulher recebe aplicada logo nos lábios a peça de carne com molho, um lactente mole e cansado. Hummm, assim é que tem que ser. Deseja-se que ela novamente limpe o que trouxe da cozinha para despontar e descongelar. Primeiro a margem, então o cabo, assim se instala a ordem, mesmo nas menores dobras, afinal de contas existe a vontade de ainda dirigir o carro hoje e tratar os estofados com sua espuma ativa. E aí nossa Gerti ainda deve encher de beijos fortes o saco peludo, desde que isso não termine mal. Como se tirasse a pele de uma serpente, o diretor rasga o vestido da mulher com um único puxão, ao mesmo tempo é sussurrado no ouvido da mulher que ela amanhã, para compensar, vai ganhar dois novos. O vestido é partido por inteiro na frente, com força. O corpo de Gerti é todo beijado vigorosamente e mais uma vez afivelado no banco dele, onde fica imóvel e não

retribui nenhum olhar que recebe. O diretor ainda rasga a anágua de Gerti e põe a nu toda a sua fachada frontal, que ameaça ruir; breve voltará a surgir, ainda que externamente, fora das pastas de documentos puídas, um verde agradável, só mais um, dois meses de jugo ainda! O vento sobre o veículo em movimento e uma ou outra pessoa voltando para casa devem apenas observar a edificação tranquilamente, em cujas sombras mornas o diretor se revirou. A mulher não parece nenhuma atriz de cinema, pelo menos nenhuma que eu conheça. Faz silêncio no lugar, Michael espia pela janela e se esforça para crescer novamente, para produzir o melhor, o máximo de si. Nem todas as pessoas têm um belo sexo a oferecer, para se entreter com ele. No diretor, a fidelidade é inata, são as regras da decência. Somos os fornos da casa e aquecemos os senhores quando necessário.

O jovem, relembrando os inúmeros amigos dentro dos quais guardará sua aventura, vai para baixo do jato demasiadamente cortante da ducha. Seus sentidos estão todos ali com ele e se deitam sobre o piso, como cães para dormir sobre os cobertores a eles destinados. Talvez a namorada ainda passe mais tarde, enquanto lá fora os servos tomam com violência o que lhes cabe. Tanto tempo ele condescendeu em olhar para uma mulher que envelhece, e tanto tempo ainda descansará, um filho do mundo. Acredito que estará até mesmo dormindo ainda, quando amanhã cedo os moradores das taperas estiverem se pisoteando mortalmente no ônibus e, com suas posses, avançarem sobre as cabeças e seus limites.

Como se tivessem trocado a vida por seus carros, o diretor e sua mulher seguem um com o outro para casa, sendo um o protegido do outro, se virando de uma condição de vida para a outra posição. Essas pessoas são capazes de sair fodendo sem medo por toda parte, seus atos são a todo momento rearranjados pelo amor e por suas amadas faxineiras. Descansam os empregados, serão alçados dentro de poucos instantes pelo som de seus despertadores. Em silêncio, o automóvel varre a planície, limpando-a. As montanhas estão caladas, até que o sol amanhã volte a ser distribuído pelo secretário do turismo, para a alegria dos esportistas. Assim se

recolhe para casa o casal diretor, sobre sua grande jangada, conforme manda a ordem e moderados na velocidade, pela rodovia federal. Por pouco tempo, ambos tomaram seus corpos, para bombear combustível, as fontes esguicharam pelos lados atrás deles, sim, os ricos se refrescam quantas vezes quiserem. Nas casas pequenas faz silêncio, pois ali é preciso primeiro contar o dinheiro da gasolina. O que predomina é no máximo o domínio da violência, até que eles amanhã de novo sejam administrados, esses filhos das taperas, e suas mulheres passem o dia atravessando a vau as poças do sexo forte. É fresco como a fruta o amor no copinho, mas no que é que ele se transformará dentro de nós?

O trabalho dos sexos, realizado hoje pelo diretor e pela diretora – obrigada pelo Axel Duplo e pelo *loop jump* … upa, Rittberger! – sob o qual eles em frêmito desabrocharam, para depois lavarem a boca como após uma comida ingerida com avidez, esse trabalho está talvez, não é certeza, encerrado por hoje. Até nos encontrarmos amanhã, alegres à luz que irradia dos faróis do carro do correio, tão cedo ainda no escuro – e pelos anos que virão, então! Nada além dessas luzes toca os pobres corpos que se mostram para nós despudorados em seu fedor matinal, em seus gases de escapamento, somente os bilhetes da loteria de números nos quais eles sempre têm de pensar! É preciso também saber embolsar, não só distribuir.

O diretor balbucia palavras de comando, de amante, anuncia a si mesmo e seu programa, esse homem privado. E já está de novo em seu elemento, o dinheiro. O que seria dele sem sua mulher, como ele teimosamente a chama? Contente, aferra-se com a mão livre, com a qual não dirige, ao corpo de Gerti e pelo menos ali comanda. Como um animal morno e manso, a serra inclina-se sobre ele, que já o tosquiou até deixá-lo careca. O carro excedente eles entorpeceram e deixaram trancado, de modo semelhante ao que fizeram com o filho. Só estavam mesmo preocupados com seu sexo estimulante. A mulher pode sair para comprar produtos, do modo como eles combinam mesmo com uma mulher. Só que especularão sobre o dia seguinte e as oportunidades de desenvolvimento. O diretor menciona como vai variar na transa com sua mulher mais

tarde e nos dias seguintes. Ele precisa lá em cima, no escritório, da agitação, para que embaixo seu pau possa se satisfazer e se deixar prender pela mulher. Talvez alguma coisa especial agrade à mulher – algo que ela amanhã perseguirá cegamente durante o passeio de compras? Esse homem: a estrela segura de sua mulher vai brilhar sobre ele até amanhã cedo, ele se deleita suave junto ao pescoço dela, mas olhem bem para o caminho, não deixem se desencaminhar o olhar! As gotas ainda caem do homem, suor e esperma, isso não o deixa mais parco, desimportante ou menor. Sorrindo, ele lança súplicas contra a mulher que segurou sob seu jato. Seus testículos carnudos assentam-se calados sob seu cabo inervado. Que alívio entregar-se ao encantamento da noite, quando o sujeito não precisa – um entre muitos – sair em disparada pela manhã, ofuscado pela luminária da cozinha, escuro afora. Quando o fogo arde num indivíduo e mais uma vez um outro, maior, dentro de nosso motor. Limpo, novo, o diretor logo irá de novo para a cama com sua Gerti e se perpetuará naquele arbusto; tão rápido quanto ele ninguém levanta a perna e se deixa conduzir numa enxurrada ardente. Talvez esses sejam hoje mais uma vez inundados na suave gritaria de seus corpos, que querem comer algo – quem sabe? A mulher quer puxar o vestido diante do peito, o frio lhe cobra resistência. No entanto, o homem exige que ela ofereça mais um pouco de diversão para ele e os moradores da comarca, em suas pequenas antessalas do inferno: ora, faça o favor, *bitte!* , Brigitte… não… Gerti, aliás. Ele torna a abrir à frente dela o vestido que se fechou, afinal ela ainda não se foi por completo, nossa Gerti; quero dizer, ali nas cinzas ainda há certamente alguma brasa. A calefação ainda não aqueceu de verdade, o homem porém já. A coisa é realmente rápida com ele, em seu queixo já tem um machucado provocado por uma unha de Gerti. Nenhum caminhante isolado depara com eles, alguém que queira se abrir mais um pouquinho com um conhecido diante de casa. Ninguém mais que tenha a oportunidade de ver o carimbo do poder sobre a testa do diretor de fábrica. E, por isso, ele tem que aplicar pelo menos em sua mulher o carimbo, para sinalizar que pagou a entrada e também fez a saída

corajosa do calor do sexo daquela para o ar livre. Na cozinha dos pobres, só resta o fogão mantido e entretido.

O homem chama a mulher de sua coisa mais amada, sim, também o filho está incluído. É no meio-termo, lugar que vale ouro, na nesga do povoado que eles moram. E, inteligentemente, o governo distribui com a concha da sopa as ofertas especiais de pessoas. Para que os donos de empresas possam tomar suas decisões e inventar desculpas quanto ao modo como têm dissipado subvenções e corpos humanos. Sempre felizes, eles podem estar em meio a seus bens, e os demais relatam sobre preocupações em sua terra pouca, na qual eles logo vão plantar cercas, assim que sua semente num dado momento for suficiente para mais que dois. E já têm eles que pensar em mais uma pessoa!

Chegamos, o filho dorme em seu colhão.

Pacientemente, o menino dormita na coleira da indústria química Chemie Linz AG. Agora vamos nós também dormir, para ter um gosto antecipado do que vem antes da morte. Para isso, é preciso primeiro se deitar, os pobres já o sabem há muito tempo, afinal morrem mais cedo mesmo, e o tempo até lá lhes parece sempre longo demais ainda. O homem mais uma vez se deleita nos pontos da pele de sua mulher sobrecarregados de cosméticos, logo a seguirá até a cama num estrépito de tiro de espingarda. No banheiro, já há um ruído ativo de água e abalos. Impiedosamente, lança-se um corpo na água quente, para torná-lo digerível. No peito deste, descansam os sabões e as escovas. Os espelhos vão ficando embaçados. A senhora diretora deve esfregar com força as costas do marido, modestamente mergulhar sua mão no sabão e também continuar massageando o poderoso sexo dele, que está inteiramente entregue a ela. Por trás da janela, a lua escorrega. Ele já chama por ela, o homem e o meio quilo de carne (menos, fica difícil) que é mestre dele. E já se avoluma essa carne na água quente e se lança como força dominante sobre o farto banquete frio de seu corpo. Em seguida, ele banhará a mulher, após os esforços do dia – não há de quê, faz de bom grado. Ao redor, os mortais vivem de salário e trabalho, não viverão para sempre e não vivem bem. Agora, porém, alternaram do esforço para o descanso, em seu

peito dorme o aguilhão, porque eles não têm banheiro próprio. O diretor sente o corpo dissolver-se na água, mas continuam sobrando metros cúbicos sólidos suficientes. Mais uma vez, ele chama pela mulher, agora mais alto, isto é uma ordem. Ela não vem. Ele terá que se deixar amolecer sozinho pela água. Sossegado, desliza para o outro lado da banheira, terá que esbravejar para que ela venha? Que agradável que é a água não transformar um indivíduo e que este não precise aprender a transitar sobre ela. Uma tamanha diversão, e tão barata. Qualquer um pode se permitir isso. Deve a mulher permanecer mesmo onde está? Ah, brumas quentes, levem-me com vocês! Ele abre a torneira quente, massageia-a e fica em paz, alegre. As cheias marulham em torno do corpo pesado, no qual rijos músculos de mastigação trituram bem pequena a vida e engolem empresas. Os pobres também são como água: atirados dos rochedos, eles no entanto permanecem pelo menos onde estão, em suas camas, e não clamam insistentes a alguém por uma esmola, essas pessoas irritantes, às quais se devem pagar adicionais. Como elas vão parar nas máquinas, às cegas, de hora em hora, com suas cordas sagradas, que suas mulheres lhes esticaram na armação do corpo! O sangue em abundância! E tudo em vão, no final das contas, até os vigorosos açoites de seus corações, porque não há mais sangue ali que eles possam impulsionar. E os filhos às vezes esvoaçam por toda parte ainda às quatro da madrugada, acredito eu. No mínimo um, dois estão chegando agora em casa, ainda bêbados, da danceteria.

O filho, porém, há tantos anos já é malquisto nesse lugar, está deitado agora em sua cama, e a lua pacífica se vai. Respira com dificuldade o filho, coberto por um suor frio, com tais comprimidos no suco, aí ele acaba por descansar de um modo completamente diferente. Desconfortavelmente, o menino jaz sob o olho da mãe, que chega até sua cama e o ajeita. Está murcho o filho, e no entanto é todo o mundo dela: aquele se mantém calado como este. Ele certamente se alegra com a expectativa de crescer, semelhante ao que se dá com o membro do pai. Carinhosamente, a mãe beija seu pequeno barco, que circum-navega o mundo. Então pega uma sacolinha plástica, coloca-a sobre a cabeça do filho e segura-a por

baixo bem firme, para que a respiração do menino possa se despedaçar dentro em paz. Fartamente se exibem uma vez mais, sob a tenda da sacola em que há impresso o endereço de uma butique, as forças vitais do menino, a quem há não muito tempo se prometeram crescimento e equipamentos esportivos. É o que acontece quando a pessoa quer aprimorar a natureza recorrendo a equipamentos! Mas não: ele nunca vai querer mesmo viver. Então o filho sai flutuando em direção à água aberta, onde logo estará inteiramente em seu elemento (mamãe!) e lançará mão do *snorkel* , com o qual seus coleguinhas aprendem desde o começo a ver o mundo como se em meio a montes de bos… ques; ele foi para ela tão decididamente o seu superior, um pequeno deus do esporte, cheio de mobilidade no trabalho, no esporte e nas brincadeiras. Eles veem tudo, mas não veem muito. A mãe sai de casa. Carrega o filho nos braços, como um arbusto em botões a ser plantado. Dos cumes sobre os quais o filho viajou hoje e amanhã queria viajar de novo (na verdade, o dia seguinte já foi impacientemente aberto agora!), o chão faz seu adeus. Indignantes pegadas na cobertura de neve. E então: percam-se, rodeiem o fogo, foi uma experiência a mais, não foi?

A mãe carrega o filho; então, ao se cansar, vem arrastando-o atrás de si. Por trás de delicada vestimenta, a lua. Agora a mulher está junto ao ribeirão, e satisfeito o filho afunda dentro no momento seguinte. Uma formosa paz acena, e também os esportistas acenam uns para os outros em toda oportunidade, quando há público para isso. Agora a coisa, contrariando as expectativas, acabou de modo a que justamente o caçula da família poderá ver por primeiro a face idiota da eternidade, por trás de todo o dinheiro de compras que corre livre sobre a Terra, se ninguém o pega pela coleira. Bradando, as pessoas medem força na corrida e pedem com força que o tempo fique bom. E os esquiadores vão para as montanhas, não importando quem mais more lá e que esse mesmo queria muito ganhar.

A água envolveu o filho e carrega-o consigo embora, por muito tempo ainda sobrará bastante dele, com esse frio. A mãe está viva, e coroado está seu tempo, em cujas amarras ela se laça. Mulheres

envelhecem cedo, e seu erro é não saber onde poderão esconder todo o tempo que deixaram para trás. Será o caso de engoli-lo como os cordões umbilicais de seus filhos?

Assassinato e morte!

Mas agora descansem por uns instantes!

Posfácio

Da submissão à perplexidade

Luis S. Krausz

A sociedade capitalista avançada, com seus ritmos de vida ditados pela cadência cada vez mais acelerada das máquinas e pelo imperativo do consumo crescente, para o qual não parece haver limites e que no senso comum se torna sinônimo de felicidade, é, no olhar de Elfriede Jelinek, inseparável da banalização dos valores abstratos e metafísicos.

E o foco da sociedade capitalista avançada da Áustria, contra a qual esta autora volta sua ira com um senso crítico demolidor, parece estar – como o de todas as sociedades do mundo dito desenvolvido – nos parâmetros e nas ilusões da gratificação dos sentidos e da aquisição de mercadorias. É neste âmbito, o qual ofusca as outras dimensões da existência humana a ponto de chegar às raias da obsessão, que se desdobra a narrativa de *Desejo.* Sob o signo da banalização, que oblitera os sentimentos e as tensões criadas pelas emoções e, também, pelos desejos que a partir destas se constroem. Assim, desconstruído pelo vício da gratificação imediata, o desejo perde todo o seu potencial estruturante.

A vida sexual incessante de um casal formado por um industrial do ramo do papel e sua mulher, cujas descrições escatológicas se repetem em *ostinato* neste romance, adequadamente considerado pela crítica como antipornográfico, torna-se, portanto, uma metáfora dos ciclos viciosos de uma civilização que, tendo perdido suas dimensões humanas, rende-se ao encanto reiterado dos maquinismos e de seus produtos, que se multiplicam em novas

configurações, criam uma pletora de objetos de prazer e satisfação efêmera e terminam assimilados aos excrementos.

O pano de fundo desta constelação é o declínio de uma cultura tradicional, ancorada em valores verticais, e o triunfo da cultura *pop* , com sua ênfase sobre o corporal e o material. Neste cenário se desenrola a crescente inconsciência dos personagens, a sua submissão cada vez mais completa a forças incompreensíveis, sob a tirania exercida por um poder patriarcal desvirtuado e rebaixado – neste caso, o do industrial que tem como última máscara de refinamento o patrocínio de um coral de funcionários, que interpretam as canções sacras e profanas criadas sob o extinto Império Austro-Húngaro, estas que devem inspirar as audiências para os valores mais elevados da tradição espiritual do Ocidente.

Desenha-se, assim, sob a égide do grotesco, uma caricatura da mentalidade conservadora da pequena burguesia austro-germânica e de suas contradições irresolvíveis entre uma fachada de respeitabilidade burguesa e uma vontade de dominação e de submissão que alcança os limites da perversidade. Vontades, aliás, das quais o nazismo – cujo legado Elfriede Jelinek frequentemente se empenhou em denunciar em seu país, tornando-se alvo de perseguição – é, ainda que de forma subjacente, a manifestação mais evidente.

A contradição entre os valores do grande Estado supranacional que foi o Império Austro-Húngaro, fundamentado numa visão de mundo ecumênica e em conceitos espirituais varridos da Europa Central nas décadas de 1930 e 1940, encontra, neste e em outros romances de Elfriede Jelinek, novos desdobramentos: o deserto de valores do século XX, apontado por dezenas de escritores austríacos, como Franz Kafka, Hermann Broch, Robert Musil, Joseph Roth e Thomas Bernhard, atinge aqui o grau do paroxismo e torna-se a antítese absoluta de uma cultura cujas raízes estão no ascetismo cristão medieval e que, às avessas, toma a forma da obsessão sexual.

A esposa e mãe que, em*Desejo*,é herdeira dos valores monárquicos e patriarcais do século XIX restringe-se ao papel de objeto sexual do marido e de zeladora pelo bem-estar do filho.

Encarna de maneira trágica as virtudes fundamentais do Império Austro-Húngaro, em particular a da obediência, inspirada na noção medieval de aceitação do destino como o reflexo de uma ordem cósmica, e que, segundo Cláudio Magris,[1] era a essência da identidade do súdito imperial.

Há, portanto, um caráter mitológico nesta ânsia por submissão representada pela mulher e, por enquadramento, na lógica de um sistema que, supostamente, assegurará a felicidade de todos em troca da frustração dos impulsos de cada um. Os cidadãos devem buscar e conservar os lugares que lhes cabem em uma ordem que transcende ao indivíduo e ao próprio tempo. Ora, esta ânsia por uma ordem que, no entanto, perverteu-se perpassa as pequenas existências retratadas neste romance, sempre colocadas sob o domínio do grande industrial, que se torna uma espécie de sucedâneo lúbrico e de paródia rebaixada dos velhos poderes imperiais. Nas palavras de Stefan Zweig, que rememora o universo desaparecido da Monarquia habsbúrgica, "tudo, naquele vasto Império, permanecia firmemente instalado em seu lugar inamovível e no lugar mais elevado estava o grisalho*Kaiser*. Mas se ele viesse a morrer, sabia-se (ou imaginava-se) que um outro viria e nada haveria de mudar nesta ordem bem calculada". [2]Também neste novo império, governado pelos desejos e pelos sentidos, aparentemente nada pode mudar. E é por isso que o mesmo anseio por ordem e por uma hierarquia definitiva parece governar a vida bem regrada da dona de casa que protagoniza a narrativa de*Desejo*, aqual assemelha-se a uma continuação histórica tardia das mulheres oprimidas retratadas por Veza Canetti em *A rua amarela* [3]–livro em que se encontram, igualmente, as sequências nauseantes de violência doméstica e tirania, mas também a velha submissão do súdito austríaco à ordem herdada de seus antepassados. Este mesmo contexto social e político, portanto, parece ter sido herdado pelos personagens de Elfriede Jelinek, sempre dispostos a abdicar de seus projetos pessoais em favor da manutenção de uma ordem sacrossanta. A mulher submete-se à força das convenções e à tirania do marido e suas transgressões

têm o caráter de movimentos incompletos e frustrados: a vitória caberá aos poderes constituídos, e não aos que se sublevam.

Por sua vez, a trajetória do industrial, que domina não só sua família, mas todo o vilarejo, torna-se o desdobramento, *ad infinitum*, de seus poderes fálicos aparentemente inesgotáveis. Ele encarna o próprio *establishment* cultural austríaco, que reproduz, na forma de paródias cada vez mais desfiguradas de si mesmas, imagens de uma cultura museológica que se conserva embalsamada há décadas numa sociedade marcada pelo descompasso entre as glórias monárquicas do seu passado, seu mal obliterado passado nazista e seu presente que se insere na cultura de massas do século XXI.

Como escreveu o crítico de literatura Luiz Antônio Giron, "A Áustria pode ser descrita como uma adorável caixa de bombons de cujo interior saltam monstros".[4] E é exatamente a estes monstros, ocultos em meio aos embrulhos reluzentes de uma cultura musical sofisticada, de palácios e igrejas meticulosamente restaurados, de cidades que brilham outra vez com seu antigo esplendor imperial, que Elfriede Jelinek volta seu olhar impiedoso, dissecando os segredos mal encobertos por tão inverossímeis fachadas.

É neste sentido que há também algo de freudiano no empreendimento literário de Elfriede Jelinek: guardadas as devidas proporções, o que Giron escreveu a respeito da Áustria aplica-se, segundo o fundador da psicanálise, a todos os seres humanos. Pois para Freud o verniz da cultura seria apenas uma fina camada a encobrir pulsões inconscientes inteiramente desprovidas de qualquer tipo de restrição moral ou questionamento ético.

O mundo de estranhamento que Elfriede Jelinek desenha em *Desejo* é, portanto, um mundo em crise e sem horizontes, num beco sem saída, cindido entre o apego a um passado cujas virtudes se perderam, de um lado, e à platitude espiritual do consumismo e da sociedade de prazeres fáceis, da mídia de massas, da obsessão sexual, de outro.

Ao retomar, tardiamente, o tema da crise de valores, central à literatura austríaca do entreguerras, Elfriede Jelinek torna-se herdeira de uma tradição literária de revolta e de insubmissão cujo

objetivo não é aplacar, encantar ou edificar, mas antes revirar os cantos escuros da consciência, incomodar e, por meio do mais absoluto desconforto, gerar perplexidade.

---

1. cf. Claudio Magris, Der habsburgische Mythos in der modernen österreichischen Literatur, Viena, Paul Zsolnay Verlag, 2000.↲
2. Stefan Zweig, Die Welt von gestern, Detmold, Bertelsmann, 1961.↲
3. Veza Canetti, A rua amarela, São Paulo, Cia. das Letras, 1992.↲
4. cf. resenha de A pianista, em http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI229595-15220,00.html↲

Sobre o tradutor e o posfaciador

Marcelo Rondinelli formou-se em Letras nas habilitações português e alemão pela Universidade de São Paulo, onde também se especializou em tradução. Entre os diversos autores que traduziu, estão Robert Kurz e Friedrich Dürrenmatt. Lecionou no Instituto Goethe de São Paulo entre 2001 e 2010, ano em que esteve entre os oito finalistas do Prêmio União Latina de Tradução Especializada. Atualmente desenvolve tese de doutorado em Estudos da Tradução para a Universidade Federal de Santa Catarina.

Luis S. Krausz é professor de Literatura Hebraica e Judaica na Universidade de São Paulo, escritor e tradutor. Autor de Desterro: memórias em ruínas (Tordesilhas, 2011) e Deserto (Benvirá, 2013), traduziu para o Tordesilhas, de Elfriede Jelinek, o romance A pianista (2011). É também autor de Passagens: Literatura judaico-alemã entre gueto e metrópole (Edusp, 2012) e de Rituais crepusculares: Joseph Roth e a nostalgia austro-judaica (Edusp, 2008).

Para baixar mais livros como esse, acesse: e-Livros.xyz